

“SEU NOME ERA GISBERTA”: PROJETO DE UM
NON-FICTION VR COM EXERCÍCIOS DE TOMADA
DE PERSPETIVA

Relatório de projeto

Sérgio de Arriaga e Cunha Galvão Roxo

Trabalho realizado sob a orientação de
Doutor Leonel dos Reis Brites, ESECS | IPLeiria / CEIS20
Doutor Marco José Marques Gomes Alves Gomes, ESECS | IPLeiria / CEIS20

[Leiria, Março 2023]

Mestrado de Comunicação e Media
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Aos Professores Doutores Leonel Brites e Marco Gomes por terem aceite orientar este projeto e por toda a sua disponibilidade, feedback e investimento.

À Rute Bianca e à JÓ Bernardo, pela profunda generosidade, acolhimento e inspiração, não só pelas conversas que partilhámos, mas por tudo.

À Alexia Vitória por toda a confiança, entusiasmo, profissionalismo, apoio, coragem e dedicação.

Ao Jo Schedlbauer, ao João Paulo, ao Sérgio Vitorino, ao Thiago Carvalhaes e ao Paulo Patrício, pela partilha de informações, histórias, materiais e contributos.

À Fátima Santos e à Fátima Sofia (Centro de Documentação Gonçalo Diniz da ILGA Portugal) e às investigadoras Marília Oliveira Calazans e Aline Feitoza de Oliveira (núcleo TransUNIFESP da Universidade Federal de São Paulo), pela disponibilidade, partilha de dados/informações e convites para futuras colaborações.

Ao Bernardo Lopes...

Ao Pedro...

Ao Fuscho...

E por fim, deixo o meu agradecimento mais profundo à Gisberta.

RESUMO

Podemos definir livremente a Realidade Virtual (RV) como uma ferramenta/tecnologia de novos media e das tecnologias imersivas, que permite aos seus utilizadores a possibilidade de imersão e/ou interação dentro de ambientes virtuais simulados. O seu potencial, como tecnologia de desenvolvimento humano (Rose, 2018), tem alterado a maneira como utilizamos os media, assim como a qualidade de vida das pessoas, ao oferecer presença e imersividade. No decorrer das últimas décadas, com o objetivo de potencializar a experiência humana, a RV tem vindo a ser aplicada como uma ferramenta/tecnologia em múltiplos contextos e investigações científicas em áreas como a educação, o entretenimento, o turismo, o cinema de ficção e documental, o jornalismo, a saúde e bem-estar e a psicologia, entre outras. Os *Non-Fiction VR* (VRNF) são uma terminologia dos media imersivos que procura incorporar as diferentes produções de não ficção (e.g. Documentários) em RV onde, por exemplo, se engloba o Jornalismo Imersivo idealizado por Nonny de la Peña. O potencial dos VRNF para contar histórias de interesse humano (McRoberts 2018), através da sensação de presença (Slater & Sanchez-Vives, 2016), do testemunho imersivo (Nash, 2018), do RAIR (De la Peña et al., 2010) e de outros fenómenos, tem permitido que estes sejam utilizados para potencializar uma resposta empática (Martingano et al., 2021) nos utilizadores/participantes. Esta é considerada “the ultimate empathy machine” (Chris Milk, 2015) motivando uma alteração do seu comportamento pró-social, especialmente em questões de justiça social (McRoberts, 2018). Deste modo, surge a criação da primeira experiência de não-ficção em RV em Portugal sobre transfobia, “Seu nome era Gisberta”. Este VRNF parte da história de vida de Gisberta Salce, uma vítima de um crime de ódio e Transfobia, ocorrido em 2006 na cidade do Porto, que espoletou o nascimento do movimento trans nacional (Saleiro, 2013) e impulsionou diversos movimentos LGBTQIA+ em Portugal. Este VRNF aplicará exercícios mediados de tomada de perspetiva (Van Loon et al., 2018 -VRPT), possibilitando a

experiência de corporificar diferentes perspectivas à medida que estamos imersos na sua história.

Através de relatos e de um extenso levantamento jornalístico, produzimos uma experiência imersiva que leva o utilizador/participante a conhecer a história de Gisberta com recurso à animação num vídeo em 360°. Neste documento iremos apresentar o processo de construção desta experiência imersiva, desde a sua base teórica fundamental até às suas escolhas estéticas, técnicas e conceptuais. Pretende-se com este projeto explorar e partilhar, novas ferramentas para fomentar a educação e intervenção social, não só para a humanização e redução do preconceito contra pessoas Trans, mas também para estimular novos criadores/investigadores a trabalhar questões de importância social e de ativismo nesta tipologia de produções.

Palavras chave

Educação e Intervenção Social, Gisberta Salce, Media Imersivos, *Non-Fiction VR*, Transfobia.

ABSTRACT

We can freely define Virtual Reality (VR) as a tool/technology of new media and immersive technologies that allows its users the possibility of immersion and/or interaction within simulated virtual environments. Its potential as a technology for human development (Rose, 2018) has changed the way we use media, as well as the quality of life of people, by offering presence and immersion. Over the past few decades, with the aim of enhancing the human experience, VR has been applied as a tool/technology in multiple contexts and scientific investigations in areas such as education, entertainment, tourism, fiction and documentary cinema, journalism, health and well-being, and psychology, among others. *Non-Fiction VR* (VRNF) is a terminology of immersive media that seeks to incorporate different non-fiction productions (e.g. documentaries) in VR where, for example, Immersive Journalism conceived by Nonny de la Peña is encompassed. The potential of VRNF to tell stories of human interest (McRoberts 2018), through the sensation of presence (Slater & Sanchez-Vives, 2016), immersive witnessing (Nash, 2018), RAIR (De la Peña et al., 2010), and other phenomena, has allowed these to be used to enhance an empathic response (Martingano et al., 2021) in users/participants. This is considered "the ultimate empathy machine" (Chris Milk, 2015), motivating a pro-social behavior change, especially in issues of social justice (McRoberts, 2018). Thus, the creation of the first non-fiction VR experience in Portugal on transphobia, "Seu Nome Era Gisberta", emerges. This VRNF is based on the life story of Gisberta Salce, a victim of a hate crime and transphobia, which occurred in 2006 in the city of Porto, that triggered the birth of the transnational movement (Saleiro, 2013) and boosted various LGBTQIA+ movements in Portugal. This VRNF will apply mediated exercises of perspective-taking (Van Loon et al., 2018 - VRPT), allowing the experience of embodying different perspectives as we are immersed in their story. Through accounts and extensive journalistic research, we produced an immersive experience that leads the user/participant to learn about

Gisberta's story using animation in a 360° video. In this document, we will present the process of constructing this immersive experience, from its fundamental theoretical basis to its aesthetic, technical, and conceptual choices. This project aims to explore and share new tools to promote education and social intervention, not only for the humanization and reduction of prejudice against trans people but also to encourage new creators/researchers to work on issues of social importance and activism in this type of production.

Keywords

Gisberta Salce, Immersive Media, *Non-Fiction VR*, Social Education and Intervention, Transphobia.

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|------------|
| AGRADECIMENTOS | II |
| RESUMO | III |
| ABSTRACT | V |
| ÍNDICE GERAL | VII |
| ÍNDICE DE FIGURAS | X |
| ABREVIATURAS | XI |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. GISBERTA – TRANS, TRANSFOBIA E REPRESENTAÇÕES | 6 |
| 1.1. QUEM FOI GISBERTA? | 6 |
| 1.2. ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADE E EXPRESSÃO DE GÉNERO | 9 |
| 1.2.1. <i>Trans ou Travesti? Contexto português e brasileiro</i> | 12 |
| 1.3. TRANSFOBIA E O SEU CONTEXTO EM PORTUGAL E NO BRASIL | 14 |
| 1.3.1. <i>Transfobia e Proteções de Pessoas Trans no Brasil</i> | 17 |
| 1.4. REPRESENTAÇÕES SOBRE GISBERTA | 21 |
| 2. DA REALIDADE VIRTUAL AOS NON-FICTION VR | 26 |
| 2.1. COMO SE VÊ VIRTUALMENTE? | 26 |
| 2.2. REALIDADE VIRTUAL | 27 |
| 2.3. COMO CHEGAMOS AQUI? | 29 |
| 2.4. ONDE SE TEM APLICADO A REALIDADE VIRTUAL? | 32 |
| 2.4.1. <i>A Aplicação da RV perante a temática Trans</i> | 35 |
| 3. DOCUMENTÁRIO + NÃO FICÇÃO + RV = NON-FICTION VR | 38 |
| 3.1. <i>NON-FICTION VR: COMO OS CATEGORIZAMOS?</i> | 40 |
| 3.2. <i>NON-FICTION VR: OUTROS CONCEITOS E APLICAÇÕES</i> | 44 |
| 3.2.1. <i>Ativismo e mudança social</i> | 44 |
| 3.2.2. <i>Documentário Imersivo / em RV</i> | 46 |
| 3.2.3. <i>Testemunho Imersivo</i> | 49 |
| 3.2.4. <i>Jornalismo imersivo</i> | 49 |
| 3.3. A POTENCIALIDADE TRANSFORMADORA ATRAVÉS DA <i>PRESENÇA</i> | 52 |
| 3.4. A APLICAÇÃO DA <i>PRESENÇA</i> TRANSFORMADORA DE McROBERTS | 53 |
| 3.5. A <i>PRESENÇA</i> COM UMA <i>RESPONSE-AS-IF-REAL</i> | 55 |
| 3.5.1. <i>A Imersão dentro da Presença</i> | 57 |
| 3.6. <i>PRESENÇA</i> NO ENVOLVIMENTO E EXPERIÊNCIA DO UTILIZADOR/PARTICIPANTE | 58 |
| 4. DOS VRNF AOS EXERCÍCIOS MEDIADOS DE TOMADA DE PERSPETIVA EM REALIDADE VIRTUAL | 61 |
| 4.1. OS VRPT E A TOMADA DE PERSPETIVA | 61 |
| 4.2. A IMPORTÂNCIA E TREINO DA EMPATIA PARA VRPT E NOS VRNF | 64 |
| 4.2.1. <i>Mas o que é a empatia? E como Chegamos à Bondade?</i> | 66 |

| | | |
|-----------|---|------------|
| 5. | “SEU NOME ERA GISBERTA” – UM VRNF COM VRPT | 69 |
| 5.1.1. | <i>Características e objetivos</i> | 69 |
| 5.2. | PRÉ-PRODUÇÃO | 72 |
| 5.2.1. | Levantamento Teórico | 73 |
| 5.2.2. | Pesquisa Documental | 76 |
| 5.2.3. | Conversas Informais | 78 |
| 5.2.4. | As Escolhas Técnicas, Estéticas e Criativas do Projeto | 81 |
| 5.2.4.1. | Papel de Visualizador | 81 |
| 5.2.4.2. | Ponto de Vista | 82 |
| 5.2.4.3. | Composição Visual | 82 |
| 5.2.4.4. | Composição Auditiva | 85 |
| 5.2.4.5. | Manipulação do Olhar | 87 |
| 5.2.4.6. | Evidência de Corporificação | 87 |
| 5.2.4.7. | Interação | 88 |
| 5.2.4.8. | Locomoção | 88 |
| 5.2.4.9. | Espaço Interpessoal | 88 |
| 5.2.4.10. | Manipulação Temporal | 89 |
| 5.2.4.11. | Estrutura | 89 |
| 5.2.4.12. | Linhas de Conduta | 89 |
| 5.3. | PRODUÇÃO | 91 |
| 5.3.1. | Processo de Construção | 92 |
| 5.3.1.1. | Primeiras Experiências | 92 |
| 5.3.2. | Composição da Experiência | 93 |
| 5.3.3. | Ato 1 – O Brasil até aos 18 Anos | 93 |
| 5.3.4. | Ato 2 – “Os Dois Lados da História” Tomadas da Perspetiva | 95 |
| 5.3.5. | Ato 3 – Sequência de Investigador | 97 |
| 5.3.6. | Ato 4 – Arrastaram-na 100 Metros | 98 |
| 5.3.7. | Ato 5 – In Memoriam | 99 |
| 5.4. | PÓS-PRODUÇÃO | 100 |
| 6. | CONCLUSÕES | 102 |
| | BIBLIOGRAFIA | 107 |
| | BIBLIOGRAFIA NOTICIOSA | 115 |
| | APÊNDICES | 1 |
| | APÊNDICE 1 | 2 |
| | <i>Esquema Revisão de Literatura</i> | 2 |
| | APÊNDICE 2 | 3 |
| | <i>Lista de Produções VRNF</i> | 3 |
| | APÊNDICE 3 | 4 |
| | <i>Tabela de Pesquisa Documental</i> | 4 |
| | APÊNDICE 4 | 110 |
| | <i>Guião</i> | 110 |
| | APÊNDICE 5 | 147 |

| | |
|-------------------------------------|-----|
| <i>Primeiras Experiências</i> | 147 |
| APÊNDICE 6 | 149 |
| <i>Composição da Experiência</i> | 149 |
| APÊNDICE 7 | 156 |
| <i>Descrição Detalhada do Guião</i> | 156 |
| APÊNDICE 8 | 178 |
| <i>Links Para Visualização</i> | 178 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 Biscoito de Género parte 1 adaptado de <i>GenderBread Person v4</i>)..... | 10 |
| Figura 2 Biscoito de Género parte 2 (adaptado de <i>GenderBread Person v4</i>) | 11 |
| Figura 3 Espectro do Estigma Identidades Trans | 16 |
| Figura 4 Obras Literárias e Artísticas, criadas entre 2006 e 2018, inspiradas na história de Gisberta..... | 23 |
| Figura 5 Cavernas Digitais Universidade do Illinois em Chicago, EUA. | 28 |
| Figura 6 Óculos de RV (HMD). | 28 |
| Figura 7 Fotografia demonstrativa do <i>Sword of Damocles</i> | 29 |
| Figura 8 Características dos VRNF | 41 |
| Figura 9 Hierarquia de componentes de experiência do utilizador | 59 |
| Figura 10 Processos e Nomeações de Empatia..... | 67 |
| Figura 11 Processo de desenvolvimento de Pré-Produção | 73 |
| Figura 12 Esquema Revisão de Literatura | 74 |
| Figura 13 Texturas <i>mixed media</i> utilizadas para a ilustração | 83 |
| Figura 14 Teste de animação Ato 1 – “Descoberta Identitária | 83 |
| Figura 15 Edição da animação no Final Cut Pro (Ato 2 - “Então o Que Fazes Agora?”) | 84 |
| Figura 16 Ilustração de fotografia de infância de Gisberta (Ato 2 –“Espaço Pessoa”) | 85 |
| Figura 17 Grafismo redes sociais "Open-Call" narração..... | 86 |
| Figura 18 Cena "A Despedida”, Ato 1..... | 94 |
| Figura 19 Cena "A Chegada dos Jovens", Ato 2 – Perspetiva “acontecimento” | 96 |
| Figura 20 Cena "Vinda para o Porto", Ato 2 - Perspetiva "passado" | 96 |
| Figura 21 Exemplo artigo jornal - sequência investigador | 98 |
| Figura 22 Teste cena "Suspensão, da Memória de Gisberta", Ato 4 | 99 |

ABREVIATURAS

ESECS – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais | Instituto Politécnico de Leiria

VR – Virtual Reality | Realidade Virtual

VRNF – Virtual Reality Non-Fiction | Não-ficção Realidade Virtual | Non-Fiction VR

VRPT – Virtual Reality Perspective-Taking | Exercícios mediados de tomada de perspetiva em Realidade Virtual

AR – Augmented Reality | Realidade Aumentada

AV – Augmented Virtuality | Virtualidade Aumentada

MR – Mixed Reality | Realidade Mista

XR – Extended Reality / Cross Reality | Realidade Extendida / Realidade Cruzada

HMD – Head-Mounted Display | Dispositivo de visualização montado na cabeça / Óculos de Realidade Virtual

CAVE – Cave Automatic Virtual Environment | Caverna Digital

EUA – Estados Unidos da América

NASA – National Aeronautics and Space Agency | Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço

LED – Light Emitting Diode |

LCD – Liquid Cristal Display |

LGBTQIA+ – Lesbian, Gay, Bisexual, Trans, Queer/Questioning, Intersex, Asexual and other gender and sexual minorities | Lésbica, Gay, Bissexual, Trans, Queer/Questionamento, Intersexo, Assexuais e outras minorias sexuais e de género

CGI – Computer-Generated Imagery | Imagens geradas por computador

JI – Jornalismo Imersivo, ou *Immersive Journalism*

PSI – Plausability / Plausibilidade

PI – Place Ilusion / Ilusão Espacial

UX – User Experience | Experiência do Utilizador / Participante

IVE – Immersive Virtual Environments | Ambientes Virtuais Imersivos

“Hope is part of the human condition and trans people’s hope is our proof that we are fully human. We are not an ‘issue’ to be debated and derided. We are symbols of hope for many non-trans people, too, who see in our lives the possibility of living more fully and freely. That is why some people hate us: they are frightened by the gleaming opulence of our freedom. Our existence enriches this world.”
(Faye, 2021, p. 268)

Este trabalho é dedicado à Gisberta,
às que já só existem na nossa memória,
às não identificadas,

E às que Lutam todos os dias pela sua existência.

INTRODUÇÃO

“Why Virtual Reality and the fundamental technology behind Virtual Reality is so unique is that it’s actually capturing or constructing that human experience and broadcasting it to us as firsthand human experience. (Milk, 2017 apud Bucher, 2017, pp. 101-102)”.

O documento aqui apresentado terá como objetivo a exploração e o aprofundamento teórico para a aplicação da Realidade Virtual (RV) como uma ferramenta de intervenção e educação social em questões de minorias sexuais e de gênero, mais especificamente através da criação de uma experiência imersiva para a prevenção da Transfobia.

Podemos definir livremente a RV como uma ferramenta/tecnologia de novos media e das tecnologias imersivas, que permite aos seus utilizadores a possibilidade de imersão e/ou interação dentro de ambientes virtuais simulados. O seu potencial, como tecnologia de desenvolvimento humano (Rose, 2018), tem alterado a maneira como utilizamos os media, assim como a qualidade de vida das pessoas, ao oferecer presença e imersividade: “(...) it really is the definition of new media (Jonhston, 2017, p. 1).”

Com o objetivo de englobar as diferentes produções não ficcionais de RV (e.g. Jornalismo Imersivo, Documentários em RV, e outras produções de não-ficção em RV), Chris Bevan e David Green (2018) propõem a utilização da terminologia *Non-Fiction VR* ou VRNF (*Virtual Reality Non Fiction*), para a identificação destas criações audiovisuais dos novos media. A sua premissa está assente no seu potencial de aplicação para providenciar experiências autênticas, compreensíveis e cuidadas, baseadas na verdade, que convidem os seus consumidores a envolverem-se, dando sentido ao mundo ao imergirem dentro de diferentes vidas e universos, criando formas alternativas de experienciar o “real” (Bevan et al., 2019, pp. 1-2). Proveniente das capacidades fenomenológicas da RV (Sensação de Presença, Imersão e Interatividade), os VRNF oferecem novas e únicas perceções da experiência humana, sendo o seu propósito contar histórias de interesse humano, de verdades ocultas e de casos de injustiça (McRoberts, 2018, p. 114).

A RV tem sido utilizada como ferramenta para a fomentação de empatia e potencialização do comportamento pró-social, inserindo-se no cruzamento entre a comunicação e a psicologia social, através dos exercícios mediados de tomada de perspectiva

em RV (Van Loon et al., 2018). Tendo como objetivo a experienciação de como é estar numa situação vivida por outra pessoa ou do que é ser a outra pessoa, num ambiente virtual (Carlos, 2020, p. 2), a sua aplicação releva-se fundamental dentro de um VRNF com um intuito interventivo e ativista. Considerada como “the ultimate empathy machine” (Milk, 2015 apud McRoberts, 2018, p. 102), o papel da empatia na RV para o ativismo e mudança social tem gerado resultados benéficos na redução do preconceito quando existe contacto entre um endogrupo (grupo maioritário) e um exogrupo (grupo minoritário), sendo os exercícios de tomada de perspetiva uma estratégia pró-social viável para alcançar o controlo de estereótipos (Behm-Morawitz, 2016, pp. 399-400).

A visualização de diversos projetos de outros autores e a ausência de projetos VRNF com a aplicação de VRPT, dentro do contexto artístico e académico nacional, abriram caminho para que este Projeto, integrado no Mestrado em Comunicação e Media, integrasse o uso de tecnologias imersivas e o trabalho sobre a verdade e vivências humanas, conciliados com a vontade de criar um projeto de intervenção/educação social capaz de fomentar empatia e comportamento pró-social.

Escolhida a tipologia de projeto pretendida, optámos por abordar um dos casos mais marcantes, a nível nacional, de violência perpetuada sobre elementos da comunidade LGBTQTIA+: a história de Gisberta Salce, um exemplo de discriminação interseccional do sistema cisheteronormativo capacitista.

Gisberta Salce foi uma mulher Trans que a 22 de Fevereiro de 2006, com 45 anos, foi brutalmente assassinada por um grupo de 14 jovens na cidade do Porto em Portugal. Este crime de ódio foi precursor de leis de proteção de pessoas Trans¹ e responsável pelo nascimento do ativismo Trans português (Saleiro, 2013, pp. 172-185). Recorrendo à sua história de vida e aos acontecimentos do seu assassinato, este documento realçará como a RV permite a fomentação de empatia e potencialização do comportamento pró-social contra a Transfobia: “The only apparent possibility to humanize and transcend these norms is materialized in artistic performance and production, which allows for a more emotional connection to the ‘subject’ as a human individual rather than a mere transgression (Baptista & Himmel, 2006, p. 639).

A decisão de retirar o sobrenome “Júnior” nas referências a Gisberta, é sustentada pela investigadora e ativista Trans Hilda de Paulo. Gisberta não utilizava o sobrenome “Júnior” na sua assinatura, sendo este um reforço de um discurso de ódio e de desrespeito pela sua memória,

¹ Pessoas cuja a sua identidade de género difere do sexo atribuído à nascença são denominadas de Trans

estando este ligado “ao modo capitalista de nome familiar, da transferência de poder entre homens, do pai para o filho” (Negreiros, 2011 apud Menezes, 2021, p. 24).

O projeto VRNF aqui descrito servirá como um dispositivo de reflexão e de memória sobre Gisberta e de humanização das vítimas de Transfobia. Tendo como objetivo a sua aplicação como ferramenta educativa/interventiva, este projeto visa constituir-se ainda como um alerta para as necessidades e experiências das pessoas Trans, alvo de dinâmicas opressoras e discriminatórias perpetuadas pela sociedade cisheteronormativa.

Tratando este projeto uma temática sobre um grupo social ao qual não pertenço, reconheço conscientemente a necessidade de frisar o meu “lugar de fala”. Segundo Borges (2017), citada por Ribeiro (2017), “pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade” (p.114). Assim, esta investigação fará uma reflexão crítica sobre a temática,

“a partir do lugar que ocupa, isto é, do lugar de quem foi/é beneficiado por essa estrutura(...) é possível que esse homem possa teorizar sobre o cotidiano de vida das pessoas trans a partir do lugar que ele ocupa, posto que a luta pela representatividade não exclui a responsabilização de quem historicamente ocupa espaços privilegiados” (Santos, 2020, p. 361).

Assumo o meu “lugar de fala” privilegiado como homem, cisgênero, branco, académico, mas também como minoria disléxica, vítima de violência sexual, neuro-divergente e pessoa LGBTQIA+, ativamente envolvido nesta temática, na condição de artista e especialista em intervenção psicossocial afirmativa com pessoas LGBTQIA+.

É a partir deste ponto de vista que se estrutura o projeto de investigação, procurando “romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (Ribeiro, 2017, p. 127). Partindo destes conhecimentos foram estabelecidos os seguintes objetivos para a produção do projeto “Seu Nome Era Gisberta”.

- Criar um projeto ativista sobre uma temática social, com uma natureza versátil, para que se possa adaptar a diversos formatos, garantindo a sua maior acessibilidade e distribuição (Plataforma, Dispositivo, Linguagem Acessível)
- Aplicação neste protótipo dos fundamentos teóricos do levantamento bibliográfico para a criação dos *Non Fiction VR* (VRPT, Empatia, etc.).

- Potencializar o conhecimento dos VRNF, respondendo à lacuna no contexto português. Reforçar a necessidade de exploração de temáticas Trans nestas produções, incentivando novos criadores/interventores.
- Procurar fazer um levantamento informal de relatos pessoais que possam enriquecer a experiência.
- Colaborar com vozes Trans para a narração do projeto (mulher Trans Brasileira) e com e ilustradores LGBTQ+ para a criação dos elementos que compõem a animação deste.
- Colaborar com instituições e projetos de combate à Transfobia no Brasil e em Portugal, para que este projeto possa contribuir para a consciencialização e intervenção sobre esta comunidade, podendo funcionar como material educacional, interventivo e inclusivo (será feita uma versão com audiodescrição)

Este projeto também se insere nos objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas até 2030, mais concretamente no 5º Objetivo (Igualdade de género), 10º objetivo (Redução das desigualdades) e 16º objetivo (Paz, justiça e instituições sólidas).

Este documento será composto por cinco capítulos, sendo os seus quatro primeiros dedicados ao levantamento teórico utilizado para a construção do projeto VRNF. O primeiro capítulo, dedicado à temática escolhida, será dividido dentro de quatro pontos. Inicia-se com um levantamento sobre a história de vida de Gisberta Salce, sendo posteriormente contextualizado a sua posição como minoria sexual e de género, acrescentando-se um espaço de esclarecimento do termo Travesti no contexto português e brasileiro. Seguidamente serão explicados os fenómenos de violência sentida por pessoas Trans, a Transfobia, a discriminação e o estigma, expondo a sua (in)visibilidade em Portugal e no Brasil, o país que mais mata pessoas Trans do mundo. Na finalização deste capítulo faremos uma análise às representações feitas sobre Gisberta, explorando dentro de outras produções artísticas, dissertações e também nos media, como foi construída e desconstruída a sua história de vida.

No decorrer do segundo capítulo será explorado o desenvolvimento da definição de RV, de que forma nos permite ver virtualmente na sua ótica fenomenológica e tecnológica, bem como o seu desenvolvimento ao longo dos anos. Posteriormente serão apresentados exemplos das suas aplicações contemporâneas em diversas áreas, e a exploração da sua atuação no

contexto da temática Trans. No decurso do terceiro capítulo dedicamo-nos à tipologia de produções audiovisuais na qual este projeto se insere e às capacidades potencialmente transformadoras oferecidas por estas. Iniciando-se pela definição e categorização dos VRNF dentro da RV, serão explorados alguns conceitos relacionados, como o Ativismo e Mudança Social, o Documentário em RV, o Testemunho Imersivo e o Jornalismo Imersivo. De seguida serão exploradas as suas potencialidades transformadoras através da “Sensação de Presença”, a sua aplicação segundo McRoberts (2018), a sua *resposta-como-se-real* de De la Peña et al. (2010), assim como sua relação com a imersão, finalizando este capítulo com a sua relação com o envolvimento no utilizador.

Finalizando a revisão de literatura, no quarto capítulo será feita a ligação entre os VRNF e os exercícios de tomada de perspetiva, procurando explicar como se definem, quais as suas aplicações, potencialidades e a importância para o treino de empatia. Faremos, ainda, uma contextualização do que definiremos neste documento como empatia, o seu potencial como ponte mediadora e o seu caminho para a bondade com o outro.

Dedicado ao processo do projeto aqui proposto, o quinto capítulo terá um tom propositadamente mais próximo e informal, tratando-se da parte mais artística e humanizadora do projeto, levando-nos pelo processo de descobertas, encontros, objetivos, características e decisões tomados ao longo da sua construção. A sua produção encontra-se dividida em três fases.

Na sua fase de pré-produção serão expostos os elementos que compuseram a sua base metodológica, o levantamento teórico sobre *storytelling* imersivo (Reis, 2021; Bucher, 2017), a pesquisa documental (Marconi & Lakatos, 2017; Fachin, 2003), as conversas informais (Swain & King, 2022) feitas a ativistas e pessoas próximas de Gisberta, assim como as escolhas temáticas e criativas. Dentro deste último será exposta a sua estrutura e linhas de condutas aplicadas. Na contextualização da fase de produção, abordamos o processo de construção, incluindo as primeiras experiências e uma explicação detalhada dos seus cinco atos. Finalizando este capítulo, teremos a fase de pós-produção, que contextualizará o processo e os elementos de finalização da experiência imersiva.

Apesar deste documento não se apresentar como um guia de construção para esta tipologia de novos *media*, é também sua intenção apresentar um dos caminhos possíveis para a sua produção, procurando estimular e incentivar novos criadores, em resposta ao repto de Nordell (2019): “We can form meaningful, collaborative connections with people unlike ourselves; in doing so, we can increase the complexity with which we see others” (Nordell, 2019, p. 395).

1. GISBERTA – TRANS, TRANSFOBIA E REPRESENTAÇÕES

Com o objetivo de criar um projeto de um *Non-Fiction VR* com exercícios mediados de tomada de perspectiva em Realidade Virtual (RV), que possa ser precursor de futuras produções de intervenção social, através do seu potencial para contar histórias de interesse humano (McRoberts, 2018), revelou-se prioritário abordar uma temática de relevância social nacional e internacional para a potencialização de uma resposta empática e alteração de comportamento pró-social. Optou-se, neste sentido, pela realização de uma experiência em RV sobre o caso Gisberta “Gis” Salce, um impactante caso vivido em Portugal de relevância internacional para a comunidade Trans em Portugal e no Brasil.

Com o assassinato de Gisberta Salce, em 2006, nasceu o movimento transgênero português (Saleiro, 2013, pp. 172-185), focado na defesa e proteção das identidades de gênero e apostado em espolatar o debate sobre a questão no espaço público. Inicia-se este capítulo com um relato sobre a história de vida de Gisberta Salce. De seguida, far-se-á uma contextualização das minorias sexuais e de gênero que representam esta população.

De forma a reforçar a importância deste projeto para o esclarecimento de uma questão relevante no âmbito do debate público, será feita uma exposição da realidade vivida pela comunidade Trans e do fenómeno de violência contra a mesma, a Transfobia, em Portugal e no Brasil. Esta exposição tentará oferecer uma resposta à desumanização presente nos media e na sociedade cisheteronormativa capacitista.

Conclui-se o presente capítulo com uma análise às representações feitas sobre Gisberta, no sentido de expor, no contexto de outras produções artísticas, dissertações e representação mediáticas, como foi construída e desconstruída a sua história de vida.

1.1. QUEM FOI GISBERTA?

Contar a história de vida de Gisberta pode contribuir para a sua humanização individual e para a humanização coletiva, de todas as pessoas Trans. Nascida a 5 de setembro de 1961, em Casa Verde, em São Paulo, Brasil, Gisberta foi uma mulher Trans assassinada a 22 de fevereiro de 2006, com 45 anos, por um grupo de 14 jovens na cidade do Porto, em Portugal. A ação acabou por se tornar no crime de ódio Transfóbico mais mediático no país, um marco na história da criminologia nacional e internacional, precursor de leis de proteção de pessoas Trans.

Gisberta imigrou em 1979, com 18 anos, para França a convite de uma companhia de dança. Procurava fugir de um Brasil que perseguia pessoas LGBTQIA +, de um país onde uma pessoa próxima de si havia sido assassinada. Durante o período da ditadura militar (1964-1985) foram adotadas medidas repressoras para com esta comunidade. Desde 1976 que a polícia civil de São Paulo, por exemplo, recorrendo à Portaria 390/76, forçava “a prisão de todas as travestis da região central da cidade para averiguações” (Green & Quinalha, 2014, p. 151). Segundo a mesma portaria, ao cadastro policial das Travestis deveriam estar associadas “fotos dos pervertidos”, para que os juízes pudessem “avaliar seu grau de ‘periculosidade’: dando às imagens importância fundamental no inquérito policial” (Green & Quinalha, 2014, p. 151).

Antes de se contextualizar, no próximo ponto, a terminologia Travesti, Transexual e Trans, importa compreender que, no contexto português, uma pessoa Travesti assemelha-se a uma pessoa que se expressa, de forma temporária, através de vestuário e costumes normativamente femininos. No Brasil, ser Travesti é uma identidade de gênero incluída dentro do espectro de pessoas Trans.

Quando chegou a França, Gisberta começou a trabalhar como artista de cabaré e transformista, desenvolvendo uma amizade próxima com Rute Bianca, uma mulher Trans portuguesa, artista de cabaré e também transformista. De férias em Lisboa, acabaram por encontrar uma agente artística. Juntas percorreram o circuito dos grandes cabarés (Pinto & Campos, 2006, p. 86), chegando a atuar no Moulin Rouge, o icónico cabaré parisiense.

Em 1981 decidiu mudar-se para a cidade do Porto, local onde permaneceu por se sentir segura, onde acreditava que “eram reduzidas as chances de ser vítima de um crime de ódio” e “podia assistir na televisão às novelas do Brasil” (Negreiros, 20216, para. 6). Conhecida por representar a cantora Daniela Mercury (Abreu, 2018, para. 11) e a atriz Marilyn Monroe (Frias, 2006, para. 1), sofreu, nos anos 90, com o fecho de vários locais onde trabalhava como empregada de mesa e transformista, assim como a morte dos seus dois cães, Leonardo e Carolina, originando uma depressão (Negreiros, 2021, para. 25).

A discriminação sentida em Portugal não era, no entanto, pontual, antes “diária, constante” (Perreia, 2006, para. 4), estava presente em vários espectros do quotidiano devido “à ignorância, à intolerância” e “ao preconceito” (para. 4). Como consequência, essa condição social empurrou-a para a rua, as possibilidades de trabalho escassearam (Pinto & Campos, 2006, p. 87), tendo levado Gisberta a ter de encontrar soluções para sobreviver. Similarmente a tantas outras mulheres trans, sem qualquer alternativa, teve de recorrer ao trabalho sexual

(Perreia, 2006, para. 5). Nas palavras de Rute Bianca: "Era a única maneira de arranjar dinheiro" (Faria, 2006, para. 5).

Em 1996, Gisberta descobre que tem o vírus da imunodeficiência humana (Rodrigues, 2016, para. 47), piorando ainda mais a sua condição social e física. Impedida de ter proteção e apoio social, acabou por perder a casa em 2001, local onde habitou mais de uma década. Iniciou-se, assim, a rota pelas pensões da baixa do Porto (Rodrigues, 2007, p. 44).

Doente e enfraquecida depois de uma temporada no Hospital Joaquim Urbano, a Associação Abraço conduziu-a ao internamento numa instituição em Setúbal, de onde fugiu revoltada com o processo que havia sido alvo (Pinto & Campos, 2006, p. 88). Sem um contrato de trabalho e impossibilitada de renovar o visto de permanência, juntava-se à sua condição ilegal a falta de um Bilhete de Identidade, entretanto roubado e caducado (Pinto & Campos, 2006, p. 88). Foi então que a Associação Abraço participou o caso ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (Faria, 2006, para. 6), avolumando o seu receio quanto à condição ilegal. Refugiou-se, de seguida, no interior de um prédio embargado no Porto, com a alcunha de *Pão de Açúcar*.

Nesse local, no final de 2005, cruzou-se com três jovens motivados pela possibilidade de grafitarem as paredes do edifício, sendo que um deles a conhecia desde os 6 anos, quando Gisberta foi sua ama (Abreu, 2018, para. 15) – tratava-a por *Gis* (Valente, 2006, para. 3). Os jovens passaram a frequentar o local e a partilhar comida que roubavam, cozinhando-a com Gisberta, enquanto esta lhes contava histórias da sua vida (Rodrigues, 2016, para. 2-4).

Os mesmos três jovens deram a conhecer, depois, nas suas escolas, os encontros com Gisberta. Mas em fevereiro de 2006 os comportamentos alteraram-se: juntamente com outros 11 jovens, entre os 12 e 16 anos, começaram a agredir Gisberta, segundo os tribunais, “sem qualquer motivo aparente” (Laranjo, 2006, para. 10). No dia 22 do mesmo mês, às 18h50, Gisberta é encontrada sem vida, submersa dentro de um fosso que existia no prédio. O grupo confessou ter participado na sua morte (Maia & Silva, 2006, para. 5): 13 jovens admitiram terem-na agredido (Rosenbusch, 2006, para. 4); seis assumiram terem tentado ocultar o corpo (Laranjo (c), 2006, p. 22). Para os juízes, todavia, tratou-se “de uma brincadeira que correu mal”, um “acto grave, claro,” mas que suscitava uma pergunta: “devemos marcar os rapazes para a vida toda, não os deixar voltar a ter uma vida normal?” (Laranjo, 2006, para. 34).

Segundo Rodrigues (2016, para. 64), tratou-se de um caso-limite sobre o qual a opinião pública denotou “mais compaixão por jovens delinquentes (poderiam ser nossos filhos) do que por uma transsexual brutalmente agredida”. Os media seguiram este raciocínio e a “memória de Gisberta foi consumida pela cultura vigente” (Watson, 2008, p. 12). Em sua homenagem

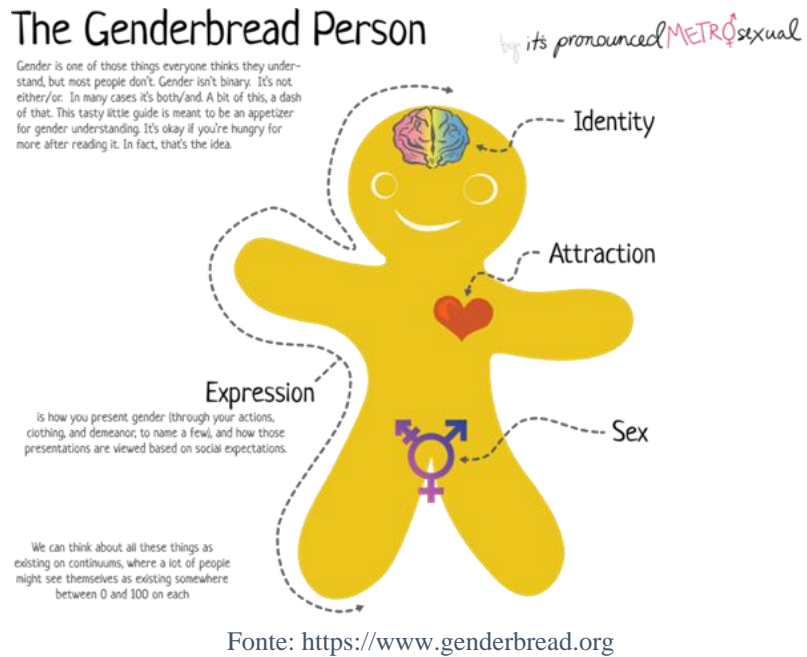
nasceu, em julho de 2006, a 1ª Marcha do Orgulho LGBTI+ do Porto, com a seguinte mensagem: “Meu nome era Gisberta, fui torturada, violada e assassinada. Para a Justiça eu morri afogada e culpa foi da água”.

1.2. ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADE E EXPRESSÃO DE GÉNERO

Antes de se proceder à análise sobre a violência vivida por pessoas Trans, cumpre abordar a diversidade de identidades de género e de orientação sexual (minorias sexuais e de género) e procurar oferecer uma resposta à desumanização presente nos media e na sociedade cisheteronormativa capacitista. Partindo do *Estudo nacional sobre as necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e característica sexuais* (Saleiro et al., 2022), verifica-se não existir qualquer base científica que afirme que as identidades LGBTQIA + sejam doenças mentais, que apresentem uma predisposição psicopatológica e sejam passíveis de ser modificadas (p. 9).

Caracterizadas pela sua multidimensionalidade, as identidades sexuais e de género LGBTQIA + combinam-se de forma não linear em cada pessoa e são “manifestações da variabilidade das características sexuais, da orientação sexual e da identidade de género humanas” (APA, 2021; OPP, 2020 apud Saleiro et al., 2022, p. 10). O *Biscoito de Género* (*Genderbread Person*) procura demonstrar de uma forma simples como podem ser vistos os seus diferentes aspetos: sexo (ou características sexuais); expressão e identidade de género; orientação sexual e atração sexual (Figura 1 e Figura 2).

Figura 1 | Biscoito de Género parte 1 adaptado de *GenderBread Person v4*)



O sexo, sexo biológico e/ou sexo atribuído à nascença (*Sex* na Figura 1) pode apresentar características observáveis (e.g. órgãos genitais externos, gónadas) e não observáveis (e.g. cromossomas sexuais, hormonas, expressão hormonal, órgãos e gónadas reprodutores internos). Pode ser categorizado, na sua atribuição à nascença, como masculino, com a presença de pénis e testículos, como feminino, com a presença de uma vulva, ou como intersexo, quando as características sexuais não vão ao encontro das normas sociais ou médicas – pessoas intersexo sofrem de estigma e discriminação, podendo ser submetidas a intervenções cirúrgicas para corresponderem à dicotomia *masculino* ou *feminino*. Em Portugal, desde 2018, que as características sexuais de cada pessoa não podem ser modificadas sem o seu consentimento expresso (Saleiro et al., 2022, p. 10).

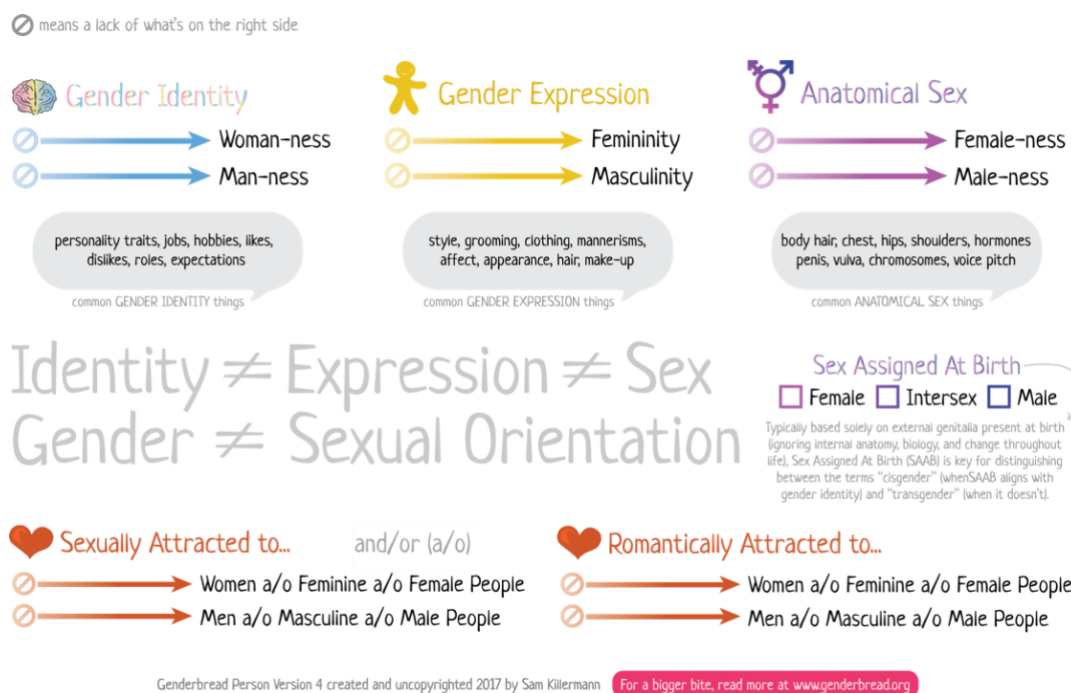
O género, por vezes descrito por sexo cultural ou sexo social (*Identity* na Figura 1) é composto por três dimensões: os papéis de género, a expressão de género ou a identidade de género. Resulta da construção social das expectativas criadas em função da pertença a um sexo biológico, ou seja, está associado a um determinado conjunto de características, papéis e normas pré-determinadas. A sua prescrição varia de cultura para cultura, por norma de forma restritiva ao binário masculino ou feminino, conduzindo a sentimentos de estigma, discriminação e exclusão social por pessoas que não cumpram as normas de género.

A expressão de género está relacionada com a forma como manifestamos a nossa identidade de género, de forma estética (e.g. roupa, maneirismos, aparência, entre outros) ou a nível da linguagem utilizada para se referir a si (e.g. os seus pronomes e nomes). A identidade

de género, por sua vez, corresponde ao autorreconhecimento pessoal, e profundo, como homem ou mulher, como ambos ou nenhum, como pessoa trans ou não-binária (difere do sexo atribuído à nascença) e cisgénero (é congruente com o sexo atribuído à nascença)

O termo Trans pode, também, remeter para transgénero ou até trans* – a expressão Transsexual caiu em desuso devido à sua referenciação a questões de sexo quando se trata de questões de identidade de género. As pessoas Trans podem ou não recorrer a tratamento médicos para aproximar o seu corpo, e ou expressão de género, de forma mais congruente com a sua identidade de género (OPP, 2020 apud Saleiro et al., 2022, p. 11). Mas nem todas as pessoas que não se identificam com o sexo atribuído à nascença são denominadas de Trans. As pessoas que se encontram fora do binómio masculino-feminino podem-se identificar como Não-binárias. As pessoas Não-binárias podem se identificar com nenhum género ou com ambos os géneros binários.

Figura 2 | Biscoito de Género parte 2 (adaptado de *GenderBread Person v4*)



Fonte: <https://www.genderbread.org>

A orientação sexual corresponde a um envolvimento no plano emocional, amoroso e/ou de atração sexual por homens, mulheres, ambos os géneros ou por nenhum dos géneros. Esta componente inclui a atração sexual e emocional de uma pessoa com a outro, juntamente com os seus comportamentos ou afiliações sociais que resultem dessa atração.

Apesar de existirem várias denominações², as pessoas que se sentem atraídas por pessoas de sexo diferente são denominadas de heterossexuais, sendo as pessoas lésbicas mulheres que se sentem atraídas por mulheres e as pessoas gays homens que se sentem atraídos por homens (monossexualidade).

As pessoas que sentem atração por mais do que um sexo são denominadas por plurissexuais e incluem as pessoas bissexuais, pansexuais e outros. As pessoas bissexuais sentem atração por ambos os sexos binários, enquanto, nas pessoas pansexuais, as atrações sexuais/românticas não se definem pelo género do *Outro*. Estes conceitos remetem, por sua vez, para a demissexualidade, cuja atração sexual ocorre apenas na sequência de uma conexão emocional ou intelectual; ou pessoas assexuais, que consiste na ausência de atração sexual.

Tal como referido no início deste ponto, a expressão cisheteronormativa (ou cisheteronormatividade) é proveniente da conjunção de duas expressões de estigma e discriminação perante as minorias sexuais e de género, que procura descrever os comportamentos culturais e sociais da sociedade maioritária. A manutenção da heterossexualidade como norma na sociedade, contendo todo o conjunto de normas e práticas sociais (incluindo a linguagem) em torno de certas diferenças entre homens e mulheres e da sua atração sexual mútua, é classificada como heteronormatividade. A expressão cisheteronormatividade corresponde à assunção de que todas as pessoas têm uma identidade de género cis (ou cisgénero) – identificam o seu género com o sexo atribuído à nascença. Quando nos referimos a uma sociedade que perpetua a manutenção da norma cis e heterossexual, podemos denominá-la por cisheteronormativa (Saleiro et al., 2022, p. 18).

1.2.1. TRANS OU TRAVESTI? CONTEXTO PORTUGUÊS E BRASILEIRO

“[caso Gisberta] Os agressores revelaram um absoluto desprezo pela vida humana. Atuaram em comunhão de esforços com o propósito de se divertirem à custa do sofrimento alheio, sem qualquer tipo de compaixão por quem estava numa situação de saúde extremamente débil. Optaram por insultar, espancar, torturar, praticar serviços sexuais e, por fim, lançar (com vida) o corpo de Gisberta para o fundo de um poço” (Ramalho, 2019, p. 252).

² Podem ser consultadas no site LGBTQIA+ Wiki, as diferentes orientações sexuais. Link: https://lgbtqia.fandom.com/wiki/Sexual_orientation . Acesso 12/01/2022

Considera-se relevante a identificação, no contexto português e brasileiro, da terminologia Travesti em contraste com a terminologia Trans. O termo Travesti está presente, repetidamente, nas representações sobre Gisberta, mas o seu significado varia de cultura em cultura. O mesmo ocorre no contexto da cultura de ambos os países. No contexto brasileiro, a terminologia Travesti afirma-se como uma categoria identitária própria (Ramalho, 2019, p. 55) para além do binómio homem-mulher. Segundo Ramalho (2019, p. 58), o termo Travesti é visto academicamente como “indivíduos biologicamente masculinos que, através de um conjunto de técnicas diversas, moldam os seus corpos com características associadas ao género feminino (sem nunca concretizarem a cirurgia genital), vivendo nessa condição 24 horas por dia”.

Travesti, no contexto da América Central e do Sul, poderá ser entendido como uma outra categoria identitária (mais aberta) dentro das pessoas Trans. Existe dentro da sociedade brasileira uma reapropriação desta terminologia por pessoas Trans que fizeram cirurgia de reafirmação de género, reivindicando “a legitimidade de sua identidade para além dos parâmetros binários (..)” (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019, p. 10).

No contexto português, uma pessoa Travesti apresenta um significado mais impreciso e confuso, contrastando uma visão mais próxima do ato de trajar roupas de mulher temporariamente (Ramalho, 2019, pp. 58-59). Esta visão, segundo Saleiro (2013), está relacionada com a tradução do inglês *transvestite* para Travesti no panorama português (p. 24). Transvestido, como era pronunciado antes da Revolução de Abril de 1974, era a designação dada a homens gays que se vestiam clandestinamente com roupas femininas em passagens de modelo e “alegres folias de Carnaval feminilizado” (Arinto, 1977 apud Ramalho, 2019, p. 60).

No pós 25 de Abril a terminologia Travesti passou a estar associada ao “espetáculo travesti”, ou seja, o ato de fazer transformismo ao caracterizar através de imitações cantoras reconhecidas em casas noturnas (Marques, 2017 apud Ramalho 2019, p. 61). Sejam profissionais ou amadores que se travestem por razões lúdicas ou transformistas (Ramalho, 2019, p. 62), que fazem modificações corporais, o termo Travesti tornou-se um conceito mais amplo de identificação de um grupo de pessoas que quebram o sistema de género (p. 65).

Segundo Ramalho (2019), o lado transformista do termo Travesti, ao ser absorvido dentro da terminologia guarda-chuva de Trans (p. 68), passou, também, para expressões como *drag-queen* ou *cross-dresser*³. É importante recordar que, na autodeterminação, é frequente a

³ O termo *Drag-Queen* corresponde a alguém que faz uma performance (jogo, entretenimento e/ou erotismo) de género social atribuída, historicamente, a mulheres; *Drag-King* por sua vez àquela atribuída aos homens. (Teixeira et al., 2021, p. 29). *Cross-dresser* consiste na utilização de vestuários e acessórios, praticada por pessoas cisgénero ou transgénero, podendo representar uma exploração simbólica da noção de género como binário (p. 22).

reapropriação de palavras que faziam parte de um léxico associado a discriminação, onde a quebra do insulto “Travesti”, e a sua derivação de “traveca” (Ramalho, 2019, p. 68), se transforma numa identidade sociopolítica e, como no Brasil, numa identidade de género.

1.3. TRANSFOBIA E O SEU CONTEXTO EM PORTUGAL E NO BRASIL

“Jó anda a entrevistar amigas trans mais velhas (ACP). ‘A esperança de vida da maior parte das minhas colegas da minha geração na altura eram os 40 anos’, diz (Jó Bernardo – JB). Surpreende-a que estejam a envelhecer (ACP). ‘Surpreende-me eu própria estar viva. Tendo em consideração o meu percurso, o mais provável é que já tivesse sido assassinada, como foi a Gisberta, como foi a Venezuela, como foram tantas outras e que continuaram anónimas. (JB)’. Haverá algo mais significativo a dizer sobre o que se conquistou? (ACP)” (Pereira, 2023, para. 91)⁴.

Nas sociedades ocidentais e cisheteronormativa, as pessoas Trans são a minoria sexual e de género mais estigmatizada e discriminada tanto pela poluição em geral como dentro da comunidade LGBTQIA + (Fagundes, 2017, p. 13). Para esta pesquisa, considera-se relevante compreender como as pessoas Trans são percecionadas/representadas e identificar os contextos de violência que colocam o grupo no patamar mais elevado de risco de vulnerabilidade psicossocial (Winter et al., 2016 apud Saleiro et al., 2022, p. 13) e de discriminação e assédio (Saleiro et al., 2022, p. 14). Os desafios passam por desconstruir um conjunto de hostilidades e mal-entendidos (Serano, 2007; Stryker, 2008 apud Worthen, 2020, p. 1) relacionados com a dissonância face à normatividade cisgénero (Fagundes, 2017, p. 11).

A produção e reprodução do discurso das normas de género contribui para que certas vidas deixem de ser consideradas vidas e sofram um processo de desumanização por não se enquadrarem nesse mesmo quadro mental discursivo. A perpetuação de uma mensagem não inclusiva, que assinala a diferença, redundando frequentemente em violência física. O assassinato de Gisberta Salce constitui uma expressão dessa ameaça à ordem binária normativa (Baptista & Himmel, 2016, pp. 641-655, *passim*) e um sintoma do “desprezo pela vida humana”⁵.

⁴ Entrevista da jornalista Ana Cristina Pereira a Jó Bernardo.

⁵ Frase proferida pelo juiz durante o processo de Gisberta. In Ana Cristina Pereira (2008), link: <https://www.publico.pt/2009/08/01/jornal/ya-um-dia-fomos-bater-na-gisberta-17363892#&gid=1&pid=1> Acesso a 18/01/2023.

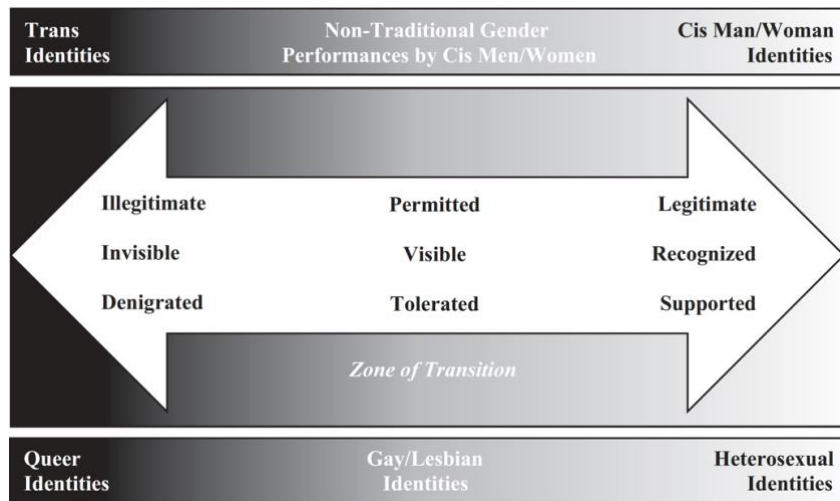
Segundo Perry & Dyck (2014), citado em Fagundes (2017, p. 12), os crimes de ódio têm como objetivo a continuidade das hierarquias normativas, da hegemonia da masculinidade, sendo as mulheres Trans as que mais sofrem com este tipo de crime, por transgressão das regras de gênero. A Transfobia é então o conjunto de atitudes, ações e crenças negativas perpetuadas contra pessoas Trans e pessoas com diversidade de gênero (Coleman et al., 2022, p. s253). O conjunto de agressões consubstanciam-se na humilhação, hostilização, ameaça, difamação, exploração sexual, extorsão, agressões físicas, entre outras, podendo culminar em homicídio (Bonassi et al., 2015 apud Fagundes, 2017, p. 12).

A origem desta materialização violenta da diferença radica na crença de que o sexo e gênero são definidos à nascença, criando medo, antipatia, aversão e ódio irracional contra pessoas Trans (Saleiro et al., 2022, p. 172). Pode ainda ocorrer pela aplicação de práticas e políticas discriminatórias, sendo que o seu efeito, mesmo quando involuntário, nunca é benigno e cria o que se chama de Transfobia internalizada – reflexão do preconceito contra si e/ou contra outras pessoas Trans com diversidade de gênero (Coleman et al., 2022, p. s253).

A Transfobia é, por vezes, associada ao viés anti-Trans (anti-transgénero), sendo o cisgenderismo o termo alternativo mais inclusivo, por incluir as pessoas não-binárias. O cisgenderismo é tributável dos efeitos do estigma e da discriminação provocada por pessoas cisgénero e heterossexuais – a cisheteronormatividade (Saleiro et al., 2022, p. 9-18). O estigma é, neste sentido, um fenómeno sociocultural que acolhe a formação, manutenção e manifestação de atitudes cisheteronormativas (Saleiro et al., 2022, p. 17). Worthen (2020) refere que as pessoas Trans ocupam o lado mais estigmatizado do espectro do estigma LGBTQIA +⁶ (Figura 3) um lado de ilegitimidade, invisibilidade e denegrição.

⁶ Inclui relações pessoais e familiares; lugares de significância e importância social; Direitos Humanos básicos; estigma sexual; permanência de identidades LGBTQIA +; e conquista da feminilidade e da masculinidade.

Figura 3 | Espectro do Estigma Identidades Trans



Fonte: Por Worthen (2020) p. 27

No caso da discriminação, pode-se falar em manifestações comportamentais do preconceito – tratamento diferencial negativo de um determinado grupo relativamente a outro (Plous, 2003 apud Saleiro et al., 2022, p. 17). Através dos três parâmetros da Tríade da Discriminação (Ferreira et al., 2020, p. 46), o insulto social, o isolamento e a invisibilidade, é possível compreender a influência do estigma e da discriminação na supressão da identidade das pessoas Trans. O insulto social tem a sua gênese no seio familiar e escolar, e incide sobre o núcleo identitário, onde as pessoas Trans tendem a ser forçadas (e punidas) a adaptarem-se aos estereótipos de expressão de gênero por não estarem em consonância com o seu sexo biológico. Por serem o grupo mais ostracizado, as pessoas Trans, em regra geral, não crescem dentro de comunidades com pessoas LGBTQIA +, provocando um *isolamento* crucial para a manutenção do estigma. Esse *isolamento* perpetua a sua *invisibilidade* quando se manifesta a capacidade/incapacidade da pessoa Trans em passar por pessoa não Trans (*passing*).

As pessoas Trans tendem a viver em extrema pobreza, serem vítimas de violência doméstica, experienciar múltiplas situações de estigma e discriminação na escola, no acesso à habitação, ao emprego e à saúde, sofrendo problemas de saúde mental e física (Worthen (2020, p. 35). Segundo Fagundes (2017), a incompreensão e discriminação social que sentem provoca sintomas de medo, ansiedade, depressão e ideação suicida. Revelam um elevado abandono escolar devido a um *bullying* que se conjuga com o preconceito sofrido no acesso ao mercado

de trabalho – cerca de 50% (em 2015) das pessoas Trans, a nível internacional, recorre ao trabalho sexual devido à falta de sustentabilidade financeira⁷.

Algumas pesquisas associam um carácter opressivo da cisheteronormatividade à sociedade portuguesa (Teixeira e Carneiro, 2018 apud Saleiro et al., 2022, p. 14) e atestam que a maioria das pessoas Trans residentes em Portugal apresenta dificuldades económicas, não recebe acompanhamento clínico no setor público e não sente que houve inclusão das suas identidades (Saleiro et al., 2022, p. 14). Outros trabalhos recentes revelam que, no âmbito das amostras trabalhadas, os jovens Trans sofrem todos os elementos de ideação suicida (Pires & Bracons, 2021, p. 234), cuja origem provém de um historial de violência e discriminação familiar, escolar e social (2014, pp. 233-235).

São vulnerabilidades distintas dos problemas relacionados com a orientação sexual devido ao facto de que as pessoas Trans podem pertencer a mais do que um subgrupo (gay, lésbica ou bissexual) (Saleiro et al., 2022, p. 172). Faz sentido, por isso, reclamar a *Teoria da Interseccionalidade* enquanto ferramenta de análise orientada para reconhecer que os sistemas de poder não operam isolados ou independentes uns dos outros (Saleiro, et al., 2022, p. 173). A experiência de discriminação sobrepõe-se, deste modo, com outros sistemas opressivos para além da Transfobia, suscitando uma compreensão interconectada de discriminação, assédio e violência contra pessoas Trans (Worthen, 2020).

Gisberta correspondia a um estatuto de múltiplas minorias, aumentando o seu risco de crime de ódio, por ser uma pessoa Trans, sem-abrigo, toxicodependente, seropositiva, imigrante, trabalhadora sexual, portadora de tuberculose (Fagundes, 2017, pp. 38-39), por ser mulher e apresentar capacidade/incapacidade de *passing*.

1.3.1. TRANSFOBIA E PROTEÇÕES DE PESSOAS TRANS NO BRASIL

No Brasil, as mulheres Trans representam 95% dos casos de assassinatos de pessoas Trans a nível nacional, têm as menores condições socioeconómicas da comunidade LGBTQIA +, possuem o maior índice de abandono familiar e são a identidade mais marginalizada, estigmatizada e perseguida por grupos conservadores⁸. Apresentam, também, os níveis mais

⁷ Num estudo realizado com a comunidade de Lisboa, 98% das 43 pessoas Trans constitutivas da amostra vive exclusivamente do trabalho sexual, sofre de agressões verbais, físicas, psicológicas, sexuais e crimes de ódio (Ramalho et al., 2015 apud Fagundes, 2017, p. 7-11).

⁸ No decorrer da Ditadura Militar, a perseguição contra pessoas Trans estava protegida pela “Lei da Vadiagem”, que ainda se encontra em vigor, não havendo proteção de pessoas Trans através de Leis Federais (Andrade & Saleiro, 2021, p. 103-116).

baixos de esperança de vida, de escolaridade e de acesso ao ensino universitário, sofrem mais rejeição pública, violência no acesso aos direitos básicos (especialmente de saúde) e registam a maioria dos casos de suicídio. Além disso, constroem menos relações afetivas/familiares, sofrem maior hipersexualização corporal e são as principais vítimas do discurso de “ideologia de género” e de violência política de género (Benevides, 2023, p. 42).

A expressão numérica destes fenómenos de violência e fetichização está presente no relatório anual da plataforma de pornografia Pornhub⁹. Em 2022, a categoria Trans foi a mais pesquisada pela população brasileira no contexto dos conteúdos pornográfico. O dossier anual de assassinatos e violência contra Travestis e Trans brasileiras¹⁰ demonstra que o Brasil é, pelo 14º ano consecutivo, o país que mais mata pessoas Trans do Mundo, acumulando 37,5% de todas as mortes Trans entre 2008 e setembro de 2022, num total de 1741 vítimas.

Segundo a plataforma *Remembering Our Dead*¹¹, foram registados, desde 2006, três assassinatos de pessoas Trans em Portugal (Gisberta – 2006, Luna – 2008, Angelita - 2021) e três vítimas de suicídio por Transfobia (Rafael - 2018, Lara Crespo - ativista Trans - 2019, Rose - 2022). Apesar das ocorrências, a violência e discriminação em Portugal são realidades pouco documentadas a nível oficial, faltando inúmeras pessoas nesta representação.

O relatório do Observatório da Discriminação Contra Pessoas LGBTI+ de 2019 (ILGA Portugal, 2020) demonstra que existem evidências claras do impacto social e psicológico da discriminação dentro de todo o espaço público e doméstico. Mas apenas um terço dos casos inventariados culminaram em queixa junto das entidades responsáveis. Fatores como a desvalorização, desconhecimento e descrença estão na origem desta sub-representação. O mesmo ocorre com a falta de intervenção por parte de testemunhas (p.3).

Portugal é um dos países mais procurados por pessoas Trans brasileiras, tal como se verificou durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985). A procura por melhores condições de vida e de asilo ainda ocorre atualmente (Andrade & Saleiro, 2021, p. 100). Segundo Andrade & Saleiro (2021), as culturas portuguesa e brasileira partilham, além do idioma, o machismo, o sexismo, a LGBT+ fobia, o patriarcado e a religião judaico-cristã. Algumas alterações têm, porém, incidido sobre o quadro legislativo. No Brasil, em 2011, foi reconhecida a união de

⁹ O acesso ao relatório da plataforma de pornografia Pornhub pode ser consultado em <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review> Acesso a 15/12/2022.

¹⁰ <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Através deste link é possível consultar os Dossiers anuais de assassinatos e violência contra Travestis e Trans Brasileiras da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Último acesso a 16/02/2022.

¹¹ Os dados referidos foram retirados da plataforma *Remembering Our Dead*, que pode ser consultada através do link: <https://tdor.translivesmatter.info>. Acesso a 18/02/2023.

facto, ou estável, para casais do mesmo género, ainda que o nível de proteções legais fosse bastante limitado. Volvidos seis anos, através de uma ação do Supremo Tribunal Federal, foi reconhecida a união estável equiparável ao casamento civil¹², mesmo se o Estatuto da Família define a construção de família apenas entre homem e mulher (pp. 107-109).

Desde 2018 que é possível a alteração do nome e género para pessoas Trans maiores de 18 anos, por ação do Supremo Tribunal Federal do Brasil. Mas a sua implementação ainda encontra muita resistência por parte do poder judicial e dos registos civis. Atualmente, o reconhecimento de pessoas Trans não requer procedimento cirúrgicos e autorizações médicas, o que não acontecia antes de 2003.

Em Portugal, os movimentos legislativos de proteção à população LGBTQIA + foram precedidos da proteção da orientação sexual antes da identidade de género. Desde 2003 que é proibida a discriminação com base na orientação sexual, sendo incluídas as identidades de género em 2015. A proteção perante a orientação sexual da pessoa integrou a Constituição Portuguesa (artigo 13º - Princípio da Igualdade) em 2005. O mesmo ainda não se verifica para as identidades de género. Em 2007 foi alterado o Código Penal para incluir um agravamento dos crimes motivados pela orientação sexual da vítima e em 2013 para identidade de género da vítima. Apenas em 2012, com o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, se procedeu à alteração legislativa de orientação sexual e de identidade de género, através da proteção discriminatória de qualquer membro da comunidade educativa (Andrade & Saleiro, 2021, p. 107).

No contexto de outros avanços legislativos, Portugal aprovou em 2001 a União de Facto de pessoas do mesmo “sexo”, com a aprovação da Lei do Casamento de casais de pessoas do mesmo “sexo” em 2010. No mesmo ano foi aprovada a Lei da Co-Adoção por pessoas do mesmo “sexo”, chegando em 2015 a aprovação da Lei de Adoção por casais de pessoas do mesmo “sexo”. Em 2016 foi aprovada a Lei da Procriação Medicamente assistida para todas as mulheres e casais lésbicos, juntamente com a Lei de Gestação de Substituição (“Barrigas Solidárias”) de forma solidária (Ferreira et al., 2020, p. 42). Cumpre salientar a necessidade de clarificar a legislação portuguesa no sentido de impedir a relação unívoca entre o sexo biológico e o género da pessoa.

Relativamente ao reconhecimento das identidades de género de pessoas Trans em Portugal, a primeira Lei da Identidade de Género, em 2011, surge, segundo Andrade & Saleiro (2021), no seguimento de três fatores: a) o assassinato de Gisberta em 2006, b) a aprovação da Lei de identidade de género em Espanha em 2007 e c) a “chamada de atenção” a Portugal do

¹² Depois da recusa de cumprimento dos cartórios, só necessário uma resolução do Conselho Nacional de Justiça.

comissário para os Direitos Humanos do Conselho da Europa, em 2009. Potencializado pela eleição da primeira pessoa assumidamente gay na Assembleia da República, o diploma de 2011 estava assente na patologização das pessoas Trans ao exigir um relatório, de um médico e um psicólogo, que comprove o diagnóstico de perturbação de identidade de género, a disforia de género ou a designada transexualidade, para pessoas com mais de 18 anos de idade (p. 113). Inovadora por não requer alterações cirúrgicas, a realidade da Lei foi corrompida pela inexistência de fiscalização e pela lista da Ordem dos Médicos que poderiam intervir nestes processos (Aires et al., 2021, p. 129). Acabou, deste modo, por dificultar o seu acesso, pois as pessoas poderiam alegar estar a fazer terapêutica hormonal ou já ter procedido à cirurgia de reafirmação de género, além de que não existiam fora dos grandes centros populacionais.

Em 2018, com a aprovação da Estratégia Nacional Igualdade e Não Discriminação – Portugal + Igual (2018-2030), foi criado o “Plano de Ação de combate à discriminação em razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género e Características Sexuais”, que culminou com a aprovação da Lei nº 38/2018 de 7 de agosto (Aires et al., 2021, p. 145). O diploma estabelece o direito à autodeterminação e proteção da identidade de género e expressão de género sem recurso a patologização médica, passando a ser preciso apenas um “atestado de consciência” que pode ser passado por qualquer profissional médico e a aprovação dos pais para jovens a partir dos 16 anos, ou sem aprovação para pessoas maiores de idade (p. 145).

A Lei de Autodeterminação de Pessoas Trans reconhece, por sua vez, o direito à proteção das características sexuais da pessoa com diversidade sexual (intersexo), impossibilitando os pais e médicos de alterarem as características sexuais da criança até que esta tenha a capacidade de autodeterminação de género. O surgimento dessa Lei confirmou a proibição discriminatória no acesso aos serviços de farmacológica e aos serviços especializados de intervenções cirúrgicas do Serviço Nacional de Saúde, juntamente com o estabelecimento de medidas de educação e segurança do ensino público e privado.

Não obstante as melhorias significativas de proteção das pessoas Trans, a aprovação da Lei de 2018 não garante outras duas importantes prerrogativas: a) o acesso ao direito universal da identidade de género (está limitada a maiores de 16 anos) e b) o reconhecimento de pessoas não-binárias na Conservatória do Registo Civil – está limitado a pessoas de nacionalidade Portuguesa (não abrange imigrantes Trans que residam em Portugal). Mas se desde 2019 ainda não foram lançadas as normas para procedimentos de reafirmação médica (Andrade & Saleiro, 2021, pp. 113-115; Matos & Rodrigues, 2021, pp. 6-7), a partir do ano seguinte deixou de ser necessário o pagamento de uma taxa administrativa de 200€ para a alteração documental.

A compreensão das proteções legislativas da população LGBTQIA+ pode ser melhorada através da plataforma colaborativa Equaldex: o Brasil apresenta uma pontuação de 82 pontos em 100, enquanto Portugal regista 69¹³. Uma das razões para a diferença entre os dois países reside na não proibição, em Portugal, das Terapias de Conversão; no Brasil, estas práticas são proibidas desde 1999 para orientações sexuais e desde 2018 para identidades de género¹⁴. Segundo a comissária para os Direitos Humanos do Conselho da Europa, estima-se que 2% das pessoas LGBTQIA + da União Europeia tenha sofrido estas práticas e/ou que tenha sido proposta a 5%. Acredita-se, porém, que os valores reais sejam muito superiores.

1.4. REPRESENTAÇÕES SOBRE GISBERTA

“A presidente da A-T [Jó Bernardo] considera "vergonhosa" a maneira como a comunicação social tratou o caso de Gisberta. Critica, também, o facto de "parte da comunicação social ter referido Gisberta "apenas como sem-abrigo". Ela acumulava formas de exclusão, "não cabe aos jornalistas decidir qual delas pesou mais" (Pereira, 2006, para. 17)

As linhas que atrás se transcrevem dão conta da (in)visibilidade que orientou as representações sobre Gisberta. Para Baptista & Himmel (2006), este caso levantou, no âmbito do setor informação português, um debate sobre a violência perpetuada contra as pessoas que não se encontram dentro das normas hegemónicas (p. 640). Uma análise a 440 artigos jornalísticos permitiu fazer um percurso da representação social de Gisberta no âmbito de vários contextos, perceber como foi desumanizada, sobretudo, pelos media. Exemplos recorrentes evidenciam a utilização de aspas para a identificação do seu nome feminino, a total omissão do seu nome, reduzindo-a a uma categorização tendencialmente preconceituosa (“o” transexual, a vítima, “o” sem-abrigo), além de plasmarem um questionamento sobre os seus órgãos sexuais (p. 644). Verifica-se, também, a insistência de utilização de artigos e pronomes masculinos, o uso

¹³ Sobre direitos legais da população LGBTQIA+ consultar: <https://www.equaldex.com>. Acesso a 17/02/2023.

¹⁴ Terapias de Reorientação Sexual ou Terapias de Reparação são intervenções de natureza ampla que possuem como denominador comum a crença de que a orientação sexual ou identidade de género de uma pessoa pode e deve ser alterada através de práticas que visam a mudança de pessoas gays, lésbicas ou bissexuais para heterossexuais e de transexuais para cisgénero. São exercidas por agentes de saúde, organizações religiosas, curandeiros e agentes estatais, aplicando frequentemente “técnicas de aversão (por exemplo, eletrochoques ou medicação indutora de náuseas e vômitos), intervenções pseudopsicológicas, privação alimentar, entre outras acções desumanizadoras” (IESOGI, 2020 apud OPP, 2021, p. 4).

constante do seu nome morto (nome dado à nascença, pré-mudança de nome) e o abandono de culpabilização dos jovens como causa do crime (Rodrigues, 2021, p. 83).

No contexto das pesquisas sobre a análise mediática do caso em estudo, Rodrigues (2021) apresenta uma visão sobre a interseccionalidade (nacionalidade, género e nível socioeconómico) e a construção mediática da personagem Gisberta. A autora destaca a discussão sobre o nome de Gisberta Salce devido à inclusão do sobrenome “Júnior” na maioria das suas representações. E recorre à ativista Trans Hilda de Paulo para constatar que Gisberta não utilizava o sobrenome “Júnior” na sua assinatura. A manutenção (atribuição) de “Júnior” sugere, assim, o reforço de um discurso de ódio e desrespeito pela memória de Gisberta: “(...) [Está] costurado ao patriarcal. Logo, ao modo capitalista de nome familiar, da transferência de poder entre homens, do pai para o filho” (Negreiros, 2011 apud Rodrigues, 2021, p. 24) – a partir desta informação, foi decidida a remoção do sobrenome “Júnior” de forma a reforçar o propósito humanizador deste projeto e o respeito pela memória de Gisberta Salce.

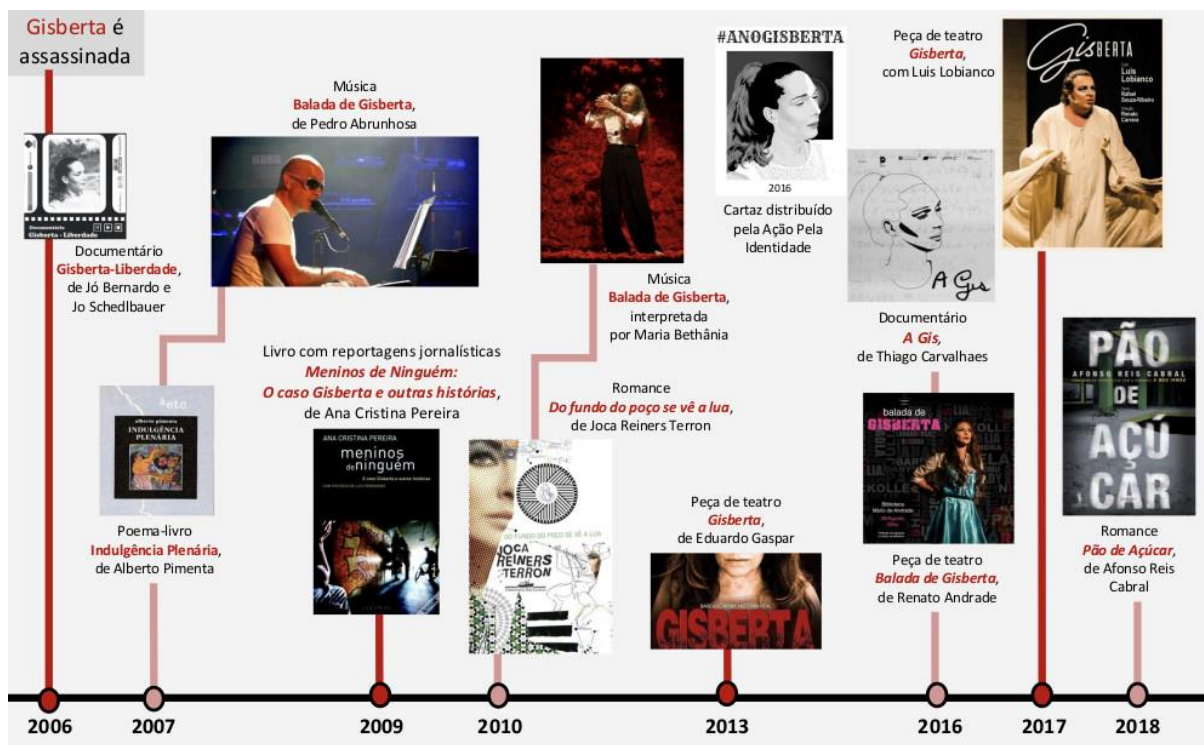
Na dissertação intitulada *Um crime de ódio chamado Gisberta: Uma abordagem crítica e interseccional sobre os conteúdos da imprensa em Portugal*, Fagundes (2017) recupera algumas linhas de análise semelhantes e conclui que a imprensa nacional adotou um discurso transfóbico, desumanizado, violento, despersonificando e desconsiderando a vítima. Privilegiaram um discurso focado na diferença e assente na desculpabilização e atenuação dos atos realizados pelos jovens. Na análise a uma amostra constituída por 76 notícias, num período de 11 anos, a autora observa que os média portugueses disseminaram um enquadramento do tema negligenciando a utilização do seu nome ou associando-o a uma alcunha, referenciaram a personagem Gisberta maioritariamente no feminino até 2008, denotaram incompreensão sobre a identidade de género e conseqüente confusão entre orientação sexual e/ou transformismo, além de desculpabilizarem e atenuarem.

A figura de Gisberta inspirou representações nos campos do teatro, da poesia, música e *street art*. Martins (2012) estudou o processo de reabilitação do edifício *Pão de Açúcar* enquanto local de homenagem a Gisberta Salce através de *graffiti memorials* (intervenções para homenagear entes queridos recorrendo ao graffiti como ferramenta artística) (Martins, 2012, p. 72). A autora recorda a relação entre a memória de Gisberta e outras intervenções artísticas, nomeadamente *Gisberta: Morrer Invisível* (Associação Panteras Rosa, 2007),

Lembrando Gisberta (GRIP, GRIP, 2009) e *Lembrando Gisberta 2: No Limiar da Lei de Identidade de Género* (GRIT, UMAR, 2011)¹⁵ (Martins, 2021, p. 15).

No artigo intitulado *Quantas vidas tem Gisberta?: imagem, mídia e arquivo na narrativa contemporânea*, Athayde (2020) realiza um levantamento artístico e literário de trabalhos inspirados na vida de Gisberta, procedendo a uma abordagem intertextual para demonstrar novos modos de arquivo e de memória (Figura 4).

Figura 4 | Obras Literárias e Artísticas, criadas entre 2006 e 2018, inspiradas na história de Gisberta



Fonte: Por Athayde (2020) p. 3.

Segundo a autora, o documentário *Gisberta-Liberdade* (2006) foi o primeiro trabalho produzido após o seu assassinato. Criado por Jo Schedlbauer e Jó Bernardo, ativistas da *TGEU* (*European TransGender Network*)¹⁶, o trabalho socorre-se de relatos e entrevistas para demonstrar o impacto da discriminação vivida por pessoas Trans em Portugal quando enfrentam, segundo Pereira (2006 apud Menezes, 2021, pp. 69-70), “dificuldades de acesso ao sistema nacional de saúde, ao mercado de trabalho, a atos tão corriqueiros como abrir uma

¹⁵ Grupo de Reflexão e Intervenção do Porto (GRIP); Grupo de Reflexão e Intervenção sobre Transexualidade (GRIT); União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). De salientar a intervenção da Associação Ação Pela Identidade, o #AnoGisberta (2016), a propósito do 10º aniversário do seu assassinato, uma iniciativa que fez circular cartazes anunciando exposições e debates sobre invisibilidade e transfobia (Rodrigues, 2016, para. 93).

¹⁶ Disponível em <https://tgeu.org>. Acesso a 10/12/2021.

conta bancária”. Em 2007, o poeta Alberto Pimenta lançou o livro-poema *Indulgência plenária*, uma obra que denuncia o Estado Português ao mesmo tempo que oferece uma homenagem a Gisberta (Jesus, 2018, p. 87). Dois anos volvidos foi a vez de Ana Cristina Pereira publicar o livro-reportagem *Meninos de Ninguém – o caso Gisberta e outras histórias*, onde procura, entrevistando, acompanhar as histórias dos adolescentes envolvidos no crime. Mas é com o livro de Afonso Reis Cabral, intitulado *Pão de Açúcar*” (2018), que esta perspectiva dos jovens é aprofundada, no campo da ficção, através de uma personagem chamada “Rafa” (Athayde, 2020, pp. 9-11). Em *Do fundo do poço se vê a lua*, Joca Reiners Terron (2010) transporta, por sua vez, as vivências de Gisberta para um novo espaço, emprestando-as à personagem “Cleo”, que habita entre o Brasil e o Egito (pp. 12-15).

No campo das artes performativas, em 2013, o dramaturgo Eduardo Gaspar encenou a peça teatral *Gisberta*, um monólogo interpretado pela atriz Rita Ribeiro que conta a história de Gisberta pela perspectiva da sua mãe (Baptista & Himmel, 2016, p. 653). Em 2016 é apresentada, no Brasil, a peça *Balada de Gisberta*, criada por Renato Andrade, que, através de depoimentos, associa a sua história aos percursos de outras cinco pessoas numa tentativa “de compreender alguém que existiu” (Athayde, 2020, p. 5). O lado das pessoas que conviveram com Gisberta é descrito na peça *Gisberta*, com interpretação de Luis Lobianco, texto de Rafael Souza-Ribeiro e encenação de Renato Carrera (p. 7).

No universo cinematográfico, além do já referido *Gisberta-Liberdade* (2006), cumpre salientar o documentário *A Gis*, de Thiago Carvalhaes (2016), apostado em oferecer uma visão refratária à *ressonância* mediática, no sentido de “querer saber mais” com base em depoimentos inéditos de familiares e pessoas próximas (Athayde, 2020). O mesmo método é utilizado em *O Teu Nome É*, de Paulo Patrício (2021), com base em testemunhos de dois dos jovens que participaram no assassinato. Athayde (2020) afirma que, excetuando o universo musical, mais concentrado na primeira pessoa (expressar o seu sofrimento, desejos, intenções), pelas vozes de Pedro Abrunhosa (2007) e Maria Bethânia (2009) – *Balada de Gisberta* –, quase todas estas obras procuram adotar o discurso na terceira pessoa.

Outras tipologias de representação estão presentes nos projetos *Centro Gis – Centro de Respostas à População LGBTI* (Associação Plano i, 2017)¹⁷, *Cartas para Gisberta* (2019)¹⁸ e *Arquivo Gis* (2021)¹⁹. A 17 de março de 2022 foi provado pela Câmara Municipal do Porto a

¹⁷ Procura promover a saúde e o bem-estar das comunidades LGBTQIA+, potencializar a sua inclusão e o apoio ao combate da discriminação à capacitação de públicos.

¹⁸ Projeto jornalístico de Leilane Menezes e Janaína Silva.

¹⁹ Arquivo de documentação sobre o caso Gisberta, da autoria da ativista Trans Hilda de Paulo.

entrada do nome de Gisberta Salce para a bolsa de nomes de arruamentos da cidade, não menos significativa foi a pronúncia do seu nome no Parlamento Europeu²⁰, a 15 de junho de 2006, no âmbito de uma sessão destinada a condenar a escalada de atos de violência de índole racista e homófoba/transfóbica na Europa.

²⁰ Segundo Jó Bernardo, foi a primeira nomeação direta de uma pessoa Trans no Parlamento Europeu.

2. DA REALIDADE VIRTUAL AOS *NON-FICTION VR*

Este capítulo pretende refletir sobre o desenvolvimento dos *Non-Fiction VR* enquanto concepção categorizadora das produções de não-ficção dentro da Realidade Virtual (Bevan & Green, 2018), abordando potenciais aplicações da Realidade Virtual (RV) no contexto dos novos media – media imersivos (Green et al., 2021) – e das ferramentas imersivas. Tomando como linha orientadora as óticas fenomenológicas e tecnológicas, o objetivo consiste em explorar as três etapas da evolução da RV ao longo dos últimos anos.

A RV pode ser descrita como uma ferramenta/tecnológica de novos media que permite aos seus utilizadores a possibilidade de imersão e/ou interação dentro de ambientes virtuais simulados, acessíveis principalmente através de HMD (*Head-Mounted Displays*, ou óculos de Realidade Virtual). As linhas que se seguem ambicionam fornecer um enquadramento teórico relevante e útil para qualquer criador/interventor de produções em RV.

2.1. COMO SE VÊ VIRTUALMENTE?

As inovações tecnológicas do século XXI têm permitido o desenvolvimento de tipologias de media imersivos (*immersive media*) (Green et al., 2021, p. 806) no contexto da interação entre ambientes virtuais e o seu utilizador. Essas *computer-mediated realities* (Evans, 2018, p. 9), ou realidades mediadas por computadores, podem, porém, ser vistas de diversos paradigmas, não só pela sua relação entre imersividade-interação, mas também na sua relação fenomenológica.

No artigo intitulado *Rethinking the Virtual*, Burbules (2004) procura reenquadrar a contradição filosófica do próprio termo *Realidade Virtual*, nomeadamente no que concerne à construção subjetiva do que é real e do que é virtual. O autor afirma que apesar de ser gerada por computadores, a tecnologia que permite essa sensação de imersão não é o aspeto principal da realidade virtual, mas sim a própria sensação de imersão. Esta é quem dá ao virtual a sua qualidade fenomenológica de “*como se...*”. O virtual não deve ser entendido como a simulação de realidade a que somos passivamente expostos, mas um contexto onde a nossa resposta e envolvimento são o que gera a sua veracidade e significado. (p. 163). A realidade pode então tomar diferentes formas que, virtualmente, correspondem a diferentes estados dessa realidade num continuum de virtualidade, que flui do ambiente virtual para o ambiente real (Milgram & Kishino, 1994 apud Evans, 2018, p. 9) e permite afirmar as diversas formas de *ver* virtualmente.

Segundo LaValle (2020), o termo XR (*Realidade Estendida*) é uma nova terminologia que procura englobar as diferentes virtualidades (p. 5). Trata-se de uma visão contemporânea partilhada, igualmente, por Reis (2021, p. 3), que define o XR como o termo que engloba todos os ambientes reais e virtuais combinados e interações humano-máquina (humano-computador, HCI) geradas por tecnologia de computadores e *wearables*, onde o X representa qualquer uma das variáveis atuais e/ou futuras da tecnologia computacional espacial.

No âmbito das variáveis atuais, importa discorrer sobre três dimensões: a) a RV respeita a ambientes criados digitalmente que permitem manipulação e interação, sendo acessíveis por via de um *headset* (o termo HMD também poderá aqui ser aplicado) que oculte o mundo real e o utilizador esteja totalmente imerso; b) a Realidade Aumentada (RA) sugere a sobreposição de informação e imagens digitais sobre o mundo real acessíveis por via de um *smartphone*, *tablet* ou *smartglasses*; c) a Realidade Mista (*Mixed Reality* ou RM) remete para uma versão da RA cujas extensões digitais estão interligadas e interagem com o mundo real comum²¹, também interligadas com dispositivos que conjugam as capacidades da RV e da RA; d) o sistema *360° Video* permite a captura de imagens em todas as direções quando visualizadas através de um *Headset VR* (ou HMD), possibilitando que o utilizador se sinta imerso no ambiente e com capacidade de olhar à sua volta em todas as direções – o sistema *360° Video* também pode ser visto através de um *smartphone*, *tablet* ou computador (Reis, 2021, p. 20).

2.2. REALIDADE VIRTUAL

É possível observar em Reis (2021) o reconhecimento da RV como um termo abrangente para as diferentes virtualidades, intercambiável com o termo de media imersivos devido às suas origens concetuais. Para o autor, o termo XR procura encapsular todas estes media imersivos e realidades imersivas (p. 20). No contexto desta revisão de literatura utilizar-se-á o termo RV para englobar as produções que recorrem à utilizam de dispositivos HMD²² como base para a definição das possibilidades de utilização e potencialidades oferecidas aos *Non-Fiction VR*, contextualizando-se quando estes se referem à necessidade de interação ou de imersão profunda. Esta visão é concordante com Slater & Sanchez-Vives (2016), ao indicarem a RV e

²¹ *Carne y Arena* (2017) é um projeto de MR realizado por Alejandro G. Iñárritu, realizador mexicano, vencedor de prémios *Oscars*. Disponível em: <https://vimeo.com/465473511>.

²² RV e *360° Video*, para Reis (2021).

o vídeo em 360°, na atualidade, como parte integrante do mesmo universo dos novos media e assinalando que a sua opção de utilização dependente do resultado pretendido (p. 35).

Efetivamente, vários autores utilizam diferentes enfoques para explorar a assunção de que “the most important idea of VR is that the user’s perception of reality has been altered through engineering, rather than whether the environment they believe they are in seems more ‘real’ or ‘virtual’” (LaValle, 2020, p. 6). A RV pode ser definida como uma ferramenta/tecnologia de novos media que permite aos seus utilizadores a possibilidade de imersão e/ou interação dentro de ambientes virtuais simulados, acessíveis principalmente através de HMD. Se De la Peña et al. (2010) dividem a RV por intensidades de imersividade (p. 293) e Nash (2018/a) chama a atenção para a origem da utilização de 360° Vídeo e/ou simulações geradas por computadores, Ventura et al. (2020) reconhecem a sua dependência das interfaces humano-computadores. Rose (2018), por sua vez, diz-nos que a RV expande a mente do utilizador ao desenvolver conexões humanas mais profundas, ao passo que McRoberts (2018) enaltece a capacidade de simulação da realidade e estimulação sensorial (Slater e Sanchez-Vivez, 2016). Martingano et al. (2021) avançam com a mesma interpretação ao definirem a RV como uma tecnologia que simula (virtualmente) um ou mais sentidos, enquanto Steuer (1992) citado por McRoberts (2018), argumenta que a chave para a definição de RV não está na tecnologia, antes na experiência humana e, por isso, na génese do conceito de *presença* (p. 101), que será explorado ainda neste capítulo.

Figura 6 | Óculos de RV (HMD).

Soldado britânico demonstrando o uso de um HMD



Fonte: Sergeant Rupert Frere RLC, 2015²³.

Figura 5 | Cavernas Digitais

Universidade do Illinois em Chicago, EUA.



Fonte: Davepage, 2001, CC Domínio Público²⁴.

²³ Disponível em: <http://www.defenceimagery.mod.uk>), CC OGL v1.0.

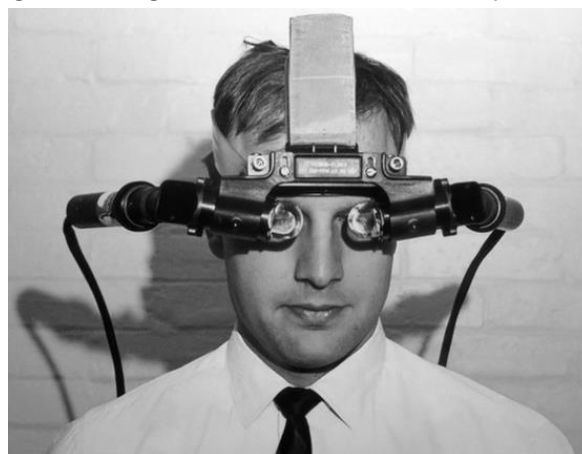
²⁴ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CAVE_Crayoland.jpg.

Essa polissêmica abrangência (Bevan et al., 2019, p. 1) deve-se ao facto de que os fenómenos associados à sua utilização têm sido alvo de interesse por parte de investigadores de diferentes áreas, especialmente nas vertentes de estudos das interações humano-computador (HCI). Os *Head-Mounted Displays* (HMD), ou *Óculos de Realidade Virtual* (Figura 6), e os CAVE (*Cave Automatic Virtual Environment*), ou *Cavernas Digitais* (Figura 5) são algumas tecnologias que possibilitam aos utilizadores alcançar a imersão (Rueda et al., 2020; De la Peña et al., 2010). Jaron Lanier, considerado o fundador da RV, oferece a partir do livro *Dawn of the new everything* (2017) uma coletânea de 52 definições, potencialidades e aplicações atuais e futuras, para este meio, sublinhando que a RV “gives us this sense of being able to be who we are without limitation; for our imagination to become objective and shared with other people” (Lanier, 1989 apud Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 2).

2.3. COMO CHEGAMOS AQUI?

Steven LaValle (2020, pp. 29-30) descreve os atos de comercialização do fenómeno de *estereopsia* (capacidade de visão binocular que permite a sensação espacial das imagens) como precursores do desenvolvimento dos óculos de RV. Invenções como o *stereoscope* (1838, por Charles Wheatstone) e sua *versão portátil* (*view-master*, 1939) permitiram o acesso comercial aos fenómenos 3D da esteropsia.

Figura 7 | Fotografia demonstrativa do *Sword of Damocles*



Fonte: LaValle, 2020 apud Sutherland, 1968.²⁵

²⁵ Disponível em: <http://lavallo.pl/vr/hmd.html>, CC LaValle.

Motivado pela estimulação sensorial, Morton Heilig criou em 1962 uma máquina de grandes dimensões onde a experiência visual em 3D estereoscópico é acompanhada por som, vibrações e cheiros, o *Sensorama* (Reis, 2021; Broch, 2020; LaValle, 2020). Esta tecnologia, em contraste com as primeiras experiências de cinema 3D da década de 1950, não atingiu o sucesso comercial que o *CinemaScope* e o *Cinerama* haveriam de alcançar. Estes processos cinematográficos utilizavam telas de exibição de grandes dimensões que envolviam o espectador no centro da ação do filme, estimulando, assim, a sua imersão. É a partir da conjugação destas explorações cinematográficas que se fornece a compreensão das representações contemporâneas de RV (Chan, 2014, p. 12). Essa envolvência de ecrãs, segundo LaValle (2020), constitui a ideia precursora das *Cavernas Digitais* (Figura 7) criadas por Cruz-Neira (Salter & Sanchez-Vives, 2016, pp. 3-4) em 1992.

Slater & Sanchez-Vives (2016) referenciam o trabalho de compilação de Stephen R. Ellis (NASA) para sistematizar cronologicamente as primeiras experiências com HMD desde 1613²⁶. A primeira *wave* (geração) da RV situa-se no período precedente ao trabalho de Ivan Sutherland (Rose, 2018b, p. 12), o cientista computacional norte-americano que idealizou (em 1965) e concretizou (em 1968) o processo/tecnologia – *ultimate display*²⁷ (LaValle, 2020, p. 32) – que está na origem da atual experiencição da imersividade da RV (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 3). Se a primeira geração corresponde aos avanços da própria tecnologia, a segunda surgiu dos contributos de Sutherland, a partir da década de 1960, dos refinamentos tecnológicos e da intervenção de grandes organizações. São estes os elementos que impulsionaram a utilização da RV nas áreas da educação, de treino/simuladores e dos media (Jones, 2021, p. 38).

A década de 1980 assinala o desenvolvimento do VIEW (*Virtual Interface Environment Workstation*²⁸), do centro de investigação AMES da NASA, e dos sistemas de RV já munidos dos componentes utilizados hoje em dia (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 3). Composto pela *DataGlove* (luva detetora dos movimentos do utilizador), pelo *DataSuit* (fato que recolhe informações sobre os movimentos, gestos e o posicionamento espacial²⁹) e *EyePhone* (óculos de RV), o sistema VIEW rapidamente transportou para o universo da telerobótica ao permitir operar robôs à distância, sendo o seu HMD posteriormente desenvolvido e comercializado em simultâneo com as luvas hápticas (Broch, 2020, p. 13).

²⁶ Disponível em: https://humansystems.arc.nasa.gov/groups/acd/projects/hmd_dev.php. Acesso a 29/07/2022.

²⁷ O primeiro HMD (<http://lavallo.pl/vr/hmd.html>) também designado por *Sword of Damocles* (Sutherland, 1968).

²⁸ Vídeo demonstrativo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H0E16KLnnSE>. Acesso a 29/07/2022.

²⁹ Utilizador do VIEW: Disponível em: https://www.nasa.gov/ames/spinoff/new_continent_of_ideas/. Acesso a 29/07/2022.

O *EyePhone* foi, na verdade, instrumental para o desenvolvimento de simulações cirúrgicas, prototipagem de interiores de veículos e a criação de mundos virtuais acompanhados, permitindo o início da comercialização da RV de forma mais acessível e portátil. O seu objetivo era possibilitar a criação de novos mundos, mais expressivos e empáticos, onde a criatividade seria especialmente valorizada (Evans, 2018, p. 27). Jaron Lanier foi um dos cientistas de computação que permitiu a popularização da RV e a criação das primeiras línguas de programação de RV (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 3).

A procura pela sensação de estar num *mundo* (Evans, 2018, p. 5) manteve-se nas décadas seguintes, ainda que os desenvolvimentos tecnológicos da segunda onda não se tenham materializado em dinâmicas de mercado orientadas para uma maior democratização no acesso à RV. O decisivo incremento ocorreu a partir de 2010 em resultado de novos avanços tecnológicos ao nível da miniaturização e redução de custos de produção de HMD, além do contributo de grandes organizações e empresas quando se pensa na exploração do universo dos videojogos e do entretenimento (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 31).

Na verdade, a relação da RV com o universo dos videojogos já tinha dado os primeiros passos na década de 1990 (Bucher, 2017, p. 4). Projetado para 1993, o *SEGA VR* (SEGA) teria sido um HMD em forma de acessório para a consola Mega Drive, acabando, porém, por ser cancelado no final de 1994. Os enjoos em crianças estiveram na origem da decisão. No ano seguinte, o lançamento da consola *Virtual Boy* (Nintendo) foi considerado um fracasso comercial (Broch, 2020, p. 13; Evans, 2018, p. 28) devido às limitações ao nível dos gráficos monocromáticos e da falta de software, estando, também, associado a traumas oculares em crianças com menos de 7 anos (Reis, 2021, p. 22).

Rose (2018/b, p. 12) relaciona o início da terceira onda da RV com o lançamento, em 2012, do monitor *Oculus Rift DK1*, cuja empresa produtora (Oculus Inc.) foi fundada por Palmer Luckey, o empresário responsável pela criação do HMD utilizado por Nonny de La Peña nas suas percursoras pesquisas sobre Jornalismo Imersivo. Luckey viabilizou o novo *Oculus VR* através de uma campanha de crowdfunding no *Kickstarter*³⁰, da qual obteve 2,5 milhões de dólares (Evans, 2018). Dois anos volvidos, o protótipo foi adquirido pelo Facebook (agora intitulada de Meta) pela quantia de 2 mil milhões de dólares, acabando por se tornar, na atualidade, no maior fabricante e precursor de dispositivos HMD (Bucher, 2017, p. 1).

³⁰ É o maior sítio de financiamento coletivo do mundo orientado para o apoio de projetos inovadores.

A segunda década do novo milênio é o período que corresponde ao renovado interesse pela criação de um novo ecossistema de tecnologias imersivas (Reis, 2021, p. 24). Esse estímulo renovador parece estar associado ao lançamento de equipamentos como o *HTC Vive* o sistema operativo *SteamVR* (2016), os acessórios *PlayStation VR* (2016) e o *Oculus Quest 2* (2020)³¹ – é o HMD que transformou a Oculus/Meta no maior fabricante de equipamentos em RV, distribuindo 11 milhões de unidades do *Quest 2* até 2022.

O visível crescimento da RV nos meios de consumo também tem vindo a ser potencializado pela disseminação global dos *smartphones*. Projetos como o *Google Cardboard*, da Google LLC, criado em 2014, e o *Samsung Gear VR*, lançado em 2015 pela Samsung (Broch, 2020, p. 14), são exemplos das inovações oferecidas pelos *smartphones* e corporizam o que Evans (2018) define como *Mobile VR* (p. 34). Prevê-se que o futuro das tecnologias imersivas circule no mesmo binário que acolhe o desenvolvimento de óculos de RM indistinguíveis de óculos normais, a sua integração com a inteligência artificial e *machine learning*, além da evolução das tecnologias hápticas realistas e a sua potencialização através do 5G (Reis, 2021, p. 24). O advento de óculos com écrans holográficos e a entrada no mercado de marcas como a Apple Inc. certamente que permitiram complementar a visão de futuro³².

2.4. ONDE SE TEM APLICADO A REALIDADE VIRTUAL?

A RV tem vindo a ser aplicada em áreas como a educação, o entretenimento, o turismo, o cinema de ficção e documental, o jornalismo, a psicologia, a saúde e o bem-estar, entre outras (Broch, 2020; Shriram et al., 2017; Slater & Sanchez-Vives, 2016). O objetivo consiste em potencializar a experiência humana e expandir, através de conexões mais profundas, a mente do utilizador, transportá-la para outros universos (Rheingold, 1991 apud Rose, 2018, p. 135). Essas potencialidades estão inscritas nos quatro pilares de aplicação do Metaverso³³: Conexão social (*Connect*); Trabalho (*Work*); Entretenimento (*Play*); Educação (*Learn*); Comércio (*Shop*).

³¹ *HTC Vive - SteamVR*: resulta do trabalho de duas empresas, a HTC Corporation e a Valve Corporation (maior distribuidora de videojogos). *PlayStation VR*: lançados pela Sony Interactive Entertainment e atualizados em 2023 no modelo *PS VR2*; *Oculus Quest 2*: lançado pela Meta.

³² Referência dos écrans holográficos: <https://www.pcgamer.com/researchers-find-way-to-shrink-a-vr-headset-down-to-normal-glasses-size/>, listagem dos próximos dispositivos a serem lançados: <https://mixed-news.com/en/best-vr-headsets-2023/>. Acesso a 13/08/2022.

³³ <https://about.facebook.com/what-is-the-metaverse/>, Acesso a 08/08/2022.

Slater e Sanchez-Vives (2016) realizaram, por sua vez, um levantamento sobre as utilidades e potencialidades adquiridas da RV na última década. Os investigadores analisam a *ilusão de propriocepção* (possibilidade de haver uma forte sensação de propriedade sobre um objeto que não faz parte do nosso corpo) e de *corporificação* (resposta fisiológica, propriedade sobre o corpo virtual adquirida como sua quando o mesmo corpo é substituído por um avatar), considerando que a RV pode constituir uma poderosa ferramenta para a neurociência da representação corporal (pp. 7-9). que merece a atenção de Slater e Sanchez-Vives (2016).

O paradigma do *Proteus Effect* é outra temática que, trabalhada no âmbito de experiências sobre o preconceito racial, remete para o universo do avatar, no sentido de que a autorrepresentação digital de uma pessoa pode influenciar as suas atitudes e comportamentos em ambiente virtual e ambiente real (Slater e Sanchez-Vives, 2016, p. 9). Os autores que concluem que: “Our answer suggests that the body ownership and agency over the virtual body is more than a superficial illusion, and that it goes beyond the perceptual to influence cognitive processing” (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 10). Estas propriedades estão intrinsecamente relacionadas com os conceitos de *homuncular flexibility* (Won et al., 2015) e *antropofornismo* de avatar (Lugrin et al., 2015), sobre os quais se irá discorrer mais à frente.

Como ferramenta de reconhecimento espacial, a RV tem obtido resultados positivos no tratamento de perturbações de stress pós-traumático relacionadas com espaços, reabilitação cognitiva e problemas neurológicos (Slater & Sanchez-Vives, p. 11). A aplicação da RV no contexto educacional é vasta, e expansível, desde como apoio a visualizações matemáticas para crianças, passando por viagens de estudo virtuais ou para treino cirúrgico (pp. 14-15). No campo da medicina, Kim & Kim (2020, p. 2) estudaram a sua utilização em radiologia, planeamento pré-operativo, cirurgias guiadas por imagens e em áreas ligadas à reabilitação de pacientes, como a fisioterapia e a terapia ocupacional.

A sua capacidade de apoio e treino é igualmente extensível ao campo desportivo, na forma de entretenimento, exercício físico e competição de alto rendimento. Resultados positivos em pacientes com alzheimer e a recuperar de acidentes vasculares-cerebrais permitem afirmar que a RV pode ser utilizada, por exemplo, para estimular a repetição de exercícios (aeróbicos, por exemplo) físicos. Passar a fronteira dos limites da realidade física (*exergaming*) é claramente um dos pilares estruturantes do edifício da RV, um propósito dirigido para todos

os públicos (Slater & Sanchez-Vives, 2016, pp. 16-18) – a criação da plataforma de exercícios *Supernatural*³⁴, pelo investigador/realizador Chris Milk, é um exemplo desse objetivo.

No domínio da psicologia e da psiquiatria, tal como na neurociência, cumpre salientar a utilização da RV no âmbito do diagnóstico, avaliação e tratamento de transtornos mentais (Kim & Kim, 2020, p. 26), podendo constituir uma ferramenta auxiliar para estudos em psicofarmacologia (Slater & Sanchez-Vives, 2016) e psicoterapia assistida com psicadélicos (Sekula et al., 2022). A utilização em ciências psiquiátricas e psicológicas provém da sua capacidade de relação intrapessoal e interpessoal com as emoções humanas (Coffey et al. apud Reis, 2021, p. 29). Kim & Kim (2020) consideram que os benefícios da terapia por RV (Terapia de exposição em RV) se manifestam ao nível do tratamento repetitivo, consistente e sistemático através de ambientes realistas e imersivos feitos à medida do utilizador (p. 26).

A RV tem permitido, por exemplo, ultrapassar as limitações da terapia convencional no contexto do tratamento de fobias específicas (aerofobia, fobia de andar de avião), do transtorno de ansiedade social, da síndrome de pânico em pacientes com agorafobia (fobia de locais sem maneira fácil de sair), do transtorno obsessivo-compulsivo e do distúrbio de ansiedade generalizada. Tem sido também aplicada em pacientes com transtorno por uso e abuso de substâncias nocivas como álcool e estupefacientes, transtorno de jogo patológico, além de perturbações de jogos online e no domínio alimentar (bulimia nervosa, compulsão alimentar). Na psiquiatria pediátrica tem sido usada no tratamento do transtorno do déficite de atenção com hiperatividade e no transtorno do espectro do autismo (Kim & Kim, 2020, pp. 27-29).

O potencial social e cultural da RV será alvo de um aprofundamento mais específico no decorrer deste trabalho, sendo, porém, importante destacar a sua utilidade enquanto ferramenta de validação de experiências – *generalizabilidade*. Trata-se de uma dimensão útil para o estudo de situações impraticáveis na vida real e cujos resultados podem servir para constituir uma amostra universal, através da sua capacidade de repetição e não dependência de fatores externos (atores, cenários, etc.) (Kim & Kim, 2020, p. 19). O recurso à RV surge, neste sentido, no contexto de estudos sobre a comunicação proxémica, as interações sociais, o preconceito, a discriminação, o confronto com a violência, a proteção cultural e ambiental. A sua proximidade com a realidade levanta várias questões éticas e morais potencializando a RV como uma ferramenta também para o estudo dos comportamentos morais (pp. 19-24).

³⁴ <https://www.getsupernatural.com>, Acesso a 05/08/2022.

No Turismo, a RV permite a “experiencia virtual perfeita” (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 26), sem limitações temporais, acessível financeiramente, possibilitando experienciar locais reais e imaginados sem restrições de mobilidade e sem riscos de acidentes. Estas aplicações expandem-se para além das visitas virtuais³⁵ e do entretenimento, para os campos de exploração e conservação ecológica, cultural e histórica, gestão e marketing turístico, e de educação (pp. 26-27). Em Portugal, o projeto *Paisagens Marítimas de Portugal & Media Imersivos: Nazaré Imersiva (2020)*³⁶ é um exemplo do recuso à RV e da desejada relação saudável entre a academia e o mundo profissional.

A flexibilidade de acesso e manuseamento estende-se aos universos laborais colaborativos (Salter & Sanchez-Vives, 2016). Não obstante já existirem dentro do léxico virtual, como o acesso a universidades virtuais através da plataforma *Second-Life*, ou as novas dinâmicas de conexão e teletrabalho causadas pela pandemia da Covid-19³⁷, os ambientes virtuais colaborativos relacionam-se diretamente com a questão fenomenológica de Burbules (2004), sobre o que poderá ser uma experiência real e o que reconhecemos como virtual. É neste *metaverso* que a Meta se procura entrecruzar com o Meta Horizon Worlds e o Meta Horizon Workrooms³⁸, ao recriar os espaços colaborativos dentro de ambientes imersivos.

Esse potencial colaborativo encontra-se, por último, presente nos campos da telerobótica e do domínio das aplicações industriais, como ferramenta de apoio à manufatura, montagem, formação e manutenção. Na indústria automóvel é aplicada para o design e criação, e na indústria da moda como ferramenta de prototipagem, construção e experiência de roupa (Salter & Sanchez-Vives, 2016, p. 31). O recurso à RV, na indústria, permite ao utilizador adicionar ao campo de visão informações gráficas necessárias para completar as suas funções.

2.4.1. A APLICAÇÃO DA RV PERANTE A TEMÁTICA TRANS

A temática Trans tem merecido investigações cuidadas no contexto de várias áreas académicas, da psicologia à sociologia, da comunicação ao desenho de videojogos. Paré et al. (2019) analisaram como novas formas de representação computacional podem produzir experiências

³⁵ Lista curada pela Meta de visitas virtuais, <https://www.meta.com/blog/quest/virtual-vacation-11-vr-apps-and-films-that-let-you-travel-the-world-from-home/>. Acesso a 20/02/2023.

³⁶ Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Link do projeto, <https://nazareimersiva.ulusofona.pt/>. Acesso a 20/02/2023.

³⁷ Ver artigo que oferece uma visão geral sobre as alterações durante a pandemia da Covid-19. <https://www.nytimes.com/interactive/2020/04/07/technology/coronavirus-internet-use.html>, Acesso a 09/08/2022.

³⁸ Vídeo promocional sobre as ferramentas deste serviço: <https://youtu.be/lgj50IxRrKQ>, Acesso a 09/08/2022.

lúdicas sobre género e sexualidade, as histórias vividas e o *eu* imaginado. A criação de esculturas em 3D, em grupo, ajudou a criar intimidade e partilha sobre as histórias associadas à temática Trans, além do *Body-becoming* por meio da construção de avatares representativos dos corpos considerados disruptivos para a sociedade. Trata-se de manifestações afirmativas de género que fomentam o autorreconhecimento e a autoexpressão (pp. 316-325, *passim*).

Lesur et al. (2020, p. 5) detiveram-se na dimensão sensoriomotora com o objetivo de perceber se o impacto da corporificação de um homem Trans em RV seria potencializado caso fossem incluídos movimento e toque³⁹ (sensoriomotor) em comparação com o método audiovisual convencional. Constatou-se a existência de um valor de corporificação mais elevado com o toque.

Tacikowski et al. (2020), no âmbito da neurociência, exploraram as ligações entre a percepção corporal e a identidade de género, observando que a alteração dessa percepção revelou uma maior fluidez de identidade de género. Em consequência, esta ilusão *body-sex-change* reduziu crenças estereotípicas de género, uma vez que as pessoas não estão conscientes de que as mesmas são preconceituosas. E revelou-se, principalmente, importante para pessoas cisgénero investigarem e expandirem a sua própria noção de identificação de género. São experiências que podem ser benéficas para diminuir a disforia de género de pessoas Trans e o seu sofrimento no momento de experienciar um *novo corpo* antes de recorrerem a cirurgias permanentes (pp. 6-8).

Procurando uma relação entre o desenho de videojogos e a terapia afirmativa de género⁴⁰, Kane (2021) propôs a aplicação da RV dentro de um processo terapêutico afirmativo, inspirado em terapia em RV. O *GRAVIT-e* é um protótipo de jogo através do qual o utilizador coloca-se na pele de uma pessoa Trans (criada por si) a experienciar vários contextos e cenários de Transfobia e situações que causam disforia a pessoas Trans (casas de banho públicas, comprar roupa, consultas com médicos, etc.). O utilizador tem a possibilidade de jogar dentro de um modo *afirmativo*, sem a presença de comportamentos transfóbicos, além de um outro *realístico*, sujeito a comentários ofensivos e discriminatórios (pp. 35-40, *passim*).

Em linha com as anteriores pesquisas, questões como a corporificação, experienciar de género e de exploração de um *novo corpo* também têm sido alvo de estudo dentro da área das relações humano-computador. Acena & Freeman (2021) referem que, nos últimos cinco anos, houve um aumento da utilização da RV para dimensões sociais, ou *SocialVR* (aplicações

³⁹ Exemplo da experiência sensoriomotor disponível em: <https://youtu.be/JFW2IfuNO-Q>. Acesso a 21/02/2023.

⁴⁰ Apoio psicoeducativo e afirmativo de pessoas Trans ou em questionamento.

como *VRChat*, *RecRoom* e *AltspaceVR*, entre outras), possibilitando às pessoas Trans corporificarem, experienciarem, expressarem e explorarem a sua identidade de género (p. 1).

Não sendo unicamente direcionado para a população Trans, também as pessoas LGBTQIA+ têm encontrado nestas plataformas um suporte social, um sentido de comunidade e ambientes seguros que não encontram no mundo *offline* (pp. 2-3). O espaço oferecido pela RV tem sido aproveitado para disseminar testemunhos e documentários comunitários através dos quais pessoas Trans abordam a sua vida, partilhando experiências nestas plataformas e no YouTube⁴¹.

No contexto dos trabalhos em RV é possível encontrar algumas produções que procuram relatar experiências e vivências de uma pessoa Trans, maioritariamente recorrendo a vídeo em 360°, designadamente: *Transgender Paradise: Thailand*⁴² (2017, sobre a comunidade Trans Tailandesa e o turismo médico para cirurgias de reafirmação de género), *Mexico's Transgender Superstar Wrestler*⁴³ (2017, peça jornalística sobre uma lutadora Trans *wrestler* do México), *A Day In The Life Of A Trans Woman*⁴⁴ (2017, sobre as dificuldades de integração social vividas por uma mulher Trans), *The Circle*⁴⁵ (2017, jogo em RV sobre uma pessoa Trans vítima de um ataque transfóbico) e *Being Transgender in Rwanda*⁴⁶ (2018, história da ativista Trans Khatibu do Ruanda).

Do ponto de vista académico, o projeto *Trans-Formation* (2017), de Huili Chen, procurou criar uma experiência orientada para analisar a potencial redução de preconceitos contra pessoas Trans. No domínio do ativismo, o documentário *Authentically Us – Voices From The Transgender Community* (2018), em três episódios, procurou acompanhar as vivências de pessoas Trans norte-americanas na luta pelo reconhecimento da sua condição social e legislativa.

⁴¹ Exemplo disponível em: <https://youtu.be/Z5VN48n28Vs>; https://youtu.be/NG8I_Fio8Tc. Acesso a 23/02/2023.

⁴² Link para visualização: <https://youtu.be/cB-WtNMkL4A>. Acesso a 23/02/2023.

⁴³ Link para visualização: <https://youtu.be/88KmJwkFsWc>. Acesso a 23/02/2023.

⁴⁴ Link para visualização: <https://youtu.be/wt89yaJO7HU>. Acesso a 23/02/2023.

⁴⁵ Link para visualização (trailer): <https://vimeo.com/183574370>. Acesso a 23/02/2023.

⁴⁶ Link para visualização: <https://youtu.be/SxXQDvO9YgQ>. Acesso a 24/02/2023.

3. DOCUMENTÁRIO + NÃO FICÇÃO + RV = *NON-FICTION VR*

Existem várias correntes de pensamento quando se procura uma definição concreta de RV. Se, por um lado, a dependência de hardware tecnológico é inevitável, principalmente quando se pretende que seja altamente imersiva (De La Peña et al., 2010, p. 298), por outro, a relação psicossocial que estabelece com os utilizadores, os efeitos oferecidos e provenientes da proximidade (imersividade) levantam questões sobre a sua diferenciação e possibilidades de imersividade-interatividade e de presença-empatia. Segundo Evans (2018), a RV deverá ser vista a partir da capacidade de englobar um *continuum* de virtualidades, logo, sugere um *continuum* de possibilidades de definição.

Tendo presente que o fenómeno de experienciação pode remeter, no universo virtual, para o elemento *subjetividade* (Evans, 2018), é possível afirmar que a RV é uma ferramenta/tecnologia de novos media imersivos que permite aos seus utilizadores a possibilidade de imersão, com ou sem interação, dentro de ambientes virtuais simulados ou não, com recurso a interfaces humano-computador para a sua visualização. Como refere Reis (2021, p. 35), “immersive media brings with it an innovative way of connecting people with stories. Audiences do not just listen or watch stories. They experience them by entering the virtual environment”.

Bevan e Green (2018, p. 161) propõem a utilização da terminologia *Non-Fiction VR*, ou VRNF (*Virtual Reality Non Fiction, VR Non-Fiction*), para a identificação de um novo médium de criação audiovisual emergente e em rápida evolução. Com o objetivo de englobar as diferentes produções não ficcionais de RV, sejam documentários, experiências produzidas por agências de notícias (i.e. jornalismo imersivo) e outras produções não-ficcionais, a terminologia VRNF baseia-se e desenvolve-se de outras formas tradicionais de não-ficção (pp. 161-163, *passim*), inspirando-se em áreas como os jogos digitais, media interativos e o teatro imersivo (Bevan et al., 2019, p. 2).

Green et al. (2021, p. 808) nomeiam outra das características oferecidas pela RV: a *interatividade*. Para os autores, *Linear VR* corresponde à maioria das produções de *360º Vídeo* onde a interação está limitada aos movimentos através da cabeça – para os restantes casos fala-se em *interactive VR* (p. 808). Os VRNF refletem duas histórias – e, conseqüentemente, dois conceitos, a *Realidade Virtual* (VR) e as *Não-Ficções* (NF) – enquanto potencial para providenciar experiências autênticas, compreensíveis e cuidadas, que apresentem novas formas, baseadas na verdade, de envolver e dar sentido ao mundo. Para os criadores de

conteúdos, os VRNF apresentam um potencial de aplicação que permite ir para além do cinema, convidando os consumidores a imergirem dentro de diferentes vidas e universos, criando novas formas da audiência experienciar o *real* (Bevan et al., 2019, pp. 1-2).

Para Bevan et al. (2019, p. 3), o desenvolvimento dos VRNF teve início com a associação entre a imersão e o jornalismo, nomeadamente através das pesquisas de Nonny de la Peña e a criação do Jornalismo Imersivo (JI). É graças ao trabalho de Nonny de la Peña e Palmer Luckey – criação de um dispositivo HMD para a experiência de JI – que se assiste ao ressurgimento do interesse na criação de um HMD acessível. O aparecimento de novas formas de consumir RV e de plataformas de distribuição (*Quest Store, Youtube VR, Steam VR*, entre outros) facilitou a inclusão dos VRNF em festivais de cinema e a sua disseminação em *smartphones* (*Jaunt VR, a Within VR, NYT VR – The New York Times*, entre outras), além de favorecer o acesso e a procura por parte dos consumidores. Para os produtores destes conteúdos, o desenvolvimento de câmaras 360° acessíveis e motores de jogo (*Unity*) tem igualmente proporcionado a sua disseminação (p. 3).

No artigo intitulado *The immersive turn: hype and hope in the emergence of virtual reality as a nonfiction platform*, Mandy Rose (2018) analisa a natureza experimental da RV como plataforma de não-ficção. Para autora, o seu surgimento provém do crescente interesse de artistas, tecnólogos criativos e, mais recentemente, de documentaristas e jornalistas em explorar o potencial da computadorização para o conteúdo de não ficção, ao moldarem o documentário às plataformas digitais (p. 133). O aparecimento dos VRNF apresenta, pois, vários desafios e oportunidades para esses criadores, tais como para investigadores, designers, produtores e curadores de media digitais (Bevan & Green, 2018, p. 162).

Os VRNF podem então ser vistos e criados através de três formas distintas: 360° Vídeo (ou captura esférica), CGI (imagens criadas através de computadores) e captura volumétrica (*3D Scanning* através de *photogrammetry/videogrammetry* e LIDAR (pp. 134-135). A sua visualização deve realizar-se através de HMD (Bevan et al., 2019, p. 3), apesar de não ser a única maneira de se poder experienciar estes conteúdos (Bevan & Green, 2018, p. 163). É através destes ambientes em 360° graus que se cria a perceção que o utilizador está presente dentro desse ambiente, em vez de ver os acontecimentos a passarem num écran. Esta poderosa ilusão, característica da RV, é conhecida como a sensação de presença (Rose, 2018, p. 135).

A visão de Rose (2018, pp. 137-138) sobre as potencialidades da RV permite descrever os VRNF como agentes de avanço humano, melhoria humana e melhoria de vida através das suas representações miméticas do nosso mundo. É através desta capacidade de agenciamento

que se pode utilizar os conhecimentos de Nash (2018/b) (testemunho imersivo) como um discurso para a empatia (p. 142). Esta visão adquire complemento se considerar os VRNF como um médium que oferece um acesso privilegiado à experiência do *outro*, gerando empatia com o sujeito retratado no documentário (p. 141) em que o público, segundo Archer e Finger (2018), se encontra mais motivado para querer saber mais sobre o sujeito retratado e tomar uma ação política e social após a visualização (Rose, 2018).

Os VRNF, baseados na narrativa imersiva, “offers its audience an opportunity to access worlds that are unreachable from their normal, everyday perspectives, and to experience how human beings are challenged by various, often dramatic circumstances” Turska (2019, pp. 24-25). Bevan et al. (2019, pp. 1-4, *passim*) sugere que a combinação de elementos imersivos e interativos com métodos tradicionais de *visual storytelling* permite falar de um media emergente no âmbito das tecnologias imersivas para a divulgação de narrativas reais (*non-fiction media-making*, i.e., jornalismo e o documentário). Esse media emergente (VRNF) pressupõe o recurso a uma experiência em 360° que estimula os sentidos do utilizador, uma vez que entra num ambiente virtual e/ou simulado de forma tridimensional (Bevan et al., 2019, pp. 1-4, *passim*). Diferenciando-se de outros trabalhos em RV, os VRNF pretendem imergir os seus utilizadores em histórias reais, oferecendo-lhes a possibilidade de as experienciar noutra perspetiva, potencializando oportunidades de transformação social e pessoal e o seu engajamento empático (McRoberts, 2018, p. 101).

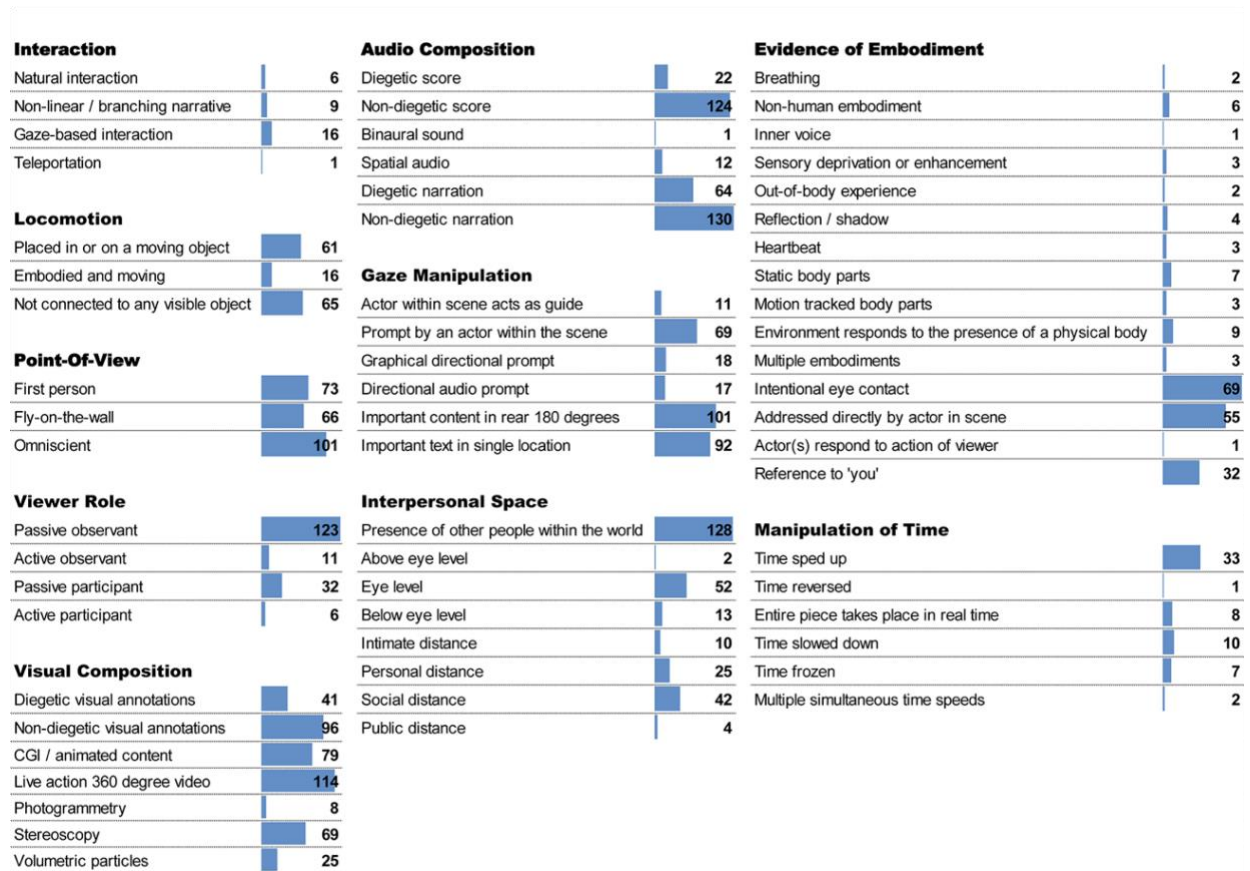
3.1. *NON-FICTION VR*: COMO OS CATEGORIZAMOS?

No âmbito da sua pesquisa, Bevan e Green (2018, pp. 162-163) procuraram compreender como as características únicas da RV são utilizadas para a construção dos VRNF, compilando e sistematizando dados no sentido de elaborar a *bibliografia de media online*⁴⁷, com 603 VRNF registados entre 2012 e 2018. O artigo *Behind the Curtain of the Ultimate Empathy Machine*: *On the Composition of Virtual Reality Nonfiction Experiences* procede, depois, à identificação e categorização das combinações que os VRNF estabelecem entre os elementos interativos e as técnicas de *visual storytelling* (vídeo, animação, áudio, edição, narração...) (Bevan et al., 2019). A amostra permitiu identificar 64 propriedades dentro de 10 categorias (Figura 8): Papel do visualizador; Ponto de vista; Composição visual; Composição auditiva; Manipulação do

⁴⁷ Mediografia disponível em: <http://vrdocumentaryencounters.co.uk/vrmediography/> . Acesso a 23/08/2022

olhar; Evidência de corporização; Interação; Locomoção; Espaço interpessoal; Manipulação temporal.

Figura 8 | Características dos VRNF



Fonte: Por Bevan et al., 2019, p. 7

O **papel do visualizador** (*viewer role*) dispõe de duas dimensões: a forma como está presente/existe no universo virtual [Observador / Participante] e o nível de influência/controle [Ativo / Passivo]. É composto por *observador passivo*, o utilizador assemelha-se a um fantasma e não tem um papel ativo na experiência, ou seja, passa despercebido por outros atores no espaço virtual. O *observador ativo* é similar ao *observador passivo*, mas possui possibilidades de interação (e.g. utilizar o olhar para ativar a passagem da experiência). No caso do *participante passivo*, o utilizador é visível por outros atores no espaço virtual, mantendo-se o resto da experiência passiva, isto é, sem habilidade de alterar o seu seguimento. O *participante ativo* é similar ao *participante passivo*, mas com a habilidade de afetar o que acontece durante a experiência e o seu resultado. Na maioria dos casos é oferecido um papel de *observador passivo*, sendo possível observar transições de *observador passivo* para *participante passivo*.

O **ponto de vista** (*point of view ou POV*) é dividido em três perspetivas distintas, ainda que possam ser conjugadas: a) *first-person* (primeira-pessoa) – a experiência é vista através

dos olhos da pessoa no espaço virtual e a câmara está posicionada numa altura apropriada ao sujeito da experiência (adulto, criança ou animal); b) *fly-on-the-wall* (como-uma-mosca-na-parede) – o utilizador não está corporificado dentro da experiência, com a câmara posicionada num local estratégico (fora de um carro, numa parede...); é utilizada para criar uma sensação de estar a presenciar algo sem narração a acompanhar; d) *omniscient* (omnisciente) – similar ao *fly-on-the-wall*, mas acompanhado por narração. A possibilidade de conjugação de pontos de vistas é verificada em 50% da amostra, sendo 23% exclusivamente através da Omnisciente.

A **composição visual** (*visual composition*) classifica a técnica utilizada para a criação do ambiente virtual, *360° Vídeo* e/ou Animação/CGI, podendo incluir suportes narrativos. No caso dos *360° Vídeo*, 73% dos projetos da amostra recorrem a filmagens reais e 53% incluem alguns elementos em CGI ou em animação. A nível dos suportes narrativos, 63% utilizam anotações gráficas não-diegéticas (e.g. legendagem de nomes) e 27% anotações gráficas diegéticas (e.g. textos a aparecer nos cenários).

Na **composição auditiva** (*audio composition*) são demonstradas as técnicas utilizadas para a construção do ambiente sonoro (tecnologia, narração e banda-sonora). A nível tecnológico, a grande maioria foi composta por som em estéreo, com apenas 8% da amostra a utilizar *spatial áudio* (ambiente sonoro construído de forma omnidirecional e que responde ao posicionamento da cabeça), além de um caso de *áudio binaural* (omnidirecional, mas sem resposta ao movimento). A nível da banda-sonora, 82% incluem banda sonora não-diegética, com apenas 14% de forma diegética, e 86% recorreram a uma narração não-diegética (*voz off*), com 43% de forma diegética (e.g. proveniente de um ator no ambiente virtual).

A **manipulação do olhar** (*gaze manipulation*) refere-se à forma como utilizador é estimulado a rodar o corpo no ambiente virtual; 66% utilizam técnicas de estimulação de olhar para trás, sobretudo através de texto, sendo que, para chamar a atenção do utilizador, 46% recorrem à movimentação de atores dentro do espaço virtual, 12% através de grafismos e 11% de notas sonoras.

A **evidência de corporificação** (*evidence of embodiment*) refere-se aos mecanismos usados para o utilizador representar o seu corpo virtual e a presença física num ambiente virtual. Em 46% dos casos esta evidência é dada através do contacto visual intencional, podendo, também, ser facultada através de som, reflexos ou ser abordado diretamente por um ator em cena (37%). Em 7% dos casos é oferecido ao utilizador um corpo visível, seja este completo e/ou parcial.

A categoria **interação** (*interaction*) tem como objetivo identificar os mecanismos utilizados para dar agência (capacidade de agir) ao utilizador além da movimentação da sua cabeça. Em 15% dos casos a interação é dada através do olhar.

No caso da **locomoção** (*locomotion*), ou habilidade do utilizador se movimentar dentro do ambiente virtual, apenas 29% mantiveram o utilizador de forma estática. Em 43% dos casos a locomoção é acoplada a um objeto não-visível, revelando 40% da amostra que a movimentação foi auxiliada (e.g. drone, carro). Apenas em 11% dos casos a corporificação é acompanhada pela capacidade de movimentação.

O **espaço interpessoal** (*interpersonal space*) está relacionado com zonas de espaço interpessoal (Hall, 1969) (comunicação proxémica) e pode ser analisado em dois níveis: a nível horizontal, no âmbito do espaço de e para interação, verifica-se que em 85% da amostra o utilizador é acompanhado pela presença de outras pessoas. A nível vertical, relacionado com a interação do olhar, 78% das interações ocorrem ao nível do olhar do utilizador, 18% abaixo do nível do olhar e em apenas dois casos acima do nível do olhar do ator virtual. No contexto das zonas de espaço interpessoal, 27% estão a cerca de 1 metro de distância, ou distância social (de conhecido), 16% a cerca de um braço de distância, ou distância pessoal (amigo próximo), 11% a uma distância íntima (abraçar ou sussurrar) e 3% a uma distância pública (mais de 3,5 metros).

Na categoria de **manipulação temporal** (*manipulation of time*), relacionada com a experienciação da noção de tempo, observa-se uma manipulação do fluxo temporal em 35% dos casos, recorrendo a aceleração do tempo (22%), usualmente através de *time-lapses* (técnica cinematográfica de longas exposições num curto espaço de tempo).

Para Rose (2018), os VRNF também podem ser caracterizados segundo as suas práticas de imersão sensorial. Nas produções em *360º Vídeo*, onde a visão é o sentido predominante, podem ser classificadas como dentro do desenvolvimento de práticas visuais - *technologies of seeing*. No caso das produções em CGI e captura volumétrica⁴⁸, que permitam ao utilizador mover-se dentro do ambiente virtual e/ou interagir com este, podem ser classificadas como práticas multissensoriais - *technologies of corporeality* (p. 136).

Este conjunto detalhado de elementos assume-se relevante para contextualizar, categorizar e permitir a análise crítica e técnica das diferentes criações de VRNF. É a partir destas categorias apresentadas que podemos iniciar o questionamento estético e o discurso reflexivo necessários para as escolhas de produção desta prática multidisciplinar,

⁴⁸ <https://rd.nytimes.com/projects/reconstructing-journalistic-scenes-in-3d> . Acesso a 23/08/2022

principalmente quando procuram uma correlação com a potencialidade que Chris Milk (2015) confere a estes projetos, descrevendo-os como “the ultimate empathy machine”.

3.2. *NON-FICTION VR*: OUTROS CONCEITOS E APLICAÇÕES

Como ponte para a compreensão das possíveis temáticas de desenvolvimento dos VRNF, devemos explorar o seu potencial como testemunho imersivo (Nash, 2018/b) e a sua aplicação em áreas como o ativismo e a mudança social, o documentário imersivo/em RV e o jornalismo imersivo (De la Peña e al., 2010). Além de servirem como uma base de contextualização para os VRNF, oferecem algumas pistas para o potencial reflexivo e a construção do projeto, juntamente com alguns exemplos de produções em RV relevantes para outros criadores/investigadores.

3.2.1. ATIVISMO E MUDANÇA SOCIAL

Slater e Sanchez-Vives (2016) abordaram investigações que utilizam a RV no estudo do preconceito racial, demonstrando a utilidade da RV como uma poderosa ferramenta para a simulação de cenários sociais. Reis (2021, pp. 1-2) explorou, por sua vez, como o potencial afetivo destes media imersivos – através do poder do *storytelling* em RV de induzir empatia – pode ser utilizado para impulsionar a mudança social em questões socioculturais críticas, tais como a desigualdade, pobreza, responsabilidade e transparência governamental.

O autor refere algumas questões que podem ser importantes na aplicação e criação destes tipos de projetos. Segundo Reis (2021, pp. 41-44, *passim*), as produções devem partir do trabalho colaborativo, da audiência tornar-se o criador e a fonte principal de advocacia sobre os seus problemas socioculturais, sendo que as estratégias criativas utilizadas devem ter em conta quem necessita de experienciar as histórias, sejam atores políticos ou pessoas no poder que possam trazer mudança significativa, em vez de pensar numa audiência global e indiferenciada. Compreender como as emoções podem ser evocadas a partir de lugares e os indivíduos experienciam o mundo em seu redor (Wilson, 2019 apud Reis, 2021, p. 43) são propósitos que definem o conceito de *geografia emocional*, o qual deve constituir-se como objetivo a atingir dentro da história imersiva e o meio de estabelecer as melhores práticas para a criação de histórias imersivas informadas.

Reis (2021) aborda, por outro lado, a importância da empatia, neste caso do conceito de *empatia compassiva* (compaixão) enquanto ferramenta de criação e ligação profunda entre a história e a audiência (pp. 42-43) – a importância da empatia será devidamente abordada no subcapítulo *Mas o que é a empatia? E como Chegamos à Bondade?*. Chen et al. (2021) falam da consciencialização da empatia e do seu papel de mediação, ponte, convocando o potencial da RV para a criação de proximidade (*closeness*) com o intuito de melhorar atitudes e proximidade sobre imigrantes. Os autores dizem-nos que a empatia é a ponte mediadora, como tomada de perspectiva da maioria perante as minorias, de corporificação de como as nossas atitudes se sobrepõem às de um grupo minoritário (p. 13).

No decorrer dos últimos anos têm surgido diversas iniciativas com o objetivo de potencializar a mudança social através da RV “to raise awareness and educate people about serious social issues, trying to elicit compassion, influence behavior change, and ultimately try to trigger a reaction/action from the public” (Reis, 2021, pp. 39-40). A plataforma *VR for Good*, da Meta, disponibiliza, no seu laboratório de criadores⁴⁹, trabalhos como *Girl Icon* (2019), por Sadah Proctor em colaboração com a Fundação Malala, e a série de RV *Authentically Us – Voices From The Transgender Community* (2018)⁵⁰, por Jesse Ayala em colaboração com a Pride Foundation.

O *VR for Impact*, da VIVE/HTC⁵¹, criada a partir dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU)⁵², desenvolveu projetos como *Accused #2* (2018)⁵³ (uma animação da história e julgamento do ativista contra o *Apartheid*, *Walter Sisulu*), *Where Thoughts Go* (2018)⁵⁴ (experiência imersiva sobre os pensamentos das pessoas), *My Africa: Elephant Keeper* (2018)⁵⁵ (sobre o trabalho do Santuário de Elefantes de Rfeti, no Quênia, da *Conservation International*) ou *Tree* (2017)⁵⁶ (sobre a consciencialização ambiental, o utilizador transforma-se numa árvore da floresta tropical, numa colaboração com a *Rainforest Alliance*).

⁴⁹ <https://www.oculus.com/vr-for-good/creators-lab-2-0/> - Neste link é possível consultar as produções criadas no decorrer da segunda edição do seu laboratório de criadores. Acesso a 19/08/2022.

⁵⁰ <https://www.authenticallyus.com> – Sítio oficial da série de RV *Authentically Us*. Acesso a 19/08/2022.

⁵¹ <https://vr4impact.com> – Link do projeto e outros exemplos deste tipo de produções. Acesso a 19/08/2022.

⁵² <https://sdgs.un.org/2030agenda> – Link para a versão atualizada dos objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. Acesso a 19/08/2022.

⁵³ <https://vr4impact.com/blog/the-accused-2>, – Sítio oficial do projeto e link para visualização do filme completo: <https://www.youtube.com/watch?v=FfgUb3j3AEo>. Acesso a 24/11/2022.

⁵⁴ <https://youtu.be/BTKreWZ0JBoMg> - Link para o Trailer do “Where Thoughts Go”. Acesso a 19/08/2022

⁵⁵ <https://vr4impact.com/blog/my-africa-elephant-keeper> - Link para o filme completo. Acesso a 19/08/2022.

⁵⁶ <https://www.treeofficial.com> – Link oficial do filme *Tree* da Rainforest Alliance. Acesso a 19/08/2022.

De outras instituições chegam projetos como *360° Syria*⁵⁷ (Amnistia Internacional) e *UNVR - United Nations Virtual Reality Series*, o projeto educacional e social da ONU (implementado pela *Campaign SDG Action*) fundado em colaboração com o investigador e realizador Chris Milk. Desta iniciativa foram produzidos trabalhos reconhecidos internacionalmente, nomeadamente *Clouds Over Sidra* (2015)⁵⁸, sobre a história de uma criança de 12 anos no campo de refugiados sírios de Za'atari, na Jordânia (em colaboração com a UNICEF), além de *Waves of Grace* (2015)⁵⁹, que conta a história de uma sobrevivente da epidemia do Ébola que usa a sua imunidade para cuidar de crianças órfãs.

As produções de ativismo e de mudança social são parte integrante de produções de não-ficção e de jornalismo dentro dos VRNF e, como referem Canet et al. (2020, p. 172), “documentaries have always been used as a tool for social activism, assuming important roles in political and ethical debates. The documentary form is continuously used as a tool to present and question different aspects of society”.

3.2.2. Documentário Imersivo / em RV

Neste subponto cumpre enquadrar o documentário em RV dentro do género cinematográfico documental. Turska (2019) considera o cinema de não-ficção, conhecido como documentário, uma tipologia de media que proclama fornecer reflexões e informações sobre a sociedade contemporânea. Ancorada na ideia de que através da observação do mundo podemos produzir conhecimento universal e revelar a verdade histórica (observacionalismo), a autora realça os conhecimentos de Bill Nichols (2017) sobre a impossibilidade de existir uma definição única para caracterizar os documentários, devido à sua capacidade de evolução fluída e dinâmica (2019, pp. 16-17).

A mesma autora sugere três propriedades que um documentário deve herdar: a) documentários são sobre a realidade, sobre algo que realmente aconteceu; b) documentários são sobre pessoas reais; e c) documentários contam histórias sobre o que aconteceu na realidade (Turska, 2019, p. 16). No âmbito da RV, a tradição observacionista é contestada pelo conceito de *documentary imagination*, do documentário como um “tratamento criativo da atualidade”⁶⁰

⁵⁷ <https://www.amnesty.org.uk/blogs/ether/360-syria-media-activists-war-crimes-barrel-bombs>, Link com informações sobre o projeto *360Syria*. Acesso a 19/08/2022.

⁵⁸ Link para visualização do filme completo: <https://youtu.be/mUosdCQsMkM>. Acesso a 19/08/2022.

⁵⁹ Link para visualização do filme completo: <https://youtu.be/0lwG6MfGvwI>. Acesso a 19/08/2022.

⁶⁰ *Creative treatment of actuality* (Grierson, 1930 apud Turska, 2019, p. 17).

(Grierson, 1930 apud Turska, 2019, p. 17), sendo, porém, possível reconhecer aos documentários a capacidade de representar a realidade de diversas maneiras inventivas e alternativas. Esta visão é observável a partir da alteração do foco na observação de verdades perceptíveis e universais para uma ênfase no conhecimento situado e nas realidades invisíveis (pp. 17-18). É neste campo que os documentários em RV procuram redefinir a relação realizador-sujeito, ao convidar os utilizadores a serem cocriadores do processo de *storytelling*, juntando a intenção de documentar o real e a utilização de tecnologias interativas e imersivas (pp. 18-19).

“VR docs aim to represent reality and history in different ways, make different implicit claims to mediation and manipulation of the imagery they capture or to supposed transparent representation of life, enable different spectatorial affordances and emphasize different aspect of the VR experience” (Turska, 2021, p. 65).

Com referência a Turska (2021) e a ênfase na justiça social, Canet et al. (2020, p. 170) abordam as quatro tendências fundamentais do documentário de Michael Renov (1993), a saber: 1) registrar, revelar ou preservar; 2) persuadir ou promover; 3) analisar ou interrogar; 4) para expressar. Trata-se de tendências que, conjugadas com as novas tecnologias digitais, permitem desenvolver e experienciar novas formas e estilos de expandir o objetivo original, de documentar a realidade, e de desempenhar um papel ativo social ao posicionar-se numa zona intermedia entre o *real* e a *tecnologia digital* (Canet et al., 2020, pp. 171-172). A RV apresenta-se, neste sentido, também como como ferramenta educacional cívica, de mudança social, que examina e critica a sociedade através de histórias e pessoas reais (p. 172).

No contexto da relação entre o documentário em RV e o *storytelling*, Nash (2018/a) vê a RV como um médium que tem muito mais em comum com o teatro do que com a história primária da prática audiovisual documental. A autora afirma que a influência do teatro de não-ficção será tanto mais significativa quanto maior for o desenvolvimento das práticas de documentário em RV, ou seja, o *spatial storytelling*, encarado como desafio para estes tipos de documentários (Nash, 2018/a, p. 101).

Partindo do projeto *Docubase*⁶¹ e do relatório *Virtually There: Documentary Meets Virtual Reality* (2016), os documentários em RV podem ser produzidos através dos seguintes métodos: a) *360º Vídeo*: captação em vídeo em todas as direções numa imagem esférica

⁶¹ Link de acesso ao projeto do MIT Open Documentary Lab - <https://docubase.mit.edu> . Acesso a 22/08/2022.

contínua. A imagem está limitada à navegação rotacional (olhar para os cima-baixo e lados)⁶²; b) *3D capture* (captura volumétrica): engloba as várias técnicas para a captura de dados do mundo real de forma a criar modelos de espaços pessoas e objetos em RV (*3D scanning*⁶³, utilização de lasers e/ou radares; *Photogrammetry - Videogrammetry*⁶⁴, colagem de imagens/vídeos tirados de várias posições e compostos digitalmente); c) CGI: A criação de imagens geradas por computador baseadas em espaços reais como imaginários; tal como a captura 3D, podem permitir navegação posicional em que o utilizador se pode movimentar pelo espaço criado virtualmente⁶⁵.

Turska (2019) propõe uma alteração da estrutura de representação cinematográfica de documentários criada por Bill Nichols⁶⁶, de forma a comportar as particularidades dos documentários em RV, especificamente os modos *interactive*, *expository* e *observatory*. O modo *interactive* remete para duas perspetivas: a) *responsive* (responsivo), conectado com o conceito de *response-as-if-real* (RAIR) (De la Peña et al., 2010), apresenta uma definição operacional do conceito de presença – está relacionado com a resposta realista dos participantes dentro de um ambiente virtual; b) *Social*, relacionado com a possibilidade da RV permitir a imersão coletiva, com vários utilizadores em simultâneo – meta-interação de interação social.

O modo *expository* passa a *interactive exhibiting* (exibição interativa) e consiste na análise através da interação dentro do design da navegação. Já o *observational* corresponde ao testemunho imersivo interativo (*interactive immersive witnessing*) e está ligado com a reconfiguração do olhar documental como uma nova forma de testemunhar virtualmente o mundo social (pp. 89-101, *passim*).

⁶² Exemplos: *Nomads: Sea Gypsies* (2016), link de acesso - <https://www.oculus.com/experiences/gear-vr/820253268102944/>; *Black Rock* (2016), link de acesso - <https://youtu.be/6WKJ0ii8SYg>. Acesso a 20/08/2022.

⁶³ Exemplos: *In The Eyes Of The Animal* (2015), link de acesso - <https://youtu.be/gfyuuo1LwCE>; *Assent* (2013), link de acesso <https://vrtov.com/projects/assent>. Acesso a 20/08/2022.

⁶⁴ Exemplos: *RecoVR: Mosul* (2015), link de acesso filme completo - <https://youtu.be/0EazGA673fk>; , link de acesso trailer *The Enemy* (2017) - https://youtu.be/zG0w_l-o4ks. Acesso a 20/08/2022

⁶⁵ Exemplos: Trailer versão RV do *Notes on Blindness* (2016), link de acesso - <https://youtu.be/9ViF0GBt6fQ>; *Project Syria* (2012), link de acesso - <https://youtu.be/v2KG0QM9wP8> . Acesso a 20/08/2022.

⁶⁶ Para Nichols (2017 apud Turska, 2019, pp. 45-46), as produções de documentários podem ser divididas em sete tipologias cinematográficas: *observatory*, observação e acompanhamento de atores sociais no seu dia-a-dia; *expository*, relato de um assunto através de comentário de imagens ou ilustrações; *reflexive*, chamar a atenção para questões, convenções, suposições e expectativas subjacentes aos documentários; *poetic*, criação de uma experiência esteticamente agradável em relação a algum aspeto do mundo histórico; *participatory*, envolvimento entre o realizador e os seus sujeitos para o desenvolvimento da história ou perspetiva; *performative*, envolvimento expressivo do realizador com um problema, situação ou evento; *interactive*, estruturar uma experiência interativa web para potencializar a compreensão do mundo histórico.

3.2.3. TESTEMUNHO IMERSIVO

O conceito de reconfiguração de olhar foi introduzido por Kate Nash (2018/b) e, como meio de experiencição, reconhece à RV a virtude de poder alterar a resposta do utilizador através do testemunho do *outro*. A capacidade de testemunhar, ligada à habilidade de simular a experiência subjetiva do *outro*, é um potencial que Nash (2018/b, p. 119) atribui à RV enquanto produtora de formas de testemunho imersivo. A criação de uma *response-ability* (habilidade de resposta) proveniente de ato de falar sobre algo que foi visto pode ser concetualizada como uma forma de articulação empática, proveniente da sensação de presença, que sugere o valor da RV como uma plataforma de testemunho (p. 120).

Segundo Peter (2001, 2011), citado em Nash (2018/b, pp. 121-122), é através da proximidade física e temporal de um evento que atestamos a sua veracidade, obtendo uma resposta ativa ao invés de contemplação, porque quanto maior for a distância mais difícil é sustentar uma responsabilidade moral. Nash (2018b, p. 123) socorre-se ainda de Bolter & Grusin (2000) para reforçar a ideia de que a RV permite colocar dentro de *novos eus* conforme se assume novas perspetivas visuais, isto é, a ocupação imaginativa do *outro* permite ao utilizador compreender que a sua posição, privilegiada, é apenas uma de muitas, imergindo-o no mundo do *outro* invés de distanciar deste.

É possível, deste modo, compreender que as experiências de media imersivos envolvem emocionalmente as pessoas com as histórias (Reis, 2021, p. 32), transformando-se em momentos cuja capacidade de corporificação (Nash, 2018/b, p. 124) e experiencição na primeira pessoa produzem o potencial da RV enquanto forma de testemunho imersivo, onde o utilizador é colocado numa posição de intimidade única com o sujeito (Tuska, 2021, pp. 100-101). Esta dimensão da intimidade e relação com a sensação de presença será útil para enquadrar o trabalho desenvolvido sobre jornalismo imersivo.

3.2.4. JORNALISMO IMERSIVO

O termo *Immersive Journalism* (JI) foi introduzido pela jornalista norte-americana Nonny de la Peña (Costa, 2019, p. 89) e corresponde aos esforços da investigadora em estabelecer uma relação, no contexto da RV, entre a imersão e o jornalismo. Vários autores consideram-na pioneira na aplicação do conceito (Reis, 2021, p. 29), atribuindo ao JI “um papel importante na restituição do envolvimento emocional do público com os eventos atuais, principalmente por

proporcionar a presença, mesmo que virtual, do público no local dos acontecimentos” (Costa, 2019, p. 90). De la Peña et al. (2010, p. 291) definem o JI como “the production of news in a form in which people can gain first-person experiences of the events or situation described in news stories”.

A intenção do utilizador/consumidor *entrar* no cenário da notícia (De la Peña et al., 2010, p. 292) permite a imersão dentro do relato noticioso, oferecendo-se como uma plataforma discursiva para temas sensíveis (Gynnild et al., 2021, p. 2). Ao criar uma relação próxima entre o utilizador e o conteúdo (Costa, 2019, p. 157), o JI procura inspirar/motivar de uma forma mais intensa e autêntica as pessoas no sentido de fazerem a diferença, preocuparem-se e agirem socialmente (Turska, 2019, pp. 22-23), uma visão também partilhada por Nash (2018/b, p. 119) dentro do testemunho imersivo.

Sendo o único sistema que permite proporcionar a experienciação em primeira pessoa na ação das narrativas noticiosas (De la Peña et al., 2010, p. 299), o seu pioneirismo, como um novo tipo de media, surge pela apresentação da informação através da dimensão imersiva e pelo favorecimento do engajamento emocional (Slater & Sanchez-Vives, 2016, pp. 31-34). Reis (2021, p. 36) afirma que a sensação de imersão e de presença, oferecida pelo jornalismo imersivo, permite um grau superior de impacto e compreensão, em comparação com outros media não imersivos, abrindo portas à criação de narrativas jornalísticas que retratem problemáticas socioculturais.

O facto de as pessoas tenderem a responder realisticamente a situações virtuais (De la Peña et al., 2010, p. 293) corresponde ao que os investigadores designam por *response-as-if-real* (RAIR) (Broch, 2020, p. 16) – a maneira como podemos potenciar essa resposta será devidamente explorada no ponto A presença *com uma* Response-As-If-Real. A sensação de presença pode, de facto, “auxiliar no processo de interiorização do conhecimento promovido pelas notícias”, na medida em que, ocupando o lugar do *outro*, os indivíduos “podem partilhar experiências” (Costa, 2019, pp. 161-162).

O jornalismo imersivo afigura-se como uma interessante proposta na medida em que “transporta visualmente o público para determinado ambiente” (Costa, 2019, p. 97). Tradicionalmente feito através de RV (e.g. *360º Vídeo, CGI, Captura 3D*), Gynnild et al. (2021) introduzem uma visão tecnológica mais contemporânea ao englobar dentro do JI outras tecnologias imersivas, tais como a realidade cinemática⁶⁷, RA e a RM. A RV fornece uma

⁶⁷ Sobre o termo realidade cinemática ver link: <https://www.springwise.com/tech-explained-cinematic-reality/>. Acesso a 21/08/2022.

maior sensação de imersão dentro do JI, proporciona “pontos de vista até então indisponíveis na narrativa” (Castells et al., 2012 apud Costa, 2019, p. 86) e talvez uma compreensão que não pode ser expressa verbalmente ou por imagens (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 32).

Apesar do interesse comercial, a principal motivação para a escolha deste formato reside na possibilidade de evocar empatia nos seus públicos (Costa, 2019, p. 160). Espoletar a empatia foi, como afirma Broch (2020, p. 16), a intenção de Nonny de la Peña com a produção do *Hunger in LA* (2012)⁶⁸, onde presenciamos uma pessoa em coma diabético enquanto aguardava numa linha de um banco alimentar, baseado em registos áudios reais.

Costa (2019) apresenta exemplos de trabalhos em jornalismo imersivo como *The Displaced* (2016)⁶⁹, do *The New York Times*, sobre a história de três crianças que tiveram de abandonar a sua casa por motivos de guerra, e *Fukushima – Vidas Contaminadas* (2016)⁷⁰, do espanhol *El País*, sobre como o tsunami de 2011 alterou a vida dos Japoneses.

No caso desta pesquisa, cumpre referir alguns trabalhos em jornalismo imersivo que serviram de inspiração para a sua realização: *Inside Xinjiang’s Secret Detention Camps* (2021, *New Yorker*)⁷¹, a história de três antigos prisioneiros dos campos de reeducação para Uighurs e outras minorias muçulmanas na China; *6x9: A Virtual Experience Of Solitary Confinement* (2016, *The Guardian*)⁷², debruça-se sobre a simulação das experiências de reclusos norte-americanos em confinamento solitário; *We Wait* (2016, BBC)⁷³ procura transportar o utilizador para o lugar de um migrante sírio que procura fazer a travessia pelo Mar Mediterrâneo; *The Wall* (2017, *The Arizona Republic* e *USA Today Network*)⁷⁴, série de produções jornalísticas sobre a construção da barreira/muro na fronteira entre o México e os EUA – a primeira peça de JI a ganhar um prémio Pulitzer (2018); *Kiya* (2015, de Nonny de la)⁷⁵, o público é

⁶⁸ Link sobre experiência imersiva – <https://youtu.be/SSLG8auUZKc> – e explicação de De la Peña sobre a produção: <https://vimeo.com/104196891> Acesso a 21/08/2022.

⁶⁹ Link filme completo: <https://youtu.be/ecavbpCuvkI>. Acesso a 21/08/2022.

⁷⁰ Link versão português – <https://youtu.be/XQfEijZTLMI> – e versão em inglês: <https://youtu.be/jH32c4rVHuI>. Informações sobre o projeto: https://english.elpais.com/elpais/2016/05/02/inenglish/1462201618_695572.html. Acesso a 21/08/2022.

⁷¹ Link do filme completo: <https://youtu.be/FGUyo5dxke8>. Para mais informações recomenda-se o artigo: <https://www.newyorker.com/news/video-dept/reeducated-film-xinjiang-prisoners-china-virtual-reality>. Acesso a 21/08/2022.

⁷² Link do filme completo, <https://youtu.be/odcsxUbVyZA>. Para mais informações recomenda-se o artigo: <https://www.theguardian.com/world/ng-interactive/2016/apr/27/6x9-a-virtual-experience-of-solitary-confinement>. Acesso a 21/08/2022.

⁷³ Visionamento de fácil acesso, é possível acompanhar a experiência através da reação de um utilizador: <https://youtu.be/22exVhD43Us>. Acesso a 21/08/2022.

⁷⁴ Link do trailer: <https://vimeo.com/pshannah/the-wall>, Link para informações sobre o Prémio Pulitzer: <https://www.pulitzer.org/winners/staffs-arizona-republic-and-usa-today-network>. Acesso a 22/08/2022

⁷⁵ Link filme completo: <https://youtu.be/qYsAlukRqog>. Para mais informações recomenda-se a consulta do projeto: <https://emblematicgroup.com/experiences/kiya/>. Acesso a 21/08/2022.

convidado a acompanhar a história de uma vítima de violência doméstica nos EUA através das gravações originais das chamadas para os serviços de emergência.

3.3. A POTENCIALIDADE TRANSFORMADORA ATRAVÉS DA *PRESENÇA*

A ideia de Bevan et al. (2019) sobre o potencial aplicativo dos VRNF e a capacidade de proporcionarem, através da dimensão imersiva, novas formas de experienciar o real e dar sentido ao mundo social, tornando-se, como refere Rose (2018, p. 137), agentes do avanço humano, encontra relação direta com o potencial de engajamento empático que McRoberts (2018) atribui aos VRNF, sobretudo por meio da sensação de presença. Considera McRoberts (2018) que essa sensação de presença oferecida pela RV é fundamental para estimular a transformação social e o desenvolvimento de um potencial pró-social (p. 101).

O sentimento de existência dentro de um ambiente virtual (sensação de presença) é o que permite definir a RV como uma experiência subjetiva especial, uma experiência humana (McRoberts, 2018, p. 101). *A perfeita ilusão da realidade* (Bazin, 1967 apud Nash, 2018/a, p. 98), consubstanciada na aparência de que fazemos parte de um mundo que antes víamos num ecrã, associada ao conceito de presença, permite falar da RV, segundo Nash (2018/a, p. 97), com uma experiencição da presença de forma mediada. É esta forma mediada de presença, através da RV, que oferece aos VRNF a possibilidade de fomentar uma relação particular entre os seus utilizadores e os sujeitos distantes (*distant others*) e da qual se destaca o potencial para projetos sociopolíticos (p. 99).

A sensação de presença ou experiência de presença mediada corresponde a uma correlação subjetiva da imersão, a sensação de *being there* (estar lá) (Slater & Sanchez-Vives, 2016, p. 5), num ambiente mediado pela RV (McRoberts, 2018, p. 104). Slater & Sanchez-Vives (2016) consideram que a imersão, proveniente das possibilidades técnicas da RV, confere ao participante a capacidade de inferir no seu sistema perceptual cerebral, percecionando, no fundo, o ambiente virtual como se fosse o ambiente real (p. 5). Dito por outras palavras, se a ilusão de presença provém da sensação de ser transportado para outro lugar (*being there*), então faz sentido falar de *ilusão espacial* (*place illusion*) (p. 37). A ilusão proveniente da imersão, mesmo sem habilidade de intervenção, de entrar num espaço novo através de um HMD – o elemento surpresa –, permite ao utilizador sentir-se como se estivesse lá, mesmo sabendo que não (pp. 37-38).

Reis (2021), citando Kim & Biocca (1997), acrescenta, por outro lado, que a sensação de presença ocorre numa combinação, quase instantânea, da sensação de saída do mundo físico e a de entrada num mundo virtual (p. 31). Já para Evans (2018), a presença está relacionada com o lugar, sendo que em RV, elevados graus de imersão e de presença resultam numa sensação de *mundialidade*⁷⁶. Para a obtenção deste *mundo*, o utilizador estaria imerso, sentir-se-ia presente e teria uma relação significativa com outras entidades e objetos desse *mundo*, o tipo de experiência que demonstra a excecionalidade da RV (Evans, 2018, pp. 94-95).

A sensação de presença é, então, um fator crucial para promover uma resposta empática, habilitando-se a desencadear um comportamento pró-social (De la Peña et al., 2010; McRoberts, 2018; Barrera-Ángeles et al., 2020). É a partir desta ideia que Nash (2018/b) fala de uma habilidade de resposta (de experienciar o outro), na obtenção de uma proximidade para atestarmos a sua veracidade através de uma resposta ativa, ao invés de contemplação, como plataforma para o testemunho (pp. 120-122).

Segundo McRoberts (2018), esta forma de presença mediada pode ser alcançada através do *storytelling* dos VRNF, oferecendo-se aos utilizadores como uma oportunidade para aceder a perspetivas e experiências que vão para além das suas. Permite, portanto, conhecer como é que outros seres humanos agem e interagem em situações de conflito, facultando ao utilizador ferramentas para dar sentido a acontecimentos que determinadas comunidades ou indivíduos têm de enfrentar (p. 102). Sendo objetivo deste trabalho a construção de um VRNF, cumpre agora analisar possibilidades de conferir à sensação de presença um carácter transformador.

3.4. A APLICAÇÃO DA *PRESENÇA* TRANSFORMADORA DE MCROBERTS

Procurando descrever como é que o conceito de presença se relaciona com os VRNF, a sua utilidade e aplicação, Jamie McRoberts (2018) explora as qualidades imersivas e interativas dos VRNF para explicar que a operacionalidade do conceito permite aproximar os participantes do mundo diegético. Trata-se de uma característica que possibilita olhar para os VRNF como a “ultimate empathy machine” (Milk, 2015) para a transmissão de narrativas sobre conflito, bem como para uma ampla gama de questões de justiça social (pp. 101-102).

A lógica por detrás desta habilidade reside no *non-fiction storytelling* em RV, capaz de colocar a audiência no centro história virtual mais próxima das difíceis realidades de histórias

⁷⁶ Tradução livre do termo *worldhood*: “(..) is the relational involvement that we have to things in the world and how we stand in relation to those things in the world as a being who understands the world” (Evans, 2015 apud Evans, 2018, p. 94).

de não-ficção impactantes, mais próxima dos sujeitos, dos seus desafios e dos seus conflitos, logo, uma nova forma de experienciar narrativas de não-ficção. Podemos então dizer que a razão de ser deste método de *storytelling* consiste na capacidade de colocar a audiência dentro da ação e do ambiente, convocando a sensação de existir com o *outro* num espaço, por meio de uma interação complexa entre a tecnologia, os conteúdos de RV e o utilizador/participante (McRoberts, 2018, pp. 102-104). Nas palavras de McRoberts:

“In non-fiction VR, storytelling offers people opportunities to enter alternate worlds, outside their normal perspectives and to experience how human beings act and interact in challenging circumstances; and in so doing, help make sense of events and happenings with which communities or individuals are having to contend” (p. 105)

O autor socorre-se também de outros trabalhos (2018) para concluir que a sensação de presença resulta de determinantes relacionadas com fatores externos (objetivos) e internos (subjetivos), sendo possível identificar três categorias de fatores que interagem dinamicamente e influenciam a construção da sensação de presença, nomeadamente: a) *user characteristics*, que corresponde às capacidades cognitivas e emocionais do utilizador e à capacidade de ultrapassar as suas faculdades críticas de forma a acreditar na simulação; b) *media form*, que consiste nas propriedades físicas a partir das quais o ambiente virtual é representado; c) *media content* às propriedades temáticas e narrativas retratadas no ambiente virtual (Ijsselsteijn e Riva, 2003, apud McRoberts, 2018, p. 104).

Para que a sensação de presença possa ser transformadora, McRoberts (2018) realça a necessidade de um trabalho atento sobre as seguintes variáveis de conteúdos de media (p. 105): *immersion, positionality of the user, interactivity e narrative agency*.

- ***Immersion*** (imersão) relaciona-se com a renderização audiovisual do ambiente virtual e com a forma como este espaço mediado consegue absorver a perceção do utilizador. No caso dos VRNF, este tipo de imersão espacial é obtido através de mimeses, o processo de mostrar em vez de contar (p. 106). A potencialização desta imersão será aprofundada no subponto *A Imersão dentro da Presença*.

- ***Positionality of the user*** (posicionalidade do utilizador) refere-se à maneira como o utilizador está situado no ambiente virtual e em que medida é que a narrativa espacial se dirige a este. O utilizador/participante assume o papel de personagem principal na narrativa espacial, onde a

experienciação das situações na primeira pessoa, com outros participantes, intensificam a sensação de presença (p. 110).

- **Interactivity** (interatividade) está associada à habilidade de mobilidade do utilizador para explorar o ambiente virtual, não só na sua fisicalidade, mas ainda na manipulação de objetos. O olhar torna-se a forma mais significativa de interação, porque é o utilizador/participante que decide quando e para onde olhar (p. 111) – *gaze-based interaction* (interação baseada no olhar) (Bevan et al., 2019).

- **Narrative agency** (agência narrativa) relaciona-se com a maneira como o utilizador pode co-construir a realidade e de que maneira este pode afetar/influenciar a narrativa. Numa estrutura narrativa não linear, o utilizador/participante tem controlo sobre a ordem sequencial do conteúdo, ou das trajetórias da história; numa narrativa linear, segue um curso predeterminado que pode envolver um nível baixo de agência narrativa, mas, em última análise, leva ao mesmo resultado (p. 112).

A maximização da sensação de presença e do seu potencial, isto é, procurar trazer criativamente para o *virtual* de forma cuidada os problemas e contextos de novas perceções sobre a experiência humana, oferece ao utilizador/participante oportunidades de alcançar níveis relevantes de envolvimento cognitivo e emocional para a expansão da consciencialização, ao mesmo tempo que promove a transformação pessoal e social (p. 114). As oportunidades de presença que gerem mais significado do que meios tradicionais de *storytelling* audiovisual podem restituir a resposta empática dos consumidores de narrativas de não-ficção e alargar o seu círculo de compaixão (McRoberts, 2018, p. 105). É esta a perspetiva que iremos explorar, tal como McRoberts (2018), a partir dos contributos de De la Peña et al. (2010), no contexto da sensação de presença como uma resposta como se fosse real.

3.5. A PRESENÇA COM UMA *RESPONSE-AS-IF-REAL*

No artigo *Immersive Journalism: Immersive virtual reality for the first-person experience of news*, De la Peña et al. (2010) destaca o potencial do JI no sentido de permitir ao participante realmente entrar num cenário criado virtualmente, representativo da história da notícia, ao mesmo tempo que apresenta aspetos a reter para a compreensão da sensação de presença dentro desta tipologia de produções e consequentemente aplicar aos VRNF.

Segundo Flatlandsmo & Gynnild (2021), a imersão e a presença, no âmbito da RV, diferenciam das outras produções jornalísticas. Os autores descrevem a imersão como a

sensação de sair do seu mundo físico e entrar num mundo virtual (Aronson-Rath et al., 2015, apud Flatlandsmo & Gynnild, 2021, p. 68), considerando a facilidade de interação e o potencial realístico das imagens enquanto fatores que estimulam a presença. Apesar de De la Peña et al. (2010)⁷⁷ não considerarem determinante a ideia de realismo das imagens, os autores reformulam a noção de imersão no sentido da habilidade de investigar a história e a de presença no sentido da sensação de realmente lá estar (*being there*) (p. 68).

Seguindo a ideia fundamental de De la Peña et al. (2010), segundo a qual uma restituição do envolvimento emocional da audiência implica a necessidade de fomentar a sensação de presença, cumpre agora descrever o enquadramento conceitual de *response-as-if-real*, (p. 293). Esta resposta é constituída por três fatores: *place illusion* (PI), *plausibility* (Psi) e *virtual body ownership*.

- **Place illusion** (ilusão espacial) é a ilusão baseada na propriedade sensorial de estar e operar dentro de um ambiente virtual (Slater, 2009 apud De la Peña et al., 2010, p. 294). Popat (2016), citado por Nash (2018/b), afirma que a ilusão espacial acontece devido a uma consciência inata da corporificação, a propriocepção (p. 122), similar ao que os autores da investigação definem como responsável pela correspondência com a contingência senso-motora – as regras implícitas de como mover o corpo de forma a alterar a percepção (De la Peña et al., 2010, p. 294). Barreda-Ángeles et al. (2020) chamam a esta propriedade *spatial presence* (presença espacial), e pode ser considerada uma consequência das propriedades imersivas nos ambientes virtuais, alcançada através da imersão e da interatividade (p. 684). Esta resposta física conseguem enfatizar a sensação de envolvimento dos utilizadores com os eventos (Nash, 2018/b, p. 124).

- **Plausibility** (plausibilidade) é a ilusão de que os acontecimentos estão realmente a acontecer, a sensação de que algo é real (Slater, 2009 apud De la Peña et al., 2010, p. 294). Relacionada com as dinâmicas dos eventos e da situação exposta, a Psi é a ilusão de que os acontecimentos são o que parecem ser, que estão a acontecer (pp. 294-295).

- **Virtual body ownership** (propriedade corporal virtual) é uma reação que surge da plasticidade do cérebro humano de reconhecer um corpo virtual como o seu (De la Peña et al., 2010, pp. 294-295). Este fenómeno é designado por Lugin et al. (2015) como *Avatar Anthropomorphism*, a alteração temporária da sua auto-percepção corporal ao ser transportado para um corpo virtual de um avatar com um género, idade, raça, forma corporal e até posturas diferentes da sua. (p. 1). Esta capacidade foi primeiramente descrita por Jaron Lanier como

⁷⁷ Para De la Peña et al (2010, pp. 293-294), “this response-as-if-real occurs even though the level of fidelity with respect to everyday physical reality is severely reduced”.

Homuncular Flexibility (Won et al., 2015, p. 1), merecendo também as reflexões de Slater & Sanchez-Vives (2016) quando abordam a flexibilidade que permite ao cérebro adaptar-se a configurações corporais diferentes e aprender a manipulá-las (p. 7). Estas representações virtuais corporais não precisam de ser necessariamente humanas, como observam Won et al. (2015 apud Rueda & Lara, 2020, p. 4): “(...) Or that look like humans but have, for instance, a third arm, or even stranger experiences such as having eight limbs like a lobster.

Estas três propriedades proporcionam, segundo De la Peña et al. (2010), os meios para a transformação da sensação da realidade e do espaço nos utilizadores, mas, também, de si próprios (p. 295).

3.5.1. A IMERSÃO DENTRO DA *PRESENÇA*

A imersão pode ser percebida como parte integrante da sensação de presença (Flatlandsmo & Gynnild 2021; McRoberts, 2018). Broch (2020), por exemplo, identifica dois tipos de Imersão, a espacial e a sensorial, cada uma com três graus distintos. Na imersão espacial, ocorrem os graus de presença, simulação e razoabilidade, ou seja, através de “técnicas de simulação e artifícios óticos, a Realidade Virtual é capaz de transportar o usuário para outro contexto espacial” (Domínguez, 2010 apud Broch, 2020, p. 21). A imersão sensorial subentende engajamento, adaptação e absorção, correspondentes “ao processo de subjetivação entre o usuário e a narrativa, o envolvimento psicológico entre o leitor e obra” (Domínguez, 2010, p. 157 apud Broch, 2020, p. 21).

Burbules (2004) explora a imersão afirmando que ocorre em consequência a uma resposta ativa a um determinado grau de engajamento com estes ambientes virtuais. Não é, portanto, algo que apenas acontece aos utilizadores (pp. 163-167, *passim*). O autor determina quatro fatores inter-relacionáveis responsáveis por esta dimensão da imersão: *interest*; *involvement*; *imagination*; *interaction*.

- ***Interest*** (interesse), uma experiência é interessante quando é complexa o suficiente para permitir a descoberta de novos elementos, mesmo quando repetida. Esta não é uma qualidade intrínseca, na medida em que o que pode ser interessante para uns pode não ser para outros. No entanto, “something that lacks interest cannot sustain a truly immersive experience” (Burbules, 2004, p. 166).

- ***Involvement*** (envolvimento) ocorre quando dispomos de uma razão para nos preocuparmos sobre o que estamos a experienciar, que nos diz respeito de alguma forma. Poderá vir da

estrutura narrativa, de uma meta, ou objetivo que dispõe significância. Pode também surgir de uma componente estética por ser prazerosa ou até não o ser, “but it involves us because it is important for other reasons” (p. 166).

- **Imagination** (imaginação) é engajada quando a experiência permite interpolar ou extrapolar novos detalhes. Proveniente das contribuições do próprio sujeito, permite a interpretação dos acontecimentos, questionar a informação não apresentada, conjurar uma imagem mental em relação ao som ou antecipar o que poderá ocorrer na sequência (p. 167).

- **Interaction** (interatividade) proporciona a oportunidade de participação dentro da experiência, seja perceptual, intelectual ou por meio de ações e respostas. O envolvimento do movimento, da atividade e das sensações corporais desencadeia respostas inconscientes que nos fazem sentir “que isto está realmente a acontecer”, abaixo do nível de análise consciente (p. 167).

Para Reis (2021), a definição do grau de imersividade que os utilizadores/participantes podem experienciar está subjacente à habilidade de um sistema bloquear estímulos externos e de cativar os seus sentidos (Biocca & Delaney, 1995 apud Reis, 2021, p. 30). A condição de imersão do utilizador/participante ocorre quando está assimilado ao ponto de sentir que não consegue parar de pensar nisso (p. 31). A imersão não requer, neste sentido, interatividade, e a interatividade não garante imersão. A imersão requer envolvimento do utilizador, pelo que experiências de media imersivo devem incorporar e conjugar uma imersão, sensorial, cognitiva e emocional (Reis, 2021, p. 31).

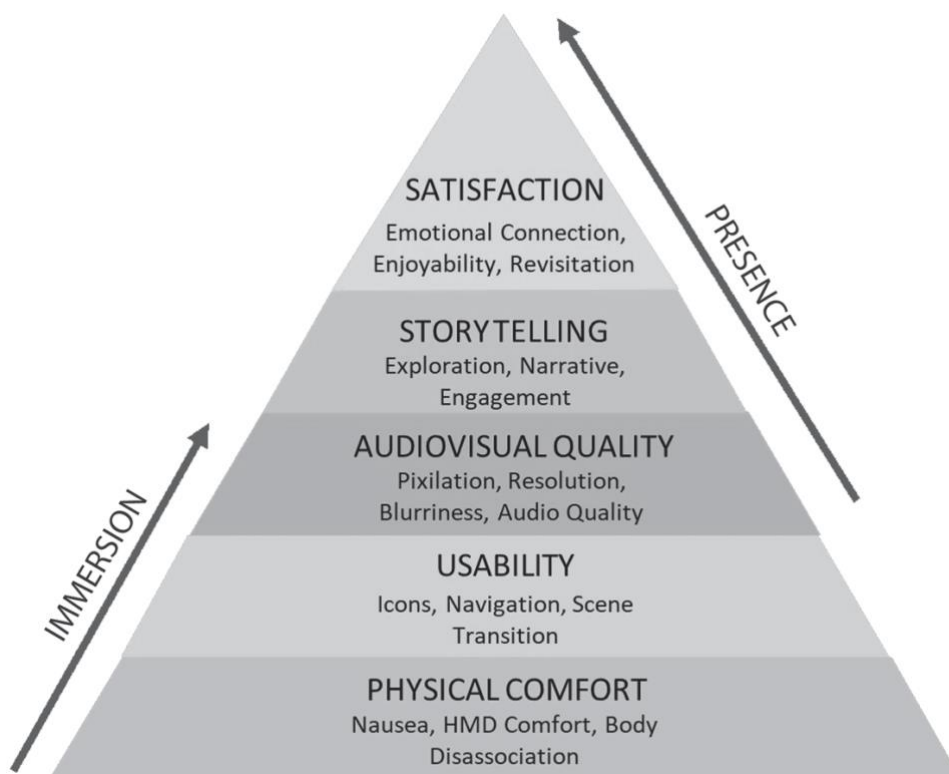
3.6. PRESENÇA NO ENVOLVIMENTO E EXPERIÊNCIA DO UTILIZADOR/PARTICIPANTE

Conjugando os conhecimentos partilhados por Burbules (2004) e Reis (2021) com o potencial social transformativo da presença (De la Peña et al., 2010; McRoberts, 2018), será necessário compreender como a experiência do utilizador poderá influenciar a sua capacidade de compreensão e envolvimento. Kelling et al. (2020) reconhecem que a imersão e a presença – as qualidades do *storytelling* imersivo –, quando conjugadas com os cinco elementos da experiência do utilizador/participante, potenciam a construção de uma experiência em RV com envolvimento profundo (p. 135). É na compreensão da receptividade a este *storytelling* imersivo que podemos criar experiências que fomentem esse envolvimento, que forme reações

emocionais interessantes e transforme emoções mais extrínsecas em sentimentos mais pessoais e intrínsecas (De la Peña et al., 2010 apud Kelling et al., 2020, p. 126).

Podemos, então, encontrar 12 parâmetros para compreender a receptividade nas experiências em RV (pp. 131-132): *usability* (usabilidade), o grau de funcionalidade e interatividade dos elementos; *exploration* (exploração), o desejo e a facilidade de exploração; *visual quality*, a qualidade visual, o nível de aceitação dos elementos visuais; *storytelling*, a influência da história e da narração; *audio*, a importância e significado da música e do narrador; *physical Comfort* (conforto físico), resposta física ao ambiente virtual e ao dispositivo; *enjoyability* (satisfação), valência emocional e grau de interesse sobre a experiência; *immersion* (imersão), alteração da realidade e grau de absorção no ambiente virtual; *moving in VR*, movimentação com e dentro do ambiente virtual; *confusion* (confusão), sentimento de desorientação e incerteza; *presence* (presença), a extensão de presença no ambiente virtual; *recognition & recollection* (reconhecimento e recordações), as reações baseadas em memórias pessoais e do seu conhecimento.

Figura 9 | Hierarquia de componentes de experiência do utilizador



Fonte: Por Kelling et al., 2020.

Deste conjunto de parâmetros resultou a construção de um modelo de hierarquia de componentes da experiência do utilizador (Figura 9), sob a forma de uma pirâmide composta por cinco níveis, e a sua relação com as duas propriedades do *storytelling* imersivo – imersão e presença (pp. 134-135). Na sua base está o *physical comfort* (Náusea, conforto do HMD, e dissociação corporal), que corresponde aos elementos físicos que podem afetar o envolvimento na experiência e, conseqüentemente, os restantes níveis. No nível seguinte surge a *usability* (iconografia, navegação da interface, transições de cenas), que corresponde aos problemas com a navegação e do reconhecimento espacial. Depois as propriedades visuais da experiência, definidas como *audiovisual quality*” (pixilação, resolução, *blurriness* e qualidade sonora). Os primeiros três níveis estão relacionados com as qualidades básicas e práticas da experiência, sendo por isso influenciados pela imersão – aumenta conforme os níveis mais baixos são preenchidos.

O penúltimo patamar corresponde ao *storytelling* (exploração, narrativa e envolvimento), equivalente aos elementos centrais que conectam o utilizador/participante ao conteúdo, que incentivam a exploração e promovem o engajamento. A realização dos componentes experienciais da história irá prender os utilizadores/participantes e puxá-los para dentro da experiência. Trata-se de um envolvimento que conduz à *satisfaction* (conexão emocional, agradabilidade e revisitação), o topo da pirâmide. O utilizador/participante, ao estar satisfeito com a experiência imersiva, cria uma ligação emocional com o conteúdo e a sua história, construindo memórias positivas sobre a mesma. Estes dois níveis estão relacionados com a presença, que é aumentada conforme as necessidades subjetivas são atendidas e que permitem aos criadores “to impact each viewer in a memorable way, aiding in the next level of VR creation and experiences” (Kelling et al., 2020, p. 135).

4. DOS VRNF AOS EXERCÍCIOS MEDIADOS DE TOMADA DE PERSPETIVA EM REALIDADE VIRTUAL

Como tivemos oportunidade de assinalar, nos parágrafos anteriores, julgamos ser importante aproveitar o potencial da RV no sentido de proporcionar uma experiência promotora de empatia e compaixão em questões fraturantes da sociedade (Milk, 2017 apud Rose, 2018/a p. 141), pelo potencial que apresenta aos utilizadores para presenciar e experienciar as realidades vividas por outras pessoas, proporcionando-lhes uma nova perspetiva: a *do outro*. Ventura et al. (2020) fala do modo como a RV contribui positivamente para a melhoria de atitudes e motivação de comportamentos pró-sociais sobre um alvo social específico (Ventura et al., 2020, p. 8).

Carlos (2020) procura desenvolver uma correlação entre os resultados de tomada de perspetiva obtidos em investigações que utilizam VRNF e os resultados dos exercícios mediados de tomada de perspetiva em RV ou VRPT (*Virtual Reality Perspective Taking Experiences*) (Van Loon et al., 2018). Neste capítulo daremos conta das múltiplas dimensões da RV, enquanto território de exploração, educação, treino e fomentação da empatia e comportamento pro-social.

4.1. OS VRPT E A TOMADA DE PERSPETIVA

O processo de tomada de perspetiva do outro através da utilização da RV é conhecido por VRPT, ou exercícios mediados de tomada de perspetiva em RV (Van Loon et al., 2018). Estes têm como objetivo a experienciação de como é estar numa situação vivida por outra pessoa ou de como é ser a outra pessoa, num ambiente virtual. Nas experiências em ambientes virtuais imersivos, os estímulos do utilizador são substituídos pelos estímulos do mundo virtual, fazendo com que se sintam dentro destes. É esta capacidade da RV de eliciar a sensação de presença, a sensação subjetiva de estar dentro destes ambientes que permite aos utilizadores/participantes compreender de uma forma mais profunda e ampla outras perspetivas para além da sua (Van Loon et al., 2018, p. 2). Desta forma, é facilitada uma sensação de conexão com os outros e a compreensão das suas perspetivas por dispor similaridades com a empatia (Ventura et al., 2020, p. 6). A tomada de perspetiva, moderada pela sensação de presença, é um método eficaz para promover empatia e motivação para comportamentos pró-sociais (Herrera et al., 2018, pp. 2-15).

Os exercícios de tomada de perspectiva tradicionais, baseados na imaginação através de texto, têm demonstrando resultados eficazes na inclusão e fusão *eu-outro*, assim como na redução de preconceito/atenuação de estereótipos negativos, na criação e manutenção de laços sociais e na facilitação de comportamentos de ajuda mais altruístas (Herrera et al., 2018, p. 2). Estes exercícios dividem-se em duas tipologias, exercícios *Imagine-Other* (imaginar-o-outro) e exercícios *Imagine-Self* (imaginar-se-a-si). Ao “imaginar-o-outro”, os participantes imaginam como é que o outro se sentiria numa situação específica, suscitando uma preocupação empática orientada ao outro e uma motivação altruísta para ajudar. Nos exercícios *Imagine-Self* (imaginar-se-a-si), os participantes são instruídos a imaginar como se sentiriam se estivessem na mesma situação que o outro, conduzindo por sua vez a uma preocupação empática, mas desta vez relacionada com uma angústia auto-orientada e uma motivação egoísta de ajudar (Batson et al., 1997 apud Carlos, 2020, p. 2).

No caso dos VRPT, estes diferenciam-se dos métodos tradicionais porque a RV permite aos seus utilizadores/participantes experienciar qualquer situação, vividamente e visceralmente, de várias perspectivas, como se estivessem realmente a passar por ela (Ahn et al., 2016 apud Carlos, 2020, p. 3). Dentro de um ambiente virtual, os utilizadores/participantes podem então experienciar como é ser o outro numa situação específica, na primeira-pessoa (imaginar-se-a-si) ou tornando-se observadores e testemunhas de como é ser a outra pessoa em determinada situação (imaginar-o-outro) (Carlos, 2020, pp. 3-4). Uma similaridade com a propriedade que Nash (2018/b), define como testemunho imersivo.

Importa não esquecer que diferentes utilizadores/participantes podem, no mesmo VRPT, variar entre estas duas respostas, sendo que uns poderão reagir focando-se num exercício de imaginar-se-a-si, enquanto outros num exercício de imaginar-o-outro. (Herrera et al., 2018 apud Carlos, 2020, p. 4).

Behm-Morawitz et al. (2016), por sua vez, define o objetivo dos VRPT como o processo de fundir o eu com o outro, de aumentar a sobreposição do eu com um membro externo, levando a que a sua identidade inclua o grupo externo (Behm-Morawitz et al., 2016, p. 400). Mado et al. (2021) acrescentam que estes podem facilitar uma sensação de identificação e de propriedade, atestando-se no enaltecimento da compreensão sobre grupos marginalizados ou fenómenos naturais abstratos, pela sua possibilidade de corporificação, imersão, transportação temporal e geográfica (Mado et al, 2021, p. 1).

Muitos autores têm dado conta do impacto positivo do uso dos VRPT na redução do preconceito, aumento de empatia e de conhecimento, assim como para a fomentação de

comportamentos pró-sociais (Carlos, 2020), redução da desumanização (Herrera et al., 2018), do viés racial e o aumento de comportamentos altruístas (Shriram et al., 2017) entre outros fatores positivos. Podemos, assim, assumir os VRPT como uma ferramenta importante no combate contra o preconceito e estereótipo, através da evocação de empatia.

Os resultados destas experiências sugerem que os seus efeitos na empatia, preconceito e comportamento pró-social resultam numa combinação dos efeitos de imaginar-se-a-si e imaginar-o-outro (Carlos, 2020, p. 4). Os seus efeitos revelam-se mais eficazes pelo seu menor esforço cognitivo, comparativamente com outros meios tradicionais de tomada de perspetiva. Estes tendem também a ser mais duradouros, mesmo quando a experiência é menos imersiva (Herrera et al., 2018, pp. 20-21). Também Reis (2021) acredita que os media imersivos, em comparação com os meios tradicionais, criam mais impacto a longo prazo, potencializando alterações comportamentais (Reis, 2021, p. 37).

Apesar de cognitivamente desgastante, os VRPT permitem usar menos recursos mentais para a construção do ato de vivenciar a experiência na primeira pessoa, porque o ambiente é oferecido (*renderizado*) digitalmente, permitindo ao utilizador/participante focar-se apenas em agir e reagir dentro da experiência. Esta propriedade coloca os VRPT numa posição vantajosa ao retratar o conteúdo de uma forma mais precisa, sem depender dos esquemas ou preconceitos preexistentes, ou seja, do preconceito imaginativo (Herrera et al., 2018, p. 4). Herrera et al. (2018) referem também que a nível metodológico estes exercícios oferecem a possibilidade de todos os participantes de passarem pela mesma experiência (p. 4), o que Slater & Sanchez-Vives (2016) refere como a sua *generalizabilidade* (p. 19). Já Shriram et al. (2017) destaca o aproveitamento dos motivos egocêntricos do utilizador/participante para aumentar os seus comportamentos altruístas, sendo comprovado que os benefícios da tomada de perspetiva se estendem também ao grupo onde está inserido o indivíduo retratado (Shriram et al., 2017, pp. 308-310).

A escolha dos conteúdos utilizados nas investigações que aplicam os VRPT surge das experiências em RV produzidas por centros de investigação com o propósito de fomentar empatia ou recorrendo a produções VRNF feitas previamente. No entanto, podemos retirar algumas observações importantes em Carlos (2020) e Herrera et al. (2018) que podem ser aplicadas a projetos de VRNF. As intervenções baseadas em factos demonstram-se bem-sucedidas para a promoção de comportamentos pró-sociais. Em conjunto, as intervenções baseadas na narrativa e as intervenções de tomada de perspetiva mediadas são mais eficazes a aumentar a empatia auto-reportada do que intervenções sem exercícios de tomada de

perspetiva, independentemente do seu nível de imersão (Herrera et al., 2018, pp. 29-33, *passim*). As diferenças na capacidade de agenciamento das produções em CGI com recurso a 360° Vídeo (que permitem somente navegação rotacional sem interatividade) não alteram o impacto positivo destas experiências na fomentação de empatia (Carlos, 2020, pp. 17-18). Apesar disso, investigadores/criadores devem considerar, para além da sua composição visual, que tipo de tomada de perspetiva pretendem aplicar: se o objetivo da intervenção for aumentar a preocupação empática, pedindo que os utilizadores/participantes se envolvam em comportamentos pró-sociais (requerendo um elevado nível de esforço empático sobre um alvo social) os exercícios de imaginar-se-a-si serão mais eficazes. Caso o objetivo da intervenção seja o aumento da participação cívica sobre uma causa específica, não existirá necessidade de controlar o tipo de exercício, visto que dispõem de resultados similares ao nível de comportamento pró-social (Carlos, 2020, p. 61).

4.2. A IMPORTÂNCIA E TREINO DA EMPATIA PARA VRPT E NOS VRNF

Segundo Mado et al. (2021), os VPRT, ao encorajar os utilizadores/participantes a experienciar a perspetiva do outro, têm-se revelado eficazes na melhoria de atitudes perante o outro, no aumento dos comportamentos pro-sociais e especialmente no treino de habilidades empáticas aplicáveis em diversos cenários e contextos (Mado et al., 2021, pp. 1-2). É Chen et al. (2021) quem salientam a possibilidade de observar a empatia como um mediador entre a tomada de perspetiva e as atitudes intergrupais, uma posição assumida por outros autores (Vescio et al., 2003; Shih et al., 2009 apud Chen et al., 2021, p.13), destacando o potencial dos VPRT na criação de proximidade (*Closeness*) com o outro (Chen et al., 2021, p. 1). Essa corporificação do outro/da sua situação, permite instigar empatia sobre grupos minoritários e alterar atitudes sobre estes, sendo impulsionados pela transferência corporal e pelo potencial da flexibilidade (Won et al., 2015, p.12).

Apesar da diversidade de definições de empatia (Carlos, 2020; Mado et al., 2021), importa-nos aprofundar sobre o modo como a empatia pode ser trabalhada pelos VRPT, tal como um “músculo” (Zaki, 2019), e a forma como pode ser evocada como habilidade para a partilha e compreensão das emoções do outro (Herrera et al., 2018), condição imperativa para a criação de interações sociais bem-sucedidas e incremento dos níveis de compreensão do *outro*.

Em Mado et al. (2021) a sua visão de empatia é baseada no trabalho de Jamil Zaki (2019), diretor do laboratório de Neurociência Social e professor no departamento de Psicologia na Universidade de Stanford (EUA), onde tem desenvolvido um extenso trabalho sobre as características e potencialidades da empatia.

A visão de empatia evocada por Mado et al. (2021), e que tem como base o trabalho de Jamil Zaki (2019)⁷⁸, parte do pressuposto que esta é algo intrínseca e pré-determinada. Mas se estes autores assumem que, socialmente, entendemos que os seres humanos nascem com um determinado nível desta propriedade cognitiva, vários estudos têm demonstrado que a empatia não é um traço de personalidade, mas sim algo que pode ser trabalhado, aumentado ou diminuído em diversas situações (Zaki, 2018 apud Shashkevich, 2018), tal como um músculo (Van Loon et al., 2018, p. 2). Incorporamos, por isso, esta visão, assumindo que este 'músculo' pode ser alvo de crescimento e até regeneração (Konrath et al., 2011 apud Martingano et al., 2021, p. 2) através do treino com a RV (Van Loon et al., 2018; Martingano et al., 2021).

Retomando a perspetiva de Zaki (2019), sobre a qual a empatia não deve ser entendida como um sentimento em si, mas como um conjunto de diferentes maneiras de respondermos uns aos outros⁷⁹, aliamos a perceção de Van Loon et al. (2018), quando afirmam que a obtenção de uma visão individual sobre a perspetiva de outro indivíduo ocorre através de duas componentes da empatia, a preocupação empática e a mentalização ou tomada de perspetiva. Nesta aceção, a empatia atua como mecanismo sociopsicológico, conferindo aos VRPT um enorme potencial transformador, que permite partilhar e compreender os estados interiores do outro (Van Loon et al., 2018, p. 2). À semelhança de outros autores, Ventura et al. (2020) assumem que os VRNF e os VRPT são meios eficazes para a promoção da empatia e potencializadores de um comportamento pró-social, especialmente em comunidades que sofrem de preconceitos e são excluídas socialmente (Ventura et al., 2020, p. 9).

⁷⁸ Jamil Zaki é diretor do laboratório de Neurociência Social e professor no departamento de Psicologia na Universidade de Stanford (EUA), onde tem desenvolvido um extenso trabalho sobre as características e potencialidades da empatia.

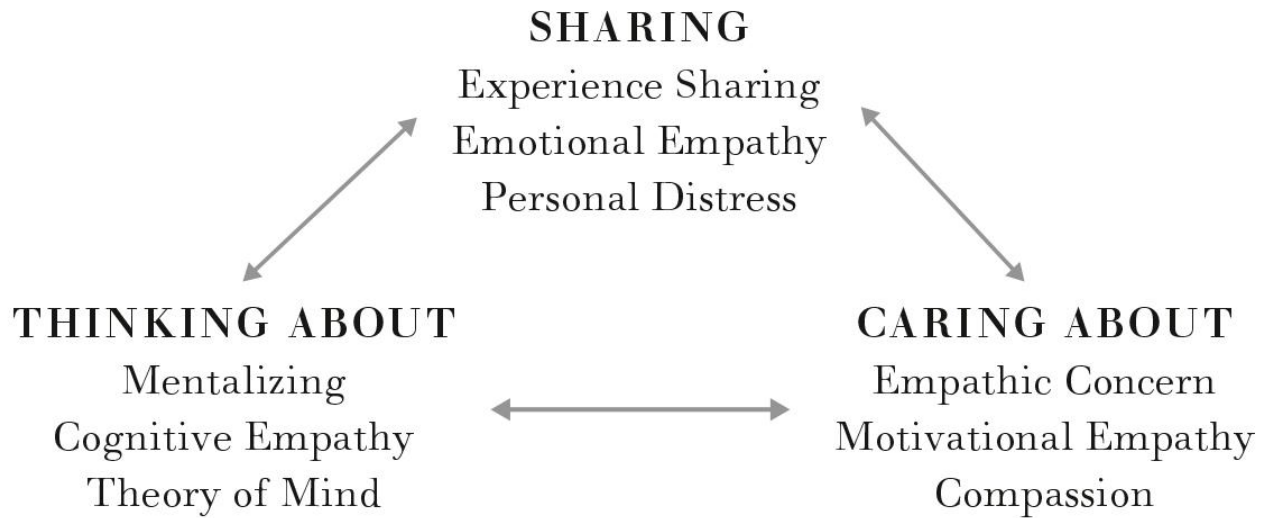
⁷⁹ Estas incluem: Identificar o que outros sentem – *Cognitive Empathy*, ou Empatia Cognitiva; Partilhar as emoções do outro – *Emotional Empathy*, ou Empatia Emocional; Querer melhorar as experiências do outro – *Empathic Concern*, ou Preocupação Empática (p. 4).

4.2.1. MAS O QUE É A EMPATIA? E COMO CHEGAMOS À BONDADE?

Numa questão transcultural, a empatia é um desembalar das emoções do outro ligando-as às suas realidades sociais. Mesmo que a pessoa nunca experiencie ou aja emocionalmente da mesma forma que o outro, a empatia permite criar ressonância com pessoas de outras culturas, possibilitando o reconhecimento quer das diferenças, quer das similaridades. É nesta ressonância que humanizamos o outro, ao procurar significado nas suas emoções e, desta forma, preencher alguma dessa distância (Mesquita, 2022, pp. 198-199).

Podemos então observar que a empatia encapsula múltiplos distintos subcomponentes, interrelacionáveis, que determinam como uma pessoa responde às emoções do outro (Zaki, 2017 apud Carlos, 2020, p. 5), que podem ser divididos em três componentes: O componente cognitivo (empatia cognitiva) permite conhecer e inferir o que a outra pessoa está a sentir; O componente afetivo (empatia emocional) viabiliza uma resposta emocional ao que a outra pessoa está a sentir; finalmente, o componente motivacional (a preocupação empática) atua na intenção de aliviar o nosso sofrimento, ou o sofrimento do outro (Decety & Jackson, 2004; Zaki, 2017; Batson, 1991 apud Carlos, 2020, p. 5). Central para a compreensão da conexão entre o utilizador/participante e a história da experiência (Reis, 2021, p. 36), a empatia é a ponte mediadora da maioria perante as minorias (Chen et al., 2021, p. 13). Apesar de ser uma ponte social que nos permite conectar com o outro, a empatia não é uma resposta universal e é falível (Weisz & Zaki, 2017, p. 273). Ainda assim, é um instrumento fundamental para nos permitir viajar para o universo do outro, viabilizando suposições sobre as respostas (Carlos, 2020; Zaki, 2019) e os sentimentos do outro (Zaki, 2019, p. 4), como podemos ver materializada na Figura 10. Deste modo, fazendo uso do esquema apresentado por Zaki (2019), consideramos que os VRPT atuam nas diferentes dimensões inscritas nos processos de empatia.

Figura 10 | Processos e Nomeações de Empatia



Fonte: Por Zaki, 2019, p. 178.

- *Sharing* ou compartilhar:

Encapsula o processo de compartilhar a experiência (*Experience Sharing*) como nos permite obter indicações sobre a experiencição de emoções pelo outro, através expressões faciais, stress corporal ou nos seus humores. A nossa resposta neurológica à dor e prazer do outro surge, neste nível, como se fosse experienciada por nós, permitindo dissolver a fronteira entre o eu e o outro. A compartilha da experiência é a fundação da ciência da empatia, tal como o processo mais conhecido. Nomeada de empatia emocional (*Emotional Empathy*) rege-se do “contágio emocional” na psicologia ao “espelhamento cerebral” na neurociência. (p. 179).

- *Thinking About*, ou o pensar sobre:

Alude ao processo cognitivo da empatia de “mentalizar-se” (*Mentalizing*), de considerar (tomar) explicitamente a perspectiva do outro, visão partilhada por Van Loon et al. (2018). Também aqui os VRPT podem contribuir para a dedução de como o outro se sente, viabilizando um processo mais sofisticado que o mero compartilhamento da experiência, permitindo uma aproximação aos estados mentais do outro e a racionalização sobre a influência das situações (Van Loon et al., 2018, p. 2).

- *Caring About*, ou preocupar-se com:

A motivação de melhorar o bem-estar do outro e, em última análise, despertar o “superpoder” da reação bondosa para com o outro. Apesar de não ter recebido tanta

atenção por parte de investigadores ocidentais, a preocupação aproxima-se das formulações tradicionais budistas de compaixão, ou desejo de libertar o outro de sofrimento (p. 180). Reconhecendo-a como motivação empática (*Motivational Empathy*), Weisz & Zaki (2018) denotam a sua similaridade com a compaixão. Ambas dispõem de alguma compreensão dos estados emocionais do outro acoplado a uma vontade de o ajudar. No entanto, a compaixão não requer uma partilha vicária das emoções do outro (p. 274), ao passo que a preocupação empática está relacionada com a motivação de contribuir para o aumento do bem-estar de outro indivíduo. (Van Loon et al., 2018, p. 2).

Apesar destas distinções, estes processos surgem profundamente interligados. A partilha de emoções do outro leva a nossa atenção ao seu estado emocional que, por sua vez, nos leva a pensar sobre o outro, aumentando a nossa preocupação e despertando a intenção de zelar pelo seu bem-estar. Seguindo o modelo de empatia de Frans de Waal (2007), o compartilhamento da experiência do outro e a consequente transformação da dor do outro na nossa induz o impulso para a parar. Recorrendo à mentalização (o *pensar sobre*) desenvolvemos uma imagem mais detalhada do que a outra pessoa sente, dos *comos* e os *porquês*. Esta vontade gera uma preocupação profunda e focada sobre o outro, que vai além do nosso próprio desconforto (de Waal, 2007 apud Zaki, 2019, p. 181). Muito embora já tenhamos destacado a sua não universalidade, pela perspetiva irremediavelmente egoísta do ser humano (Zaki, 2019) e do eventual conflito do exercício de empatia com os valores individuais dos sujeitos⁸⁰, julgamos que este Projeto poderá potenciar os três processos empáticos enunciados e, de formas distintas, ser promotor de Bondade (Zaki, 2019, p. 181).

No próximo capítulo daremos conta das etapas de construção do projeto “Seu Nome Era... Gisberta”, abordando o processo de construção do projeto, as suas características e objetivos, as etapas de pré-produção e o levantamento teórico necessário à sua construção, os elementos de suporte documental e, finalmente, todas as escolhas técnicas, estéticas e criativas do projeto.

⁸⁰ Weisz & Zaki (2017) reforçam que as pessoas também experienciam a evitação empática quando a empatia entra em conflito com os seus valores. Estas falhas empáticas não ocorrem por falta de habilidade empática, refletindo sim uma falha na motivação de empatizar. Estas falhas são mais perniciosas em casos de *bullying* e de conflito que são indiscutivelmente os casos onde a empatia é a mais necessária (p. 279-280).

5. “SEU NOME ERA GISBERTA” – UM VRNF COM VRPT

Ao longo deste capítulo será apresentada a fundamentação, os processos e as escolhas estéticas, técnicas e conceptuais do projeto “Seu Nome Era Gisberta” (Apêndice 8), um *Non-Fiction VR* que aplica exercícios mediados de tomada de perspectiva em Realidade Virtual.

Esta experiência imersiva agirá como ferramenta de educação e intervenção social para o combate à Transfobia, tendo como intenção colmatar a lacuna na investigação e criação de projetos desta tipologia em Portugal, principalmente enquanto plataforma interventiva de humanização e proteção das pessoas Trans.

Aplicando os conhecimentos adquiridos nos capítulos anteriores, descreverei os objetivos traçados para a criação deste projeto. Serão também apresentadas as metodologias aplicadas, assim como as escolhas de produção e construção deste projeto. Estas serão divididas em três etapas: a pré-produção, a produção e a pós-produção.

5.1.1. CARACTERÍSTICAS E OBJETIVOS

Como produções de não-ficção em RV, os VRNF (Bevan & Green, 2018) são uma ferramenta para contar histórias de interesse humano (McRoberts, 2018). Enquanto agentes de desenvolvimento humano (Rose, 2018), capturam e reproduzem uma experiência na primeira-pessoa, tornando a RV uma ferramenta única (Milk apud Bucher, 2017, pp. 101-102).

Ao trabalharem esta proximidade (Chen et al., 2015), os VRNF, são uma forma eficaz de gerar reflexão e alteração de perspetivas sobre diversas histórias e situações, sendo neste projeto explorada a história de Gisberta (Jones, 2021). Tratando-se de uma história que foi incompreendida pela sociedade e pelos media, este VRN procura ser uma plataforma discursiva de temas sensíveis (Costa, 2019; Gynnild et al., 2021), permitindo aos utilizadores/participantes ficarem mais próximos das vivências de Gisberta, humanizando-a através das tecnologias imersivas (Reis, 2021).

Com intenção de gerar preocupação empática (Mado et al., 2021), o processo de tomada de perspectiva do outro em RV (Os VRPT de Van Loon et al., 2018) permite experienciar como é estar numa situação vivida por outra pessoa ou o que é ser a outra pessoa em RV (Carlos, 2020). Os VRNF com a aplicação de VRPT, são a base deste projeto, podendo ser considerados um media valioso para a transformação e intervenção social, dado a função mediadora da empatia, ou seja, esta serve como ponte para o mundo do outro (Chen et al., 2015). Desta forma,

a capacidade de empatizar, já comprovada dentro de ambientes imersivos (Ventura et al., 2020), poderá ser utilizada para a regeneração do “músculo” empático do utilizador/participante (Konrath et al., 2011 apud Martingano et al., 2021), sendo a RV um espaço exclusivo para o seu treino, conduzindo à bondade para com os outros (Zaki, 2019). Os exercícios de tomada de perspetiva têm-se afirmado como benéficos para a criação de empatia sobre um alvo social, sendo o seu trabalho fundamental quando existe insensibilidade pelo sofrimento do outro (Weisz & Zaki, 2017), reforçando assim o carácter interventivo contra a Transfobia neste VRNF.

Dividido em cinco partes (Bucher, 2017), este projeto oferecer-se-á como uma plataforma para *imaginar-se-a-si* (como é ser o outro na primeira-pessoa) e de *imaginar-o-outro* (como é ser o outro através da observação) (Carlos, 2020). Tomando a perspetiva de Gisberta Salce, ao longo dos seus anos de vida, como um testemunho imersivo (Nash, 2018/b), o participante/utilizador ocupará o lugar de observador das suas vivências desde criança até à desumanização a que foi sujeita. Esta desumanização, aqui descrita como o “Caso Gisberta” foi considerada um crime de ódio Transfóbico que elevou a atenção da sociedade às dificuldades vividas pelas pessoas Trans em Portugal, levando a alterações de leis para a sua proteção (Andrade & Saleiro, 2021).

Este VRNF procura homenagear essa trajetória, levando a sua história como um exemplo das necessidades, ainda hoje presentes enquanto grupo social de elevada discriminação e estigmatização (Saleiro et al., 2022).

De modo a usufruir dos recursos oferecidos pela RV, foi essencial realizar um levantamento aprofundado sobre as suas características, componentes técnicas e conceptuais. Segundo diversos autores, um trabalho atento à sensação de presença e aos fatores que a constituem (McRoberts, 2018), possibilita criar uma sensação de estar presente na história apresentada (Slater & Sanchez-Vives, 2016), estimulando o envolvimento do utilizador/participante ao nível sensorial, cognitivo e emocional (Reis, 2021; Kelling et al., 2020), nutrindo uma *resposta-como-se-real* (De la Peña et al., 2010). O nível de “realismo” não determina a sua imersividade, ocorrendo esta, mesmo quando o nível de fidelidade é baixo (De la Peña et al., 2010), não sendo necessária interatividade (Reis, 2021). Na verdade, tende a produzir-se um afastamento por parte dos utilizadores/participantes na presença de representações virtuais realistas (Bailenson et al., 2001 apud Slater & Sanchez-Vives, 2016), sendo-lhes mais fácil assumir corpos que não disponham um grau elevado de semelhança humana (Lugrin et al., 2015).

A presença num espaço virtual reduz a capacidade de desumanização do utilizador/participante, diminuindo o seu preconceito imaginativo (Herrera et al., 2018) e ajudando-o atenuar os seus próprios estereótipos através da fusão de si com o outro (*eu-outro*) (Behm-Morawitz, 2016). Aumentando dessa forma a possibilidade de serem compassivos com o outro, estendendo-se esta também ao grupo retratado (Shriram et al., 2017).

Esta investigação insere-se nos seguintes objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas até 2030. Sendo estes, 5º Objetivo (Igualdade de género), o 10º objetivo (Redução das desigualdades), e o 16º objetivo (Paz, justiça e instituições sólidas).

“Seu Nome Era Gisberta”, procura colmatar uma lacuna⁸¹ no campo de investigação e produção de VRNF a nível nacional, formulando-se como uma ferramenta de intervenção/educação social para o combate à Transfobia e humanização da população Trans. Para Álvarez (2017) a educação beneficia do trabalho em redor das vivências e memórias, assim como das visualidades que a configuram, sendo ferramentas discursivas do presente e com influência no futuro (p. 2103). O trabalho a partir da imaginação, oferecida aqui pelos VRPT e pela animação, colocam o discurso dentro da ação, proporcionando “vida aos arquivos” (p. 2105). Como plataforma de representatividade, capaz de fomentar uma consciência social (Reis, 2020), este VRNF parte da aplicação artística como “uma linguagem que bem pode despontar em análises políticas, sociais e culturais, isto mediante a produção de objetos que além de convidar à observação, convidem à memorização, reflexão e mediação.” (Álvarez, 2017, p. 2106). Partindo destas conceções e necessidades, foram definidos os seguintes objetivos:

- Criar um projeto ativista sobre uma temática social, com uma natureza versátil, para que se possa adaptar a diversos formatos, garantindo a sua maior acessibilidade e distribuição (Plataforma, Dispositivo, Linguagem Acessível)
- Aplicação neste protótipo dos fundamentos teóricos do levantamento bibliográfico para a criação dos *Non Fiction VR* (VRPT, Empatia, etc).

⁸¹ Dentro do contexto nacional, podemos encontrar no trabalho de Reis (2021) uma pequena experiência imersiva que aborda algumas das dificuldades vividas pela comunidade Trans, “Não Vejas o Mundo a Preto e Branco” (2017); Link para visualização de “Não Vejas o Mundo a Preto e Branco” (2017): <https://youtu.be/tnvk3-zOSig>. Acesso a 16/03/2023

- Potencializar o conhecimento dos VRNF, respondendo à lacuna no contexto português. Reforçar a necessidade de exploração de temáticas Trans nestas produções, incentivando novos criadores/interventores.
- Procurar fazer um levantamento informal de relatos pessoais que possam enriquecer a experiência.
- Colaborar com vozes Trans para a narração do projeto (mulher Trans Brasileira) e com e ilustradores LGBTQ+ para a criação dos elementos que compõem a animação deste.
- Colaborar com instituições e projetos de combate à Transfobia no Brasil e em Portugal, para que este projeto possa contribuir para a consciencialização e intervenção sobre esta comunidade, podendo funcionar como material educacional, interventivo e inclusivo (será feita uma versão com audiodescrição)

5.2. PRÉ-PRODUÇÃO

Tal como descrito anteriormente, de forma a facilitar e aprofundar o seu conteúdo, dividir-se-á o processo deste projeto de três fases de desenvolvimento. Na fase Pré-Produção (Figura 11), expõe os elementos que compõem esta investigação qualitativa, englobando as estratégias e processos metodológicos artísticos e autorais.

Nesta fase damos conta das tarefas de levantamento teórico e metodologia para a criação do projeto. Depois abordaremos as questões relacionadas com a pesquisa documental necessária para a sua construção. Em seguida, damos conta dos elementos de particular relevância para a construção do guião e finalmente apresentamos as opções teóricas, estéticas e criativas do projeto.

Figura 11 | Processo de desenvolvimento de Pré-Produção

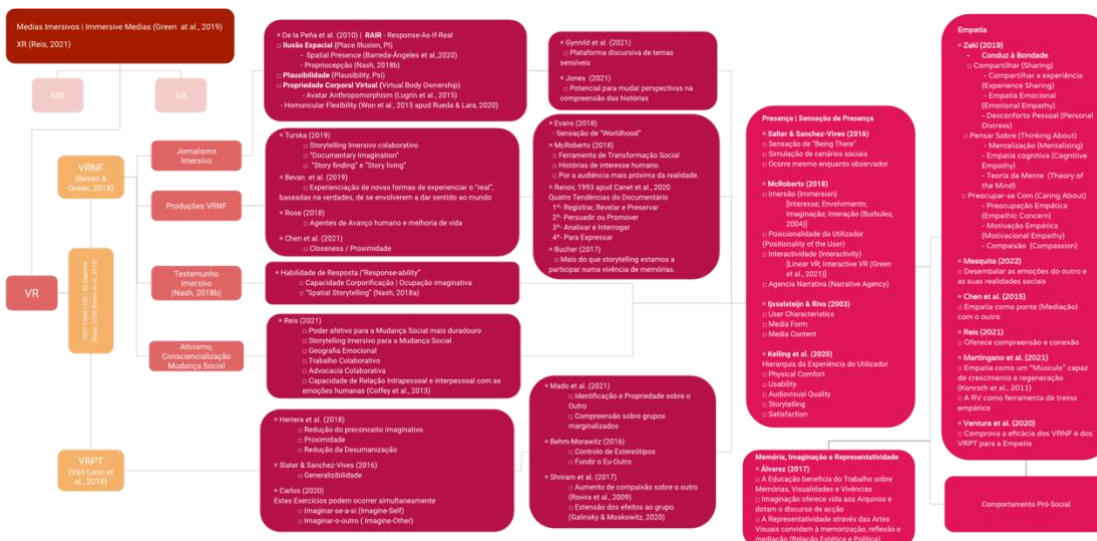


Fonte: Elaboração própria.

5.2.1. LEVANTAMENTO TEÓRICO

Explorando metodologicamente este produto dos novos media, mais especificamente dos media imersivos, aplica-se neste ponto a primeira fase de produção de Reis (2021), – *brainstorming* -, um dos elementos da pré-produção deste documento. Nesta 1ª fase devemos focar-nos na exposição teórica e visual das tecnologias de *storytelling* em RV, compondo uma base teórica e de exemplos de produções em RV que possam ser relevantes (pp. 220-221). Com essa intenção será feito neste ponto um complemento à revisão já presente neste documento (Figura 12 / Apêndice 1), e a criação de uma lista de exemplos que serviram de referência para este VRNF (Apêndice 2) como ferramenta de intervenção social, educativa e de ativismo social.

Figura 12 | Esquema Revisão de Literatura



Fonte: Pode ser consultada uma versão maior no Apêndice 1. Elaboração própria.

As metodologias aplicadas por Bevan et al. (2019), para a criação de um VRNF recaem numa combinação de elementos interativos com as técnicas tradicionais de *storytelling* visual (vídeo, animação, edição, voz-off, ...), apresentadas num formato de panorama em 360° (ou equirectangular), e exibidas tradicionalmente através de um HMD. Mais à frente explicitaremos, nas escolhas técnicas e criativas do projeto, a fundamentação dessas decisões, complementando neste ponto elementos teóricos que as influenciaram.

Reis (2021) estabelece na sua metodologia visual de *Creativity and Transformative Storytelling for Social Change*, um processo transformativo proveniente da combinação dos media imersivos e da criatividade que se divide em três estágios e é conduzida pela Empatia. A audiência ao ressoar emocionalmente com a experiência cria uma ligação empática, ganhando consciência sobre o problema social. Posteriormente a este reconhecimento a audiência desenvolve uma intenção de ação, através da Compaixão, ao preocupar-com o outro, fator que o leva a uma incorporação emocional, a combinação de subjetivação, emoção e lugar (a Geografia Emocional), que fomenta a disposição para atuar que nos leva a uma mudança social eficaz. Esta experiencição profunda de corporificação faz-nos estar dentro de um *Storyworld*, logo ao vivê-la estamos a *Storyliving* (pp. 225-228, *passim*). Este processo é similar com o processo empático de Zaki (2019), o compartilhar, o pensar sobre e o preocupar-se com, para a bondade perante o outro.

No *storytelling* imersivo, a narrativa é construída ao colocar o utilizador/participante num contexto simbólico e espacial, ou seja, reside na ideia que os espaços virtuais estão absorvidos de narrativa, de ambientes narrativos com a suas estruturas narrativas únicas (Klastrup, 2003 apud Reis, 2021, p. 229), independentemente de questões tecnológicas, ou

como refere Bucher (2017) nunca pode ser um obstáculo: propõe aos criadores de experiências em RV responder primeiramente a duas questões, qual é a sua audiência e qual é o propósito da experiência.

Assim, a audiência deste projeto é a comunidade juvenil e adulta, devido à inclusão de temas sensíveis. Esta poderá ter ou não contacto com a temática Trans, não sendo necessário um contacto prévio com a história de Gisberta para a sua experienciação. Tendo em consideração a temática deste projeto, poderá existir discriminação. Assim, todo o seu processo deverá considerar a possibilidade de uma reação negativa, tendo em especial atenção como preveni-la, ao invés de perpetuar a discriminação sobre as pessoas Trans.

Estando a história no centro da questão, Reis (2021) diz-nos que a audiência não é só quem vai ver a experiência, mas também quem precisa de a experienciar. Um criador deve mostrar o conteúdo que acredita encaixar ao *media* escolhido, deste modo questionado como a audiência vai sentir, ouvir e utilizar o seu corpo para a compreender (p. 226). Segundo Bucher (2017), a esta variedade de reações devemos recordar a sua posição vulnerável e tratá-la com respeito (p. 125).

Simplificando o processo de construção de uma narrativa imersiva, Bucher (2017) afirma que as histórias em RV podem ser estruturadas dentro de três tipos de propósitos, entretenimento, de persuasão ou informativo. Segundo o autor, todas as atividades que procurem motivar, inspirar ou promover a mudança fazem parte do domínio persuasão, “one of the things that VR does best.” (Bucher, 2017, p. 95), o seu propósito desta experiência, persuadir a sua audiência no combate contra a Transfobia.

No entanto este projeto não pode ser só definido pela sua audiência. Assumindo uma natureza interventiva e de ativismo social seria contraditório, para o propósito aqui proposto, a adequação total dos seus conteúdos de forma a complementar as visões de uma sociedade cisheteronormativa capacitista: “these decisions can be agonizing without a primary purpose to act as a guide in decision making.” (Bucher, 2017, p. 94).

No entanto, Bucher (2017) recorda-nos que este meio de *storytelling*, em comparação com qualquer outro, requer uma grande capacidade de confiança por parte da audiência, não se conhecendo os seus efeitos éticos a longo prazo. Logo os criadores devem, no decorrer de todas as suas fases de desenvolvimento, fazer questões éticas. Mesmo quando estas possam não ter resposta, a sua colocação na conversação irá beneficiar os utilizadores e criadores (p. 126). Tal como em Reis (2021), para a mudança social devemos ter como pano de fundo uma constante convocação à ética exponencial, o que autor descreve de virtude ou ética compassiva, para

suster e informar a produção. “Immersive media it’s not about watching, it’s about witnessing” (Reis, 2021, p. 227).

5.2.2. PESQUISA DOCUMENTAL

Recorrendo ao processo metodológico de pesquisa documental (Marconi & Lakatos, 2017; Fachin, 2003) foi feito um levantamento de peças jornalísticas (nacionais e internacionais), dissertações de mestrados, objetos audiovisuais e documentação institucional relacionada com a temática deste VRNF. Fachin (2003) informa-nos que a pesquisa documental, como ferramenta, corresponde a toda a informação recolhida, seja esta escrita, oral ou visual, uma prática recorrente nas ciências sociais. Fundamentando esta recolha irei descrever o seu processo e identificar as fontes utilizadas, compilando-as numa tabela de pesquisa documental que pode ser consultada no Apêndice 3.

Iniciando o desenvolvimento deste projeto deparei-me com o artigo de Catarina Marques Rodrigues “Gisberta, 10 anos depois: a diva transexual que acabou no fundo do poço”⁸² publicado no jornal Observador aquando do 10º aniversário da sua morte. Apesar de conter linguagem desatualizada (denominação como Transexual), este artigo oferece um grande conjunto de informações sobre o caso nunca antes divulgadas, contendo contribuições fundamentais sobre a vida de Gisberta, deixados de parte pelos media. Este primeiro contacto levou a uma compilação de informações, factos, dados e elementos caracterizantes, dentro da esfera pública, sobre a Gisberta.

Num levantamento jornalístico foi recolhida dentro de uma amostra de 68 artigos de imprensa nacional e internacional, no período de tempo entre 2006 e 2023, excluindo peças com informação repetida ou que não detenham de informações relativas ao caso.

Foram então recolhidos artigos do Observador, Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Correio da Manhã, Jornal Gerador, Revista Visão, TVI24, Esquerda.net, Jornal A Verdade, Tab Uol e a Revista Marie Claire Brasil, podendo ser consultados na Bibliografia Noticiosa. Devido ao largo espectro de tempo a sua consulta foi feita maioritariamente com recurso aos arquivos digitais das agências de notícias, sendo complementada com recurso a ferramentas de arquivo web e arquivos de institucionais.

⁸² <https://observador.pt/especiais/gisberta-10-anos-diva-homofobia-atirou-fundo-do-poco/>

A nível nacional foi utilizado o arquivo web *Arquivo.pt*⁸³, um projeto de preservação da informação publicada na Web para fins de investigação e a nível internacional foi o *Wayback Machine*⁸⁴, um repositório web de acesso livre e universal da *Internet Archive*.

Relativamente aos arquivos institucionais foram consultados o Centro de Documentação Gonçalo Dinis da Associação LGBTQIA + ILGA Portugal⁸⁵, o maior acervo de documentação de defesa dos direitos LGBTQIA + a nível nacional, a seleção de “Recortes de Imprensa – Transexual assassinada no Porto” publicada na plataforma PortugalGay.pt⁸⁶, e o arquivo da plataforma “Casa Comum”⁸⁷ que disponibiliza os documentos custodiados pela Fundação Mário Soares e Maria Barroso.

Foram consultados, a nível académico, as investigações de Susana Fagundes (2017), que partindo de uma recolha e análise de mais de 76 peças jornalísticas durante um período de onze anos, explora as representações mediáticas nacionais de Gisberta, e Leilane Menezes (2021) que procurou compreender a construção da “personagem jornalística” Gisberta, à época e dez anos depois, perante a análise mediática de 32 peças jornalísticas.

Dentro das produções audiovisuais, a sua pesquisa foi dividida dentro de duas tipologias, as jornalísticas e as artísticas. Nesta primeira foi feita uma pesquisa de peças televisivas junto das plataformas vídeo dos principais canais televisivos, da qual deixo os seguintes exemplos: “Caso Gisberta”⁸⁸ da RTP, através da plataforma RTP Arquivos; Da SIC Notícias “Caso Gisberta”⁸⁹, através da plataforma Sapo Vídeos; Ou a reportagem da TVI, “Gisberta: Passaram 15 anos que a brasileira morreu pelas mãos de 14 jovens”⁹⁰.

⁸³ <https://arquivo.pt>. Plataforma de preservação de websites *Arquivo.pt* da FCCN. Acesso a 26/11/2022

⁸⁴ <https://web.archive.org>. Plataforma *Wayback Machine* da *Internet Archive*. Acesso a 26/11/2022

⁸⁵ <https://ilga-portugal.pt/obter-informacao/centro-de-documentacao/>. Link do Centro de Documentação Gonçalo Dinis da ILGA Portugal. Acesso a 27/11/2022

⁸⁶ <https://portugalgay.pt/politica/portugalgay71.asp>. Link da publicação “Recortes de Imprensa – Transexual assassinada no Porto” da plataforma PortugalGay.pt. Acesso a 28/11/2022

⁸⁷ <http://casacomum.org/cc/arquivos>. Link para o motor de pesquisa da plataforma “Casa comum” da Fundação Mário Soares e Maria Barroso. Acesso a 28/11/2022

⁸⁸ <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/caso-gisberta/> - Link de acesso à reportagem sobre o caso Gisberta de 23 de fevereiro de 2006 na plataforma RTP Arquivos. Acesso a 28/11/2022

⁸⁹ <https://videos.sapo.pt/Z72fABOWzMVeOOHvOqWA>. Reportagem Sic Notícias. Acesso a 28/11/2022

⁹⁰ <https://tvi.iol.pt/noticias/videos/gisberta-passaram-15-anos-que-a-brasileira-morreu-pelas-maos-de-14-jovens/6032ba710cf2951d9a0d78d3> - Link e acesso à reportagem dos 15 anos após a morte de Gisberta da TVI. Acesso a 28/11/2022

Nas produções artísticas foi feito um levantamento junto dos documentários: “Gisberta-Liberdade” (2006)⁹¹ de Jo Schedlbauer e Jó Bernardo, cedido gentilmente; “A Gis” (2016)⁹² de Thiago Carvalhaes, de acesso livre; E “O Teu Nome É” (2021)⁹³ o documentário de animação de Paulo Patrício, gentilmente cedido pelo realizador.

Dentro deste levantamento artístico foram excluídas as peças teatrais feitas sobre Gisberta, por conterem informações ficcionais. O mesmo ocorreu os trabalhos de poesia produzidos na época. Nas produções escritas foi consultado o livro da jornalista Ana Cristina Pereira “Meninos de Ninguém – O caso Gisberta e outras histórias” (2009) que inclui uma entrevista com um dos jovens agressores. Já no caso do Romance de Afonso Reis Cabral “Pão de Açúcar” (2018) apenas foram retiradas as notas provenientes de relatórios públicos, sendo descartado o seu conteúdo devido a ser inspirado no assassinato de Gisberta, não sendo possível confirmação da sua fidedignidade e factualidade.

5.2.3. CONVERSAS INFORMAIS

Um dos grandes objetivos deste projeto, desde a sua conceptualização, foi a colaboração com pessoas Trans, não só como forma de garantir a sua visibilidade e respeitar o seu lugar de fala, mas também para contextualizar a sua realidade social. Reconhecendo o meu “lugar de fala”, dentro de um lugar social privilegiado (homem, cisgénero, branco), é fundamental a compreensão do mesmo. Djamila Ribeiro (2017) diz-nos que:

“(…) esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa (...) Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. (...) é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites.” (Ribeiro, 2017, p. 66)

Assumindo essa responsabilidade, enquanto criador de um projeto de cariz social e interventivo, que narra uma história que não é a minha, procurei contactar com pessoas Trans,

⁹¹ <https://youtu.be/FIWgXSB92Xc>. Link para “Gisberta-Liberdade” (2006). Acesso a 23/10/2021

⁹² <https://vimeo.com/210177296>. Link para “A Gis” (2016). Acesso a 31/10/2021

⁹³ <https://www.paulopatricio.com/o-teu-nome-e/>. Link para “O Teu Nome É” (2021). Acesso a 09/02/2022

ativistas e instituições para que partilhassem as suas histórias, convidando-as a participar e a desenvolver este projeto.

Swain & King (2022) falam da importância das conversas informais para investigações qualitativas, sendo esta uma metodologia negligenciada e que deveria ser mais aplicada. Apesar do seu uso mais presente na etnografia, esta pode ser aplicada numa exploração qualitativa geral, oferecendo facilidade comunicativa e produzindo dados mais naturalistas (Swain & King, 2022). Foram então aplicadas conversas informais participativas, que envolvem a interação entre o investigador e a outra pessoa (Swain & King, 2022, p. 3) com membros do projeto “Vida Trans Viva”, com Jo Schedlbauer, João Paulo, Rute Bianca, Sérgio Vitorino, Thiago Carvalhaes, Jó Bernardo e com as responsáveis do centro de documentação da ILGA Portugal. Estas decorreram entre os meses de Setembro de 2021 e Março de 2022, com recurso a diversos meios digitais.

O processo de conversas informais teve início a 02 de Setembro de 2021, no contacto com duas investigadoras do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Universidade Federal de São Paulo, Marília Oliveira Calazans e Aline Feitoza de Oliveira, responsáveis pelo trabalho de pesquisa “Vida Trans Viva”⁹⁴, investigação sobre os assassinatos de pessoas Trans na Grande São Paulo no ano de 2017 e 2019, do núcleo TransUNIFESP (Núcleo de Estudos, Pesquisa, Extensão e Assistência à Pessoa Trans “Professor Roberto Farina”). Desta conversa, para além do acesso à documentação produzida pela ANTRA, sobre a violência perpetrada à comunidade Trans no Brasil, reforçou-se a pertinência académica da minha proposta de investigação.

Com o interesse de reunir informações sobre os trabalhos previamente produzidos sobre a história de Gisberta, estabelecemos contacto com um dos realizadores do primeiro documentário produzido sobre o caso, o “Gisberta-Liberdade” (2006). A 22 de Outubro de 2021, falámos com o realizador Jo Schedlbauer, ativista Trans da rede europeia transgénero TGEU, que gentilmente disponibilizou o acesso ao mesmo. Este documentário ativista com a comunidade Trans Portuguesa ajudou a compreender, à época, o impacto nacional e internacional do seu assassinato e a discriminação vivida por estas pessoas em Portugal. Posteriormente a esta conversa, o documentário foi publicamente disponibilizado, pela primeira vez, desde a sua exibição em 2006.

⁹⁴ <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/noticias/1484-projeto-vida-trans-viva-pesquisa-realizada-pelo-caaf-e-pelo-nucleo-transunifesp-parte-da-antropologia-forense-para-investigar-homicidios-contra-pessoas-trans> - Link de acesso ao trabalho “Vida Trans Viva” do Núcleo TransUNIFESP. Acesso a 01/09/2021

Em seguida, contactámos João Paulo, um dos ativistas retratado no documentário e responsável pela criação de um arquivo de recortes de imprensa sobre Gisberta na plataforma PortugalGay.pt, permitindo ampliar o acesso a um conjunto de dados sobre a dimensão nacional do caso. Dialogámos sobre o seu trabalho como ativista na criação da 1ª Marcha de Orgulho do Porto e das histórias vividas na luta contra a violência LGBTQIA+fóbica. Enviando-me posteriormente fotografias do “Pão de Açúcar” e os contactos com amigas de Gisberta, assim como de outros ativistas ligados à causa Trans.

Desse contato proporcionou-se a conversa com Rute Bianca, ativista e primeira comentadora Trans de televisão em Portugal. A 09 de Fevereiro de 2022 através de uma conversa telefónica foi possível perceber a ligação de Rute com Gisberta, uma história de amizade que se iniciou na cidade de Paris, nos anos 80. Rute partilhou detalhes do seu tempo em Paris, do transformismo e dos cabarets, da discriminação e preconceito, da mudança para Portugal e do impacto que a morte de Gisberta teve na sua vida e na comunidade Trans. Surge dessa conversa o acesso a um arquivo de imagens e fotografias guardadas por Rute e o contacto de Thiago Carvalhaes, seu amigo e realizador do documentário “A Gis” (2016).

A 11 de Fevereiro de 2022, conversámos com Sérgio Vitorino⁹⁵, ativista, cofundador do coletivo *Panteras Rosa – Frente de Combate à LesBiGayTransfobia* e colaborador no “Gisberta-Liberdade”. Surgiram temáticas relacionadas com o seu trabalho como ativista durante os acontecimentos e o processo de julgamento, tendo feito parte da organização da 1ª Marcha de Orgulho na cidade Porto, em honra a Gisberta Salce. Alertou após as primeiras notícias, os jornalistas nacionais sobre o seu conteúdo discriminatório e partilhou que em Portugal à época, e ainda na atualidade, muitos não sabem distinguir entre uma pessoa Trans e uma *drag-queen*, entre orientação sexual e identidade de género e entre uma “brincadeira”⁹⁶ e um crime de ódio.

A 25 de Fevereiro de 2022, conversámos com o realizador do documentário “A Gis” (2016) Thiago Carvalhaes. Ao longo da produção do seu filme, Thiago apercebeu-se da quantidade reduzida de informações que existiam. Esta conversa possibilitou um aprofundamento sobre algumas dinâmicas familiares de Gisberta, assim como o acesso a um arquivo de imagens, fotografias e documentação reunidas pelo realizador.

⁹⁵ <https://www.publico.pt/2019/06/29/sociedade/perfil/vivo-ativismo-ativismo-salvacao-1878119> - Artigo no Jornal Público sobre Sérgio Vitorino. Acesso a 08/12/2022

⁹⁶ A expressão “Brincadeira” parte dos comunicados do juiz-presidente aquando do julgamento dos jovens.

A 28 de Fevereiro de 2022, contactamos com a fundadora da primeira associação Trans Portuguesa, Jó Bernardo. A conversa com Jó proporcionou uma importantíssima contextualização sobre a realidade trans em Portugal e França ao longo das últimas décadas, desde o ativismo, o preconceito da comunidade LGB (Lésbicas, Gay e Bissexuais), o trabalho sexual, até ao ativismo trans atual ⁹⁷. Tendo tido uma relação próxima com Gisberta, relatou a cruel exploração da violência da sua morte e como a comunidade trans viu as suas histórias abafadas por este acontecimento traumático.

No dia 10 de Março de 2022 falámos com Fátima Santos e Fátima Sofia do *Centro de Documentação Gonçalo Diniz* da ILGA Portugal. Como centro de documentação, foi-me gentilmente cedido o acesso a recortes de jornal compilados ao longo dos anos sobre Gisberta.

5.2.4. AS ESCOLHAS TÉCNICAS, ESTÉTICAS E CRIATIVAS DO PROJETO

Dentro deste ponto serão abordadas as escolhas que compõem o universo visual e temático do projeto, aplicando as metodologias deste VRNF com os conhecimentos partilhados por outros autores, e algumas linhas de conduta para futuros criadores.

Relacionando dentro das 64 propriedades e das 10 categorias identificativas de Bevan et al. (2019), foram tomadas decisões para a construção do projeto, abaixo indicadas.

5.2.4.1. PAPEL DE VISUALIZADOR

A nível do **Papel de Visualizador**, os utilizadores/participantes terão o um papel de Observador Passivo (sem um papel ativo na experiência) e também um papel de Participante Passivo, onde o utilizador/participante será reconhecido pelos outros elementos da experiência, mas sem possibilidade de alterar a sequência. Esta escolha recai dentro de dois fatores, num primeiro para uma maior acessibilidade deste VRNF, e num segundo, devido ao custo de produção e de complexidade de manuseamento. Slater & Sanchez-Vives (2016) reconhece que mesmo quando o utilizador/participante tem um papel apenas de observador, sem habilidade de intervir, que a sensação de presença dos ambientes virtuais permite ter uma perceção que os eventos da história os podem afetar (p. 33), não inviabilizando os objetivos do projeto.

⁹⁷ <https://acervo.publico.pt/multimedia/o-mundo-de-jo> - Link de acesso da experiência Web “O Mundo de Jó” (2017) do Jornal Público e dos BagaBaga Studio. Acesso a 12/12/2022

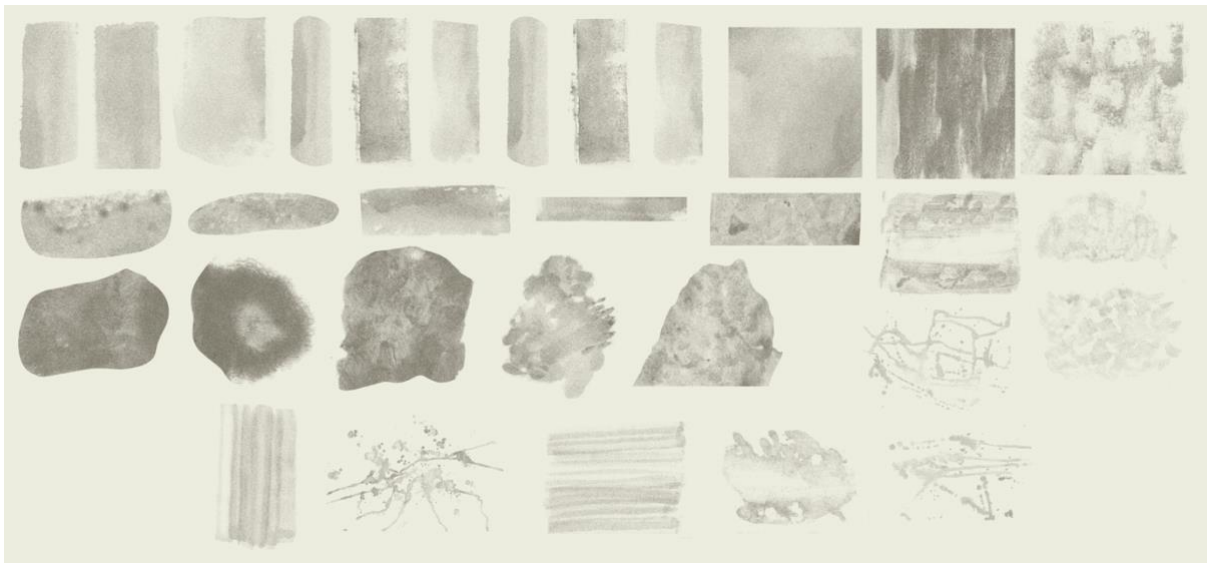
5.2.4.2. PONTO DE VISTA

Na categoria do **Ponto de Vista** devemos juntar aqui as duas tipologias VRPT, o imaginar-se-a-si e o imaginar-o-outro (Carlos, 2020), logo o utilizador/participante passará, ao longo da experiência, entre um ponto de vista de Primeira-Pessoa e de um olhar Omnisciente, onde estará posicionado num local estratégico e será acompanhado por narração enquanto a história se desenvolve.

5.2.4.3. COMPOSIÇÃO VISUAL

Para a **Composição Visual** do projeto, uma das categorias mais importantes a nível estético, será utilizada a Animação / CGI para a criação do ambiente Virtual. O uso da animação permite a reconstituição de histórias onde não existem registos visuais, onde podemos “transportar o público para uma situação “visível”, presente apenas na memória das testemunhas” (Costa, 2019, p. 82), ou seja, experienciar lugares e situações inacessíveis de uma forma única (Reis, 2021, p. 227). A escolha de técnicas de animação, tanto através de desenho como em CGI, garantem ao projeto uma flexibilidade para a exploração de um acontecimento cujo o seu relato foi apenas descrito e exclusivamente presenciado pelos seus intervenientes. A sensação de presença, ou a resposta-como-se-fosse-real, ocorre mesmo quando não existe uma aparência visual realista, tanto dos elementos como “da representação e comportamento dos humanos virtuais” (Sanchez-Vives & Slater, 2005 apud De la Peña et al., 2010, pp. 293-294). Bailenson et al. (2001) apud Slater & Sanchez-Vives (2016) demonstrou que os utilizadores/participantes, numa experiência imersiva, tendem a distanciar-se de representações virtuais realistas (p. 19), sendo-lhes mais fácil assumir corpos que não disponham de alto nível de semelhança humana (Lugrin et al., 2015, p. 2), importante para a criação do estilo de animação, principalmente para a experienciação de situações onde é tomada de perspetiva do outro. Herrera et al. (2018) diz-nos que recorrer à animação, oferecendo ao interveniente o universo do acontecimento, permite combater o seu preconceito imaginativo. “Carefully crafted animations can give sufficiently good impressions of reality if the story is interesting and immersive” (De la Peña, 2017 apud Sirkkunen et al., 2021, p. 21).

Figura 13 | Texturas *mixed media* utilizadas para a ilustração



Fonte: Pode ser consultada uma versão maior no Apêndice 6-C. Elaboração própria.

Figura 14 | Teste de animação Ato 1 – “Descoberta Identitária”



Fonte: Pode ser consultada uma versão maior no Apêndice 6-D. Elaboração própria.

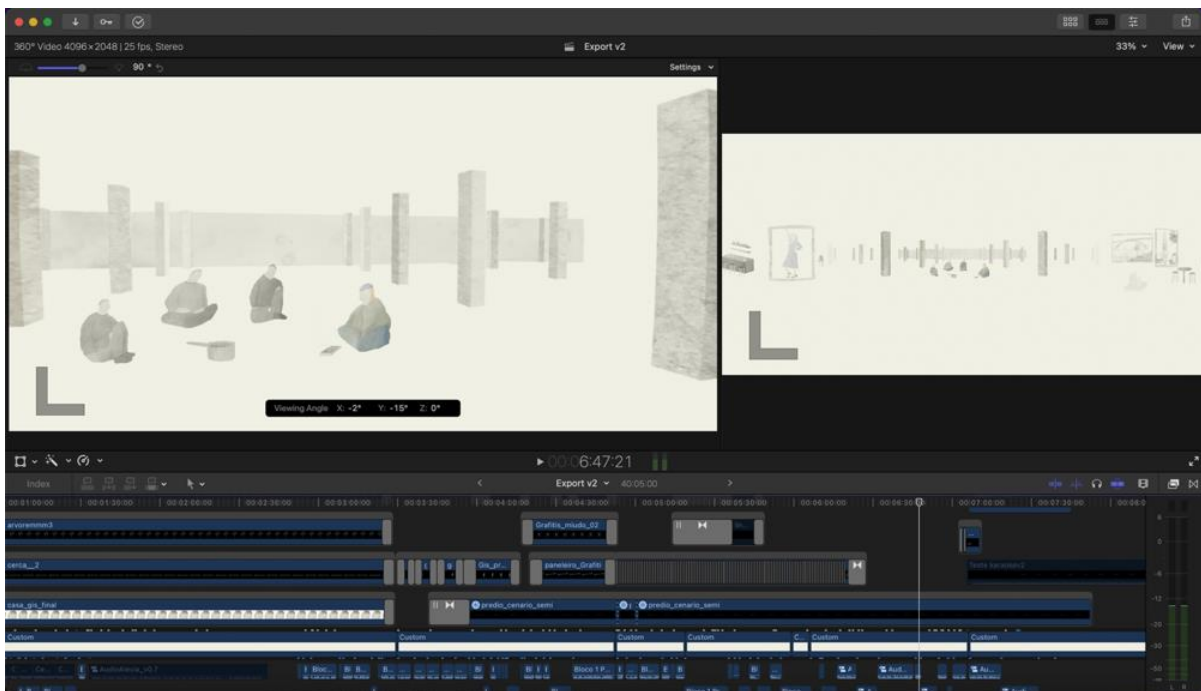
Ao nível da composição da animação, as texturas foram criadas através de técnicas de *mixed media* (Carvão e Tinta da China, Figura 13/Apêndice 6-C) e posteriormente transformadas em pinceis digitais através do *Adobe Photoshop*⁹⁸. As ilustrações dos elementos e dos personagens foram compostas no *Procreate*⁹⁹, com recurso a um *iPad* e desenhados à mão através de um *Apple Pencil*. A nível dos cenários, a sua base foi criada digitalmente através

⁹⁸Software *Adobe Photoshop*: <https://www.adobe.com/pt/products/photoshop.html>. Acesso a 27/12/2022

⁹⁹ Software de desenho para *iPad*, *Procreate*: <https://procreate.com/>. Acesso a 27/12/2022

do software de modelação 3D, o *Blender*¹⁰⁰, inspirados em registos dos locais e posteriormente desenhados com os pincéis digitais (Apêndice 6-A/B). Os elementos foram animados e montados num vídeo em 360°, num panorama equirectangular, com recurso ao software de edição vídeo *Final Cut Pro*¹⁰¹ (Figura 15/Apêndice 6-E) e a um MacBook Pro 13 M1 2021. Relativamente às escolhas estéticas foi utilizada uma paleta de cores subtis, evocando um espaço de nostalgia, sendo a Gisberta a única personagem a cores (Figura 16/Apêndice 6-F).

Figura 15 | Edição da animação no Final Cut Pro (Ato 2 - “Então o Que Fazes Agora?”)



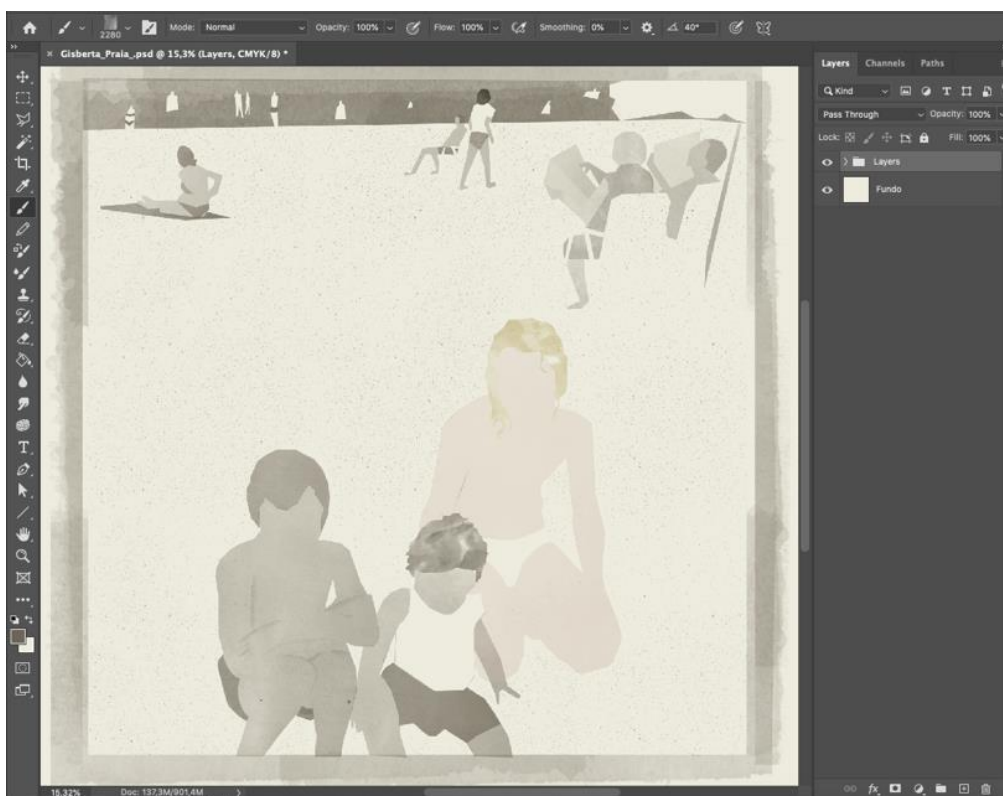
Fonte: Pode ser consultada uma versão maior no Apêndice 6-E. Elaboração própria.

Esta escolha procura oferecer ênfase emocional e responder à desumanização e à invisibilidade de Gisberta, destacando ao interveniente quem é o elemento principal deste VRNF, ao mesmo tempo que ajuda a guiá-lo dentro da experiência. Reconhecendo a violência do seu assassinato esta paleta de cores permitirá reduzir as possibilidades de afastamento dos intervenientes, fomentando a proximidade (Chen et al., 2015). Sendo necessário um cuidado sobre quem irá visualizar a experiência (Bucher, 2017) e uma responsabilidade sobre a imagem que se tenciona passar de Gisberta, não serão incluídas imagens explícitas e exploratórias de violência.

¹⁰⁰ Software de livre acesso de modelação 3D, *Blender*: <https://www.blender.org> . Acesso a 27/12/2022

¹⁰¹ Editor de Vídeo *Final Cut Pro*: <https://www.apple.com/final-cut-pro/> . Acesso a 27/12/2022

Figura 16 | Ilustração de fotografia de infância de Gisberta (Ato 2 –“Espaço Pessoa”)



Fonte: Pode ser consultada uma versão maior no Apêndice 6-F. Elaboração própria.

Para a produção dos elementos gráficos, foi escolhido o ilustrador Pedro Velho¹⁰², um artista LGBTQIA+ que explora a representatividade, a educação social e a inclusão no seu trabalho, tendo sido o vencedor da 6ª edição do Prémio da Literatura Infantil Pingo Doce. Este foi responsável pelas ilustrações dos personagens e apoio na criação e na direção artística do projeto.

5.2.4.4. COMPOSIÇÃO AUDITIVA

Devido a restrições temporais e técnicas foi escolhida a técnica áudio mais presente nos VRNF, o som Estéreo, para a construção do ambiente sonoro e da narração, ou seja, a **Composição Auditiva**. Recorrentemente ofuscado pelo visual, McRoberts (2018) permite a criação de concepções diretas a nível da sensação de presença, sendo importante para imersão

¹⁰² Para mais informações sobre o ilustrador, deixo o Instagram https://www.instagram.com/pedro_velho/ e o website <http://pedro-velho.com>. Acesso a 25/12/2022.

dos utilizadores/participantes ao gerar a uma compreensão mais profunda da narrativa.

Similarmente Bucher (2017) informa-nos que o Áudio, nas experiências imersivas, é o principal condutor da nossa atenção e deve ser aproveitado (p. 91).

A composição dos ambientes sonoros e edição foi produzida com recursos às ferramentas *Logic Pro*¹⁰³ (edição) e ao *Audacity*¹⁰⁴ (gravação).

De forma a utilizar o som como um recurso narrativo e correspondendo aos objetivos colaborativos deste projeto, pretende-se que este seja acompanhado por uma narração feita por mulheres Trans Brasileiras. Ao representar uma minoria que é invisibilizada, é fundamental o cuidado na sua representação. Ao oferecer este espaço como plataforma, foi escolhida uma narração na terceira-pessoa, não simulando a voz de Gisberta.

“Estamos falando da verdade de uma pessoa que foi subitamente tirada de todas as suas possibilidades de falar, de se defender. Foi brutalmente assassinada e a verdade dela foi com ela. Essa voz foi silenciada e ninguém pode falar por ela” (Beltrão apud Athayde, 2020, p. 5).

A 25 de Julho de 2022 foi lançada uma open-call (Figura 17) para encontrar a narradora com o apoio de diversas instituições LGBTQIA + a nível nacional na sua partilha.

Figura 17 | Grafismo redes sociais "Open-Call" narração



Fonte: Elaboração própria.

¹⁰³ Software de edição de áudio *Logic Pro*: <https://www.apple.com/logic-pro/> . Acesso a 27/11/2022

¹⁰⁴ Software para gravação áudio *Audacity*: <https://www.audacityteam.org> . Acesso a 27/11/2022

Apesar das diversas candidaturas, por motivos financeiros e de calendarização não foi possível a sua gravação. No entanto, mantendo este intuito colaborativo, acabámos por encontrar na plataforma de empregos freelancer Fiverr¹⁰⁵ uma atriz de voz Trans Brasileira: Alexia Vitória¹⁰⁶, uma atriz de voz e de dobragens. Narrou e gravou o projeto com recurso ao seu estúdio de dobragens, adaptando o argumento e contextualizando o universo narrativo à realidade linguística Brasileira, sendo um apoio fundamental para responder aos objetivos do projeto. “the “power” of voice-over (...) is vital in collaborative immersive media for social change.” (Reis, 2021, p. 224).

5.2.4.5. MANIPULAÇÃO DO OLHAR

Em relação à **Manipulação do Olhar**, a categoria dedicada à estimulação do utilizador/participante a explorar o ambiente virtual, será trabalhada de forma a guiar o desenvolvimento da história, com recurso a várias técnicas. Estas serão exploradas com mais detalhe na descrição dos atos, e serão compostas por elementos gráficos, movimentos de personagens e o uso de texto na imagem de diferentes formas.

5.2.4.6. EVIDÊNCIA DE CORPORIFICAÇÃO

Na **Evidência de Corporificação**, os mecanismos utilizados para representar o corpo no ambiente virtual, serão utilizadas várias técnicas de contacto visual intencional. Exploradas com mais detalhe na descrição dos atos, os elementos irão interagir com o utilizador/participante para reforçar a intenção de imaginar-se-a-si e imaginar-o-outro nas

¹⁰⁵ Licenciada em Biblioteconomia na Universidade Estadual Paulista, a primeira bibliotecária Trans do Brasil. É também Pós-graduada em Gestão de Marketing pelo Senac-SP, Bibliotecária-Chefe do Cefet-RJ Angra dos Reis, Locutora Publicitária e Conselheira do CRB-7 - Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado do Rio de Janeiro. Como conselheira participou no desenvolvimento do Podcast “Transitando na Biblio”, um podcast dedicado à partilha de experiências e saberes profissionais de biblioteconomia. Detentora do curso profissionalizante de interpretação da Nova Escola de Atores, deu a voz a personagens Trans de series como “Sort Of” e “Veneno” da Hbo Max. Contactos de Alexia Vitória: Telefone: + 55 (21) 97192 3022,; Número registro profissional de Radialista: 0024483/RJ; Número de registro profissional de Atriz: 0057385/RJ; Conta de Instagram: <https://www.instagram.com/alexia.vitoria.voz/>; Conta de TikTok: <https://www.tiktok.com/@alexiavoz> .

diferentes tomadas de perspectivas. Devido à sua complexidade computacional e à acessibilidade, não será visível um corpo digital pelo utilizador/participante (sem avatar).

5.2.4.7. INTERAÇÃO

Devido às limitações técnicas de outros mecanismos, dentro deste VRNF a **Interação**, a forma como é oferecido agenciamento ao utilizador/participante, será dada pela movimentação da sua cabeça, a propriedade mais comum noutras produções.

Recordando as palavras de Reis (2021), a imersão não requer interatividade e consequentemente a interatividade não garante imersão, e que esta falta de interatividade é superada por uma sensação dominante de presença. Apesar deste tipo de interação não permitir afetar ou para alterar o seguimento da história, a observação requer uma participação ativa do utilizador/participante para a construção da sua interpretação, o que por si requer um grau de envolvimento emocional, logo de agenciamento, ao decidir como cria a imagem mental da história (Reis, 2021, pp. 229-230).

5.2.4.8. LOCOMOÇÃO

Partindo destas escolhas de interação a **Locomoção**, a habilidade de movimentação dentro do ambiente virtual, será limitada aos movimentos da ação, devido a limitações técnicas. No entanto estas limitações permitirão uma acessibilidade ao público geral ao aumentar o leque de equipamentos onde se pode visualizar o VRNF.

5.2.4.9. ESPAÇO INTERPESSOAL

O **Espaço Interpessoal**, ou de que forma e a que distância estarão outros elementos no universo virtual, será explorada livremente ao nível interpessoal e vertical. Corroborando a intenção da ação, a procura da relação emocional entre os elementos e o utilizador/participante apoiará o seu ênfase e potencializará a sua imersividade.

5.2.4.10. MANIPULAÇÃO TEMPORAL

Dentro da última categoria, a **Manipulação Temporal**, o utilizador/participante acompanhará a história de Gisberta, de forma cronológica, ao longo dos seus 45 anos de vida, recorrendo a técnicas de saltos no tempo de forma a condensar à duração do VRNF.

5.2.4.11. ESTRUTURA

Partindo das categorias de Bevan et al. (2019), a experiência imersiva foi estruturada dentro de cinco momentos específicos, seguindo livremente a estrutura linear interativa e imersiva em 5 atos de Bucher (2017). Nesta, o autor estabelece num primeiro ato a *Exposition*, onde a audiência é levada à exposição das personagens e da sua história. Num segundo ato, o *Rising Action*, a ação está em ascendência levando a audiência para o momento mais intenso da história, sendo o terceiro ato o seu *Climax*, o ponto de viragem da experiência. O quarto ato, o *Falling Action* ou a queda da ação, contém as reviravoltas e as revelações, terminando no quinto ato denominado de *Dénouement* ou *Resolution*, ou seja, o desenlace ou a resolução. Apesar de construída para experiências com maior grau de interatividade, esta estrutura será livremente adaptada e aplicada a este VRNF.

Procurando oferecer ao utilizador/participante o espaço para a experiência das tomadas de perspetiva, podemos categorizá-la como uma experiência abstrata. Bucher (2017) diz nos que experiências abstratas podem explorar, em comparação com abordagens mais realistas, para além dos limites temáticos e estruturais, sendo o lado emocional o método expressivo. Estas não ficam limitadas ao uso de animação artística ou ao uso de imagens foto-realistas, procurando estar mais ligadas à abordagem conceptual e à sua relação com a realidade mais do que às características técnicas utilizadas para a criação da experiência (pp. 63 - 64).

Partindo destes conhecimentos foi então estruturado um Guião (Apêndice 4), dividido em 5 atos, de forma cronológica, a partir dos dados presentes na Tabela de Pesquisa Documental. Todos os seus textos são baseados em relatos reais presentes nos media.

5.2.4.12. LINHAS DE CONDUTA

Dentro deste levantamento, os autores foram partilhando algumas linhas de conduta para futuros criadores, dos quais destacamos:

- Animações cuidadosamente elaboradas podem oferecer uma proximidade com a realidade se a história, da experiência, for interessante e imersiva (De la Peña, 2017 apud Sirkkunen et al., 2021, p. 21);

- A relação entre a audiência e os atores presentes na ação são a chave para a criação de imersão (Bucher, 2017, p. 91);

- Todos os elementos e todas as escolhas narrativas enaltecem a experiência em RV, da cor da parede ao ponto de vista, logo devem deter um motivo, caso não disponham o criador perde uma oportunidade de acrescentar profundidade à sua história. A imersão pode ser quebrada a qualquer momento, logo todas as decisões criativas oferecem menos uma oportunidade de esta ser quebrada. Esta necessidade de precisão narrativa é maior do que em qualquer outro media. (Bucher, 2017, pp. 91-92);

- O som é o maior condutor da atenção do utilizador/participante e de ser tomado como uma vantagem em experiências em RV (Bucher, 2017, p. 91);

- Abstrair de movimentos bruscos de câmara virtuais. A simulação ou a utilização de técnicas de condução podem levar a conflitos visuais-vestibulares, ou seja, causar *cybersickness*, desconforto visual que pode levar ao enjoo. Apesar de ser aceite como efeito secundário, deve ser reduzido a todo o custo. É recomendada a utilização da técnica de teletransportação, que permite “transportar” o utilizador/participante a entrar numa nova localização através de *fade-in* e *fade-out* (Desvanecer da imagem). Esta elimina os conflitos sensoriais, evitando criar *cybersickness* (Hardee & McMahan, 2017, p. 13);

- Dois indivíduos não experienciam a história da mesma maneira, porque não olham na mesma ordem e para as mesmas coisas. No entanto a reexperienciação do conteúdo imersivo pode despertar uma nova reação emocional, que não tivesse ocorrido anteriormente, especialmente benéfico para a mudança social. (Reis, 2021, p. 299);

- Pode ser tentador para os criadores puxar os limites da imersividade que o interveniente pode sentir no mundo virtual. No entanto deve haver um respeito inato por este, tendo em consideração a variedade de pessoas que podem vir a experienciar o conteúdo imersivo. (Bucher, 2017, p. 62);

- Como um guia criativo, os criadores devem questionar se a história terá mais impacto nos utilizadores/participantes ao imergi-los ainda mais no mundo em que ocorre. (Bucher, 2017, p. 96);

- As histórias em RV oferecem uma oportunidade de mergulhar na pele de alguém com um género, etnia, cultura e classe diferente, criando um maior sentido de empatia para a com a

humanidade. Nós conectamos às histórias da por meio de como empatizamos com personagens. O *storytelling* imersivo liga-nos primordialmente. (Bucher, 2017, p. 78);

- A tentação de surpreender em RV pode ser difícil de resistir, logo devemos informar os utilizadores/participantes sobre potenciais extremos presentes na experiência. Protegendo quem os produz, tal como, os seus intervenientes, é imperativo que os criadores de RV vejam este espaço como uma negociação, mediando o seu poder imersivo (pp. 120-121).

5.3. PRODUÇÃO

McLean (2015) apud Bucher (2017) sugere que mais do que experienciar *storytelling*, estamos a participar numa vivência de memórias (p. 65). Ou seja, os projetos em RV oferecem *story finding* que proporciona *story living* aos utilizadores/participantes (Turska, 2021, p. 101). É desta procura, por uma vivência sobre a história de Gisberta, que iremos presenciar partes da sua vida, dentro de exercícios de tomada de perspetiva, numa humanização mediada pela empatia e a RV, baseada em factos e relatos reais.

Numa fase inicial, partindo da tabela de pesquisa documental, foi feita uma seleção de conteúdos dos principais elementos-chave a vivenciar neste VRNF, juntamente com uma seleção de imagens e materiais que os correspondam. Na maioria das produções feitas sobre Gisberta a informação recai para uma visão despersonalizada de uma pessoa que foi vitimizada, esquecendo a sua origem e vida previamente ao acontecimento do seu assassinato. Este projeto pretende reconhecê-la como uma pessoa e não só como uma acumulação de múltiplos estereótipos ou discriminações sociais, oferecendo pontes de ligação com o outro e uma contextualização sobre as suas conquistas e infortúnios. Para tal, comprimindo 45 anos de vida de uma pessoa, foi necessário considerar de que forma alguns acontecimentos poderão apelar mais à receptividade no utilizador/participante e consequentemente apoiar o seu processo de aproximação, sendo necessário um trabalho atento em todos os elementos para o sucesso do treino empático. Tratando-se de um processo de sensibilidade artística e de potencialidade narrativa, o guião deve ser visto como um guia criativo, onde todo o seu processo de produção necessitará de uma flexibilidade e de mutabilidade na maneira como será exposto o seu conteúdo. É neste ponto que a visualização de outros trabalhos e projetos, com referências e estilos de animação, se revela fundamental para as escolhas criativas. Devemos também neste ponto estabelecer as nossas linhas de conduta, quais os limites que consideramos relevantes explorar, sendo importante que este espaço seja compartilhado com elementos do exogrupo

retratado. Como elemento de um grupo maioritário, seja por uma ou várias vantagens sociais, nunca devemos esquecer que este espaço de representatividade oferecido ao outro, tem a responsabilidade de respeitar a sua audiência, mas principalmente de respeitar quem procura representar.

5.3.1. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Neste ponto serão exploradas as tomadas de decisão feitas para cumprir com os objetivos deste VRNF, configurando sobre a forma de quadros a aplicação dos dados levantados, as adaptações produzidas e a relação com as propriedades de Bevan et al. (2019), dentro da estrutura adaptada de *storytelling* imersivo em 5 atos de Bucher (2017).

5.3.1.1. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Num primeiro contacto com a temática, e proveniente do acesso a um arquivo jornalístico onde se formulou este projeto, foi feita uma exploração com recurso ao desenho simples acompanhado por excertos de notícias (Apêndice 5-A). Este serviu para viabilizar a potencialidade de rotação da cabeça no utilizador/participante e compreender como um espaço em 360° se aproxima do teatro imersivo, o *storytelling* espacial (Reis, 2021). Posteriormente foi ponderada uma conceptualização do espaço virtual através do arquivo vídeo de reportagens (Apêndice 5-B). Apesar de interessante, para uma exploração da visão mediática, foi descartado pela criação precoce de uma imagem sobre Gisberta, que se procura aqui fomentar, correndo o risco de perpetuar a visão discriminatória dos media Portugueses (Baptista & Himmel, 2006, p. 644). Seguidamente e inspirado em trabalhos compostos em 360° Video, explorou-se a sua aplicação neste projeto. Com recurso a fotografias em 360° do *Google StreetView*, tencionou-se conjugar com fotografias recolhidas no edifício onde ocorreu o assassinato, o “Pão de Açúcar” (Apêndice 5-C), sendo acompanhada por uma narração. Esta acabou por ser descartada devido às dificuldades de acesso ao “Pão de Açúcar” e por focar a ambiência visual no seu assassinato, um fator relevante, mas tendencioso. Foi também explorado com recurso a modelos 3D do *Google Maps* (Apêndice 5-D), detendo um efeito similar ao anterior, acrescentando-se a dificuldade de acesso a estes modelos e à falta de recursos técnicos para a sua produção.

5.3.2. COMPOSIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Foi através das potencialidades imaginativas e criativas da animação que se encontrou o espaço indicado para dar vida a uma história onde existem poucos registos visuais (Costa, 2019, p. 82). Para a produção deste VRNF, foram tomadas cinco decisões criativas: a) Um início especificamente dedicado à apresentação de Gisberta; b) o simbolismo do “Pão de Açúcar” como um marco na sua história; c) O facto de Gisberta ser conhecida por partilhar a sua história com os outros; d) O uso de fotografias como guias; e) A Restituição de uma história sem “Meio”.

Viabilizando estas decisões iniciou-se o processo de construção do interior do “Pão de Açúcar”. Partindo da observação de vários vídeos e fotografias, usou-se o *Blender* para a recriação da sua estrutura dentro de um ambiente virtual (Apêndice 6-A/B¹⁰⁷). Devido às dificuldades técnicas de desenho em perspetiva equirectangular, este passou a servir como o esqueleto 3D do ambiente imersivo, sendo os elementos presentes construídos em 2D e reposicionados de forma a completar o espaço imaginativo sobre a vida de Gisberta (Apêndice 6-C). Apesar deste ser usado como base para o posicionamento dos elementos, o espaço virtual em 360° oferece uma extensa área de produção. Assim, levanta-se a questão de como o aproveitar, principalmente dentro de uma estrutura de *storytelling* em 5 atos. Toda a experiência será acompanhada por narração, estimulando uma relação emocional.

De forma complementar a este ponto estarão presentes nos apêndices (Apêndice 7), uma descrição detalhada do guião, assim com as escolhas e análise de cada ato.

5.3.3. ATO 1 – O BRASIL ATÉ AOS 18 ANOS

Devido a retratar temática sensíveis, será feito um aviso prévio ao utilizador/participante. Fomentando um lugar de humanização (o motivo deste projeto), procuraram-se estratégias para criar no utilizador/participantes um lugar de proximidade com Gisberta. Este primeiro contato dedica-se ao “ato” de conhecer alguém e de permitir o acesso às suas vivências. Demarcado pela sua relação familiar, este será também o primeiro contato de reconhecimento do universo narrativo em 360°, onde acompanharemos Gisberta desde a sua infância até às razões que a

¹⁰⁷ No Apêndice 6 – A é possível observar o desenho do esqueleto do “Pão de Açúcar” dentro do *Blender*, no ponto B podemos observar uma das imagens produzidas e a sua simulação dentro de um HMD.

levaram a sair do Brasil, servindo como um guia “narrativo” e um fio condutor “físico” no espaço [manipulação do olhar].

Configurando o ato de *Exposition* de Bucher (2017), o utilizador/participante tomará a perspectiva de alguém próximo de Gisberta (de quem a conhece desde pequena), num papel de Observador Passivo. Sendo acompanhado por fotografias estilizadas do seu espólio familiar, é envolvido nas suas memórias. De forma a contextualizar a Transfobia e Homofobia no Brasil será apresentado um excerto do documentário *Hunting Season*¹⁰⁸(1988) de Rita Moreira - “Você tem ouvido falar de noticiários (...) sobre o assassinato de homossexuais? [repórter], ‘Já sim’[entrevistada], “e o que que você acha?” [repórter], ‘eu acho é que tem mais que assassinar, mesmo! [entrevistada]”, e a capas/artigos de jornais da Biblioteca Nacional Digital do Brasil¹⁰⁹.

Neste ato serão abordadas questões como: O seu crescimento em Casa Verde, São Paulo; A sua descoberta enquanto pessoa Trans; As dificuldades vividas por não ser cisgénero; A sua relação hostil com o Pai e irmãos; A morte do seu Pai e a sua identificação como Mulher; A realidade LGBTQIA+fóbica do Brasil e a fuga para França.

Figura 18 | Cena "A Despedida", Ato 1



Fonte: Elaboração própria.

¹⁰⁸ “Hunting Season” (1988) de Rita Moreira: https://youtu.be/rjan_Yd0C5g

¹⁰⁹ Acedidos com recurso ao website da Biblioteca Nacional Digital do Brasil: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

5.3.4. ATO 2 – “OS DOIS LADOS DA HISTÓRIA” | TOMADAS DA PERSPETIVA

O espaço virtual é fenomenologicamente similar ao nosso universo real. Se nos imaginarmos num quarto podemos posicionar cada parede como pontos cardeais. É nesta realização que surge uma questão: Se estivermos a olhar para a frente, será que está algo a acontecer nas nossas costas?. Voltemos então para o quarto imaginado. Se traçarmos uma linha da esquerda para a direita, alinhada com o nosso corpo, podemos reconhecer que este espaço fica agora dividido em duas partes, o que está a nossa frente e o que está nas nossas costas. Temos então duas áreas de 180° de possibilidades para desenvolver e incentivar o utilizador/participante a explorar. Sendo este projeto um VRNF com a aplicação de exercícios de tomada de perspetiva, procuramos relacionar diretamente com uma noção social, associada às perspetivas, a nossa perspetivas e a dos outros?. Ao transformarmos este quarto em dois lados passamos a ter a possibilidade de testemunhar um acontecimento dentro de dois lados da história, duas realidades dentro de uma virtual.

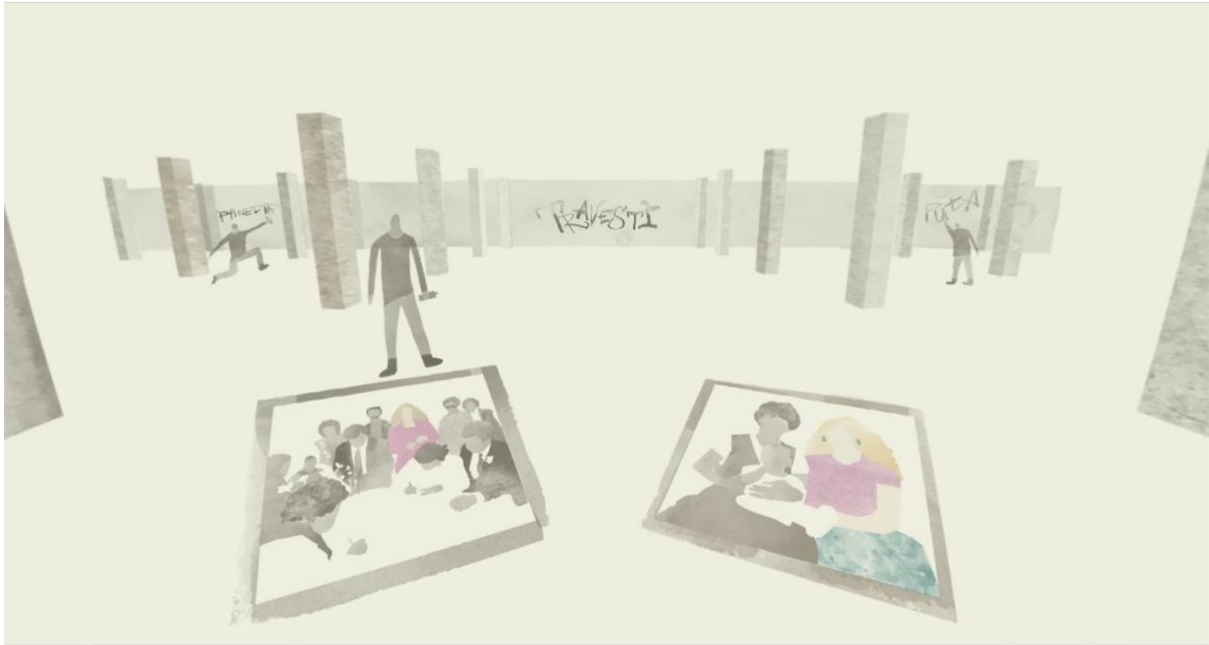
Aplicando esta exploração visual, relacionando o testemunho imersivo de Nash (2018/b) com o nosso papel de Observador Passivo (Bevan et al., 2019), será explorado este duplo lugar de Gisberta, o seu passado e o acontecimento que levou ao seu desaparecimento. Neste ato de *Rising Action* (Bucher, 2017) damos ao interveniente a possibilidade de reconhecer as razões que a levaram a ir viver para o “Pão de Açúcar”, tal como as suas conquistas enquanto pessoa, a sua relação familiar, os seus dois cães e a apresentação dos três jovens iniciais. Neste ato são trabalhadas temáticas como: A violência no Brasil e na Europa, a discriminação laboral, a necessidade de sobrevivência através do trabalho sexual e relatos íntimos de pessoas que presenciaram a sua vida.

Serão também utilizadas várias técnicas de manipulação de olhar, através do aparecimento de personagens e objetos, para guiar o utilizador/participante oferecendo-lhe uma base coerente e fluída entre as diferentes tomadas de perspetiva. Correlacionando-as com a evidência de corporificação, o utilizador/participante será colocado como fotógrafo de Gisberta, como um cliente de um bar, também lhe serão atiradas pedras pelos jovens e poderá cantar um karaoke com Gisberta.

Composto pelo maior ato deste VRNF, serão usados vários saltos no tempo, de forma a comprimir 27 anos da sua vida, com o aparecimento de várias fotografias/postais ao longo dessa época. Gisberta era conhecida por contar histórias e partilhar fotografias com os outros, tal como fez com os jovens, servindo aqui como inspiração e base simbólica para a passagem

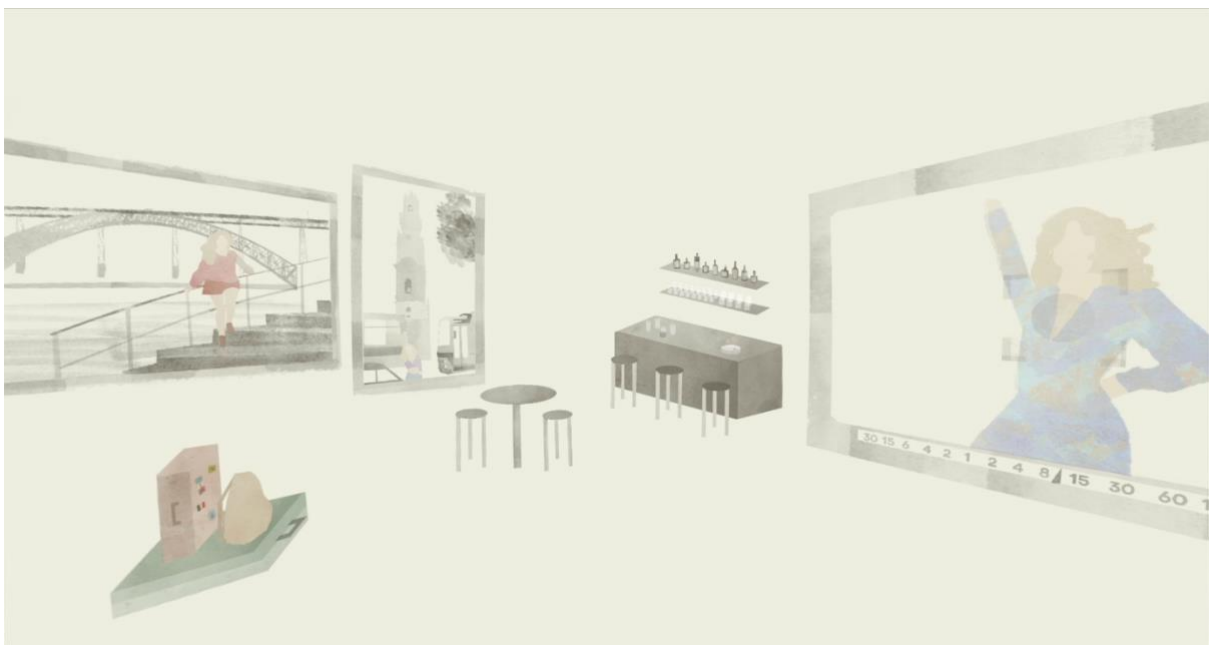
do tempo. Este ato termina com a passagem, “quando a Gis saiu daqui, o sonho dela era comprar uma casa para a sua mãe”.

Figura 19 | Cena "A Chegada dos Jovens", Ato 2 – Perspetiva “acontecimento”



Fonte: Elaboração própria.

Figura 20 | Cena "Vinda para o Porto", Ato 2 - Perspetiva "passado"



Fonte: Elaboração própria.

5.3.5. ATO 3 – SEQUÊNCIA DE INVESTIGADOR

No ato dedicado ao *Climax*, segundo a estrutura de Bucher (2017), importa destacar que este ato será adaptado, ao conjugar elementos do *Raising Action*, ao permitir a sequência cronológica do ato anterior, mas de outra perspectiva. A discriminação sentida por Gisberta esteve também presente *post mortem*, dentro do que ficou conhecido como o *Caso Gisberta*, sendo aqui explorado de forma separada para não perpetuar a exploração da sua história de violência: "Para a cisgeneridade, as pessoas Trans só se tornam humanas quando são mortas de forma horrível"¹¹⁰. Num esforço de separar a vida de Gisberta com os acontecimentos que levaram à sua morte, este VRNF reconhece a dificuldade em não conjugar a vida de pessoas Trans com as suas mortes, procurando não perpetuar essa relação.

Como espaço de educação através das vivências de memórias, enquanto ferramenta discursiva (Álvarez, 2017, p. 2103), este ato apresenta, as dimensões que compõem a tomada de perspectiva de uma pessoa que não esteve presente nos acontecimentos e de uma visão na terceira-pessoa, assumindo a condição de investigador. Passando por um espaço inicial experiência pessoal de Rute Bianca (amiga de Gisberta), quando saíram as primeiras notícias sobre Gisberta, este lugar simbólico pretenderá que o utilizador/participante se relacione com o desamparo sentido por Rute, sendo transportando posteriormente para o lugar de investigador/espectador dos relatos que compuseram os julgamentos (mediáticos e judiciais). Será trabalhada a perspectiva de Rute Bianca com recurso ao aparecimento de uma televisão, que passa excertos de noticiários [manipulação do olhar], aparecendo uma tábua de passar a ferro [evidência de corporificação / relação interpessoal].

Promovido pela quantidade de informações confusas e contraditórias sobre Gisberta e o seu caso, este espaço enquanto investigador, permitirá ao utilizador/participante decifrar e reportar as múltiplas discriminações feitas após a sua morte. Utilizando simbolicamente o interior do prédio do “Pão de Açúcar” como um painel de investigação/provas, ligado à criminologia, será abordado o modo como foi contruída a imagem pública de Gisberta, como

¹¹⁰ Hilda de Paulo (2022) no artigo <https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2022-12-02-Hilda-de-Paulo-Nao-e-esperada-a-intelectualidade-das-pessoas-trans-nem-da-preta-retinta.-Vivemos-ainda-o-eco-do-colonialismo-e52c43ef> . Acesso a 02/12/2022

foi representada e como foram desresponsabilizadas as vozes que perpetuaram este crime de ódio.

Com recurso a fotografias, capas/artigos de Jornais Portugueses e Brasileiros e excertos de reportagens televisivas, o universo visual será acompanhado por objetos encontrados no local dos acontecimentos, preparando o utilizador/participante para acompanhar o desenrolar da ação [manipulação do olhar]. Todas as informações presentes serão adaptadas para não incluir a presença do nome morto (nome atribuído à nascença), de forma a respeitar a sua identidade.

Figura 21 | Exemplo artigo jornal - sequência investigador



Fonte: Elaboração própria.

5.3.6. ATO 4 – ARRASTARAM-NA 100 METROS

Distanciando-se de Bucher (2017), este ato inclui diferentes elementos da sua estrutura, de *Climax*, de *Falling Action* e de *Resolution*, dentro da sua construção.

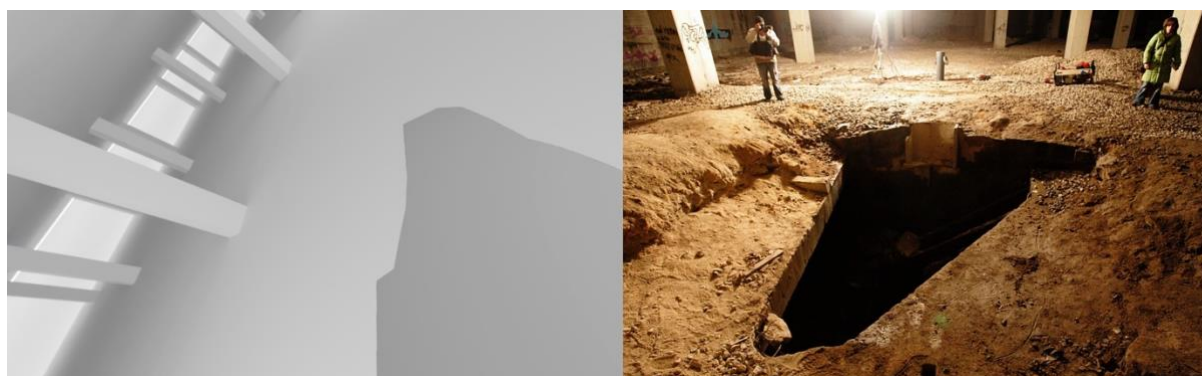
Reconhecendo os acontecimentos antecedentes, este ato procura agora voltar para a realidade de Gisberta, tomando diretamente, pela primeira vez, a sua perspetiva. Debilitada pelas condições físicas que detinha, juntamente com a violência que lhe foi perpetrada, este ato inicia-se com a procura de resolução para as informações apresentadas no ato anterior, numa construção simbólica da sua experiência. É neste primeiro momento, de crítica ao Estado por não ter protegido quem mais necessitava, que ouvimos o resultado do julgamento, procurando não desresponsabilizar os agentes que provocaram os desenlaces desta história.

Recorrendo a diversas técnicas de locomoção, o ponto de vista do utilizador/participante passará agora por um processo de evidência de corporificação mais direto, alterando o seu espaço interpessoal vertical ao ser percecionado como se estivesse no chão. Procurando oferecer uma nova tomada de perspetiva, potencializada pelas limitações técnicas desta tipologia de VRNF, onde o utilizador/participante não tem capacidade de interação e/ou manipulação do ambiente, replicará e simulará o corpo imobilizado de Gisberta. Devido à sua natureza visceral, no decorrer da narração veremos o espaço virtual a ficar tapado

[evidência de corporificação], aproveitando o valor simbólico das mantas que embrulharam Gisberta, recriando a sua experiência de ser arrastada até ao poço.

Este ato contemplará também outra nova perspectiva sobre Gisberta, a iminência de cair dentro do poço, oferecendo ao utilizador/participante uma última respiração. Relacionando-se com a *Resolution* de Bucher (2017), é neste momento que se procura explorar o valor simbólico da única resolução possível, a “nossa” queda no fosso. Nas palavras da irmã de Gisberta “o juiz disse que quem matou a minha irmã não foram os meninos, foi a água do poço. Não foram eles? Quem matou foi a água do poço, porque eles jogaram a minha irmã lá, não é?” (Rodrigues, 2016).

Figura 22 | Teste cena "Suspensão, da Memória de Gisberta", Ato 4



Fonte: Elaboração própria.

5.3.7. ATO 5 – IN MEMORIAM

Configurando-se no que Bucher (2017) define como *Resolution*, é neste ato que chegamos ao fim da experiência imersiva, a sua resolução. Simbolicamente replicando a queda dentro do fosso, este ato apresenta um novo espaço virtual, visualmente escuro. Distanciando-se das cores sóbrias e fundo claro dos atos anteriores, a sua escolha oferecerá um maior grau de imersividade ao utilizador/participante. Dedicado à memória de todas as vítimas de Transfobia, este espaço procurará finalizar o processo de tomada de perspectiva ao transformar-se num espaço educativo que cimente o conhecimento sobre dados de assassinatos motivados por transfobia a nível Nacional e no Brasil.

Após a entrada neste ato, será dado um apelo aos movimentos ativistas LGBTQIA+ nacionais, recriando o estandarte produzido na época: “Meu Nome Era Gisberta. Fui Torturada, Violada, Assassinada. Para a Justiça Eu Morri Afogada E a Culpa Foi da Água”. Iniciando-se

assim o processo de memória às vítimas de Transfobia¹¹¹, será dada pela primeira vez uma fotografia não desenhada de Gisberta, cedida por Rute Bianca. Acompanhada pela narração, serão apresentados em texto pelo espaço virtual, os nomes de todas as pessoas trans assassinadas em Portugal e no Brasil. Seguidamente, iniciando-se os créditos, será deixada uma mensagem de agradecimentos aos colaboradores deste projeto, acompanhado por um pequeno texto sobre as fontes deste VRNF e os contactos de instituições, incentivando ao ativismo e à mudança social. No final dos créditos será escrito: “A única pessoa que saberá o que realmente aconteceu não está cá, o que nos resta é a estranha amnésia dos que ficaram”.

5.4. PÓS-PRODUÇÃO

Numa produção audiovisual o processo de seleção e edição dos conteúdos captados, e a sua montagem, decorrem durante a fase de pós-produção, na perspetiva de contar fielmente a história (Reis, 2021).

Devido à natureza deste projeto, que recorre à animação, assinala-se uma constante mutação e adaptação do guião com os conteúdos, interligando a conceção com os recursos da ilustração. Podemos então descrever que o processo de edição se inicia durante a produção e se finaliza com a pós-produção. “An edit in VR should successfully capture the attention of the audience so that they might be brought into a new phase (Bucher, 2017, p .91)”.

É nesta fase que ocorre todos os ajustes e correções ao nível dos efeitos de iluminação, de correção de cor e inclusão das caixas de texto. É também nesta etapa que se preparam os ficheiros para exportação conforme as necessidades das plataformas de exibição e dos equipamentos que vão ser utilizados.

A nível sonoro, a captação da narração decorreu durante a fase de produção e de pós-produção, sendo adaptada consoante a evolução do processo de edição. A fase de pós-produção áudio é composta pelo processo de refinamento da narração, adaptando-a aos tempos da imagem, corrigida e calibrada. Esta é também a fase de criação dos ambientes sonoros, onde se potencializa as intenções presentes no guião e se cria a envolvência sonora e de imersividade. De elaboração própria, os (seus) ambientes diegéticos e não diegéticos foram criados com

¹¹¹ Os nomes das 1860 vítimas aqui apresentados provieram da plataforma online “Remembering Our Dead” <https://tdor.translivesmatter.info/reports?from=1980-10-01&to=2023-09-30&country=Brazil&category=all&view=list&filter=> . Acesso a 26/03/2023

recurso a bancos sonoros¹¹² e por captações feitas pela narradora Alexia Vitória. Presente durante todo este processo, incluindo o de produção, foram feitos vários testes de qualidade e imersividade com recurso a um HMD gentilmente cedido pela ESECS, um *Oculus Go*. Tendo este projeto uma intenção de acessibilidade é preciso assegurar a sua qualidade nos equipamentos mais acessíveis, os *smartphones*. Para tal, foi incluído neste processo de testes a sua exibição com um adaptador de RV para *smartphones*, o *VR Shinecon*. Estes equipamentos permitirão não só a validação de cada cena, ou das suas alterações, mas também a aproximação da experiência ao seu público-alvo. Posteriormente, concluído a finalização do VRNF, será feito um teste dentro dos diversos meios de visualização de conteúdos RV (*smartphone, tablet, computador e Óculos de RV*) assegurando a sua qualidade de exibição e aplicabilidade. O VRNF resultante deste projeto poderá ser consultado em formato *mov*, com recurso a um leitor no computador, e na plataforma *Youtube* (Apêndice 8).

¹¹² Banco sonoro *Freesound*, link: <https://freesound.org/>. Acesso a 26/03/2023

6. CONCLUSÕES

Neste relatório de projeto/investigação procurámos apresentar um caminho possível para a criação de uma experiência de não-ficção em realidade virtual (VRNF), aplicando exercícios de tomada de perspetiva (VRPT) sobre a vida de Gisberta Salce, enquanto ferramenta de intervenção/educação social para a fomentação da empatia e de comportamentos pró-sociais no combate à transfobia.

Propusemos-mos a desenvolver esta experiência de forma estruturada sobre pilares tecnicamente e academicamente fundamentados. Estabelecemos objetivos, necessidades e metas importantes que acreditamos termos conseguido alcançar, contribuindo simultaneamente para o panorama nacional de produções e investigações em realidade virtual, sendo esta a primeira experiência VRNF sobre transfobia em Portugal.

Com o propósito desta experiência imersiva servir como uma ferramenta de educação social e de ativismo (Reis, 2021), pretende-se com este projeto explorar e partilhar novas ferramentas para fomentar a educação e intervenção social, não só para a redução do preconceito contra pessoas Trans mas também para estimular novos criadores/investigadores a trabalhar questões de importância social e de ativismo.

Para que esta fosse concretizada foi essencial fazer, primeiramente, um levantamento bibliográfico que aprofundasse conhecimentos sobre os fenómenos associados a estas experiências, assim como as suas características e aspetos técnicos, de modo a beneficiar destas e potencializá-las no espaço virtual. Como já estabelecemos previamente, os VRNF podem ser vistos como uma ferramenta de desenvolvimento humano (Rose, 2018) e como uma plataforma para contar histórias de interesse humano (McRoberts, 2018). Esta tipologia de produções tem oferecido a possibilidade de usufruir da empatia enquanto ponte mediadora (Chen et al., 2015), capaz de gerar compreensão sobre as histórias das pessoas retratadas (Jones, 2021) suscitando preocupação sobre o outro (Mado et al., 2021).

Ao agirem como uma plataforma discursiva de temas sensíveis (Gynnild et al., 2021; Costa, 2019), na primeira pessoa (De la Peña et al., 2010), permitem aos utilizadores/participantes ficarem mais próximos da verdade, neste caso da vida de Gisberta, através das tecnologias imersivas (Reis, 2021). Para que esta proximidade ocorra, será fundamental um trabalho ativo sobre a sensação de presença (McRoberts, 2018; Slater & Sanchez-vives, 2016; De la Peña et al., 2010), sobre a empatia (Carlos, 2020; Herrera et al.,

2018; Van Loon et al., 2018) e sobre o envolvimento do utilizador/participante (Kelling et al., 2020).

A sensação de existirmos dentro de uma experiência imersiva (McRoberts, 2018), ou a ilusão de entrar num mundo e fazemos parte dele (Nash, 2018/a), pode ser descrita como uma experiência subjetiva de imergir (de “*being there*”) (Slater & Sanchez-Vives, 2016), que nos leva a uma *resposta-como-se-real* (De la Peña et al., 2010). Bevan et al. (2019) defendem o potencial dos VRNF para imergir os utilizadores/participantes dentro de diferentes vidas e realidades. É devido a esses fenómenos que a RV tem vindo a ser aplicada para o estudo de tomadas de perspetiva do outro (uma propriedade da empatia cognitiva/preocupação empática) (Zaki, 2019). Os Exercícios Mediados de Tomada de perspetiva em RV (VRPT) (Van Loon et al., 2018), têm-se relevado um método eficaz na promoção de empatia sobre grupos minoritários (Herrera et al., 2018), recorrendo a exercícios de *imaginar-se-a-si* na posição do outro e *imaginar-o-outro* (de que forma a pessoa se terá sentido) (Carlos, 2020). Mado et al. (2021) acrescentam que as produções em RV podem ser utilizadas para treinar o músculo empático, sendo que os exercícios de tomada de perspetiva trazem benefícios para a criação de empatia sobre um alvo social, principalmente quando existe insensibilidade pelo sofrimento do outro (Weisz & Zaki, 2017). Ao corporificar o mundo de Gisberta, (*Storyworld*) fazendo parte dele e das suas memórias (*Worldhood*), é-nos permitido sentir que experienciamos as suas vivências (*Storyliving*), levando-nos dessa forma a descobrir quem foi Gisberta (*Storyfinding*) (Turska, 2021; Reis, 2021; Bucher, 2017; Evans, 2017).

Através da aplicação conjunta de exercícios mediados de tomada de perspetiva e dos VRNF, poderemos aproximarmo-nos da história de Gisberta, nas suas múltiplas perspetivas, impulsionando uma alteração dos comportamentos dos utilizadores relativamente à Transfobia.

A escolha da utilização da animação para a produção deste VRNF, fundamenta-se pelo potencial da animação em RV para contar histórias das quais não dispomos de registos visuais (Costa, 2019), permitindo-nos criar uma experiência que não seria possível num outro formato (Bucher, 2017). A sensação de presença, ou a *resposta-como-se-fosse-real*, ocorre mesmo quando não existe uma aparência visual realista, quer dos elementos, quer “da representação e comportamento dos humanos virtuais” (Sanchez-Vives & Slater, 2005 apud De la Peña et al., 2010, pp. 293-294). Os utilizadores/participantes tendem a distanciar-se de representações virtuais realistas (Bailenson et al. 2001 apud Slater & Sanchez-Vives 2016, p. 19), sendo-lhes mais fácil assumir corpos que não disponham de alto nível de semelhança humana (Lugrin et al., 2015, p. 2). Segundo Herrera et al. (2018) recorrer à animação, oferece ao interveniente o

acesso ao universo do acontecimento, permitindo combater o seu preconceito imaginativo, fator especialmente importante para a compreensão de grupos marginalizados (Mado et al., 2021).

A estrutura de Bucher (2017) aplicada neste projeto, dividindo-o em 5 atos, facultou uma maior diversidade de perspetivas, dando ao utilizador/participante a possibilidade de se imergir na história de Gisberta de forma mais dinâmica e complexa. Este fator foi decisivo para o desenvolvimento da experiência, dado existir tão pouco material sobre a vida de Gisberta e sobre a situação que levou à sua morte. Entre contradições e dados ocultos, notícias dos media, arquivos de entrevistas a familiares, *conhecidos* e *amigos*, assim como conversas informais que tive com amigas de Gisberta, ativistas e associações, criaram-se várias perspetivas. Estas tornaram possível dar um sentido de estrutura à fragmentação que rodeia a história de Gisberta. Encontrámos nestas fontes uma forma de potencializar a expressividade da experiência, utilizando-as nas escolhas criativas, estéticas e conceptuais.

Todo o trabalho que aborde temáticas de pessoas marginalizadas deve ter uma noção ativa de responsabilidade sociopolítica. Procurando assim, fundamentar-se dentro da comunidade que procura representar, respeitando o seu lugar de fala. Foi a partir dessa perspetiva que partimos para as conversas informais (Swain & King, 2022) que foram essenciais para a recolha e acesso a informações, materiais e detalhes para a delineação e construção do projeto¹¹³. Estas conversas proporcionaram também uma contextualização mais profunda sobre as realidades e vivências das pessoas Trans, possibilitando também convites para a aplicação deste projeto como ferramenta educativa no Brasil em colaboração com o núcleo TransUNIFESP da Universidade Federal de São Paulo e na ILGA Portugal.

“Seu Nome Era Gisberta”, procura colmatar uma lacuna no campo artístico e interventivo na promoção de vivências, humanização e proteção das pessoas Trans, formulando-se como uma ferramenta de intervenção/educação social para o combate à Transfobia. Para Álvarez (2017) a educação beneficia das vivências do trabalho com memórias e as visualidades que a configuram, enquanto ferramentas discursivas do presente e com influência no futuro (p. 2103). O trabalho a partir da imaginação, oferecida aqui pelo VRNF, colocam o discurso dentro da ação, oferecendo “vida aos arquivos” (p. 2105). Como plataforma de representatividade, este VRNF parte da aplicação artística como “uma linguagem que bem pode despontar em análises políticas, sociais e culturais, isto mediante a produção de objetos

¹¹³ Aconselho a leitura dos artigos de Ana Cristina Perreira: <https://www.publico.pt/multimedia/interactivo/do-armario-a-rua-homossexualidade-nao-e-crime-ha-40-anos>. Acesso a 06/01/2023

que além de convidar à observação, convidem à memorização, reflexão e mediação.” (Álvarez, 2017, p. 2106).

É também neste espaço de educação e representatividade que este projeto procurou com dar a sua narração a uma mulher Trans Brasileira. Destacando-se como uma novidade, em comparação com todos os projetos artísticos já produzidos sobre Gisberta. A prestação de Alexia Vitória elevou a potencialidade afetiva e educativa desta experiência, colaborando não só na gravação da narração, mas também na adaptação do guião para se aproximar mais do português Brasileiro.

Dentro das suas limitações a produção deste tipo de VRNF, com recurso à animação, permitiu uma exploração temática e simbólica, no entanto, reconhece-se a sua dificuldade de aplicabilidade. A sua necessidade de recursos computacionais e temporais foi uma limitação para a sua realização. Apesar de ter sido possível colaborar com a Alexia Vitória para a sua narração, um marco muito importante para este projeto, o processo de *open-call* revelou as necessidades financeiras e técnicas para a captação da narração. O facto de Alexia ser atriz de voz permitiu, para além de um trabalho detalhado, dedicado e profissional, o acesso ao seu estúdio em casa para dobragens, reduzindo os custos de produção.

A RV, apesar de ser uma tecnologia em claro desenvolvimento nos dias de hoje, ainda detém uma grande barreira de acessibilidade. Dependendo maioritariamente de dispositivos HMD, principalmente quando requer corporificação de avatares e interação. A sua democratização dependerá da capacidade evolutiva da tecnologia para a produção de baixo custo destes equipamentos. Tal como abordado neste documento, estamos na terceira onda da RV, onde este espaço está cada vez mais próximo da possibilidade, no entanto ainda existirá um longo caminho até à sua real aplicabilidade e disseminação.

Apesar de projetos VRNF terem a possibilidade serem visualizados com recurso a *smartphones*, *tablets* e computadores, ainda não existem estudos que comprovem se as suas potencialidades também perduram nestes dispositivos.

Numa perspetiva futura procura-se que este projeto venha a ser reconhecido como uma ferramenta educacional contra a Transfobia, incentivando outros criadores/investigadores a usufruir das potencialidades destes novos media para a criação de mais produções para a mudança social em Portugal. Acreditamos também que este VRNF poderá ser aplicado como objeto de análise para a compreensão dos seus efeitos como ferramenta de treino empático noutras investigações.

O desenvolvimento deste projeto trouxe-me várias aprendizagens quer a nível pessoal, quer como investigador, que acabam por estar, de certo modo, interligadas. A nível pessoal, reforçou o meu interesse e humildade profunda sobre a realidade das pessoas LGBTQIA+, principalmente da comunidade Trans, levando-me a ingressar numa especialidade em Intervenção Psicossocial Afirmativa com pessoas LGBTQIA+.

Como investigador, pretendo continuar a especializar-me e desenvolver/aplicar os VRNF e os media imersivos noutros contextos relacionados com temáticas de justiça social, acreditando que estes podem ser uma ferramenta educativa/interventiva valiosa para mediar a convivência com o outro, dando-nos a possibilidade de o entender de outra forma, aproximando-nos da sua experiência.

Por fim, entrego este documento sobre Gisberta no dia 31 de Março, o Dia Internacional da Visibilidade Trans.

BIBLIOGRAFIA

- Acena, D., & Freeman, G. (2021). In My Safe Space: Social Support for LGBTQ Users in Social Virtual Reality. *Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings*, 1–6. <https://doi.org/10.1145/3411763.3451673>
- Aires, R., Teixeira, T., Grave, R., Magalhães, S. I., & Rodrigues, L. (2021). *De memória: história das lutas feministas e LGBTQIA+ em Portugal*. Gentopia - Associação para a Diversidade e Igualdade de Género .
https://sigarra.up.pt/spup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=535261
- Álvarez, J. S. O. (2017). Gisberta, Dandara e Outras Histórias Silenciadas, Desconectadas. *Anais do 26º Encontro da Anpap*, 2093–2108.
http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S04/26encontro_____ÁLVAREZ_Juan_Sebastián_Ospina.pdf
- Andrade, L. N. de, & Saleiro, S. P. (2021). Trans(i)legalidade: direitos LGBT+ no Brasil e em Portugal. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 6(4), 100–124.
<https://doi.org/10.9771/CGD.V6I4.43511>
- Aron, A., Aron, E. N., & Smollan, D. (1992). Inclusion of Other in the Self Scale and the Structure of Interpersonal Closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(4), 596–612. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.4.596>
- Athayde, M. A. (2020). Quantas vidas tem Gisberta?: imagem, mídia e arquivo na narrativa contemporânea. *Journal of Lusophone Studies*, 5(2), 1–26.
<https://doi.org/10.21471/jls.v5i2.324>
- Baptista, M. M. R., & Himmel, R. I. P. de L. (2016). ‘For Fun’: (De) Humanizing Gisberta—The Violence of Binary Gender Social Representation. *Sexuality and Culture*, 20(3), 639–656. <https://doi.org/10.1007/S12119-016-9350-5/METRICS>
- Barreda-Ángeles, M., Aleix-Guillaume, S., & Pereda-Banões, A. (2020). An «empathy Machine» or a «just-for-the-Fun-of-It» Machine? Effects of Immersion in Nonfiction 360-Video Stories on Empathy and Enjoyment. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 23(10), 683–688. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0665>
- Behm-Morawitz, E., Pennell, H., & Speno, A. G. (2016). The effects of virtual racial embodiment in a gaming app on reducing prejudice.
<http://dx.doi.org/10.1080/03637751.2015.1128556>, 83(3), 396–418.
<https://doi.org/10.1080/03637751.2015.1128556>
- Benevides, B. G. (2023). *Dossiê Assassinatos de violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).
<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>

- Benevides, B. G. (2022). *Dossiê Assassinatos de violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>
- Bevan, C., & Green, D. (2018). A mediography of virtual reality non fiction: Insights and future directions. *TVX 2018 - Proceedings of the 2018 ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video*, 161–166. <https://doi.org/10.1145/3210825.3213557>
- Bevan, C., Green, D. P., Farmer, H., Rose, M., Cater, K., Fraser, D. S., & Brown, H. (2019). Behind the curtain of the “ultimate empathy machine”: On the composition of virtual reality nonfiction experiences. *Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings*, 1–12. <https://doi.org/10.1145/3290605.3300736>
- Broch, B. (2020). *Documentários em Realidade Virtual : ferramenta para o Envelhecimento Ativo Educação e Ciências Sociais* [Tese de Mestrado]. Instituto Politécnico de Leiria.
- Bucher, J. (2017). Storytelling for virtual reality: Methods and principles for crafting immersive narratives. Em *Storytelling for Virtual Reality: Methods and Principles for Crafting Immersive Narratives*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315210308>
- Bujić, M., Salminen, M., Macey, J., & Hamari, J. (2020). “Empathy machine”: how virtual reality affects human rights attitudes. *Internet Research*, 30(5), 1407–1425. <https://doi.org/10.1108/INTR-07-2019-0306>
- Burbules, N. C. (2004). Rethinking the Virtual. *E-Learning and Digital Media*, 1(2), 162–183. <https://doi.org/10.2304/elea.2004.1.2.2>
- Canet, F., Odorico, S., & Soengas, X. (2020). Documentary film mutations for social justice: Introductory reflections. *Catalan Journal of Communication and Cultural Studies*, 12(2), 169–180. https://doi.org/10.1386/CJCS_00025_2
- Carlos, M. F. H. (2020). *Effect Of Imagine-Self and Imagina-Other Virtual Reality Perspective Taking Tasks on Affective Empathy and Prosocial Behaviors* [Tese de Doutorado, Stanford University]. <http://purl.stanford.edu/kp113zc2559>
- Chan, M. (2014). Virtual Reality: Representations in Contemporary Media. Em *Journal of Chemical Information and Modeling* (Vol. 53). Bloomsbury Academic. <https://doi.org/10.5040/9781628929898>
- Chen, V. H. H., Ibasco, G. C., Leow, V. J. X., & Lew, J. Y. Y. (2021). The Effect of VR Avatar Embodiment on Improving Attitudes and Closeness Toward Immigrants. *Frontiers in Psychology*, 12, 4722. <https://doi.org/10.3389/FPSYG.2021.705574/BIBTEX>
- Coleman, E., Radix, A. E., Bouman, W. P., Brown, G. R., Vries, A. L. C. de, Deutsch, M. B., Ettner, R., Fraser, L., Goodman, M., Green, J., Hancock, A. B., Johnson, T. W., Karasic, D. H., Knudson, G. A., Leibowitz, S. F., Meyer-Bahlburg, H. F. L., Monstrey, S. J., Motmans, J., Nahata, L., ... Arcelus, J. (2022). Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse People, Version 8.

<https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2100644>, 23(sup1), S1–S259.
<https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2100644>

- Constine, J. (2015, Fevereiro 1). *Virtual Reality, The Empathy Machine* | TechCrunch. TechCrunch. <https://techcrunch.com/2015/02/01/what-it-feels-like/?guccounter=1>
- Costa, L. (2019). Jornalismo Imersivo de Realidade Virtual. Em *Livros LabCom* (Números 978-989-654-567-3).
- Davepape. (2001). *The Cave Automatic Virtual Environment at EVL*. Wikimedia. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CAVE_Crayoland.jpg
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- De la Peña, N., Weil, P., Llobera, J., Giannopoulos, E., Pomés, A., Spanlang, B., Friedman, D., Sanchez-Vives, M. V., & Slater, M. (2010). Immersive journalism: Immersive virtual reality for the first-person experience of news. *Presence: Teleoperators and Virtual Environments*, 19(4), 291–301. https://doi.org/10.1162/PRES_a_00005
- Evans, L. (2018). The re-emergence of virtual reality. Em *The Re-Emergence of Virtual Reality*. <https://doi.org/10.4324/9781351009324>
- Fachin, O. (2006). *Fundamentos de Metodologia* (5.^a ed.). Editora Saraiva. www.editorasaraiva.com.br
- Fagundes, S. I. de A. (2017). *Um Crime de Ódio Chamado Gisberta: Uma Abordagem Crítica e Interseccional sobre os conteúdos da imprensa em Portugal* [Tese de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/108516>
- Faye, S. (2021). *The Transgender Issue*. Penguin Random House UK.
- Ferreira, A. (2016). Associações/grupos/coletivos portugueses e questões Trans. *Revista Multimédia de Investigação em Educação | Multimedia Journal Of Research in Education*, III(1). <http://sensores-e.ese.ipp.pt/?p=10648>
- Ferreira, M., Correia, M., & Neves, S. (2020). *Violência(s), (Des)Igualdade(s) e Diversidade(s) - Guião de Promoção de Boas Práticas*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/03/UNigualdade-III-Guiao-de-Boas-Praticas_site.pdf
- Frere RLC, S. R. F. (2015). *Soldier Using Virtual Reality Headset*. Ministry of Defence | Defence Imagery. [https://www.defenceimagery.mod.uk/Home/Search?Query=45158483.jpg&Type=File name](https://www.defenceimagery.mod.uk/Home/Search?Query=45158483.jpg&Type=Filename)
- Green, D. P., Rose, M., Bevan, C., Farmer, H., Cater, K., & Fraser, D. S. (2021). ‘You wouldn’t get that from watching TV!’: Exploring audience responses to virtual reality non-fiction in the home. *Convergence*, 27(3), 805–829.

https://doi.org/10.1177/1354856520979966/ASSET/IMAGES/LARGE/10.1177_1354856520979966-FIG2.JPEG

- Green, J. N., & Quinalha, R. (2018). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (2.^a ed.). EdUfSCar. <https://edufscar.com.br/ditadura-e-homossexualidades-510200062?search=homossexualidade>
- Gynnild, A., Uskali, T., Jones, S., Sirkkunen, E., Vindenes, J., Ikonen, P., Flatlandsmo, S., G. Johnson, D., O. Dowling, D., Ilvonen, I., Vanhalakka, J., Helander, N., Kelling, C., Väättäjä, H., Kauhanen, O., Karhu, J., Turunen, M., Lindqvist, V., Arjoranta, J., ... Nyre, L. (2021). Immersive Journalism as Storytelling. Em T. Uskali, A. Gynnild, S. Jones, & E. Sirkkunen (Eds.), *Immersive Journalism as Storytelling*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429437748>
- Hardee, G. M., & McMahan, R. P. (2017). FIJI: A Framework for the Immersion-Journalism Intersection. *Frontiers in ICT*, 4(JUL), 21. <https://doi.org/10.3389/fict.2017.00021>
- Herrera, F., Bailenson, J., Weisz, E., Ogle, E., & Zaki, J. (2018). Building long-term empathy: A large-scale comparison of traditional and virtual reality perspective-taking. *PLOS ONE*, 13(10), e0204494. <https://doi.org/10.1371/JOURNAL.PONE.0204494>
- Herrera, F., Oh, S. Y., & Bailenson, J. N. (2020). Effect of Behavioral Realism on Social Interactions Inside Collaborative Virtual Environments. *PRESENCE: Virtual and Augmented Reality*, 27(2), 163–182. https://doi.org/10.1162/pres_a_00324
- ILGA Portugal. (2007). *Relatório Anual 2019 - Discriminação contra pessoas LGBTI+*. 1–57. https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA_Relatorio_Discriminacao_2019.pdf
- Jesus, T. C. de. (2018). Denúncia sobre o assassinato de Gisberta Salce em Indulgência Plenária de Alberto Pimenta. *Revista Periódicus*, 1(10), 85–94. <https://doi.org/10.9771/PERI.V1I10.28019>
- Johnston, S. (2017). Virtual Reality as New Media is Revolutionary. *International Journal of Advancements in Technology*, 08(02). <https://doi.org/10.4172/0976-4860.1000182>
- Kane, S. (2021). *Discovering Gender Identity In The Digital Age: Using Virtual Reality As a Gender Affirming Therapeutic Tool For Transgender and Gender Non-Conforming Young Adults* [Tese de Mestrado]. <http://jbox.gmu.edu/handle/1920/12139>
- Kim, S., & Kim, E. (2020). The use of virtual reality in psychiatry: A review. Em *Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry* (Vol. 31, Número 1). <https://doi.org/10.5765/jkacap.190037>
- Kteily, N., Bruneau, E., Waytz, A., & Cotterill, S. (2015). The ascent of man: Theoretical and empirical evidence for blatant dehumanization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(5), 901–931. <https://doi.org/10.1037/PSPP0000048>
- Lanier, J. (2017). *Dawn of the new everything : a journey through virtual reality*. (1^o). Penguin Random House.

- LaValle, S. M. (2020). *Virtual Reality*. Cambridge University Press. <http://lavalle.pl/vr/>
- Limpo, T., Alves, R. A., & Catro, S. L. (2010). *Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal*. 8(2), 171–184.
- Lopes, A., & Resumo, S. J. (2017). Para uma história dos concursos de beleza trans: a criação de memórias e tradição para um certame voltado para travestis e mulheres transexuais*. *Cadernos Pagu*, 2017(50), 175015. <https://doi.org/10.1590/18094449201700500015>
- Lugrin, J. L., Latt, J., & Latoschik, M. E. (2015). Avatar anthropomorphism and illusion of body ownership in VR. *2015 IEEE Virtual Reality Conference, VR 2015 - Proceedings, April*, 229–230. <https://doi.org/10.1109/VR.2015.7223379>
- Machover, C., & Tice, S. E. (2014). Virtual Reality - Virtual Reality. *IEEE Computer Graphics and Application*, 1(January), 15–16.
- Mado, M., Herrera, F., Nowak, K., & Bailenson, J. (2021). Effect of Virtual Reality Perspective-Taking on Related and Unrelated Contexts. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*. <https://doi.org/10.1089/CYBER.2020.0802>
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de Metodologia Científica* (8.^a ed.). Editora Atlas | Gen. <https://www.grupogen.com.br/fundamentos-de-metodologia-cientifica>
- Martingano, A. J., Hererra, F., & Konrath, S. (2021). Virtual Reality Improves Emotional but Not Cognitive Empathy: A Meta-Analysis. *Technology, Mind, and Behavior*, 2(1). <https://doi.org/10.1037/TMB0000034>
- Martins, V. (2012). *A Arte de Não Esquecer: O graffiti urbano como mecanismo de preservação de memória coletiva. O caso Gisberta* [Tese de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/70306>
- Matos, J. C. G., & Rodrigues, I. (2021). *Guia sobre Saúde e Leis Trans em Portugal: Recursos e Procedimentos*. 1–26. www.rea.pt
- McRoberts, J. (2018). Are we there yet? Media content and sense of presence in non-fiction virtual reality. *Studies in Documentary Film*, 12(2), 101–118. <https://doi.org/10.1080/17503280.2017.1344924>
- Mesquita, B. (2022). *Between Us : How Cultures Create Emotions* (1.^a ed.). WW Norton & Co. <https://www.batjamesquita.com>
- Milk, C. (2015). *How virtual reality can create the ultimate empathy machine | TED Talk*. TED Talk . https://www.ted.com/talks/chris_milk_how_virtual_reality_can_create_the_ultimate_empathy_machine
- Nash, K. (2018). Virtual reality witness: exploring the ethics of mediated presence. *Studies in Documentary Film*, 12(2), 119–131. <https://doi.org/10.1080/17503280.2017.1340796>

- Nash, K. (2018). Virtually real: exploring VR documentary. *Studies in Documentary Film*, 12(2), 97–100. <https://doi.org/10.1080/17503280.2018.1484992>
- Nogueira de ANDRADE, L., & Palma SALEIRO, S. (2021). *TRANS(I)LEGALIDADE: DIREITOS LGBT+ NO BRASIL E EM PORTUGAL*. <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>
- Nordell, J. (2021). *“The end of bias: a beginning: the science and practice of overcoming unconscious bias”* (First). Metropolitan Books.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2021). *PARECER OPP - Terapias de Conversão*. https://eusinto.me/wp-content/uploads/2021/09/parecer_opp_terapias_de_convers__o.pdf
- Paré, D., Sengupta, P., Windsor, S., Craig, J., & Thompson, M. (2019). *Queering Virtual Reality: A Prolegomenon*. 307–328. https://doi.org/10.1007/978-3-030-29489-2_17
- Pereira, A. C. (2023, Janeiro 6). *Pioneiros LGBT+*. *Da clandestinidade à igualdade*. Jornal Público. <https://www.publico.pt/multimedia/interactivo/pioneiros-lgbt--da-clandestinidade-a-igualdade>
- Pires, V., & Bracons, H. (2021). Suicídio e comportamentos suicidas dos jovens trans. *Intervenção Social* (57/58), 57/58, 229–242. <https://doi.org/10.34628/J09S-3E95>
- Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. (2019). *Guia da Diversidade LGBT - Saúde, Atendimento e Legislação*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/9492017/4238301/GuiadaDiversidade.pdf>
- Ramalho, N. A. (2019). *«Virar travesti»: trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social* [Tese de Doutorado, ISCTE-IUL]. <http://hdl.handle.net/10071/19313>
- Reis, A. A. C. B. (2021). *Immersive media, social change, and creativity: a framework for designing collaborative 360° video productions* [Tese de Doutorado, Universidade do Porto e Stanford University]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/132047>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é: lugar de fala?* Letramento.
- Rodrigues, C. M. (2016, Fevereiro 21). Gisberta, 10 anos depois: a diva transexual que acabou no fundo do poço – Observador. *Jornal Observador*. <https://observador.pt/especiais/gisberta-10-anos-diva-homofobia-atirou-fundo-do-poco/>
- Rodrigues, L. M. (2021). *Jornalismo e transexualidade: a construção da personagem Gisberta na mídia portuguesa*. <https://hdl.handle.net/10216/134759>
- Roel Lesur, M., Lyn, S., & Lenggenhager, B. (2020). How Does Embodying a Transgender Narrative Influence Social Bias? An Explorative Study in an Artistic Context. *Frontiers in Psychology*, 11, 1861. <https://doi.org/10.3389/FPSYG.2020.01861/BIBTEX>

- Rose, M. (2018). The immersive turn: hype and hope in the emergence of virtual reality as a nonfiction platform. *Studies in Documentary Film*, 12(2), 132–149. <https://doi.org/10.1080/17503280.2018.1496055>
- Rose, M. (2018). Technologies of seeing and technologies of corporeality: Currents in nonfiction virtual reality. *World Records*, 1(1), 01–11. <https://vols.worldrecordsjournal.org/#/01/11>
- Ross, M. (2020). Virtual Reality's New Synesthetic Possibilities. *Television and New Media*, 21(3), 297–314. <https://doi.org/10.1177/1527476418805240>
- Rueda, J., & Lara, F. (2020). Virtual Reality and Empathy Enhancement: Ethical Aspects. *Frontiers in Robotics and AI*, 0, 160. <https://doi.org/10.3389/FROBT.2020.506984>
- Saleiro, S. P. (2013). *Trans géneros: uma abordagem sociológica da diversidade de género* [Tese de Doutoramento, ISCTE-IUL]. <http://hdl.handle.net/10071/7848>
- Saleiro, S. P., Ramalho, N., Menezes, M. S. de, & Gato, J. (2022). *Estudo Nacional sobre as necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. Comissão Para a Cidadania E a Igualdade de Género. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/Estudo_necessidades_pessoas_LGBTI_discrimina_orienta_sexual_id_express_genero_caractrstcs_sexuais.pdf
- Sánchez Laws, A. L. (2020). Can Immersive Journalism Enhance Empathy? *Digital Journalism*, 8(2), 213–228. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1389286>
- Santos, G. C. (2020). Ribeiro D. O que é lugar de fala? *Saúde em Debate*, 43(spe8), 360–362. <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S826>
- Sekula, A. D., Downey, L., & Puspanathan, P. (2022). Virtual Reality as a Moderator of Psychedelic-Assisted Psychotherapy. *Frontiers in Psychology*, 13, 816. <https://doi.org/10.3389/FPSYG.2022.813746/BIBTEX>
- Shashkevich, A. (2018, Outubro 17). *Virtual reality can help make people more compassionate compared to other media, new Stanford study finds*. Stanford | News Service. <https://news.stanford.edu/press-releases/2018/10/17/virtual-reality-eople-empathetic/>
- Shriram, K., Oh, S. Y., & Bailenson, J. (2017). Virtual Reality and Prosocial Behavior. *Social Signal Processing*, 304–316. <https://doi.org/10.1017/9781316676202.022>
- Slater, M. (2009). Place illusion and plausibility can lead to realistic behaviour in immersive virtual environments. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 364(1535), 3549. <https://doi.org/10.1098/RSTB.2009.0138>
- Slater, M., & Sanchez-Vives, M. V. (2016). Enhancing Our Lives with Immersive Virtual Reality. *Frontiers in Robotics and AI*, 0(DEC), 74. <https://doi.org/10.3389/FROBT.2016.00074>

- Stevenson Won, A., Bailenson, J. N., & Lanier, J. (2015). *Homuncular Flexibility: The Human Ability to Inhabit Nonhuman Avatars*.
- Sutherland, I. E. (sem data). A head-mounted three dimensional display*. *Proceedings of the December 9-11, 1968, fall joint computer conference, part I on - AFIPS '68 (Fall, part I)*. <https://doi.org/10.1145/1476589>
- Swain, J., & King, B. (2022). Using Informal Conversations in Qualitative Research. *International Journal of Qualitative Methods*, 21. <https://doi.org/10.1177/16094069221085056>
- Tacikowski, P., Fust, J., & Ehrsson, H. H. (2020). Fluidity of gender identity induced by illusory body-sex change. *Scientific Reports* 2020 10:1, 10(1), 1–14. <https://doi.org/10.1038/s41598-020-71467-z>
- Teixeira, T., Grave, R., Aires, R., Pereira, C. G., Nogueira, C., Peixoto Freitas, J., Rodrigues, L., Carneiro, N. S., Magalhães, S. I., & Aires, S. (2021). *Isto não é um glossário: in/definições de géneros e sexualidades*. Gentopia - Associação para a Diversidade e Igualdade de Género . https://sigarra.up.pt/spup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=492883&pi_pub_r1_id=
- Turska, M. M. (2019). *Framing the Virtual Reality Documentary. Genre Definitions, Politics of Canonization, and the Challenging of the Documentary Tradition*. [Tese de Mestrado, Utrecht University]. <https://studenttheses.uu.nl/handle/20.500.12932/34017>
- Uricchio, W., Ding, S., Wolozin, S., & Boyacioglu, B. (2016). Virtually There: Documentary meets virtual reality. Em [opendoclab.mit.edu/virtuallythere](http://www.sue-ding.com/wp-content/uploads/2016/12/MIT_OpenDocLab_VirtuallyThereConference.pdf). http://www.sue-ding.com/wp-content/uploads/2016/12/MIT_OpenDocLab_VirtuallyThereConference.pdf
- Van Loon, A., Bailenson, J., Zaki, J., Bostick, J., & Willer, R. (2018). Virtual reality perspective-taking increases cognitive empathy for specific others. *PLOS ONE*, 13(8), e0202442. <https://doi.org/10.1371/JOURNAL.PONE.0202442>
- Ventura, S., Badenes-Ribera, L., Herrero, R., Cebolla, A., Galiana, L., & Banõs, R. (2020). Virtual Reality as a Medium to Elicit Empathy: A Meta-Analysis. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 23(10), 667–676. <https://doi.org/10.1089/CYBER.2019.0681>
- Weisz, E., & Zaki, J. (2017). Empathy-Building Interventions: A Review Of Existing Work and Suggestions for Future Directions. Em E. M. Seppälä, E. Simon-Thomas, S. L. Brown, M. C. Worline, C. D. Cameron, & J. R. Doty (Eds.), *The Oxford Handbook of Compassion Science* (Vol. 1, pp. 273–289). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/OXFORDHOB/9780190464684.001.0001>
- Worthen, M. G. F. (2020). Queers, Bis, and Straight Lies : An Intersectional Examination of LGBTQ Stigma. Em *Queers, Bis, and Straight Lies* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315280332>

Zaki, J. (2019). *The War for Kindness : Building Empathy in a Fractured World*. New York Crown.

BIBLIOGRAFIA NOTICIOSA

Almeida, S. J. (2006, Março 4). Exclusões. *Público*.

Araújo, P. (2006, Julho 9). Marcha gay no Porto homenageia Gisberta. *Jornal de Notícias*.
<https://www.jn.pt/arquivo/2006/marcha-gay-no-porto-homenageia-gisberta-559393.html>

Câncio, F. (2006, Março 10). Família de Gisberta pondera processar Estado português. *Diário de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20060310220227/http://dn.sapo.pt/2006/03/10/sociedade/familia_gisberta_pondera_processar_e.html

Câncio, F. (2006, Maio 4). Morte da transexual Gisberta em documentário europeu. *Diário de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20060512231255/http://dn.sapo.pt:80/2006/05/04/sociedade/morte_transexual_gisberta_documentar.html

Câncio, F. (2006, Maio 4). Laramie, Portugal. *Diário de Notícias*.
<https://www.dn.pt/arquivo/2006/laramie-portugal-640039.html>

Câncio, F., & Mandim, D. (2006, Julho 3). «Ela conhecia dois desde bebés», diz amiga de Gis. *Diário de Notícias*.
https://web.archive.org/web/20060704223152/http://dn.sapo.pt/2006/07/03/tema/ela_conhecia_dois_desde_bebes_amiga_.html

Correio da Manhã. (2008, Fevereiro 5). Crime sem culpados. *Correio da Manhã*.
<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/crime-sem-culpados>

Correio da Manhã. (2008, Fevereiro 8). Esqueceram quem matou Gisberta. *Correio da Manhã*. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/esqueceram-quem-matou-gisberta>

Correio da Manhã. (2008, Março 28). Morte de Gisberta fica sem culpados. *Correio da Manhã*.
<https://web.archive.org/web/20160405094401/http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/morte-de-gisberta-fica-sem-culpados.html>

Correio da Manhã. (2008, Abril 15). Oito meses de prisão por não ter ajudado Gisberta. *Correio da Manhã*. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/oito-meses-de-prisao-por-nao-ter-ajudado-gisberta>

Correio da Manhã. (2009, Fevereiro 10). Mãe de Gisberta quer indemnização - Portugal - Correio da Manhã. *Correio da Manhã*. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/mae-de-gisberta-quer-indemnizacao>

- Coutinho, J. P. (2006, Julho 3). Treze menores julgados pela morte de transexual. *Jornal de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20080321193006/http://jn.sapo.pt/2006/07/03/policia_e_tribunais/treze_menores_julgados_pela_morte_tr.html
- Diário de Notícias. (2006, Fevereiro 25). Silêncio total nas instituições de menores. *Diário de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20060225163202/http://dn.sapo.pt/2006/02/25/tema/silencio_total_instituicoes_menores.html
- Diário de Notícias. (2006, Fevereiro 25). *Vigília repudia violência contra homossexuais*.
Diário de Notícias.
https://arquivo.pt/wayback/20060225163203/http://dn.sapo.pt/2006/02/25/tema/vigilia_repudia_violencia_contra_hom.html
- Diário de Notícias. (2006, Fevereiro 25). Gisberta é recordada como uma mulher belíssima, cordial e dócil. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/arquivo/2006/gisberta-e-recordada-como-uma-mulher-belissima-cordial-e-docil-636554.html>
- Diário de Notícias. (2006, Fevereiro 25). Obra parada há 15 anos sem solução municipal.
Diário de Notícias.
https://arquivo.pt/wayback/20060225163201/http://dn.sapo.pt/2006/02/25/tema/obra_parada_15_anos_soluciao_municipa.html
- Esquerda.net. (2006, Agosto 2). Julgamento da morte de Gisberta. *Esquerda*.
<https://www.esquerda.net/content/julgamento-da-morte-de-gisberta>
- Faria, N. (2006, Fevereiro 25). "Gisberto veio para Portugal concretizar o sonho de ser mulher; Hoje o país "vê-se ao espelho. Público - Fundação Mário Soares / UMAR.
http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_154226
- Fonseca, M. (2006, Março 3). Padre da Oficina S. José no adeus a travesti morto. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/arquivo/2006/padre-da-oficina-s-jose-no-adeus-a-travesti-morto-539345.html>
- Frias, R. (2006, Fevereiro 24). O fim trágico de um pioneiro da noite «travesti» do Porto.
Diário de Notícias.
https://arquivo.pt/wayback/20060224162850/http://dn.sapo.pt/2006/02/24/tema/o_tragico_um_pioneiro_noite_travesti.html
- Garrido, N. (2006, Junho 25). Parlamento Europeu insta Portugal a punir responsáveis pela morte de transsexual. *Público*.
<https://arquivo.pt/wayback/20060616030415/http://www.publico.clix.pt/shownews.asp?id=1261024>
- Laranjo, T. (, Março). Exames confirmam morte de Gisberta por afogamento. *Público - Fundação Mário Soares / UMAR*. http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_154460

- Laranjo, T. (2006, Julho 1). MP diz que jovens do Porto não consumaram a morte de Gisberta. *Público - Fundação Mário Soares / UMAR*.
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10095.001.003.007>
- Laranjo, T. (2006, Fevereiro 25). Menores da Oficina de S. José relatam agressões violentas e sevícias sexuais . *Público*. <https://www.publico.pt/2006/02/25/jornal/menores-da-oficina-de-s-jose-relatam-agressoes-violentas-e-sevicias-sexuais-65511>
- Laranjo, T. (2006, Agosto 2). Menores suspeitos de matarem Gisberta condenados a internamentos até 13 meses . *Público*.
<https://www.publico.pt/2006/08/02/jornal/menores-suspeitos-de-matarem-gisberta-condenados-a-internamentos-ate-13-meses-91906>
- Laranjo, T. (2006, Julho 5). Tribunal insiste em perceber motivações dos jovens que mataram Gisberta | PÚBLICO. *Público*. <https://www.publico.pt/2006/07/05/jornal/tribunal-insiste-em-perceber-motivacoes-dos-jovens-que-mataram-gisberta-87406>
- Lima, C. R., & Câncio, F. (2006, Maio 4). Juiz liberta o único jovem que foi detido. *Diário de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20070528190341/http://dn.sapo.pt:80/2006/05/04/sociedade/juiz_liberta_o_unico_jovem_foi_detid.html
- Lusa. (2006, Agosto 1). Movimentos de defesa dos homossexuais «indignados» com sentença no caso Gisberta. *Público*.
<https://www.publico.pt/2006/08/01/sociedade/noticia/movimentos-de-defesa-dos-homossexuais-indignados-com-sentenca-no-caso-gisberta-1265952>
- Maia, N. M. (2008, Fevereiro 7). Apenas um rapaz internado em centro educativo. *Jornal de Notícias*.
- Maia, N. M. (2006, Agosto 2). Caso gisberta MP instaura processo às Oficinas de São José. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/arquivo/2006/caso-gisberta-mp-instaura-processo-as-oficinas-de-sao-jose-562968.html>
- Maia, N. M., & Silva, N. (2006, Fevereiro 25). Menores terão usado pau para molestar a vítima. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/arquivo/2006/menores-terao-usado-pau-para-molestar-a-vitima-538605.html>
- Mandim, D. (2006, Julho 25). MP recua na acusação de homicídio no «caso Gisberta». *Diário de Notícias*.
https://web.archive.org/web/20090124211722/http://dn.sapo.pt/2006/07/25/sociedade/mp_recua_acusacao_homicidio_caso_gis.html
- Paiva Watson, L. (2008, Fevereiro 7). A Memória de Gisberta Desapareceu. *Jornal de Notícias*.
- Paiva Watson, L., & Maia, N. M. (2006, Agosto 3). Tribunal não encontrou razão do crime. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/arquivo/2006/tribunal-nao-encontrou-razao-do-crime-563046.html>

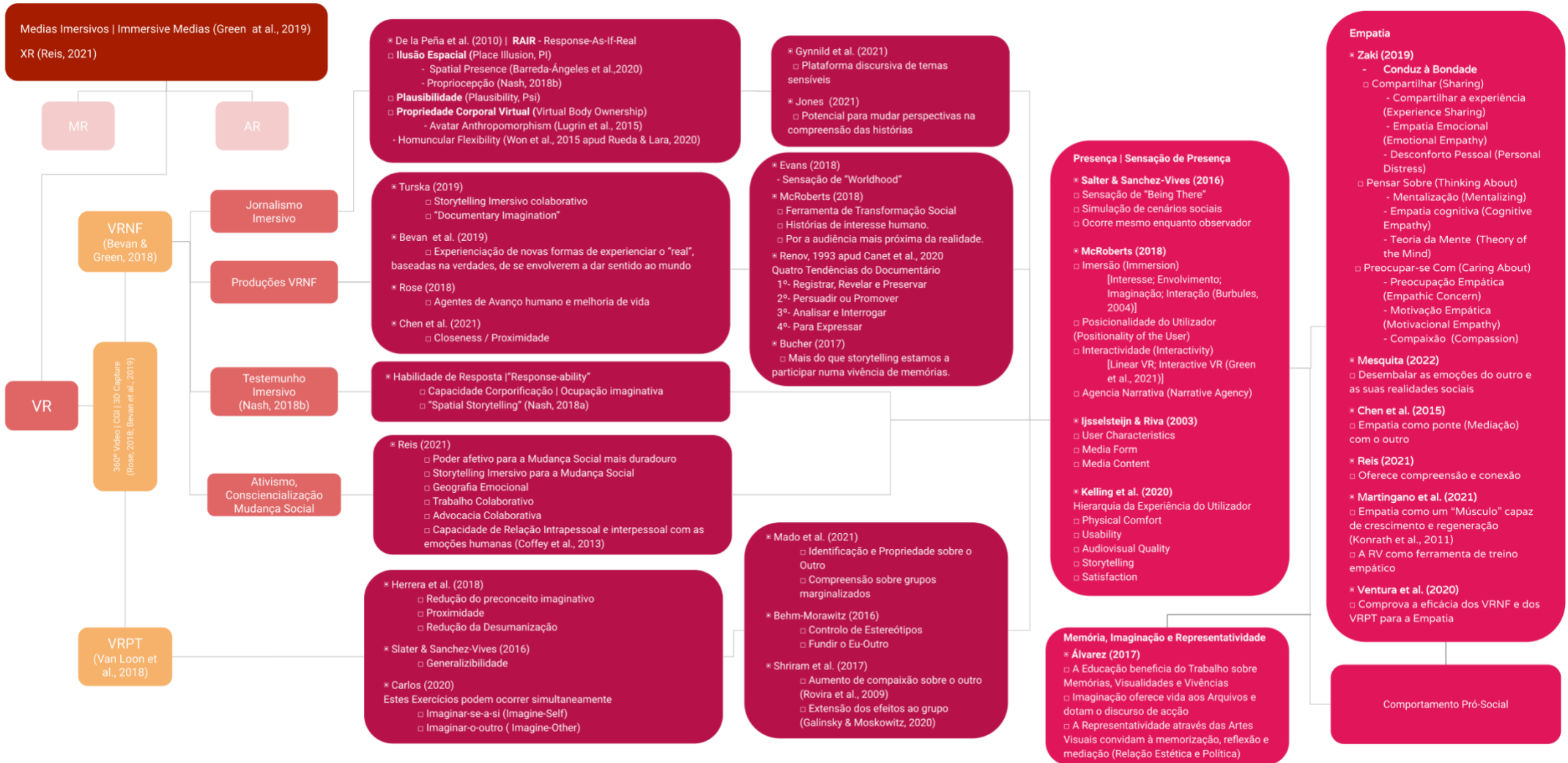
- Panteras Rosa. (2006, Fevereiro 25). *Blog das Panteras*. Panteras Rosa.
<https://arquivo.pt/wayback/20091004120250/http://www.panterasrosa.com/html/home.html?>
- Pereira, A. C. (2006, Março 12). Discriminação sobre transexuais «não é pontual, é diária, constante». *Público*. <https://www.publico.pt/2006/03/12/jornal/discriminacao-sobre-transexuais-nao-e-pontual-e-diaria-constante-67929>
- Pereira, A. C. (2006, Julho 1). Eles Faziam Pequenos Furtos, Mas Não Eram Violentos Àquele Ponto. *Público - Fundação Mário Soares / UMAR*.
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10095.001.003.007>
- Pereira, A. C. (2006, Julho 18). Menores suspeitos de terem matado Gisberta precisavam de «educação complementar». *Público*.
https://portugalgay.pt/news/180706C/portugal_menores_suspeitos_de_terem_matado_gisberta_precisavam_de_educacao_complementar?amp
- Pinto, C., & David Campos, M. (2006, Março 2). A Queda da Esplendorosa «Gisberta». *Revista Visão*.
- Pontes, D. (2006, Agosto 4). Uma Justiça sem respostas. *Jornal de Notícias*.
- Público. (2006, Março 12). Violência contra pessoas que se prostituem na rua agravou-se. *Público*. <https://www.publico.pt/2006/03/12/jornal/violencia-contrapessoas-que-se-prostituem-na-rua-agravouse-67928>
- Público. (2006, Junho 9). Manifestantes lançam alerta para situação de «exclusão extrema» dos transexuais. *Público*. <https://portugalgay.pt/politica/portugalgay71.asp?d=23>
- Rodrigues, C. M. (2016, Fevereiro 21). Gisberta, 10 anos depois: a diva transexual que acabou no fundo do poço – Observador. *Jornal Observador*.
<https://observador.pt/especiais/gisberta-10-anos-diva-homofobia-atirou-fundo-do-poco/>
- Rodrigues, R. J. (2007, Fevereiro 18). Ele, Ela, Ele... *Diário de Notícias - Notícias Magazine / Fundação Mário Soares / UMAR*.
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10096.003.002.008#!1>
- Rosenbusch, C. (2006, Julho 7). *Transsexual: autópsia não confirma agressão sexual*. TVI24. <https://tvi.iol.pt/noticias/gisberta/julgamento/transsexual-autopsia-nao-confirma-agressao-sexual>
- Rosenbusch, C. (2008, Fevereiro 14). Gisberta: «Batiam-lhe para ela falar». *TVI Notícias*.
<https://tvi.iol.pt/noticias/sociedade/transsexual/gisberta-batiam-lhe-para-ela-falar>
- Teixeira da Silva, H. (2006, Fevereiro 25). Travestis com medo. *Jornal de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20060225161851/http://jn.sapo.pt/2006/02/25/grande_porto/travestis_medo.html

- Teixeira da Silva, H. (2006, Junho 16). Crianças ilibadas são um convite à repetição do crime. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/arquivo/2006/criancas-ilibadas-sao-um-convite-a-repeticao-do-crime-555763.html?id=555763>
- Teixeira, A. (2006, Fevereiro 24). Menores suspeitos têm antecedentes criminais. *Diário de Notícias*.
https://arquivo.pt/wayback/20060224162822/http://dn.sapo.pt/2006/02/24/tema/menores_suspeitos_antecedentes_crimi.html
- TVI Online. (2006, Agosto 1). 13 menores condenados a internamento. *TVI online*.
- Vale de Almeida, M. (2006, Fevereiro 25). *OS TEMPOS QUE CORREM*. Miguel Vale de Almeida - preservada pelo Arquivo.pt. Blogspot.
<https://arquivo.pt/wayback/20090525094854/http://valeddealmeida.blogspot.com/2006/02/dois-dias-em-s.html>
- Valente, C. (2006, Agosto 2). *Gisberta - jovens ficam em regime semiaberto*. Correio da Manhã.
https://portugalgay.pt/news/020806A/portugal_gisberta_jovens_ficam_em_regime_semi_aberto
- Vitorino, S. (2006, Fevereiro 28). *ALERTA - MANIPULAÇÃO GROSSEIRA DA AUTÓPSIA??!* Panteras Rosa Blogspot.
https://arquivo.pt/wayback/20090628084110/http://panterasrosa.blogspot.com/2006_02_01_archive.html

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ESQUEMA REVISÃO DE LITERATURA



APÊNDICE 2

LISTA DE PRODUÇÕES VRNF


| | | |
|---|--|---|
| Reeducated - Inside Xinjiang's Secret Detention Camps | Sam Wolson (2021) | https://www.youtube.com/watch?v=FGUyo5dxke8 |
| 6X9 | Francesca Panetta & Lindsay Poulton (2016) | https://youtu.be/odcsxUbVyZA , |
| Accused #2 Walter Sisulu | Nicolas Champeaux & Gilles Porte (2019) | https://www.youtube.com/watch?v=qL8gtyvDwLk |
| Notes on Blindness | Arnaud Colinart (2016) | https://youtu.be/9ViF0GBt6fQ/ |
| We Wait | BBC / Aardman (2016) | https://www.youtube.com/watch?v=3YcyzS-R_Oc |
| Kyra | Nonny de la Peña (2015) | https://youtu.be/qYsAIukRqog |
| Autenticallly us 3 Episódios | Jesse Alaya (2018) | https://www.authenticalllyus.com |
| Where Where Thoughts Go | Lucas Rizzoto (2018) | https://youtu.be/1-rwlQRhP9o |
| Waves of Grace | Gabo Arora & Chris Milk (2015) | https://youtu.be/0lwG6MfGvwI . Acesso a 19/08/2022 |
| Clouds over Sidra | Gabo Arora & Chris Milk (2015) | https://www.youtube.com/watch?v=mUosdCQsMkM |
| Being Transgender in Rwanda | Claudia Prat (2018) | https://youtu.be/SxXQDvO9YgQ |

APÊNDICE 3

TABELA DE PESQUISA DOCUMENTAL

| Data Publicação: | Seleção Informação Recolhida: | Fonte: |
|------------------|---|--|
| 03/07/2006 | <p>A explicação é-lhe tanto mais premente quanto esta transexual, que viu Gisberta pela última vez 15 dias antes de lhe saber da morte, assegura que aquando do reconhecimento do corpo e da missa que se seguiu as famílias de dois dos rapazes que vão ser agora julgados se lhe apresentaram, provando, com fotografias, que Gisberta era sua conhecida de longa data. "Mostraram-me fotos até da Gis em casamentos lá da família... Era íntima deles, conhecia os rapazes desde bebés. Fiquei ainda mais chocada." As famílias terão asseverado que os jovens em causa teriam sido "forçados" por outros, mais velhos, a entrar "naquilo". "Diziam que eles não estavam envolvidos, que só faziam parte do grupo... É normal. Quem é que quer acreditar que um filho seu participou naquele horror?"</p> <p>já foi classificado, pelo Parlamento Europeu, como "de ódio homofóbico"</p> <p>Os sentimentos desta amiga da vítima são partilhados pela família de Gisberta, nascida Gisberto Salce Júnior há 46 anos, em São Paulo, Brasil, e partida aos 18 anos para a Europa, onde esperava encontrar um ambiente mais favorável à sua identidade de transgénero.</p> <p>O MP considera, na conclusão do " inquérito tutelar educativo" efectuado, que os treze jovens, entre os 13 e os 15 anos, não tiveram intenção de matar. Indicia-os, assim, pelos crimes de homicídio na forma tentada, com dolo eventual, e de ocultação de cadáver, igualmente na forma tentada. Baseia essa decisão no facto de que, apesar de os jovens terem agredido violentamente Gisberta ao longo de dois dias, 18 e 19 de Fevereiro, submetendo-a a sevícias sexuais (introduzindo-lhe um pau no ânus, por exemplo), ela ter acabado, como</p> | <p>Título: "Ela Conhecia Dois Desde Bebés" - diz Amiga de Gis</p> <p>Autoria: Fernanda Câncio e David Mandim</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://web.archive.org/web/20060704223152/http://dn.sapo.pt/2006/07/03/tema/ela_conhecia_dois_desde_bebes_amiga.html</p> <p>Data de Acesso: 29/03/2022</p> |

| | | |
|------------|---|---|
| | <p>provou a autópsia, por morrer afogada, quando os jovens a lançaram ao fosso alegadamente no intuito de ocultar o que eles julgariam ser já um cadáver.</p> <p>Se, como noticiou o Público, a vítima terá pedido ajuda antes de ser lançada no fosso e os jovens que nele a deitaram não podiam, assim, ignorar que estava viva, como sustentar que não tinham intenção de a matar?</p> | |
| 24/02/2006 | <p>Para Gisberto há muito que ficara para trás o glamour das noites do Porto, onde desfilava clássicos como Marilyn Monroe ou o musical Cats em casas como o Moinho de Vento, Bustus ou Sindicato, referências da noite gay. O brasileiro, de 45 anos (segundo o comunicado da PJ), foi um dos pioneiros do circuito travesti da cidade, mas "há muito que não se sabia dele", disse ao DN um elemento da comunidade travesti local. Gisberto foi vítima de uma zona tão marcada pela prostituição - "trago aqui vários clientes por noite", conta o taxista José Cardoso - como pela crescente actividade de grupos delinquentes que elegem o Central Shopping como ponto de encontro.</p> <p>"Paulo" (nome fictício) pede tempo para acabar de fumar um charro antes de contar que "conhecia bem os putos que foram dentro". "Eram uns pretitos marados ali de um centro de correcção", descreve. "Metiam-se todas as noites com o desgraçado [travesti]". Paulo e os amigos concentram-se na loja de computadores à entrada do shopping, uma das poucas lojas ainda abertas num centro comercial a definhir. Enquanto conta que Gisberto "era um drogadito que dormia ali no parque", alguns dos colegas entretêm-se com o Strike Force, um simulador de acção. "É o jogo que eles mais gostam", diz o funcionário da loja.</p> <p>"Eles entram por aí à vontade e se a gente lhes diz alguma coisa ainda se arrisca a levar com uma chuva de pedras em cima", diz, contando um episódio da semana passada: "Um dos que foram presos virou-se para mim e fez sinal de que me cortava o pescoço."</p> <p>O piso zero do edifício funciona como parque de estacionamento das 08.00 às 24.00. "Depois fica entregue às prostitutas e travestis", conta o segurança Alcino Rocha. O fosso, com três metros cúbicos de água, para onde foi atirado o corpo, foi sinalizado e "estava vedado", segundo as conclusões de uma vistoria da câmara em Janeiro último. Ontem não havia qualquer sinal de vedação.</p> | <p>Título: "O fim trágico de um pioneiro da noite 'travesti' do Porto"</p> <p>Autoria: Rui Frias Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/2006/02/24/tema/o_tragico_um_pioneiro_noite_travesti.html</p> <p>Data de Acesso: 29/03/2022</p> |
| 24/02/2006 | <p>De acordo com fonte judicial, todos estes adolescentes têm antecedentes criminais, por furto ou vandalismo. Os ataques à vítima também eram frequentes. Nos dias que antecederam o crime, alguns dos jovens passaram da agressão verbal à agressão física.</p> | <p>Título:</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| |  | <p>“Menores suspeitos têm antecedentes criminais”</p> <p>Autoria: Alfredo Teixeira Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20060224162850/http://dn.sapo.pt/2006/02/24/tema/o_tragico_um_pioneiro_noite_travesti.html</p> <p>Data de Acesso: 29/03/2022</p> |
| 25/02/2006 | <p>Menores terão usado pau para molestar a vítima</p> <p>Onze dos 13 menores suspeitos do envolvimento na morte de um travesti, no Porto, foram enviados para centros educativos um deles ficará em regime fechado e os restantes em semiaberto.</p> <p>Segundo o JN apurou, alguns dos jovens interrogados confessaram a prática de agressões violentas continuadas e mesmo de sevícias a Gisberto - a vítima</p> <p>Enquanto alguns dos rapazes mantiveram-se em silêncio, outros terão admitido inclusive actos de agressão sexual com um pau, chegando mesmo ao ponto de amordaçar e infligir queimaduras ao homem. Ao que apurámos, quando o cadáver foi retirado ainda haveria alguns sinais disso.</p> <p>As agressões, que terão envolvido cerca de uma dezena de jovens, terão ocorrido durante pelo menos dois dias (sábado e domingo), envolvendo pedras e paus, mas o corpo terá sido lançado para o fosso apenas na</p> | <p>Título: “Menores terão usado pau para molestar a vítima”</p> <p>Autoria: Nuno Miguel Maia e Nuno Silva Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | <p>terça-feira, ou seja, no dia anterior à sua retirada do local por parte das autoridades. O travesti, um brasileiro de 45 anos, estava com as calças em baixo e era visível uma grande ferida em redor de uma nádega. É que o corpo de Gisberto estava totalmente submerso no fosso, a uma profundidade de cerca de três metros. Se o travesti tivesse sido lançado para água já morto, o corpo estaria a boiar, uma vez que, sem respirar, não era possível a inundação das vias nasais e a submersão completa.</p> | <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20060224162850/http://dn.sapo.pt/2006/02/24/tema/o_tragico_um_pioneiro_noite_travesti.html</p> <p>Data de Acesso: 30/03/2022</p> |
| 25/02/2006 | <p>O país pergunta-se "como foi possível". E a motivação da pergunta reside num equívoco: como foi possível crianças (ou, na melhor das hipóteses, jovens) fazerem isto. A pergunta só é possível num mundo que cada vez mais angeliza as crianças e cada vez mais alarga a categoria "criança". A pergunta é idiota, sobretudo na ausência quase completa da outra pergunta: porque se mata uma pessoa na situação da Gis? A Gis já tinha sido votada a uma espécie de morte social por todos os mecanismos da exclusão e pelo desprezo do estado que nos representa a todos. Com requintes de malvadez, as "crianças" desferiram o golpe final - é aos lumpen que a sociedade da desigualdade vai recrutar os seus carrascos, mostrando-lhes que na escala da exclusão ainda há quem esteja pior que eles.</p> | <p>Título: “A Gis Foi Morta”</p> <p>Autoria: Miguel Vale de Almeida Blog</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20090525094854/http://valededealmeida.blogspot.com/2006/02/dois-dias-em-s.html</p> <p>Data de Acesso: 02/04/2022</p> |

| | | |
|-------------------|--|--|
| <p>25/02/2006</p> | <p>Comunicado de Imprensa, Movimento Panteras Rosa – Frente de Combate à LesBiGayTransFobia, Associação para o Estudo e Defesa do Direito à Identidade de Género</p> <p>Provavelmente lançada ainda viva ao fosso. Vítima não apenas de agressão, mas também de sevícias sexuais. A cada dia aumenta a nossa indignação com a forma como o assassinato de Gisberta tem vindo a ser noticiado, comentado e "branqueado". Estranhámos que as televisões, hoje, ignorem a informação chocante revelada pelo JN de hoje: existe uma clara componente sexual neste crime. A vítima ter sido alvo de uma particular forma de tortura, a inserção de objectos no seu ânus, é para ignorar?</p> <p>O padre Lino Maia, presidente da União das IPSS, afirmou ontem que os rapazes teriam "circunstâncias atenuantes", porque um seu colega andaria a ser assediado por um pedófilo. Perante um assassinato, a Igreja tenta culpabilizar a população LGBT, associando-a à pedofilia. Declarações que só reforçam a convicção da motivação discriminatória. Este padre tenta desculpabilizar a instituição que dirige e os jovens à sua guarda: ao dizer que os rapazes fizeram “justiça pelas próprias mãos” por um alegado episódio não-relacionado com a vítima, está precisamente a definir um crime de ódio.</p> <p>"Como foi possível?", pergunta o jornal Público de ontem. “Como foi possível que ainda não tivesse acontecido?”, respondemos. Ou não conhecemos o sistema de protecção de menores que mais não é que a continuação do abandono e dos maus tratos? Não sabemos da violência da exclusão social e de como é promovida? Não sabemos da discriminação dos sem-abrigo, seropositivos, prostitut@s, homossexuais, ciganos, imigrantes e particularmente trans, que até na comunidade gay são fortissimamente excluíd@s?</p> <p>No Público lê-se "acção mais inconsciente que premeditada". O que há de inconsciente e não premeditado no insulto transfóbico e na agressão continuadas por quatro dias, no extremar progressivo da violência, na tortura e sevícia sexual? No atirar de um corpo a um poço sem verificar efectivamente se estava com vida?</p> <p>É vergonhoso que ainda hoje os media desconheçam a diferença entre transexual e travesti, homofobia e transfobia, orientação sexual e identidade de género. Os jornalistas deviam questionar seriamente a sua consciência profissional, os seus próprios preconceitos, a abordagem mediática à questão dos direitos LGBT,</p> | <p>Título: “Comunicado de Imprensa, Movimento Panteras Rosa”</p> <p>Autoria: Não especificado Blog das Panteras</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20091004120250/http://www.panterasrosa.com/html/home.html?</p> <p>Data de Acesso: 28/03/2022</p> |
|-------------------|--|--|

com particular incidência sobre a população trans, a mais gozada, desfavorecida, desprotegida e incompreendida no universo mediático e na sociedade.

Parte da comunicação social referiu apenas: "sem-abrigo". Não cabe aos jornalistas - nem a ninguém - decidir se foi a característica "sem-abrigo" – ou outra - o que pesou. Infelizmente, coube ao preconceito. Gisberta acumulava exclusões, nenhuma delas pode ser omitida. Transexual que era, e vítima da transfobia. Muito mais do que enumerá-las todas, omiti-lo é esconder prováveis elementos explicatórios e querer atribuir ao crime, sem informação que o sustente, uma ou outra motivação. É, mesmo que não queira sê-lo, manipulação grosseira e reforço da discriminação.

É escandaloso o silêncio dos partidos e responsáveis políticos, mesmo com o argumento previsível de que não será evidente falar-se em "crime de ódio" com menores envolvidos. A questão não está em criminalizar "crianças" de menor idade. O Estado que assuma as responsabilidades que nunca assumiu sobre as que são "crianças". Que puna quem tem idade para ser responsabilizado. Mas não se confundam "crianças" com "jovens", e, não esquecendo a idade dramática de parte do grupo, não se desculpe o crime e o preconceito em si. Os sentimentos que geram o ódio são da responsabilidade dos adultos e de quem dirige o país.

Não nos perguntaremos se as crianças são capazes de odiar. A sociedade portuguesa odeia, e é nela que as crianças crescem. O ódio anti-lgbt e não só, especificamente a transfobia, é um problema social grave que se reproduz entre gerações. A questão só está e só pode estar nas medidas de combate e PREVENÇÃO das discriminações e desigualdades no seu conjunto. No caso LGBT, no reconhecimento de igualdade e legitimação social. Sim, desta vez, foram "jovens". Mas as agressões transfóbicas e homofóbicas em Portugal aumentaram nos últimos dois anos, não foram cometidas por jovens, e a regra tem sido o silêncio e o esquecimento.

E da próxima? Esperaremos por um novo crime de ódio, cometido por adultos, para tomar posição? Para agravar na Lei (não em função da idade) os crimes e as discriminações com base na condição social, estado de saúde, transfobia, homofobia, etc? Para implementar a Educação Sexual nas escolas, educando contra os

preconceitos? Para enfrentar o inferno que é o sistema de (des)protecção de menores? Para investir em políticas de igualdade?

DENÚNCIA INTERNACIONAL E APELO À ACÇÃO MUNDIAL SOBRE O SUCEDIDO EM PORTUGAL

Associação at.



25/02/2006

The collage consists of several newspaper clippings. The largest one on the left is from 'Hoje o país vê-se ao espelho' and features a photo of Gisberta with the headline 'GISBERTO VEIO PARA PORTUGAL CONCRETIZAR O SONHO DE SER MULHER'. Other clippings include 'MAIORIA DOS PARTIDOS NÃO QUER BAIXAR IBADÉ PENAL', 'ME pode descontar dia de greve a quem faltou poucas horas', 'Português identificado em operação contra pedofilia', 'Conselho Mundial de Igrejas valoriza teologia no diálogo ecuménico', and 'Filipinas: fim das operações de subversão'. The clippings are arranged in a grid-like fashion, overlapping slightly.

Título:
“Gisberto veio para Portugal concretizar o sonho de ser mulher; Hoje o país "vê-se ao espelho”

Autoria: Natália Faria | Público

Fonte: Fundação Mário Soares / UMAR

Link Acesso:
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10096.003.002.010#!1>

| | | |
|-------------------|--|---|
| | | <p>Data de Acesso: 28/11/2022</p> |
| <p>25/02/2006</p> | <p>Gisberto veio para Portugal concretizar o sonho de ser mulher - Natália Faria Facto: chamava-se Gisberto, nasceu em 5 de Setembro de 1960, em S. Paulo, no Brasil. Facto: emigrou para Portugal em 1980, para dar corpo ao sonho de ser mulher - fez implantes mamários, mas não chegou a concretizar a mudança de sexo, porque a cocaína e a prostituição lhe travaram o passo. Facto: decidiu chamar-se Gisberta e ainda hoje lhe fazem a vontade - os amigos referem-se-lhe sempre no feminino. Ficou famosa nos palcos pelas imitações de Daniela Mercury, com quem, diz quem a conheceu, até era parecida fisicamente. Facto: acabou morta, supostamente às mãos de um grupo de 14 miúdos, o cadáver putrefacto arrancado de um poço com 15 metros de profundidade. "Era uma mulher calmíssima. Adorada por toda a gente", recorda Rute Bianca, transexual e parceira das muitas noites vividas em cabarés e boîtes. "Era uma mulher belíssima, profundamente dócil, com um discurso coerente, assertivo e muito informado. Nesse sentido, distinguia-se das outras prostitutas com quem trabalhamos", completa Raquel Moreira, psicóloga do Espaço Pessoa - uma instituição de apoio a prostitutas no Porto.</p> <p>Nos últimos anos, a psicóloga habituou-se a vê-la na Rua de Santa Catarina, à cata de clientes. "O aspecto físico degradou-se um bocado, mas mantinha a atitude maternal em relação às outras utentes", recorda ainda Raquel Moreira.</p> <p>Mas isso era antes. Nos últimos meses, Gisberta - ou Gis, como era conhecida entre amigos e clientes - pouco corpo tinha para vender. "Estava completamente desestruturada, física e psicologicamente. Tinha-lhe sido diagnosticado HIV e a tuberculose estava num estado muito avançado. Tinha simplesmente perdido a vontade de viver", caracteriza Cristina Sousa, técnica da Abraço, que lhe perdeu o rasto em Dezembro do ano passado.</p> <p>Por essa altura, o apartamento onde Gisberta chegou a viver, no centro do Porto, há muito ficara para trás. Isso era no tempo em que a transexual descontava como empregada de mesa na Bustus e era cobiçada pelos empresários do circuito travesti do Porto. "Quando veio o êxito do Feijão com Arroz, personalizava como</p> | <p>Título: "Gisberto veio para Portugal concretizar o sonho de ser mulher; Hoje o país "vê-se ao espelho"</p> <p>Autoria: Natália Faria Público</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: http://jornal.publico.clix.pt/noticias.asp?id=65507&sid=7203 https://www.publico.pt/2006/02/25/jornal/gisberto-veio-para-portugal-concretizar-o-sonho-de-ser-mulher-65507</p> <p>Data de Acesso: 22/02/2022</p> |

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>ninguém a Daniela Mercury. Tinha o cabelo comprido como ela, sotaque, sabia dançar o samba, era comunicativa e alegre como ninguém." É ainda Rute Bianca que recua aos anos dourados.</p> <p>Percorramos a geografia dos seus dias por datas. Chegou a Portugal em 1980, numa altura em que os transformistas começam a efeminizar os corpos. Vinha munida de visto e trabalhou ao balcão de uma discoteca, ao mesmo tempo que saltou para os palcos. O que ganhava deu-lhe para arrendar um apartamento T0, na Travessa do Poço das Patas, onde vivia com dois cães, Carolina e Leonardo. "Eram tudo para ela, e quando os animais morreram, Gis começou a entrar em declínio", conta Rute Bianca. Por declínio entenda-se o consumo de cocaína, que a foi deixando mirrada - logo, com aparência imprópria para aparecer em palco. Foi aí que começou a prostituir-se. "Era a única maneira de arranjar dinheiro", desculpa- a Rute Bianca.</p> | |
| 25/02/2006 | <p>Menores da Oficina de S. José relatam agressões violentas e sevícias sexuais - Tânia Laranjo Calmos, terão assistido aos desenhos animados, enquanto comiam chupa-chupas. Brincaram, fizeram cócegas uns aos outros, por mais do que uma vez foram chamados à atenção pelos funcionários judiciais de que deveriam fazer pouco barulho e manter alguma serenidade.</p> <p>Os relatos, contados pelos jovens, durante estes dois dias, foram autênticas histórias de horror. Ao que o PÚBLICO apurou, no Tribunal de Menores alguns dos rapazes aceitaram falar à magistrada do Ministério Público e depois ao juiz e terão dado conta de que agrediram violentamente a vítima. Terá sido no fim-de-semana passado, no sábado e no domingo, e, em alguns momentos, com requintes de malvadez. O sem-abrigo, de 45 anos, terá sido amordaçado, espancado, apedrejado. Os menores ter-lhe-ão ainda introduzido objectos no ânus</p> <p>Os bombeiros, que foram chamados a resgatar a vítima, ainda se terão cruzado com alguns dos jovens, que tinham ido à garagem perceber se teriam deixado vestígios.</p> | <p>Título: “Menores da Oficina de S. José relatam agressões violentas e sevícias sexuais”</p> <p>Autoria: Tânia Laranjo Público</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA Portugal</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/02/25/jornal/menores-da-oficina-de-s-jose-relatam-</p> |

| | | |
|------------|---|---|
| | | <p>agressoes-violentas-e-sevicias-sexuais-65511</p> <p>Data de Acesso: 22/02/2022</p> |
| | | |
| 28/02/2006 | <p>Se não, vejamos o que ainda agora mesmo, no noticiário da SIC Notícias das 15 horas, foi dito. Que os rapazes agressores (e passo a citar 'ipsis verbis') "confessaram que tinham o hábito de sair à noite à procura de homossexuais com o intuito de lhes bater". Se isto não é homofobia então é o quê?</p> <p>O que vale a vida de uma transexual? O que vale a vida de um/a homossexual? O que vale a vida de uma pessoa de qualquer grupo minoritário? O que vale a vida de um/a sem-abrigo? O que vale a vida de uma pessoa pobre? O que vale a vida de uma pessoa doente? O que vale a vida de uma pessoa indefesa? E que valores éticos, morais, de CIDADANIA estão as instituições (do estado, da igreja, etc.) a promover nos nossos adolescentes, particularmente nos mais vulneráveis?</p> | <p>Título: “ALERTA - MANIPULAÇÃO GROSSEIRA DA AUTÓPSIA??!”</p> <p>Autoria: Sérgio Vitorino Blogspot</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | <p>090628084110/http://panterasrosa.blogspot.com/2006_02_01_archive.html</p> <p>Data de Acesso: 28/03/2022</p> |
| 25/02/2006 | <p>Vigília juntou 50 pessoas - Natália Faria</p> <p>Houve velas acesas, cartazes com palavras a gritar indignação e medo, e a música Amazing Grace murmurada a cerca de 50 vozes.</p> <p>Amazing Grace porque "é uma música que fala de morte e de perdão, que é agora o mais importante", explicava Fernando Mariano, de 18 anos, membro da Panteras Rosa - Frente de Combate à Homofobia. I once was lost, but now I am found, foi um dos versos murmurados. Menos incómodos, mesmo assim, que a pergunta escrita, a vermelho, num cartaz: "Quantas Gis terão que morrer para que se quebre o silêncio?". Ou ainda "De onde vem tanto ódio?".</p> <p>Paula Proença, de 28 anos, segurava uma das faixas a acusar "Hoje Portugal vê-se ao espelho". E o que leva uma estudante a uma vigília quase exclusivamente composta por técnicos, prostitutas e transexuais? "Estou chocada e assustada com um crime destes. É importante alertar as pessoas, porque parece óbvio que houve motivações homofóbicas por detrás deste crime." "Conhecia aqueles miúdos", relatava às televisões Bruna, prostituta. "Insultam, atiram pedras às pensões e arrasam o que lhes aparece à frente", acrescenta. Conhecia Gisberta, mas perdera-lhe o rasto há alguns meses. Diana Silva, outra transexual de 39 anos, também. "Era respeitada por toda a gente. Acabou como acabou porque Portugal nada faz para ajudar as pessoas como nós. Porque é que nem conseguimos um emprego como os outros?"</p> <p>No caso, pelas ruas do Porto, todos os domingos. A vela que segurava ameaçava apagar-se a todo o momento. A memória que todos guardam de Gisberta não.</p> | <p>Título: "Vigília Juntou 50 Pessoas"</p> <p>Autoria: Natália Faria Público </p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: Não disponível, PDF</p> <p>Data de Acesso: 22/02/2022</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | |
| 25/02/2006 | <p>"De onde vem tanto ódio?", " Basta de violência", "Quantas Gis terão de morrer para se quebrar o silêncio?", podia ler-se nos cartazes empunhados pelos participantes.</p> <p>Moradora nas traseiras do parque de estacionamento, nunca conheceu Gis, mas fez questão de aparecer: "Porque tenho presenciado certas coisas que me incomodam, miúdos que vêm para aí e atei fogos e atiram pedras aos sem-abrigo." "Estou aqui por solidariedade e para dizer basta de violência contra os homossexuais e os travestis em particular, embora todos corram o risco", diz Artur, também conhecido da vítima.</p> | <p>Título: "Vigília Repudia Violência Contra Homossexuais"</p> <p>Autoria: Não Identificado Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20060225163203/http://dn.sapo.pt/2006/02/25/tema/vigilia_re_pudia_violencia_contra_hom.html</p> <p>Data de Acesso: 09/12/2022</p> |

| | | |
|------------|---|--|
| 25/02/2006 | O Centro Juvenil de Campanhã é uma instituição privada de solidariedade social (IPSS) com várias valências: unidade de emergência, lar juvenil e centro de acolhimento. Era nesta instituição que se encontrava internado o menor que não resistiu à pressão e denunciou o crime a um professor. | <p>Título: “Silêncio Total Nas Instituições de Menores”</p> <p>Autoria: Não Identificado Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/2006/02/25/tema/silencio_total_instituicoes_menores.html http://dn.sapo.pt/2006/02/25/tema/silencio_total_instituicoes_menores.html</p> <p>Data de Acesso: 08/02/2022</p> |
| 25/02/2006 | Com o proprietário, a autarquia apenas obteve um acordo: transformar o esqueleto do prédio num parque de estacionamento, pago a 50 cêntimos à hora. A Câmara do Porto, através do seu gabinete de comunicação, confrontada com os trágicos acontecimentos que ali tiveram lugar, não tem mais nada a dizer, senão que o | Título: |

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>parque contribui para a segurança do local. De facto, entre as 08.00 e as 24.00 um funcionário permanece naquela área.</p> <p>Encerrado o parque, toda zona é tomada pela prostituição e pela toxicodependência. Foi aqui, neste prédio inacabado da Fernão de Magalhães, a avenida que liga o Estádio do Dragão à Baixa da cidade, que Gisberta viveu os seus últimos dias.</p> <p>No local foi encontrado um colchão, poucas roupas e algumas latas de comida. O corpo foi encontrado na quarta-feira num poço de 10 metros, submerso em três metros cúbicos de água. “Seria demagógico da minha parte” diz Assis, uma vez que “se não fosse ali aconteceria noutra local”.</p> | <p>“Obra parada há 15 anos sem solução municipal”</p> <p>Autoria: Não Identificado Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20060225163201/http://dn.sapo.pt/2006/02/25/tema/obra_para_da_15_anos_soluciao_municipal.html</p> <p>Data de Acesso: 08/02/2022</p> |
| 25/02/2006 | <p>"O medo não desaparece, mas aprendemos a fazer de conta que está tudo bem". Não há outra maneira de viver para quem vive à noite disfarçado de mulher porque, também por dentro, é uma mulher que sente que é. "Mesmo se a sociedade continua a querer tapar os olhos e encontra no insulto a única forma de lidar conosco, os travestis".</p> <p>Valéria de Oliveira tem 22 anos, uma sensualidade minuciosamente esculpida num corpo de quase dois metros, que exhibe temporariamente na Rua de Gonçalo Cristóvão, e um "medo terrível" de ser atacada por miúdos idênticos aos que assassinaram, no fim-de-semana passado, um transexual, no Porto. Já foi assaltada</p> | <p>Título: “Travestis Com Medo”</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>e já foi raptada. "Sempre por rapazes entre os 15 e os 18 anos. São muito piores que os homens maduros", garante.</p> <p>Só há "um truque", que nem sempre é eficaz "Ficamos perto umas das outras. Se aparece alguém juntamos logo". A estratégia será generosa, mas nem todas alinham no movimento. Filipa Santos, 21 anos, recusa-se. Passa da uma da manhã e ela está ali, indiferente ao frio e ao resto, sozinha. Pelo menos, aparentemente. "Se for preciso - e nunca foi -, o meu namorado aparece", assegura. "Nem sequer uso navalhinhas, o que não quer dizer que não tenha medo. Tenho medo, claro, mas agora estou sobretudo triste pela morte macabra de uma amiga que não merecia o que lhe fizeram."</p> <p>Filipa não confia na Polícia, apesar de ter um pai polícia. "Para eles, sou uma fora-da-lei". Tem 30 anos e o desassossego estampado no rosto de onde sobressai uma cicatriz. "Atacaram-me, partiram-me o maxilar e deixaram-me em coma". O discurso é tão veloz como o olhar, atento à Rua de Santa Catarina, onde está parada. "Morro de medo, sobretudo dos miúdos. Quando os vejo, regresso logo à pensão".</p> | <p>Autoria: Helena Teixeira da Silva Jornal de Notícias </p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20060225161851/http://jn.sapo.pt/2006/02/25/grande_porto/tra-vestis_medo.html</p> <p>Data de Acesso: 09/02/2022</p> |
| 25/02/2006 | <p>A "mulher belíssima, muito cuidada, profundamente feminina e dócil", que chegou a Portugal há uns 25 anos,</p> <p>Um das duas semanas antes de ser violentamente agredida no parque subterrâneo que lhe servia de casa, Gisberta confidenciou a uma técnica sobre "uns miúdos que de vez em quando apareciam na obra e se metiam com ela", embora não tenha referido qualquer agressão. Aconselhada a sair, afirmou apenas: "Posso estar muito mal, mas continuo a ter a força de um homem, não vai ser por causa de uns miúdos..." Mas Gisberta há muito estava débil, fruto das maleitas do HIV e da hepatite, que a deixavam cada vez mais fragilizada.</p> <p>Gisberta, que em tempos havia feito espetáculos de transformismo em algumas casas gay portuenses, vendia o corpo na Rua de Santa Catarina.</p> <p>Nani Petrova, um dos travestis mais antigos da cidade, lembra mesmo que "Gis" chegou a atuar em bares míticos como o Sindikato e o Bustos, mas "não fazia do show a vida profissional, era mais prostituição".</p> | <p>Título: "Gisberta Recordada Como Uma Mulher Belíssima, Cordial e Dócil"</p> <p>Autoria: Não Identificado Diário de Notícias</p> |

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>Todos assinalam a beleza de outros tempos e a sua cordialidade: "Era uma joia, uma pessoa muito bonita, parecia uma rapariga autêntica, maravilhosa", descreve Petrova, que a conheceu há "uns vinte anos".</p> <p>Também Raquel Moreira não esquece a beleza de Gisberta, entretanto destruída pela doença e pela toxicodependência. "Era uma mulher muito educada, muito dócil, diferente do que é normal encontrar na rua", diz. Gisberta era uma "pessoa informada sobre a realidade nacional e internacional", aproveitando os tempos que passava no Espaço Pessoa para ver os telejornais e comentar a actualidade com os técnicos e outros utentes.</p> <p>Gisberta estava fraca, sem forças nem moral para reagir a actos de violência. "Era uma estrangeira num país estrangeiro", lamenta a amiga e também transexual Rute Bianca.</p> | <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.dn.pt/arquivo/2006/gisberta-e-recordada-como-uma-mulher-belissima-cordial-e-docil-636554.html</p> <p>Data de Acesso: 09/02/2022</p> |
| 02/03/2006 | | <p>Título: "A Queda da Esplendorosa 'Gisberta'"</p> <p>Autoria: Cesaltina Pinto e Mário David Campos Revista Visão </p> <p>Fonte: Thiago Carvalhaes</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |

SOCIEDADE

Humildade

A queda da esplendorosa 'Gisberta'

A sua vida teve muita cor, mas desbotou com o tempo. Primeiro, foi o branco da sacosa, depois, o negrume de um poço

DEPUTADA PORTELA E MINISTRO CAMPOS para a mesma situação para um mandato sério. Na madrugada de sábado 23 para 24 de Fevereiro, o alcaide de Lisboa de Vitor, um dos melhores de forma diferente. O entendimento de serviço divulgou a existência de uma caracina, junto da maquiagem, registada, para recolha de fundos destinados a transferir o corpo de Gisberta para o Brasil. «Lembram-se? É aquilo que foi anunciado esta semana, por uma indústria».



Gisberta era transsexual. Nascou há 41 anos, numa «família humilde da internet de São Paulo, no Brasil. Nascem homens por fazer melhor por dentro. Por isso, viveu para fazer a transição de um sexo ao outro e poder assumir integralmente a sua identidade feminina. «Quase ninguém. Completou a primeira fase do processo, e do tratamento hormonal e da terapia psicológica, as condições não lhe permitiram avançar para a segunda fase, e da operação que lhe proporcionaria a viragem sexual definitiva. Mas tal não impediu que se tivesse transformado numa mulher belíssima, adjectivo que sempre considero o epíteto mais adequado».

«As mulheres cilibras e dizem que se encaixam, ter aquelas pernas, aquele cabelo, aquela pele. Tenho

uma pose de estrela: dócil, afável, educada, bem-falante, bem-vestida e, no seu registo, era muito discreta, sempre. Raquel Moreira, psicóloga, já está no presbitério, mas ruiva de Graça Cristóvão e de Santa Catarina. Mas ainda tinha uma peripécia, contida total sobre a sua vida, e outra perfeitamente integrada na comunidade. «Tinha uma grande autonomia, uma forte independência e era muito segura de si, gostava de viajar». «Certo-se que tinha todo uma experiência de vida muito rica e que mantinha contacto com pessoas próximas. Correu alguns países...»

«E sempre lhe chegavam qualquer deslizado de amargura para com a vida».

Adorava teatro, cinema e música?
«Teatro, cinema, até aos 16 anos, transsexual, foi o meu de sempre de cinema. Hoje, não já não trabalho, não me no voluntariado do governo» e o desejo de que aconteça à antiga há de ser grande que é com um dos serviços em Portugal. Mas ainda sempre registar fundo para realizar os seus sonhos, não o ano de 1983, quando a conheceu. «Nessa altura, já Gisberta fazia vida em França, mas apresentou uma oferta para a segunda fase, e da operação que lhe proporcionaria a viragem sexual definitiva. Mas tal não impediu que se tivesse transformado numa mulher belíssima, adjectivo que sempre considero o epíteto mais adequado».

«As mulheres cilibras e dizem que se encaixam, ter aquelas pernas, aquele cabelo, aquela pele. Tenho

uma pose de estrela: dócil, afável, educada, bem-falante, bem-vestida e, no seu registo, era muito discreta, sempre. Raquel Moreira, psicóloga, já está no presbitério, mas ruiva de Graça Cristóvão e de Santa Catarina. Mas ainda tinha uma peripécia, contida total sobre a sua vida, e outra perfeitamente integrada na comunidade. «Tinha uma grande autonomia, uma forte independência e era muito segura de si, gostava de viajar». «Certo-se que tinha todo uma experiência de vida muito rica e que mantinha contacto com pessoas próximas. Correu alguns países...»

«E sempre lhe chegavam qualquer deslizado de amargura para com a vida».

Adorava teatro, cinema e música?
«Teatro, cinema, até aos 16 anos, transsexual, foi o meu de sempre de cinema. Hoje, não já não trabalho, não me no voluntariado do governo» e o desejo de que aconteça à antiga há de ser grande que é com um dos serviços em Portugal. Mas ainda sempre registar fundo para realizar os seus sonhos, não o ano de 1983, quando a conheceu. «Nessa altura, já Gisberta fazia vida em França, mas apresentou uma oferta para a segunda fase, e da operação que lhe proporcionaria a viragem sexual definitiva. Mas tal não impediu que se tivesse transformado numa mulher belíssima, adjectivo que sempre considero o epíteto mais adequado».

«As mulheres cilibras e dizem que se encaixam, ter aquelas pernas, aquele cabelo, aquela pele. Tenho

SOCIEDADE
bem para viver. Tivemos uma vida muito engraçada. «Cari Vondel, 45 anos, outra transsexual que conhece Gêa nos anos 80, no Porto, revelou a sua paixão de amor com o seu colega a sua amiga e de como ela cuidava de teatro, cinema e música brasileira. De último aluno de Gisberta, em breve em o Brasil em o Rio de Janeiro também já conheceu, também, aliás, também de teatro e cinema. Mas Sérgio, 30 anos, um transformado que chegou a trabalhar pouco com Gisberta, também se tornou em um dos seus melhores alunos. «Tinha uma grande autonomia, uma forte independência e era muito segura de si, gostava de viajar». «Certo-se que tinha todo uma experiência de vida muito rica e que mantinha contacto com pessoas próximas. Correu alguns países...»

A Revista com conta, peso e medida
Forma Física, Saúde, Nutrição e Bem-Estar

Mais PERFORMANCE todos os meses em um só

OFERTA BALANÇA DIGITAL com 100g de suplemento

www.performance.pt

SOCIEDADE
«A Girão na Entidade Nacional de Defesa do Consumidor...»
«Ela acabou por fugir, revelada com o que tinhamos feito, lembra Sandra Dias, 30 anos, de Abragex, que nasceu em Lisboa, na legislação. «Como não tinha contrato de trabalho, não podia renovar o visto. Então, ela fugiu. E tinhamos feito tudo isso».

Crime do Porto
AGRESSÃO
«A primeira tentativa de apontar a dedo à mediação da violência...»

ABANDONO
«A primeira tentativa de apontar a dedo à mediação da violência...»

OCULTAÇÃO
«A primeira tentativa de apontar a dedo à mediação da violência...»




“Família humilde do interior de São Paulo”
Nasceu homem por fora e mulher por dentro. Por isso, viveu para fazer a travessia de um sexo para o outro e poder assumir inteiramente a sua identidade feminina. Quase conseguiu. Completou a primeira fase do processo, a do tratamento hormonal e do implante mamário. As condições não lhe permitiram avançar para a segunda fase, a da operação sexual feminino. Mas tal não impediu que se tivesse transformado numa mulher belíssima. Adjetivo que amigos e conhecidos repetem até à exaustão.
“As mulheres olhavam e diziam: quero ser como ela, ter aquelas pernas, aquele cabelo, aquela pele. Tinha uma pose de senhora: dócil, afável. Educada, bem-falante. Bem cuidada e, no seu registo, era muito discreta”, assegura Raquel Moreira, psicóloga e técnica do Espaço Pessoa, integrado na Associação de Planeamento Familiar (APF) e que dá apoio à prostituição de rua.
Raquel conheceu Gisberta em 1997, já se prostituía, nas ruas de Gonçalo Cristóvão e de Santa Catarina. Mas ainda tinha casa própria, controlo total sobre a sua vida e estava perfeitamente integrada na comunidade.
“Tinha uma grande autonomia, uma forte individualidade e era muito segura de si”, garante Raquel. “Notava-

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>se que tinha tido uma experiência de vida muito rica e que mantivera contactos com imensas pessoas. Correu alguns países...” e ninguém lhe conheceu qualquer desabafo de amargura para com a vida.</p> <p>“Adorava teatro, cinema e música”</p> <p>Rute Bianca, 46 anos, transexual, foi colega de viagem de Gisberta. Hoje, Rute já não trabalha, diz-se no “descanso do guerreiro” e o choque do que aconteceu à amiga foi tão grande que ficou com “os nervos em franja”. Mas ainda consegue respirar fundo para rebuscar na memória o ano de 1981, quando a conheceu. Nessa altura, já Gisberta fazia vida em França, mas aproveitou umas férias para visitar o Porto. Daqui, foram juntas para Lisboa, onde arranjam uma “agente artística”, que as Pôs no circuito dos grandes cabarés, quer em França quer na Bélgica. “Ela gostava tanto do brasileiro, que não queria falar francês. Mas aprendeu. Partilhávamos quarto, nos hotéis, recebíamos aqui e acolí, dava bem para viver. Tínhamos uma vida muito engraçada.”</p> <p>Cáti Vandoli, 45 anos, outra transexual que conheceu Gis nos anos 80, no Porto, recorda um jantar de aniversário que ofereceu à sua amiga e de como ela “Adorava teatro, cinema e música brasileira”.</p> <p>Também o cabeleireiro Vagner, transformista nas horas livres, chegou a pisar o mesmo palco que Gisberta. “Foi em 1997 ou 1998, num bar de alterne que se chamava Karaté. Lembro-me de que tinha um bom guarda-roupa. Às vezes, via-a fumar um charro, mas como era muito respeitadora, não o fazia se eu também estivesse no camarim, Era muito lúcida e organizada. Sei que descontava para a Segurança social”.</p> <p>“Esta condição social empurra para a rua. O mercado de trabalho é diminuto”, explica Vagner. “São mal pagos e maltratados profissionalmente, o que leva a condições de pobreza extrema. Nunca se sabe, por isso, se a toxicodpendência é efeito ou causa”, diz Sérgio Vitorino.</p> <p>E, no ano passado, a Abraço conduziu-a ao internamento numa instituição, em Setúbal. “Ela acabou por fugir, revoltada com o que tínhamos feito”, lembra Sandra Dias, 30 anos, da Abraço. “Como não tinha contrato de trabalho, não podia renovar o visto. Estava ilegal. E tinham-lhe roubado o Bilhete de Identidade, entretanto caducado.”</p> <p>“Ela própria se isolou, até se escondia das pessoas, mas dizia sempre que estava bem”, alega Vagner. “Deixou de pagar renda, a luz, a água e teve de abandonar a casa”, conta Sandra Dias.</p> | |
| 03/03/2006 | <p>Padre da Oficina S. José no adeus a travesti morto</p> <p>A missa foi celebrada pelo padre Alberto Tavares, director da Oficina de S. José</p> | |

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>“O padre quis "associar-se à dor" dos amigos de Gisberta, nome que o brasileiro Gisberto Júnior adoptou no sonho de ser transexual, não concretizado por questões de saúde. Morreu travesti, sem-abrigo, toxicodependente, seropositiva, só.”</p> <p>"Estou ali [nas Oficinas de S. José] há muitos anos. Nunca vi uma coisa destas. Os psicólogos infantis dizem que isto é fenómeno de bandos e que basta um começar para os outros irem todos atrás", disse, na homilia, Alberto Tavares.</p> <p>Kati, também transexual, conheceu Gisberta há 15 anos. Pede, em tom de apelo, que não lhe chamem travesti. "Não fez operação ao sexo porque as varizes não deixaram. Foi como mulher que fez sucesso como figura em espectáculos, na noite onde a discriminação magoa".</p> <p>Foi Kati que ligou à mãe de Gisberta a dar a notícia da sua morte.</p> <p>"Pela vítima, contra o aumento da repressão judicial sobre menores em risco e contra o silêncio da Igreja", afirmou, ontem, Sérgio Vitorino.</p> | <p>Título: “Padre da Oficina S. José no adeus a travesti morto”</p> <p>Autoria: Margarida Fonseca Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.jn.pt/arquivo/2006/padre-da-oficina-s-jose-no-adeus-a-travesti-morto-539345.html</p> <p>Data de Acesso: 10/03/2022</p> |
| 03/03/2006 | <p>A homília foi presidida pelo padre director das Oficinas de S. José, onde vivia a maior parte dos 14 jovens indiciados pela morte de "Gis".</p> <p>Além disso, embora tenha expressado as condolências, o padre terá ainda dito que, segundo os psicólogos, "as crianças são como os pássaros, que andam em bando", o que, disse o também "Pantera" Sérgio Vitorino, "é uma vez mais a igreja a lavar as mãos da sua responsabilidade em relação a estes jovens".</p> <p>Já para Rute Bianca, transexual e amiga da vítima, o último adeus foi "lindíssimo". O caixão aberto permitiu aos amigos verificar o "estado lastimável" em que se encontrava o corpo, mas, garante Rute Bianca, o padre "estava chocadíssimo, sem perceber como é que os rapazes podiam ter actuado daquela maneira".</p> | <p>Título: “Padre da Oficina S. José no adeus a travesti morto”</p> <p>Autoria: Margarida Fonseca Jornal de Notícias</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| | | <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: http://dn.sapo.pt/2006/03/03/sociedade/autopsia_indica_transexual_pode_sido.html</p> <p>Data de Acesso: 10/02/2022</p> |
| 04/03/2006 | <p>é uma realidade complexa, que, na sua multiplicidade, se insere toda ela num conceito: exclusão. Foi a exclusão que levou os jovens a um comportamento deste tipo. Foi a exclusão que levou a vítima à situação de fragilidade que permitiu ser sobre ela perpetuado o crime hediondo.</p> <p>O assassinato de Gisberta expôs à luz do dia um outro nível de exclusão. Gisberta era uma transexual brasileira, artista de transformismo, que caiu na prostituição para alimentar a dependência da cocaína que adquiriu nos últimos anos, acabando por contrair sida, que se manifestou há cerca de um ano, com infecções oportunistas associadas, como a tuberculose. O estado de degradação a que a toxicodependência a levou atirou-a para a rua, acabando por perder o seu visto de residência em Portugal, passando à ilegalidade e vivendo os últimos tempos da sua vida como sem-abrigo.</p> <p>A exclusão de Gisberta era uma exclusão múltipla.\</p> <p>Isto porque, se estes jovens poderiam ter batido noutra sem-abrigo, o caso concreto é que Gisberta era transexual e o crime incluiu sevícias claramente homofóbicas, como a introdução de objectos no ânus de</p> | <p>Título: “Exclusões”</p> <p>Autoria: São José Almeida Público</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL PortugalGay.pt</p> <p>Link Acesso:</p> |

| | | |
|-------------------|--|---|
| | <p>Gisberta. Aliás, a discriminação, neste caso, não é sequer uma discriminação homossexual. Gisberta não era homossexual, era transexual.</p> <p>Para a presunçosa arrogância da ignorância nacional, Gisberta era apenas uma bicha brasileira drogada que se vestia de mulher e se prostituía na rua e que - como muitas outras o são também diariamente por todo o país - podia e merecia ser agredida.</p> <p>Talvez porque, como já se disse, para a presunçosa arrogância da ignorância nacional Gisberta era apenas uma bicha brasileira drogada que se vestia de mulher e se prostituía na rua e que - como muitas outras o são também diariamente por todo o país - podia e merecia ser agredida. Só que Gisberta morreu.</p> | <p>http://jornal.publico.clix.pt/noticias.asp?a=2006&m=03&d=04&uid=&id=66554&sid=7323</p> <p>https://portugalgay.pt/politica/portugalgay71.asp?d=9</p> <p>Data de Acesso: 10/07/2022</p> |
| <p>10/03/2006</p> |  <p>SOCIEDADE</p> <p>Exames confirmam morte de Gisberta por afogamento</p> <p>COMO NO FORTO</p> <p>Os exames confirmam a morte de Gisberta por afogamento. A polícia encontrou o corpo em um rio próximo ao bairro de São Paulo. O corpo foi encontrado em um rio próximo ao bairro de São Paulo. O corpo foi encontrado em um rio próximo ao bairro de São Paulo.</p> <p>A TOLERANCIA I</p> <p>Valores avulsos miliares de votos nas eleições tradicionais</p> <p>A TOLERANCIA II</p> <p>Pelotas avulsas e as poderosas símbolos religiosos</p> <p>Vigília em memória da transexual assassinada junto decenas em Lisboa</p> | <p>Título: “Exames Confirmam Morte de Gisberta por Afogamento”</p> <p>Autoria: Tânia Laranjo Público</p> <p>Fonte: Fundação Mário Soares / UMAR</p> <p>Link Acesso: http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10096.003.002.009#!1</p> |

| | | |
|-------------------|---|---|
| | <p>Gisberta morreu afogada, embora o seu cadáver apresentasse lesões múltiplas que possivelmente também lhe teriam causado a morte em poucas horas.</p> <p>Estando Gisberta viva quando foi atirada ao poço (e não morta, como os jovens inicialmente disseram nos interrogatórios judiciais)</p> <p>Refira-se, ainda, que também será determinante saber-se se os jovens que atiraram a vítima ao poço teriam consciência de que aquela estaria viva. Todos garantem o contrário (pensavam que Gisberta estava morta e por isso tentaram esconder o cadáver) e será essa prova que o Ministério Público terá de fazer para poder avançar para a acusação de homicídio qualificado.</p> <p>Também segundo o PÚBLICO apurou, a transexual apresentava uma série de lesões que terão sido provocadas por espancamento. A autópsia confirmou igualmente as sevícias sexuais, que terão sido provocadas com um pau.</p> | <p>Data de Acesso: 28/11/2022</p> |
| <p>10/03/2006</p> | <p>"A minha tia chegou no fim da semana num caixão lacrado. A gente enterrou o corpo e nem o viu. Aos poucos, começamos a realizar o aconteceu."</p> <p>"Temos falado em entrar num processo de reparação porque quando a Gis saiu daqui o sonho dela era comprar uma casa para a mãe. E achamos que faz sentido pedir uma indemnização para cumprir esse sonho dela."</p> | <p>Título: "Família de Gisberta Pondera Processar Estado Português"</p> <p>Autoria: Fernanda Câncio Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso:</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | <p>https://arquivo.pt/wayback/20060310220227/http://dn.sapo.pt/2006/03/10/sociedade/familia_gisberta_pondera_processar_e.html</p> <p>Data de Acesso: 09/06/2022</p> |
| 12/03/2006 | <p>"Houve o problema da Gisberta, até andou aí um carro aos tiros a insultar os travestis; agora levamos com isto"</p> <p>"Logo no dia em que saiu a notícia, atiraram-me pedras e disseram: "Vai para casa que estás com sida!", expunha uma utente.</p> <p>"Antes vinham gozar connosco ao fim-de-semana; agora é de segunda a segunda", insurgia-se um travesti, que acabara de viver um incidente. "Passou um carro e perguntou: "Quanto é?" Eu respondi-lhe e ele disse: "Para um paneleiro, não estás a levar dinheiro de mais?" Há quem passe a gritar "ó p...!" ou "ó "traveca"" ou "ó maricas vai fazer a barba". De vez em quando, circulam "grupinhos de "chavalos" de bonezinho" a insultar. Quem está na rua, "apanha com toda a falta de civismo", denuncia uma mulher. "Até universitários! Na Queima das Fitas, ninguém os aguenta".</p> <p>A forma de agressão mais frequente é a verbal, mas também ocorrem agressões físicas, roubos, raptos, violência sexual. Há automobilistas, casais até, que abrem a janela para atirar balões com água ou farinha, sacos de óleo queimado, fruta podre, ovos, pedras, extintores. Há clientes "bêbados, infelizes, traumatizados" que, no fim do serviço, se recusam a pagar e que "pregam dois estalos".</p> <p>À marginalização da prostituição, por vezes, alia-se a homofobia e a transfobia. No Porto, já houve um grupo de menores especializado em assaltar homossexuais, travestis e transexuais.</p> <p>O que sobressaía, no discurso dos rapazes, era uma estranha técnica de neutralização da culpa. "Não fica bem andarem vestidos de mulher", dizia um.</p> | <p>Título: "Violência contra pessoas que se prostituem na rua agravou-se"</p> <p>Autoria: Não Identificado Público</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/03/12/jornal/violencia-contra-pessoas-que--se-prostituem-</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| | | <p>na-rua-agravouse-67928</p> <p>Data de Acesso: 09/06/2022</p> |
| 12/03/2006 | <p>A transexual J6 Bernardo não pergunta como foi possível no fim-de-semana de 18 e 19 de Fevereiro Gisberta ter sido amordaçada, espancada e apedrejada, alegadamente por um grupo de menores que lhe terá introduzido um objecto no ânus e que, dias depois, a terá lançado viva para um poço, no Campo de 24 de Agosto, no Porto. Pergunta "como não aconteceu antes". "Não sabemos todos da discriminação dos sem-abrigo, seropositivos, toxicodependentes, imigrantes, trabalhadores do sexo e, particularmente, transexuais?", questiona a presidente da A-T, Associação para o Estudo e Defesa do Direito à Identidade de Género. "Temos todos de ser responsáveis pelos "monstros" que criámos. Os jovens delinquentes e os transexuais que se prostituem são produto da sociedade, que exclui quem não segue os seus padrões".</p> <p>Gestos delicados, cabelo farto, sapato de salto, J6 tem a voz grossa e o nome Jorge impresso no bilhete de identidade (BI). "A discriminação não é pontual - é diária, constante". Sente-a nos mais diversos aspectos do quotidiano. Atribui-a "à ignorância, à intolerância, ao preconceito".</p> <p>M. já procurou trabalho "em pronto-a-vestir, limpezas, cafés e nada" - "Olham para mim, sou bonita, são simpáticos. Quando mostro o BI, acabou. Os bem-educados dizem: "Muito obrigada menina, mas a vaga já está preenchida"". Os mal-educados nem disfarçam, "insultam, enxotam". Trabalha na Rua de Gonçalo Cristóvão, no Porto. "A gente tem de sobreviver, a gente vende o que é nosso: o nosso corpo".</p> <p>"Quem é que dá um emprego normal a um transexual?", questiona Rute Bianca, que já fez "a operação há 23 anos". "Já trabalhei num café, havia clientes que não entravam para não serem atendidos por mim. Às vezes, perguntavam ao patrão: "Não tens vergonha de ter uma pessoa destas a trabalhar? Também és maricas?"". Rute despediu-se, enveredou pelo mundo do espectáculo.</p> | <p>Título: "Discriminação sobre transexuais 'não é pontual, é diária, constante'"</p> <p>Autoria: Ana Cristina Pereira Público</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/03/12/jornal/discriminacao-sobre-transexuais-nao-e-pontual-e-diaria-constante-67929</p> <p>Data de Acesso:</p> |

| | | |
|-------------------|---|---|
| | <p>Rute Bianca tem uma teoria: acha que "as mulheres que nasceram mulheres" não perdoam a feminilidade, quase excessiva, das transexuais e que os homens não suportam a ideia de se sentirem atraídos por mulheres que nasceram homens. "Quando percebem que somos transexuais, dizem: "Olha o filho da p...! É um gajo!"".</p> <p>O preconceito não afecta apenas o/a transgénero. Rute recorda o sofrimento do companheiro de muitos anos. "Era repudiado no trabalho por ter uma mulher transexual, havia muito burburinho e ele era despedido. Sentia-se muito pressionado, começou a meter coisas na cabeça, morreu canceroso. A gente ia na rua e gozavam: "Olha dois homens!""</p> <p>A presidente da A-T considera "vergonhosa" a maneira como a comunicação social tratou o caso de Gisberta. Os media provaram "desconhecer ainda a diferença entre travesti e transexual, entre homofobia e transfobia, entre orientação sexual e identidade de género". Critica, também, o facto de "parte da comunicação social ter referido Gisberta "apenas como sem-abrigo". Ela acumulava formas de exclusão, "não cabe aos jornalistas decidir qual delas pesou mais" - [Importante para a dissertação]</p> | <p>11/06/2022</p> |
| <p>04/05/2006</p> | <p>O facto de as pessoas não saberem o que é um transgénero - denominação que inclui os transexuais, (quem fez operação de 'mudança de sexo'), travestis e pessoas que não são homem nem mulher - torna ainda mais importante que a transfobia seja mencionada."</p> | <p>Título: "Morte da transexual Gisberta em documentário europeu"</p> <p>Autoria: Fernanda Câncio Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| | | <p>060512231255/http://dn.sapo.pt:80/2006/05/04/sociedade/morte_transexual_gisberta_documentar.html</p> <p>Data de Acesso: 11/06/2022</p> |
| 04/05/2006 | <p>Isto deve-se ao facto de todos os depoimentos recolhidos (do jovem de 16 anos e dos restantes 13 adolescentes) serem unânimes quanto ao facto de o principal suspeito não ter agredido Gisberta nas noites que antecederam a sua morte.</p> <p>Um dos jovens que terá participado nas agressões relatou, a 23 de Fevereiro, o sucedido a uma professora. A PJ do Porto identificou posteriormente 14 alegados envolvidos.</p> | <p>Título: “Juiz liberta o único jovem que foi detido”</p> <p>Autoria: Carlos Rodrigues Lima e Fernanda Cândia Diário de Notícias </p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20070528190341/http://dn.sapo.pt:80/2006/05/04/sociedade/ju</p> |

| | | |
|------------|---|--|
| | | <p>iz liberta o unico jovem foi detid.html</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |
| 06/04/2006 | <p>Laramie, Portugal</p> <p>É um fosso com mais de dez metros, cheio de água suja, num prédio inacabado do Porto. Foi aí que a encontraram: calças nos joelhos, queimaduras, sinais de espancamento. Os miúdos dizem que lhe fizeram o que quiseram durante dias - dois, três? -, que lhe arremessaram pedras e pontapés, lhe enfiaram paus no ânus, a insultaram e sevicaram até lhes parecer que já não respirava. Aí, dizem, resolveram livrar-se do corpo.</p> <p>A autópsia diz que ela morreu afogada. O mais certo é, aliás, que diga ele. O corpo pescado do fosso tinha órgãos genitais masculinos e nos seus papéis o nome de Gisberto Salce Júnior, mesmo se havia seios cirurgicamente implantados e um rosto que foi o de uma mulher bonita. Na morte, talvez fosse outra coisa - um mutante, uma aberração atreita a estremecer conceitos e atrair violências.</p> <p>Num país onde uma mulher e o seu irmão foram condenados a 20 anos de prisão pela morte da respectiva filha e sobrinha, uma criança cujo corpo nunca apareceu, com base numa coisa chamada "convicção", um corpo pode apresentar irrefutáveis provas de tortura e homicídio que coincidem com a confissão dos suspeitos e tudo se encaminhar para não haver culpados.</p> <p>Acho que seria fantástico se o juiz dissesse: 'Para além da vossa sentença, têm de contar a vossa história.'"</p> | <p>Título: "Laramie, Portugal"</p> <p>Autoria: Fernanda Câncio Diário de Notícias </p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.dn.pt/arquivo/2006/laramie-portugal-640039.html</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| 09/06/2006 | <p>Envergavam T-shirts com as frases “Gisberta: proibido esquecer, necessário prevenir” e “Um rosto a não esquecer” e máscaras com a face da transexual assassinada no Porto, em Fevereiro.</p> <p>“Ajudar as ‘Gisbertas’ que são vítimas neste país e dizer não à transfobia” foi o mote, como explicou ao PÚBLICO a transexual Lara Crespo, em representação da AT, associação para o estudo e defesa do direito à identidade de género</p> | <p>Título: “Manifestantes lançam alerta para situação de "exclusão extrema" dos transexuais”</p> <p>Autoria: Não Identificado Público </p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL PortugalGay.pt</p> <p>Link Acesso: https://portugalgay.pt/politica/portugalgay71.asp?d=23</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |
| 10/06/2006 | <p>O que sobressai do documentário é a noção de que o somatório de exclusão atingido por Gisberta Salce Júnior espelha a marginalização a que os transexuais (sobretudo os masculinos-femininos) são votados em Portugal: toda a sociedade discrimina. Enfrentam dificuldades de acesso ao sistema nacional de saúde, ao mercado de trabalho, a actos tão corriqueiros como abrir uma conta bancária.</p> <p>O dia de ontem, como explicou Sérgio Vitorino, encerrava uma extensa lista reivindicativa, nomeadamente “protecção na legislação penal face a crimes de ódio motivados pela transfobia” e o “total reconhecimento</p> | <p>Título: “Manifestantes lançam alerta para situação de "exclusão extrema" dos transexuais”</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | <p>de género, incluindo o direito a escolher livremente os primeiros nomes”. No fundo, uma lei de género como a espanhola.</p> <p>Houve debate. Rute Bianca ficou emocionada: “Obrigada por estarem a fazer isto por nós. Vocês são os nossos braços, as nossas pernas, os nossos olhos, porque nós, transexuais, não podemos fazer isto que vocês estão a fazer. Seríamos logo insultados, apedrejados.”</p> <p>https://www.dailymotion.com/video/x6f84</p> | <p>Autoria: Ana Cristina Pereira Público</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/06/10/jornal/documentario-sobre-gisberta-exibido-no-porto-83509</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |
| 15/06/2006 | <p>Parlamento Europeu insta Portugal a punir responsáveis pela morte de transsexual Crime apontado como exemplo da violência racista e homófoba na Europa</p> <p>O Parlamento Europeu instou hoje as autoridades portuguesas a fazerem tudo ao seu alcance para punirem os responsáveis pelo homicídio de Gisberta, um transsexual morto em Fevereiro no Porto, e a combater o "clima de impunidade" em relação a este tipo de crimes.</p> | <p>Título: “Parlamento Europeu insta Portugal a punir responsáveis pela morte de transsexual”</p> <p>Autoria: Nelson Garrido Público</p> <p>Fonte: Própria</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20060616030415/http://www.publico.clix.pt/shownews.asp?id=1261024</p> <p>Data de Acesso: 18/04/2022</p> |
| 16/06/2006 | <p>Gisberta, transexual brasileira assassinada no Porto há quatro meses, era o jackpot das exclusões sociais, seropositiva, toxicod dependente, sem-abrigo, imigrante ilegal, prostituta, travesti. Quando apareceu morta num parque subterrâneo do Campo 24 de Agosto, violada e violentada por 14 crianças que estavam sob protecção da Oficina S. José, a comunicação social explorou exaustivamente o caso. Aparentemente, o país emocionou-se. Mas esqueceu-se logo a seguir. Os responsáveis, entre os 13 e os 16 anos, foram todos ilibados e redistribuídos por outras casas de acolhimento; a instituição foi também desresponsabilizada pela diocese do Porto.</p> <p>"É a impunidade total numa sociedade em que as fobias têm todas a mesma origem a ignorância em relação à identidade de género", sintetizou, anteontem à noite, Bruno Maia, um dos dirigentes da associação Panteras Rosa (PR)</p> <p>"As novas gerações são mais preconceituosas do que as anteriores", lamentou Fernando Mariano, outro responsável da PR. "E são-no sobretudo em relação aos transexuais, porque são facilmente identificáveis o BI apresenta uma identidade sexual distinta do corpo".</p> <p>Bruno Maia "A imprensa, que insiste no erro de designar transexuais por travestis; as escolas, que não abordam as identidades de género na disciplina de educação sexual; e a Igreja, que parte do pressuposto de que somos todos heterossexuais e alimenta o desconhecimento".</p> | <p>Título: "Crianças ilibadas são um convite à repetição do crime"</p> <p>Autoria: Helena Teixeira da Silva Jornal de Notícias </p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.jn.pt/arquivo/2006/criancas-ilibadas-sao-um-convite-a-repeticao-do-crime-555763.html?id=555763</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | Data de Acesso: 13/04/2022 |
| 03/07/2006 | De acordo com a acusação, efectuada pelo procurador Rui Amorim no dia 30 de Maio, os jovens não agiram com a intenção de matar Gisberta Salce Júnior, 46 anos, mas sabiam que os maus-tratos que alegadamente lhe infligiram poderiam ter esse desfecho. A tese do Ministério Público apoia-se no resultado da autópsia ao corpo da vítima, que indicou como causa de morte o afogamento e não os maus-tratos alegadamente infligidos. | <p>Título: "Treze menores julgados pela morte de transexual"</p> <p>Autoria: João Paulo Coutinho Jornal de Notícias </p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://arquivo.pt/wayback/20080321193006/http://jn.sapo.pt/2006/07/03/policia_e_tribunais/treze_menores_julgados_pela_morte_tr.html</p> <p>Data de Acesso: 13/07/2022</p> |

01/07/2006



Transsexual pediu ajuda, quando foi atirada ao poço. Procurador entendeu, mesmo assim, que só há prova de tentativa de homicídio.

Mesmo assim, e embora defenda que os jovens tinham consciência de que Gisberta estava viva e que ouviram os seus pedidos de auxílio, o Ministério Público entende não ser possível demonstrar que foram eles que lhe causaram a morte.

Parece confuso? Poderá ser, no mínimo, um entendimento polémico, mas juridicamente é este o entendimento do procurador, que terá hesitado muito antes de qualificar os factos investigados”

(Podemos então aqui usar estas imagens? Fazer uma descrição desta confusão? - EU)

Título:
“MP diz que Jovens do Porto não consumaram a morte de Gisberta”

Autoria: Tânia Laranjo | Público

Título:
“Eles Faziam Pequenos Furtos, Mas não Eram Violentos Àquele Ponto”

Autoria: Ana Cristina Pereira | Público

Fonte: Fundação Mário Soares / UMAR

Link Acesso:
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10095.001.003.007>

Data de Acesso:
28/11/2022

O Ministério Público defende que, atendendo ao caso em análise, não deverão os menores ser sujeitos à medida mais gravosa da Lei Tutelar Educativa.

“Os indícios apontam para que estiveram todos em algum dos momentos. Uns só bateram, outros lançaram o corpo. Mas o objetivo da sanção não é puni-los, sim reabilitá-los”

“O princípio é o da igualdade. A fase de investigação já terminou, não fazia sentido aplicar uma medida mais gravosa a um que aos outros.”

“São miúdos, aquilo foi uma brincadeira que correu mal. Um acto grave, claro, mas devemos marcar os rapazes para a vida toda, não os deixar voltar a ter uma vida normal?”

Gisberta estava viva e pedia ajuda, cerca de 48 horas depois do primeiro acto de violência, e mesmo assim, os rapazes nunca terão admitido pedir auxílio. Terão tentado incendiar o cadáver, só abandonando a ideia por temerem as consequências. Optaram por lançar a vítima ao poço, com mais de 15 metros de profundidade, levando a que Gisberta morresse afogada. Por esse motivo também a morte não ser consequência das agressões - a qualificação jurídica foi alterada.

O Ministério Público fala ainda em dolo eventual, o que significa que os jovens admitiram que Gisberta pudesse morrer e conformaram-se com esse facto.”

—

The Gang, Cinco membros do grupo no sei de 14 rapazes (um maior de 16 anos).

“Andavam sempre juntos”. Todos os dias, Como outros elementos do bando internados noutros “colégios”.

The Gang “é mais um grupo de amigos”. Mais de 30, com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos.

| | | |
|------------|--|---|
| | E os outros internos da Oficina de São José que se identificam como pertencendo a The Gang - autênticos heróis dentro da própria instituição - agora têm menos liberdade para sair ao fim-de-semana. As regras apertaram após a morte de Gisberta. | |
| 03/07/2006 | <p>Gostava ao menos que eles dissessem o que se passou, porquê aquela reacção. Gostava de os ouvir dizer porquê."</p> <p>"Ela conhecia dois desde bebés", diz amiga de Gis</p> <p>Se, como noticiou o Público, a vítima terá pedido ajuda antes de ser lançada no fosso e os jovens que nele a deitaram não podiam, assim, ignorar que estava viva, como sustentar que não tinham intenção de a matar?</p> | <p>Título: "Ela conhecia dois desde bebés", diz amiga de Gis"</p> <p>Autoria: Fernanda Câncio e David Mandim Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.dn.pt/arquivo/2006/ela-conhecia-dois-desde-bebes-diz-amiga-de-gis-642846.html</p> <p>Data de Acesso: 13/07/2022</p> |
| 05/07/2006 | Para já, as duas teses defendidas assentam no que já havia sido dito no primeiro dia do julgamento. Os menores agrediram Gisberta e lançaram-na ao poço por brincadeira. A expressão "vamos dar lenha ao "Gi"" | |

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>voltou a ser recordada como sendo usada de forma recorrente, sempre que os jovens pretendiam exercer a violência.</p> <p>Dizem então os rapazes, num julgamento que prossegue à porta de fechada e onde a informação oficial se resume ao número de menores que são ouvidos, que também agiram daquela forma por estarem integrados num grupo. Não porque tivessem medo de ser alvo de represálias dos restantes, caso não participassem nas agressões, mas porque se um fazia o outro actuava de forma idêntica.</p> <p>O tribunal também não ignora que, embora os rapazes estejam a ser ouvidos separadamente, para evitar que as histórias sejam montadas entre si, os depoimentos são depois comentados entre eles. Durante a fase de julgamento, 12 dos miúdos encontram-se internados na antiga Tutoria do Porto, junto ao Tribunal de Menores, o que possibilita a troca de informações.</p> <p>Três momentos-chave</p> <p>Os quatro jovens já interrogados pelo tribunal confessaram ter participado nos três momentos-chave.</p> <p>O primeiro foi a agressão a Gisberta, sem qualquer motivo aparente, altura em que a deixaram bastante maltratada e sem capacidade de pedir auxílio.</p> <p>O segundo foi a violação, depois de, segundo contaram, terem sentido curiosidade em saber se seria homem ou mulher.</p> <p>O terceiro, em que os rapazes já estavam já dominados pelo pânico, foi ocultar o corpo de Gisberta, lançando-o a um poço. Nesse momento, lembraram já aos juízes, a vítima pediu-lhes ajuda e implorou-lhes que a levassem ao hospital. A reacção foi tentar provocar um incêndio, ideia substituída pelo lançamento ao poço, onde Gisberta morreu afogada.</p> | <p>Título: "Tribunal insiste em perceber motivações dos jovens que mataram Gisberta"</p> <p>Autoria: Tânia Laranjo Público</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/07/05/jornal/tribunal-insiste-em-perceber-motivacoes-dos-jovens-que-mataram-gisberta-87406</p> <p>Data de Acesso: 15/03/2022</p> |
| 07/07/2006 | <p>O médico legista que realizou a autópsia de «Gisberta», confirmou a existência de lesões traumáticas na vítima, mas que não seriam adequadas a provocar a morte. Referiu por outro lado que não encontrou feridas abertas ou fracturas na vítima e que, numa pessoa normal, as lesões ficariam curadas em 15 dias.</p> | <p>Título: "Transsexual: autópsia não confirma agressão sexual"</p> |

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>O Ministério Público refere que seis jovens terão atirado o corpo para um poço coberto de água dentro do parque de estacionamento habitado pelo transsexual, convencidos de que a vítima não resistira às lesões e falecera.</p> <p>Todos admitiram que frequentavam o parque de estacionamento em que a vítima, sem-abrigo, residia, mas apenas alguns admitiram que molestavam fisicamente o transsexual, sempre com o intuito de se divertirem. Negaram sempre a intenção de a matar.</p> <p>Outros menores negaram sequer que alguma vez a tivessem agredido, muito embora reconhecessem que assistiam a tudo sem nada fazer para o impedir.</p> | <p>Autoria: Cláudia Rosenbusch TVI24</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://tvi24.iol.pt/gisberta/julgamento/transsexual-autopsia-nao-confirma-agressao-sexual</p> <p>Data de Acesso: 15/03/2022</p> |
| 09/07/2006 | <p>"A educação sexual nas escolas sem preconceitos poderia ter evitado o crime cometido por aquelas crianças da Oficina S. José que mataram a Gisberta. Há muitas Gisbertas que precisam de ser protegidas contra crimes de ódio, em tudo semelhantes aos actos racistas", sublinha Bruno Maia.</p> <p>Entre os manifestantes do LGBT, o uso da expressão "transgéneros" chegou a desencadear uma acesa troca de ideias. Os críticos diziam, ontem, que o termo remete para uma indefinição - abarca transexuais com ou sem genitais modificados -, enquanto que os transexuais "puros" são aqueles que fizeram a operação aos genitais.</p> | <p>Título: "Marcha gay no Porto homenageia Gisberta"</p> <p>Autoria: Pedro Araújo Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.jn.pt/arquivo/2006/marcha-gay-no-porto-homenageia-gisberta-559393.html</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | Data de Acesso: 19/03/2022 |
| 18/07/2006 | <p>Quando foram ouvidos - pelo magistrado judicial que preside à audiência e por dois juízes sociais (uma psicóloga reformada e um funcionário da Santa Casa da Misericórdia do Porto) -, explicaram que agredir Gisberta era um "passatempo", uma "brincadeira" frequente. Daquela vez, descontrolaram-se. Espancaram-na, queimaram-na com pontas de cigarro e, "por curiosidade", sujeitaram-na a sevícias sexuais.</p> <p>A psicóloga foi chamada para ajudar o tribunal a entender o comportamento dos rapazes. Ao que o PÚBLICO apurou, apontou, como um dos principais factores, a ausência de uma "educação complementar" nos centros de acolhimento de menores em risco onde viviam. Talvez não tivessem atacado Gisberta se tivessem actividades desportivas e recreativas, algo capaz de os entreter nos tempos livres. Mas também educação para a cidadania, nomeadamente de promoção do respeito pela diferença.</p> | <p>Título: "Menores suspeitos de terem matado Gisberta precisavam de "educação complementar""</p> <p>Autoria: Ana Cristina Pereira Público </p> <p>Fonte: Fagundes (2017) PortugalGay.pt</p> <p>Link Acesso: https://portugalgay.pt/news/180706C/portugal-menores-suspeitos-de-terem-matado-gisberta-precisavam-de-educacao-complementar?amp</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |
| 25/07/2006 | O Ministério Público (MP) deixou cair a acusação de homicídio na forma tentada, com dolo eventual, no julgamento da morte da transexual Gisberta | Título: |

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>Além de considerar que aos menores apenas podem ser imputados crimes de ofensas corporais, qualificadas por serem muito graves, o MP aceitou também a redução do número de rapazes indiciados por ocultação de cadáver, na forma tentada. Dos seis acusados inicialmente, apenas três são agora considerados susceptíveis de serem punidos.</p> | <p>"MP recua na acusação de homicídio no 'caso Gisberta'"</p> <p>Autoria: David Mandim Diário de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://web.archive.org/web/20090124211722/http://dn.sapo.pt/2006/07/25/sociedade/mp-recua-acusacao-homicidio-caso-gis.html</p> <p>Data de Acesso: 19/04/2022</p> |
| 01/08/2006 | <p>O tribunal entendeu que ficou provado que os menores agrediram por diversas vezes, em dias diferentes, a transexual Gisberta. Fizeram-no de comum acordo e unicamente com o intuito de se divertirem com o sofrimento alheio.</p> <p>O juiz fez questão de sublinhar que a responsabilidade não é só dos jovens. As instituições onde viviam, acusou o juiz, também têm a sua quota parte de responsabilidade, uma vez que não souberam dar bases de educação a estes jovens oriundos de famílias desestruturadas. A defesa partilha da mesma opinião.</p> <p>No final da sentença o juiz deu uma espécie de raspanete aos 13 menores. Disse que o eles fizeram foi uma brincadeira de muito mau gosto e acrescentou que esperava que nenhum deles voltasse a ter problemas com</p> | <p>Título: "13 menores condenados a internamento"</p> <p>Autoria: Não Identificado TVI online</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> |

a Justiça. O Juiz terminou com o desejo que o internamento possa servir para que os rapazes reflectam sobre tudo o que aconteceu e que resultou na morte de uma pessoa.


IGA PORTUGAL
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
GONÇALO DINIZ

DATA
MÉDIO TVI online
AUTOR
TÍTULO: 13 menores condenados a internamento

[Ver mais informações e ver o vídeo do vídeo](#)

Os 13 menores que agrediram o transexual Gisberta vão cumprir entre 11 a 13 meses de internamento em centros educativos. Foi esta a decisão do Tribunal de Família e Menores do Porto.

A leitura da sentença demorou toda a tarde. O Tribunal entendeu que ficou provado que os menores agrediram por diversas vezes, em dias diferentes, o transexual Gisberta. Fizeram-no de comum acordo e unicamente com o intuito de se divertirem com o sofrimento alheio.

Por isso, o castigo é o internamento em centros educativos, em regime semi-aberto, por períodos que variam entre os 11 e os 13 meses.

O juiz fez questão de sublinhar que a responsabilidade não é só dos jovens. As instituições onde viviam, acusou o juiz, também têm a sua quota parte de responsabilidade, uma vez que não souberam dar bases de educação a estes jovens oriundos de famílias desestruturadas. A defesa partilha da mesma opinião.

No final da sentença o juiz deu uma espécie de raspanete aos 13 menores. Disse que o que eles fizeram foi uma brincadeira de muito mau gosto e acrescentou que esperava que nenhum deles voltasse a ter problemas com a Justiça. O juiz terminou com o desejo de que o internamento possa servir para que os rapazes reflectam sobre tudo o que aconteceu e que resultou na morte de uma pessoa.

Link Acesso:
2006-08-01_tvionline.pdf

Data de Acesso:
24/04/2022

01/08/2006

Iga Portugal - "O sentimento de injustiça e de impunidade gerado por este julgamento é chocante, mas é sobretudo agravado pelo completo silêncio do poder político, que não fez ainda qualquer reflexão sobre as suas responsabilidades neste caso. Para o poder político, Gisberta parece não ter existido."

Título:
"Movimentos de defesa dos homossexuais "indignados"


| | | |
|------------|--|--|
| | <p>João paulo, Portugal Gay - "Motivo de vergonha para toda a sociedade portuguesa e sobretudo para o sistema judicial português." "A minha primeira sensação é de que a vida humana parece não ter qualquer valor para estes senhores juízes..."</p> <p>Sérgio Vitorino, Panteras Rosa - "O mais grave neste processo é o que o tribunal - e por consequência, o Estado - não reconheceu sequer ter aqui existido um assassinato." "É que nem a dignidade desta pessoa - não importa se era transexual ou não - foi reconhecida".</p> | <p>com sentença no caso Gisberta"</p> <p>Autoria: Lusa Público</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/08/01/sociedade/noticia/movimentos-de-defesa-dos-homossexuais-indignados-com-sentenca-no-caso-gisberta-1265952</p> <p>Data de Acesso: 24/04/2022</p> |
| 02/08/2006 | <p>Tal deveu-se principalmente a três depoimentos de testemunhas, que apontaram para responsabilidade criminal dos responsáveis da instituição, por, aparentemente, não existir controlo nas saídas durante o fim-de-semana - razão pela qual os menores, nos centros educativos, verão proibidas saídas ao sábado e domingo. "Que porcaria! Isso aí [em Portugal] está pior do que no Brasil", disse a irmã da vítima, Glória Salce, revoltada com a decisão.</p> | <p>Título: "Caso Gisberta MP instaura processo às Oficinas de São José"</p> |


| | | |
|------------|---|---|
| | | <p>Autoria: Nuno Miguel Maia Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.jn.pt/arquivo/2006/caso-gisberta-mp-instaura-processo-as-oficinas-de-sao-jose-562968.html</p> <p>Data de Acesso: 19/04/2022</p> |
| 02/08/2006 | <p>Treze adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos, bem como um de 16 (que chegou a estar em prisão preventiva), maltrataram “Gis”, nome pelo qual era conhecida, durante Três dias, antes de atirarem o corpo, ainda com vida, para o interior do poço.</p> <p>Na leitura do acórdão, afirmou que os jovens tinham começado a “dar porrada a Gisberta a 15 de Fevereiro”. “Foram ao local para ver uma pessoa que tinha seios e que se parecia com uma mulher, por curiosidade. Atiraram-lhe pedras nesse dia e agrediram-na a murro e pontapé”.</p> <p>Segundo consta no acórdão, os jovens voltaram no dia 16 para continuar as agressões e destruir a cabana onde Gisberta dormia.</p> <p>“No dia 18 voltaram de novo, atiraram-lhe barrotes em cima e, quando regressaram a 19 de Fevereiro, encontraram-na inanimada”.</p> | <p>Título: "Gisberta - jovens ficam em regime semiaberto"</p> <p>Autoria: Cynthia Valente Correio da Manhã</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL PortugalGay.pt</p> <p>Link Acesso:</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>Os jovens, que tinham entrado bem-dispostos na sala de audiências, perderam o entusiasmo quando o juiz lhes disse que não tinham “respeito pela vida humana” e que tiveram “o propósito de se divertirem à custa do sofrimento alheio.”</p> <p>No decorrer da leitura do acórdão, o Tribunal de Menores adiantou que dois dos treze jovens começaram a visitar o transexual brasileiro Gilberto Salce Júnior, em Janeiro, sendo que um deles o conhecia desde os cinco anos. Os adolescentes chegaram mesmo a auxiliá-la, confeccionando refeições que levavam ao local onde “Gis” pernoitava. Os dois menores contaram depois aos colegas que tinham feito amizade com um “gajo com mamas e parecido com uma mulher”</p> <p>A descrição de “Gis” despertou a curiosidade do restante grupo. Os colegas juntaram-se então várias vezes para visitar o transexual, de forma amigável. Mais tarde, os gestos de compaixão deram lugar a agressões. O Tribunal de Menores não encontrou uma explicação para esta alteração de comportamento.</p> <p>Dois dos menores (de 13 e de 15 anos) envolvidos na morte de Gisberta são irmãos. Os três jovens que o Tribunal considerou terem tido um envolvimento “mais activo” na morte de Gisberta têm 13, 14 e 15 anos.</p> | <p>https://portugalgay.pt/news/020806A/portugal_gisberta_jovens_ficam_em_regime_semiaberto</p> <p>Data de Acesso: 24/04/2022</p> |
| 02/08/2006 | <p>Agiram levemente, o crime não passou de uma brincadeira de mau gosto. Não são um gang, porque não havia espírito de grupo, nem liderança definida.</p> <p>Os actos praticados, prolongaram-se por uma semana.</p> <p>Diz então o tribunal que tudo começou nos primeiros dias de Fevereiro, quando três rapazes - “que até eram amigos da vítima e lhe levavam géneros alimentícios” - disseram aos colegas que conheciam “um gajo com mamas que se parecia com uma mulher”. “Combinaram dar porrada à vítima, agrediram-na com uma pedra e depois a murro e a pontapé”, asseguram os juízes, que dizem ainda que nesse mesmo dia (15 de Fevereiro) “um deles queria baixar as calças a Gisberta para perceber se era homem ou mulher”.</p> <p>No dia seguinte, os jovens voltaram à garagem abandonada, no centro do Porto. Os juízes deram como provado que agrediram novamente a vítima e lhe destruíram a cabana onde dormia. Nessa altura</p> | <p>Título: "Menores suspeitos de matarem Gisberta condenados a internamentos até 13 meses"</p> <p>Autoria: Tânia Laranjo Público</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2006/08/02/jornal/menores-</p> |

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>perguntaram-lhe se precisava de ajuda, ao que Gisberta terá respondido negativamente. Pediu um cigarro e que a deixassem em paz.</p> <p>Dois dias depois (18 de Fevereiro), os jovens regressaram. Gisberta estava deitada em cima de um colchão e, segundo o tribunal, os rapazes atiraram-lhe “um barrote” em cima do corpo.</p> <p>Saíram e regressaram a 19, altura em que Gisberta já se encontrava inanimada e nua da cintura para baixo. “Apresentava arranhões e equimoses”, continuou o tribunal, saltando depois para o dia 21, um sábado, altura em que os rapazes terão visto que a vítima estava inanimada, levando-os a pensar que estava morta.</p> <p>“Pensaram em desfazer-se do corpo, mas desistiram porque tinham de ir às aulas”.</p> <p>No dia 22, voltaram então ao local onde Gisberta jazia inanimada, E três deles. Asseguram os juízes, lançaram Gisberta ao poço, junto com os barrotes, para que ela não conseguisse fugir. Mesmo assim não a mataram, porque, segundo o médico legista, Gisberta morreu por afogamento, E o seu relatório foi todo ele dado como provado, designadamente na parte em que dizia que Gisberta tinha sida em fase terminal e que as lesões provocadas no corpo não eram por si só suficientes para lhes causar a morte.</p> <p>Refira-se ainda que a sentença não dá como provado que o crime tenha sido motivado devido à orientação sexual da vítima. Nem tão-pouco que Gisberta tenha sido violada com um pau, tal como defendia o Ministério Público.</p> | <p>suspeitos-de-matarem-gisberta-condenados-a-internamentos-ate-13-meses-91906</p> <p>Data de Acesso: 20/02/2022</p> |
| 02/08/2006 | <p>A gravidade dos factos levou mesmo a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados a elaborar um comunicado (link is external) onde considerou o caso Gisberta "Preocupante pelo que significa de violência gratuita e de tortura repetida até à violação mais grave do direito à vida e do desrespeito completo pela pessoa. Mais preocupante pelo que pode significar um conjunto de agressões e uma morte infligidas por razões de aproveitamento da fragilidade e da miséria, de ódio homofóbico ou de repúdio a um transexual. Mais a mais como "rotina", como "passatempo" ou como "brincadeira"."</p> | <p>Título: "Julgamento da morte de Gisberta"</p> <p>Autoria: Não Identificado Esquerda.net</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso:</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| | | https://www.esquerda.net/content/julgamento-da-morte-de-gisberta Data de Acesso: 09/06/2022 |
| 03/08/2006 | <p>Três meses de investigação e 16 audiências no Tribunal de Menores do Porto não chegaram para encontrar as razões pelas quais 13 dos menores ligados às Oficinas de São José e ao Centro Juvenil de Campanhã agrediram o transexual Gisberta, vindo a causar-lhe a morte por afogamento no fundo de um poço de um prédio inacabado no Porto.</p> <p>No texto da decisão final (...) assume que as agressões aconteceram “por razões que não se conseguiram aqui a apurar”.</p> <p>Num processo em que a prova assentou sobretudo nas confissões e versões dos menores, estes, quando interrogados, apenas respondiam não saber enumerar razões que justifiquem os factos. O máximo que alguns assumiram foi o facto de estarem “em grupo”</p> <p>Terá sido em grupo (pelo menos seis), também, que resolveram encenar um funeral para Gisberta, num momento em que julgavam já morta.</p> <p>Denunciaram a “existência de grupos organizados de outros jovens ali institucionalizados que exercem uma pressão e uma influência muito negativa sobre os mais novos, onde se incluem muitos dos que estão neste processo”.</p> | <p>Título: "Tribunal não encontrou razão do crime"</p> <p>Autoria: Leonor Paiva Watson e Nuno Miguel Maia Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: https://www.jn.pt/arquivo/2006/tribunal-nao-encontrou-razao-do-crime-563046.html</p> <p>Data de Acesso: 24/04/2022</p> |

| | | |
|-------------------|---|---|
| <p>04/08/2006</p> | <p>Segundo os juízes, não se pode dizer que estes jovens “tiveram perfeita consciência de que as lesões que provocaram no ofendido agravaram as suas condições de saúde, ao ponto de terem originado um ‘estado de choque’, adequado a causar morte”.</p>  <p>ILGA PORTUGAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO GONÇALO DINIS</p> <p>DATA: 2006/08/04 MEO: JN AUTOR: David Pontes, Director adjunto TITULO: Uma Justiça sem respostas</p> <p>Uma Justiça sem respostas</p> <p>Fis. de terra</p> <p>A justiça tem como fim a aplicação das lei e para solucionar litígios, julgar causas ou atribuir sanções. É esta a primeira regra que temos da utilidade dos tribunais, mas não é a única. Também esperamos que eles nos ajudem, de alguma forma, a compreender o que sucede em situações limítrofes e não só "comuns", mas também "porquês". O tribunal ajuda a sociedade, através da sua análise dos casos, a compreender as suas disfunções e anomalias, para além de punir ou tentar reeducar os infratores. Era isto que esperávamos do tribunal no caso Gisberta. Não uma resposta final, mas, apesar de tudo, uma ajuda para compreender o que terá levado um grupo de jovens a provocar, aparentemente sem qualquer razão palpável, a morte de Gisberta. Mas o tribunal declarou-se incapaz de encontrar a motivação deste crime e, por isso que isso, aumentou a nossa sensação de absurdo ao considerar que os jovens sem sequer cometerem um homicídio. Segundo os juizes, não se pode dizer que estes jovens "tiveram perfeita consciência de que as lesões que provocaram no ofendido agravaram as suas condições de saúde, ao ponto de terem originado um 'estado de choque', adequado a causar a morte". Uma alegação que, admitimos, se pode aplicar a 90% dos homicídios. O homem que dá uma facada numa rixa também não tem "a perfeita consciência" de que esse facada irá matar, mas sabe que isso pode acontecer. Os jovens atiraram pedras, deram pontapios, pauladas, a um corpo frágil, debilitado pela doença, e não tinham a noção de que lhe podiam "causar a morte"? Um absurdo! Tanto tinham consciência da gravidade dos seus actos que, segundo o tribunal, até lhe fizeram um "funeral" atirando-o para o poço. E, durante o tempo de agonia de Gisberta, nenhum dos 13 levantou um dedo para lhe providenciar socorro. Sim, como o JN tão bem relatou, os jovens são vítimas do abandono familiar e social e da negligência das instituições tuteladas pelo Estado. Mas, acreditem, nada ganharão com as atitudes desculpabilizantes deste tribunal. Basta ver o gesto que alguns deles fizeram a saída para ver como sentiram a condenação do tribunal.</p> | <p>Título: "Uma Justiça sem Respostas"</p> <p>Autoria: David Pontes Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: 2006-08-04-Jornal de noticias.pdf</p> <p>Data de Acesso: 24/04/2022</p> |
| <p>20/10/2006</p> | <p>“Realçar negativamente a falta de assunção dos factos pelo menor e a ausência de arrependimento pela conduta provada ou qualquer ponta de sensibilidade pela vítima”.</p> | <p>Título: "Menor do caso vai mesmo ser internado"</p> <p>Autoria: Nuno Miguel Maia Jornal de Notícias</p> |

| | | |
|------|---|---|
| |  | <p>Fonte: Centro de Documentação Gonçalo Dinis - ILGA PORTUGAL</p> <p>Link Acesso: 2006-10-20 - Jornal de Notícias.pdf</p> <p>Data de Acesso: 04/05/2022</p> |
| 2006 | <p>Accumulation of various social exclusions Nobody gives nothing, without pressure.</p> <p>Qual é a única homenagem digna a todas as Gisbertas, “recordá-la no melhor que ela teve, dos momentos em que a gente se ria, dos bons jantares, dos bons convívios e em que a víamos feliz.</p> <p>Foi a Gisberta, Paulete, a Telma, a Outra Paulete, a Marisa, foi a Tete Sempre foi uma boa companheira, o descambar foi a morte do Leonardo.</p> <p>Problemas de saúde e problemas psíquicos Muito calma, muito correta, muito querida por todos, uma boa compincha. Não era o tipo de pessoa que estávamos muito habituadas, muito discreta, muito querida e muito educada.</p> <p>A vida que ela levava ultimamente, ela tinha desistido da vida, nada a fazia feliz. Ela não era a Gisberta que eu conhecia a 20 anos,</p> <p>Armanda:, uma boa pessoa, amiga, humilde, não conflituosa, não conheço pessoas que achassem mal dela.</p> | <p>Título: "Gisberta-Liberdade"</p> <p>Autoria: Jo Schedlbauer & Jó Bernardo</p> <p>Fonte: Jo Schedlbauer </p> <p>Link Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=FIWgXSB92Xc</p> |

A sociedade que vivemos leva as pessoas a desistir.
João Paulo, forma mais digna de homenagear - É tratar das que estão cá,
A Abraço foi a primeira instituição a tratar sobre questões Transgénero.
Ser trans é ser discriminado, tal como o ser HIV
Procedimentos da Abraço, muito sozinha, debilitada, sem abrigo, com problemas com drogas, debilitada psicologicamente, teve intervenção imediata, internamento hospitalar durante 3 semanas, no Hospital Joaquim Urbano, afastar-se da rua, foi com a abraço para a comunidade terapêutica em setúbal durante 3 semanas e não resultou. Fugiu. Não voltou à abraço.

Isto não é um caso isolado
Por causa da ignorância dos media, inicialmente era exposto o caso como a morte de um travesti porque não se sabia que os medias estavam a falar mal.

Começaram a falar do caso sem usar imagens da Gisberta, despersonalização da pessoa.
Travesti, nome usado pela polícia para transexuais que trabalham como profissionais de sexo.
Logo no início seria importante educar os media, foi frustrante mas conseguiram vitórias, foi concentrado na idade dos agressores não no facto de uma pessoa ter sido assassinada - Sérgio Vitorino
Não sabemos a causa da morte, a person accumulating several social exclusions in a position very strong social weakness foi alvo de violência e morreu.
A censura de que teenagers pudessem fazer isto, culpabilização da vítima pelo seu background.

Não existe acompanhamento nos sistemas de apoio aos menores, e são educados pela igreja católica a condenar pessoas trans.
O que nos faz falta é o conhecimento e educação, a necessidade de sexualidade e identidade de gênero nas escolas, nós discriminamos aquilo que desconhecemos se as coisas não forem tão estranhas para nós não existem este tipo de atitudes.

As mesmas conversas desde sempre, ainda estamos a batalhar por noções que ainda não foram integradas -
EU

Data de Acesso:
22/10/2021

| | | |
|------------|---|---|
| | <p>Reação de branqueamento pela igreja, acusaram a Gisberta de ter abusado dos miúdos e para invalidar/justificar o ato de agressão A mistura de crianças desprotegidas e de miúdos negligentes. Sistema sem investimento, que abandona as crianças, injusto e promove violência, extremamente homofóbico. Sistema judicial que não está preparado para lidar com jovens.</p> <p>Apatia das sociedades, perpetuação do individualismo People have short memory Sociedade alienada dos problemas reais, training, raising awareness é necessário. A comunidade tem de se organizar Associações que arranjam casa, empregos e médicos - na França não cá. Existe um défice de atenção a crimes de ódio deste tipo de pessoas de exclusão social que a Gisberta representa.</p> <p>Temos de aprender uns com os outros Foi mais fácil colaborar com associações de HIV e racismo que LGB</p> <p>We must be seen as people, as are other people - Lara Crespo Prevention and Education First - Sérgio Vitorino</p> | |
| 18/02/2007 | <p>“A dada altura introduziram-lhe uma vara de madeira no ânus, destruindo alguns órgãos e causando hemorragias internas. É mais do que certo que ela agonizou antes de morrer”, conta João Paulo</p> <p>Todas lhe ofereceram ajuda, era demasiado orgulhosa</p> <p>Rui Amorim foi delegado do Ministério Público que fez a instrução do processo “Em mais de dez anos neste tipo de tribunal, não tenho memória de um caso assim. Ouvi todos os rapazes que a agrediram e percebi que estavam conscientes do seu acto, das várias etapas do processo que levou à morte da Gisberta”</p> | <p>Título: “Ele, Ela, Ele...”</p> <p>Autoria: Ricardo J. Rodrigues Diário de Notícias</p> |

Quando chegou à cidade, no início dos anos oitenta, Gisberta era um espanto. Loura, corpo perfeito, implantes dentários, lentes de contacto coloridas, muitas joias. Alternava em bares hétero, trabalhou anos a servir copos numa discoteca gay, andava a tratar dos papéis para se legalizar. Katty Wandolly lembra-se bem: “Era uma mulher Linda, não se notava nada de masculino. E muito charmosa. Até o meu catequista se apaixonou por ela. Vestia-se com saia e casaco, como se fosse uma executiva, tinha sempre o cabelo arranjado, a casa impecável, os cães com as vacinas em dia”.

Dois Yorkshire terriers chamados Leonardo e Carolina.

Em meados dos anos 90 os animais morreram e o local onde trabalhava fechou portas. “Foi o princípio do fim” Sentença de Agripina.

Sem dinheiro nem legalização à vista, Gisberta começou a ir todas as noites para a Rua Gonçalo Cristóvão, arranjar clientes. “Tinha muita procura”, conta Maria Armanda, “porque era a mais bonita”. Para aguentar o frio e a dureza da vida, atirou-se de cabeça para as drogas, que antes só consumia recreativamente.

Cocaína primeiro, depois heroína e o corpo ia definhando, os dentes apodrecendo, o aspecto andava cada vez mais desleixado.

Em 1996, diagnóstico devastador: estava seropositiva. Mais heroína, cada vez menos clientes. Em 1999 deixou de pagar a renda, em 2000 já não saldava as contas. “Vinha para a rua maquilhar-se à luz dos candeeiros, porque não tinha electricidade em casa”, conta Tânia Star. em 2001 abandonou definitivamente o seu palácio e fez a rota das pensões na Baixa. Mas foi sol de pouca dura.

Umhas semanas antes de morrer, Tânia encontrou-a na rua, convidou-a para um café. “Tinha dificuldade em andar e em falar, usava um gorro de lã verde na cabeça e um sobretudo verde, comprido. Lembro-me de pensar que ela estava no fim da linha, que ia morrer não tardaria muito. A Gi deixou-se levar para a sombra”.

É uma das muitas. Num jogo de extremos, em que um dia pode significar tudo ou nada, a brasileira deixou de ter forças para lutar. Fala Maria Armanda: “Nos últimos anos morreram mais de vinte travestis na cidade e ninguém fala deles. Só da Gisberta. Ela, sim, era magnífica e saiu de cena em grande”.

Deu nas vistas quando chegou e causou ainda mais furor na despedida. Ao jeito das divas, como Marilyn Monroe.

Rua Gonçalo Cristóvão, arcadas no cruzamento com a Rua BonJardim

Fonte: Fundação Mário Soares / UMAR

Link Acesso:

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10096.003.002.008#!1>

Data de Acesso:

28/11/2022

<https://www.google.pt/maps/@41.1536001,-8.6079131,3a,75y,51.77h,101.12t/data=!3m6!1e1!3m4!1sr-9wJ95CapvYIiLML5vxA!2e0!7i16384!8i8192>

Café Big Ben, aberto 24 horas, usado para disfarçar a hipotermia (Talvez um dos locais da Gis)

https://www.google.pt/maps/@41.1535686,-8.607658,3a,73.3y,355.71h,94.75t/data=!3m6!1e1!3m4!1sv_SrAqYJsIjiVijBwP_Xcg!2e0!7i13312!8i6656

8.607658,3a,73.3y,355.71h,94.75t/data=!3m6!1e1!3m4!1sv_SrAqYJsIjiVijBwP_Xcg!2e0!7i13312!8i6656

Eis o paradoxo travestido: “Se o quotidiano fosse uma paleta de pintor, enchia-se um só quadro com todas a cores e, simultaneamente, com cor nenhuma”



Estava cheio de uma vida, como se fosse um planeta, um planeta de Porto, Maria Antónia. De quando em quando, no meio da noite, ela acordava e parecia estar a chorar. Não era de tristeza, não era de saudade, era de saudade de si mesma. Ela não se lembrava de quando começou a beber, mas sabia que começou a beber quando começou a beber. Ela não se lembrava de quando começou a beber, mas sabia que começou a beber quando começou a beber.

Maria Antónia sempre um lado para a direita, ao lado de quem ela queria. A cidade e o mundo.

De quando em quando, no meio da noite, ela acordava e parecia estar a chorar. Não era de tristeza, não era de saudade, era de saudade de si mesma. Ela não se lembrava de quando começou a beber, mas sabia que começou a beber quando começou a beber.

Elas não se lembravam de quando começaram a beber, mas sabiam que começaram a beber quando começaram a beber. Elas não se lembravam de quando começaram a beber, mas sabiam que começaram a beber quando começaram a beber.

Elas não se lembravam de quando começaram a beber, mas sabiam que começaram a beber quando começaram a beber. Elas não se lembravam de quando começaram a beber, mas sabiam que começaram a beber quando começaram a beber.



12 de Novembro de 2002

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

Os 12 de Novembro de 2002 ficaram conhecidos por serem um dia de muita tristeza. Foi um dia em que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa, a jovem portuguesa que se perdeu a vida de uma jovem portuguesa.

curtos e/o com beldades. Normalmente reaparecem com o mesmo de pelo que se já dá a passagem de um momento para o próximo. Depois que atingiram a máxima do ciclo que permitem a vida, vão no mesmo lugar da estrada. Ficamos alguns segundos no silêncio e só depois é que vamos progrider no a pessoa que compunhamos com ela. Há casos, no entanto, em que a vida muda entre que vem aqui de propósito para não nos deixar esquecer...
 A vida muda no mesmo modo e a mesma experiência há de trazer. Por delibado da cidade onde se está vivendo, com momentos de melancolia, assim, não é o mesmo tempo, com o mesmo e a possibilidade de fugir em caso de necessidade. As antigas, pela



Katy A Agracia um casal de bebês. Depois, ela vai ao trabalho e vê uma menina. Tanto quanto se lembra.

Então, como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.

Como se sente em relação a Katy A?
 Ela sempre foi muito próxima de mim. Quando ela chegou a Portugal, eu já tinha conhecido a mãe dela e ela me contou o que ela tinha vivido. Ela sempre foi muito próxima de mim e eu sempre fui muito próxima dela.



Katy Wardilly sempre se recusava a fazer a sua própria música. Não era para ela ser a primeira a tocar em um disco de música. Ela queria ser a primeira a tocar em um disco de música. Ela queria ser a primeira a tocar em um disco de música. Ela queria ser a primeira a tocar em um disco de música.

Cautela
 «Levanto-me tarde, não gosto de sair de casa durante o dia», diz Armando. Sabe que, à luz do sol, he...
 E um travesti tem de saber proteger-se.



...mas não, porque ele não é um homem comum. Ele é um homem que vive no limbo, que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte. Ele é um homem que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte. Ele é um homem que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte.

Dueto performativo
Antônio da Silva e Zélio da Silva em uma apresentação no teatro. Foto: [nome não legível]

Hugo tem três filhos. Ele é o pai de três filhos e a mãe de três filhos. Ele é o pai de três filhos e a mãe de três filhos. Ele é o pai de três filhos e a mãe de três filhos.

...mas não, porque ele não é um homem comum. Ele é um homem que vive no limbo, que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte. Ele é um homem que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte. Ele é um homem que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte.

...mas não, porque ele não é um homem comum. Ele é um homem que vive no limbo, que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte. Ele é um homem que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte. Ele é um homem que vive no limbo da vida, que vive no limbo da morte.

05/02/2008

**Crime sem culpados
"VAMOS LIVRAR-NOS DESTA M..., PÁ"**

Rúben, um dos jovens que já cumpriu pena de um ano em regime semi-aberto, por envolvimento na morte de Gisberta, escreveu a Vítor dando-lhe força. Garantiu que acreditava que seriam todos ilibados e que nada lhe aconteceria. “Vamos livrar-nos desta m..., pá!”, afirmou, numa carta onde não há o mais pequeno sinal de arrependimento. O documento foi junto aos autos pelo próprio Vítor. Rúben descreve o estado de espírito dos restantes menores. Diz que “a malta está fixe”, embora se queixe das regras relativamente rígidas do colégio onde se encontrava internado. “Não é como a prisão, mas é quase”, desabafa. O menor explica depois que nada lhes acontecerá. “Vamos para regime semi-aberto”. E garante que também Vítor terá a mesma sorte. “Nós curtimos-te bué”, conclui, assegurando que ninguém em tribunal acusará Vítor de envolvimento da morte da transexual.

Título:
"Crime Sem Culpados"

Autoria: Não Identificado |
Correio da Manhã

Fonte: Própria

Link Acesso:
<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/crime-sem->

| | | |
|------------|---|---|
| | | <p>culpados</p> <p>Data de Acesso: 08/01/2023</p> |
| 07/02/2008 | <p>Este ser humano - em situação de extrema debilidade física e social - foi provocado, espancado e torturado por um grupo de menores. A Justiça haveria de provar, aliás, que a sessão de tortura se prolongara por mais de 48 horas. Acabavam, assim, de forma agonizante, 46 anos de vida.</p> <p>Foram 14 os jovens (um com 16 anos e os outros mais novos) envolvidos na morte de Gisberta. A justiça haveria de provar que estes jovens a torturaram por mais de 48 horas e que demonstraram “desprezo pela vida humana”. Ainda assim considerou que aqueles - que a espancaram e lançaram a um fosso, ainda com vida, não cometeram homicídio.</p> <p>A pena foi manifestamente mais pequena do que a máxima prevista pela Lei Tutelar Educativa (aplicável a menores que pratiquem crimes).</p> <p>As Penas</p> <p>Por força da legislação de menores, as penas decididas pelo tribunal designam-se de “medidas tutelares educativas”, devido ao princípio de “educação para o direito” das crianças. Entre os 13 dos menores julgados, foram aplicadas, a 2 de Agosto de 2006, medidas de 13 e 11 meses de internamento em centro educativo a 11 deles, e acompanhamento educativo para os restantes dois.</p> <p>Suicídio de director</p> <p>Nem um mês volvido após a decisão do tribunal, aquele que era o principal rosto da direcção executiva da Oficina de São José suicidou-se, com um golpe de faca no pescoço. Germano Costa, advogado, diretor-executivo e antigo interno da instituição, era visto com o exemplo a seguir.</p> | <p>Título: "Apenas um rapaz internado em centro educativo"</p> <p>Autoria: Nuno Miguel Maia Jornal de Notícias</p> <p>Título: “A Memória de Gisberta Desapareceu”</p> <p>Autoria: Leonor Paiva Watson Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Thiago Carvalhaes</p> <p>Link Acesso: Não disponível</p> <p>Data de Acesso: 28/02/2022</p> |

A Memória de Gisberta Desapareceu

A memória de Gisberta foi consumida pelo tempo e pelo próprio ritmo mediático... À história dos media, logo após a sua morte, seguiu-se um tratamento que colocou “em foco” os menores que a agrediram. Gisberta foi, lentamente, desaparecendo das primeiras páginas dos jornais e dos noticiários das televisões. Os 14 jovens envolvidos passaram a protagonistas, passaram de vilões a vítima - de maus-tratos, pela vida e pela instituição onde estiveram acolhidos. Não faltando essas peças jornalísticas à verdade, omitiram, vezes de mais, o cenário bárbaro que precedeu a morte de Gisberta. Por outro lado, entre um primeiro momento logo após a sua morte, e um segundo, aquando da leitura da sentença atribuída aos menores, manteve-se calada a opinião pública. As manifestações que se fizeram por causa de Gisberta contabilizaram pouco mais de meia centena de pessoas, quase todas envolvidas em movimentos associativos ligados à comunidade LGBT ou a trabalharem em organizações que dão apoio à população marginalizada. Ficou claro que a opinião pública sente mais compaixão por jovens delinquentes (porque poderiam ser nossos filhos) do que por uma transsexual brutalmente agredida. Os media não escaparam a este raciocínio... A memória de Gisberta foi consumida pela cultura vigente.

| | | |
|-------------------|---|---|
| | | |
| <p>08/02/2008</p> | <p>“Vocês não se lembram de nada, mas sabem, em respostas direitinhas, que o Vítor nunca agrediu a Gi e que até disse para vocês pararem de bater”, exortou, irritado, o juiz-presidente, João Grilo, apontando a “memória selectiva” dos colegas do acusado.</p> <p>Ontem, vários jovens relataram friamente terem atirado pedras e agredido ‘Gi’ com paus. “Fui eu que atirei uma pedra ao sobrolho e ela caiu”, disse Alberto, agora com 15 anos. De seguida, David contou que rasteirou a transexual e atirou-lhe com um barrote de quase dois metros.</p> <p>Ocultaram o corpo e não chamaram a ambulância porque não queriam ser “culpados”, disse Rúben aos juízes, acrescentando que fugiram do local “apesar de ser lógico que Gisberta precisava de auxílio”.</p> | <p>Título: "Esqueceram Quem Matou Gisberta"</p> <p>Autoria: Não Identificado Correio da Manhã</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/esqueceram-quem-</p> |

| | | |
|------------|---|---|
| | <p>As lesões, só por si, poderiam ter levado à morte de Gisberta “numa semana”, como voltou a sublinhar em tribunal o médico-legista “DAR PORRADA NA GI” Segundo o Ministério Público, os menores desafiavam-se a “dar porrada à Gi”. Mas dois anos depois, nenhum deles se lembra de quem bateu.</p> <p>A memória dos até agora ouvidos em tribunal só revela que Vítor não tocou em Gisberta. “Falei com ela e perguntei se precisava de alguma coisa. Só me pediu um cigarro”, referiu Alberto.</p> <p>GOZO ENTRE GRITOS Dois anos depois, Rúben agilizou a memória e contou ao colectivo de juízes que Gisberta “gemia no chão” após as várias agressões ao pontapé e com pedras e paus. “Eles troçavam dela”, por ser transexual. Queriam, aliás, ver se era “homem ou mulher”. Ontem, o médico disse não estar certo de que ‘Gi’ foi violada com um pau.</p> | <p>matou-gisberta</p> <p>Data de Acesso: 22/04/2022</p> |
| 14/02/2008 | <p>«batiam-lhe para ela falar» Recorda-se de lhe terem dito que encontraram a vítima «despida da cinta para baixo, com um pau enfiado no ânus». Ter-lhe-ão ainda referido que «ajudavam aquele sem-abrigo a quem levavam comida».</p> <p>Perante a insistência da procuradora para que fizesse um esforço de memória, já que estava «obrigado a dizer a verdade», o jovem acabou por admitir que alguns colegas transportavam paus na mão e que um deles chegou a bater na perna de Gisberta para ver «se estava acordada».</p> <p>O vigilante do parque de estacionamento, José Viana, admitiu ter visto os jovens naquele local. «Ouvi várias vezes barulho de madeira a partir», referiu, acrescentando desconhecer que ali pernoitava um sem-abrigo. «A minha função era só em cima e como aquilo era escuro, eu não ia lá para baixo». «A mim chegaram-me a atirar uma pedra», referiu ainda.</p> | <p>Título: "Gisberta: «Batiam-lhe para ela falar»"</p> <p>Autoria: Cláudia Rosenbusch TVI24</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://tvi24.iol.pt/sociedade/transsexual/gisberta-batiam-lhe-para-ela-falar</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | | Data de Acesso: 15/03/2022 |
| 28/03/2008 | <p>Nos momentos finais, antes de atirada ao poço, ‘Gi’ ainda pediu um cigarro.</p> <p>A procuradora Maria José Fernandes recorreu à opinião de Daniel Sampaio para sublinhar que "chega de desresponsabilizar os jovens só porque foram crianças desprotegidas e sem carinho. Isso não serve de desculpa e tem de acabar na nossa sociedade". E esclareceu, para quem tivesse dúvidas: "Basta ver as fotos horrendas tiradas pela PJ ao corpo de ‘Gi’ que, apesar de tudo, morreu com um sorriso", afirmou emocionada.</p> | <p>Título: “Morte de Gisberta Fica Sem Culpados”</p> <p>Autoria: Não especificado Correio da Manhã</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://web.archive.org/web/20160405094401/http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/morte-de-gisberta-fica-sem-culpados.html</p> <p>Data de Acesso: 22/03/2022</p> |
| 28/03/2008 | <p>Vítor, que "fugiu" do parque sem sequer avisar o segurança para "não ter problemas mais tarde".</p> <p>A procuradora recordou que os jovens bateram e destruíram a barraca "como quem brinca às casinhas ou jogava futebol"</p> <p>A advogada de Vítor defendeu ontem que o "esquecimento" que os jovens envolvidos no crime revelaram em tribunal é uma defesa para o trauma que lhes foi causado"</p> | <p>Título: “Morte de Gisberta Fica Sem Culpados”</p> <p>Autoria: Pedro Sales Dias Correio da Manhã</p> |



Fonte: Própria

Link de Acesso:

<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/morte-de-gisberta-fica-sem-culpados>

Data de Acesso:

22/04/2022

15/04/2008



"É uma advertência deste tribunal, porque a bondade não se ensina." O juiz-presidente João Grilo explicou assim a pena de oito meses de prisão efectiva a que condenou ontem Vítor Santos, julgado no Tribunal de S. João Novo pela morte de Gisberta, transexual brasileira que, em 2006, sucumbiu no Porto, afogada num poço após vários dias de agressões perpetradas por 13 jovens.

À pena de prisão por omissão de auxílio, que poderá ser cumprida em regime domiciliário, serão descontados os dois meses e cinco dias de cadeia que o jovem cumpriu após ser detido.

O tribunal não deu como provado que tenha agredido 'Gi'; apenas que viu a violência "com um voyeurismo estranho" durante vários dias e que "fugiu" sem avisar o 112, o segurança ou os monitores das oficinas de São José, onde estudava. A "atitude covarde" foi justificada com uma "desculpa esfarrapada", disse o juiz. Vítor disse não querer arranjar problemas e alegou que mesmo que tivesse pedido ajuda a ambulância não teria conseguido entrar no devoluto parque do Pão de Açúcar, onde a transexual sobrevivia numa tenda que o grupo também destruiu.


Título: "Oito meses de prisão por não ter ajudado Gisberta"

Autoria: Não especificado |
Correio da Manhã

Fonte: Própria

Link de Acesso:
<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/oito-meses-de-prisao-por-nao-ter-ajudado-gisberta>

Data de Acesso:
22/03/2022

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>O tribunal mostrou-se mais uma vez admirado com a "memória selectiva dos jovens". Esqueceram os factos mais graves – quem agrediu – mas nunca que Vítor lhes pedia para pararem de bater na ‘Gi’, como defenderam em depoimentos "omissos, vagos, imprecisos, desconexos e inverosímeis".</p> <p>A "sociedade está perplexa", referiu o juiz na direcção de Vítor, que se disse arrependido "sem nunca mostrar essa emoção". Comovido, ao ler o acórdão, João Grilo questionou a "imensa crueldade". "Não foi um acidente. Mal estamos nós quando a sociedade cria filhos assim", sublinhou.</p> <p>"Eu atirava pedras aos cães." A "frase lapidar", dita em depoimento por vários colegas de Vítor, continua a ressoar no colectivo que julgou o caso, conforme admitiu, emocionado, o próprio juiz-presidente, João Grilo</p> | |
| 10/02/2009 | <p>Foto Vítor</p>  | <p>Título: “Mãe de Gisberta quer Indemnização”</p> <p>Autoria: Não especificado Correio da Manhã Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/mae-de-gisberta-quer-indemnizacao</p> <p>Data de Acesso: 22/03/2022</p> |

| | | |
|------------|--|--|
| 01/08/2009 | <p>“Ya, um dia fomos bater na Gisberta” - Ana Cristina Pereira</p> <p>Alguns divertiam-se a atirar pedras a carros que circulavam na via pública a partir de uma passagem desnivelada. - Éramos tipo um grupo de irmãos - diz P.</p> <p>Gisberta era paciente do Hospital Joaquim Urbano, no Porto, desde 1996. Tinha sida. E a 26 de Outubro de 2005 diagnosticaram-lhe tuberculose pulmonar, pneumonia staphylococcus aureus e candidíase laríngea, que lhe provocaram astenia, anorexia, febre, anemia, dificuldades respiratórias, mialgia. Ficara internada até 21 de Novembro de 2005. De lá transitara para a comunidade terapêutica O Lugar da Manhã, em Setúbal. Fugira.</p> <p>Refugiara-se numa casa ocupada na Rua Santos Pousada, no Porto. E por altura do Natal mudara-se para um prédio inacabado, no Campo 24 de Agosto.</p> <p>Num extremo da cave, erguera uma barraca delimitada por uma parede e por um pilar, suportada por quatro barrotes de madeira. Sobre eles assentara três placas de plástico ondulado. Era um lugar escuro, húmido, vazio.</p> <p>Um grupo de rapazes rabiscava uma parede do prédio quando a viu entrar. Um deles correu para ela. Conhecera-a oito anos antes. Ela tomara conta dele quando ele morava com a mãe na Rua Coelho Neto, pejada de prostitutas, e a antiga estrela transexual já se afundara na droga e se prostituía na Rua Gonçalo Cristóvão e na Rua de Santa Catarina.</p> <p>O rapaz passou a visitá-la no intervalo do almoço. Com ele, outros. Gis abriu-lhes a sua vida. E a sua vida, naquele momento, era o cocktail de doenças, a miséria, a solidão.</p> <p>Nascera há 45 anos no interior de São Paulo (Brasil). Nascera homem por fora, mulher por dentro. Sonhava adequar o corpo à mente. Fizera tratamento hormonal, implante mamário. Mas não conseguira avançar para a fase da operação que lhe proporcionaria um órgão sexual feminino.</p> <p>Em 2004, no ano em que D. e os irmãos foram retirados à família, Gisberta começou a recorrer com frequência a serviços de apoio a carenciados. Já entrara no ciclo de degradação física. Sem boa imagem não arranjava clientes. Sem contrato de trabalho não podia renovar o visto.</p> | <p>Título: “Ya, um dia fomos bater na Gisberta”</p> <p>Autoria: Ana Cristina Pereira Público </p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.publico.pt/2009/08/01/jornal/ya-um-dia-fomos-bater-na-gisberta-17363892#&gid=1&pid=1</p> <p>Data de Acesso: 17/04/2022</p> |
|------------|--|--|

Os rapazes falaram nela aos amigos das Oficinas de São José e da E B 2/3 Dr. Augusto César Pires de Lima. Gabavam-se de conhecer "um travesti", que "até tinha mamas" e fizera "operações à cara". Tinha cabelos compridos, pintava os lábios, os olhos. Parecia "mesmo uma mulher". A notícia espalhou-se. Um dia, um lembrou-se de lhe bater. E os outros foram atrás. Deram-lhe murros e pontapés, atiraram-lhe pedras, bateram-lhe com paus, enquanto lhe chamavam "travesti", "paneleiro", "puta". E riam-se. Riram-se muito.

- Aquilo é um sítio onde param amigos nossos. Para todo o tipo de pessoas naquele sítio - explica D.
- E como foste parar à cave?
- Havia lá um gajo que um amigo meu conhecia que convidou para ir lá abaixo...
- Quem?
- Vivia naquela zona. Ele disse: 'Vamos lá gozar com ele e não sei quê.' A gente fomos [sic]. Fomos lá mandar vir.
- Como estava a Gisberta?
- Estava lá deitado a dormir. Um rapaz começou a gritar. Ele acordou. Depois começámos a gozar. Chamámos-lhe muitos nomes.
- Bateram-lhe?
- Os das Oficinas não. Os outros já iam lá há mais tempo. Alguns não estavam no julgamento. O rapaz que disse o meu nome à polícia não disse o nome deles. Eles estão lá fora, na boa. Ya.
- E que fizeram?
- Deram-lhe pontapés, mandaram-lhe com pedras, essas coisas assim.
- Que dia era?
- Acho que era domingo [12 de Fevereiro de 2006]. Depois, estive uns dias sem ir lá. Os meus colegas não sei se foram lá. Voltei lá três dias depois.

Esteve lá na quarta-feira, 15 de Fevereiro, à hora do almoço. Gisberta estava dentro da tenda e D. gritou-lhe: "Não te disse que não te queria aqui!" Ela saiu, suplicando que a deixassem estar, que não tinha para onde ir. F. e I. atiraram-lhe pedras para a cabeça, ela caiu. Quando se conseguiu levantar, D. passou-lhe uma

rasteira e ela tornou a cair. Pontapearam-na, bateram-lhe com paus, baixaram-lhe as calças para ver se tinha pênis ou vagina.

Na quinta-feira, quando D. e os amigos chegaram, Gisberta não se conseguia manter em pé. Estava deitada em cima do colchão sujo, com sangue já seco na cabeça. E eles tornam a agredi-la. Ao sair do prédio, encontram outros três rapazes e disseram-lhes que já lá tinham estado. "Mais ninguém podia bater", porque Gis "já estava muito mal". Mas foram desafiados a tornar a "dar carga".

Um rapaz ordenou a outro que a despisse e ele torceu o nariz. Gisberta "cheirava mal e tinha sida". Dois rapazes pegaram num pau e fizeram vibração entre os joelhos e entre as pernas da vítima. Um deles ordenou-lhe que se levantasse. Ela não conseguiu. E eles tornaram a agredi-la. "Não faz isso, cafajestes!", gemia a vítima.

D. voltou lá no sábado.

- A Gisberta já estava muito mal?

- Já não me lembro. Eles iam lá mais vezes. Não só os do colégio, também os outros. Acho que iam lá de noite e tudo.

No sábado, D. e os amigos encontraram Gisberta fora da tenda, deitada de lado, sobre o colchão, tapada com um cobertor. Criara-se uma rotina. D. ordenou-lhe que se levantasse, ela murmurou que não conseguia, que chamassem uma ambulância, que estava muito mal. E eles bateram-lhe.

Gisberta chorava. Chorava compulsivamente. D. empurrou um dos barrotes de cerca de 1,5 metros de comprimento e 20 centímetros de diâmetro que antes seguravam a tenda. Gisberta sofreu novo golpe no abdómen. E os rapazes tornaram a bater-lhe, destruíram-lhe a barraca.

No domingo, os que lá regressaram encontraram-na no chão, ao lado do colchão, nua da cintura para baixo. Estava de lado, com a cabeça voltada para a parede, imóvel. Já não conseguia falar, só conseguia gemer, baixinho. Eles convenceram-se de que ela estava a morrer.

Na terça-feira, dia 21 de Fevereiro, alguns menores regressam. Viram-na deitada, dobrada sobre si mesma. Parecia que não se tinha mexido desde a última vez que a tinham visto. Falaram com ela, ela não reagiu.

- Não estavas lá?
- Não, mas eles contaram. Um teve a ideia de queimar [o vigilante do parque ia perceber], outro teve a ideia de enterrar [mas não tinha utensílios], outro teve a ideia de mandar para um poço.
- Julgavam-na morta?
- Ya. Estavam com medo que a polícia descobrisse. Tinham de se desfazer de alguma maneira.
- Durante aqueles dias, nenhum bateu mal e disse: "Estamos a fazer mal a uma pessoa"?
- Não.
- Algum disse para pararem?
- Ya, um ainda disse para parar.
- O mais velho?
- Ya. Mas quem era ele para mandar? Ninguém.
- Ninguém falou em chamar a ambulância?
- Estavam com medo. Se chamassem a ambulância, os da ambulância iam querer saber o que tinha acontecido.

Na quarta-feira, às 8h30, seis rapazes foram lá para se desfazerem do que julgavam ser um cadáver. Um calçou uma luva na mão direita e emprestou a luva da mão esquerda a outro. Outro enfiou uma mão num saco de plástico. Outros três ficaram a vigiar. Arrastaram Gisberta uns cem metros. E atiraram-na para a espécie de cratera de configuração triangular que rompe a placa de betão na cave, na qual havia um buraco de paredes irregulares, cuja linha de água se apresentava a cerca de dez metros da superfície.

Gisberta estava viva. Gisberta morreu afogada.

F. não aguentou guardar aquilo dentro dele. Contou à directora de turma. Às 14h45, os professores Carlos Rocha e Ana Silva chamaram o agente destacado do programa Escola Segura. A Brigada de Investigação Criminal da PSP foi à cave do prédio inacabado. E os Bombeiros Sapadores. E a Polícia Judiciária. E um perito da Medicina Legal. Encontraram um corpo. E um colchão, dois cobertores, um casaco de ganga com forro amarelo, uma écharpe de malha, uma camisola de malha, várias peças de roupa emaranhada, diversos

sacos de plástico. E um par de luvas, um pente, dois bâtons, um rímel, um eyeliner, uma Gillette, uma pequena caixa com dois espelhos, seis preservativos.

- O que falou com a professora disse quem ele conhecia. Quem ele não conhecia ele não disse. Os que fizeram pior estão lá fora na boa - torna D.

- E porque não os indicaste?

- A gente não disse porque a gente não somos [sic] chibos. Se nos chibaram a nós, não vamos chibar os outros.

- Como reagiram com esse rapaz?

- Sabíamos que tinha chibado. Quase todos mandaram bocas. Até havia um que lhe queria bater. Outro disse que lhe vão fazer a folha. Ainda diz.

O juiz falou em "brincadeira de muito mau gosto" feita por jovens "que revelavam desprezo pela vida humana". Convenceu-se de que os rapazes "actuaram em comunhão de esforços com o propósito de se divertirem à custa do sofrimento alheio". Disse-lhes que não os queria ver novamente em tribunal e lembrou-lhes que a "sociedade não é uma selva".

D. foi um dos seis condenados a 13 meses de internamento em regime semiaberto (está no Belavista, em Lisboa, com possibilidade de visitas a casa, como esta em que aceitou falar com o P2). Cinco foram condenados a menos dois meses. E dois a um ano de acompanhamento educativo.

- Pensava que ia apanhar mais. Não percebia nada daquilo.

- Por que achas que foste dos que apanharam mais?

- Não sei. Se calhar porque não falei no tribunal. Eu fui o único que não falei. Na PJ tinha sido obrigado a falar, ali decidi não falar.

O advogado, Pedro Mendes Ferreira, também não quis falar. O relatório da perícia de personalidade (7 de Abril de 2006) detecta falta de "noção real da dimensão das consequências dos seus actos", "distanciamento emocional", incapacidade "para se colocar no lugar da vítima". - Usar esta frase para justificar o exercício de tomada de perspectiva (Dissertação e Projeto)

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>A perícia foca "negligente supervisão parental associada a défices no investimento afectivo", "baixa auto-estima", "ausência de actividade estruturante na vida" de D. como factores que "promoveram uma permeabilidade ao grupo de pares". No grupo, encontrava "a orientação de que carece". No grupo, estabelecia "sentimentos de pertença e identidade que não se terão proporcionado no contexto familiar e académico".</p> | |
| 21/02/2016 | <p>Artigo de Catarina Marques Rodrigues do Observador 10 anos</p> <p>No final de 2005, Fernando, Ivo e Flávio começaram a reunir-se para fazer graffitis num edifício abandonado no Porto. Foi Fernando que se apercebeu de que aquela sem-abrigo era Gisberta. Porque a conhecia desde os seis anos.</p> <p>chegaram “a confeccionar-lhe refeições no local”,</p> <p>Foi aqui que a bomba-relógio entrou em contagem decrescente. Fernando, Ivo e Flávio falaram da transexual aos colegas da Escola Augusto César Pires de Lima e da Oficina de São José, instituição tutelada pela Igreja Católica que acolhia 11 dos 14 rapazes</p> <p>Descrição dos miúdos aos colegas sobre Gisberta: tratava-se de um homem que “tinha mamas” e “parecia mesmo uma mulher”. Como a curiosidade queima tão rapidamente como a pólvora, aos três jovens juntaram-se mais onze, ávidos de ver como era o tal “travesti”.</p> <p>Mas, a partir de 15 de fevereiro de 2006, os 14 jovens dividiram-se em grupos e encontravam-se no Pão de Açúcar (nome dado aquele edifício, porque seria um projeto para um centro comercial - Curiosa referência ao Pão de Açúcar, um marco do Brasil apesar dela ser de São Paulo) para “darem porrada na Gi”.</p> <p>Num dos primeiros episódios, tudo se passou assim: “[Os menores] constataram que o ofendido [Gisberto] se encontrava no interior da tenda e o David ordenou-lhe que se levantasse e gritou-lhe: ‘Não te disse já que não te queria aqui?’. O ofendido saiu da barraca, ao mesmo tempo que respondia que não tinha para onde ir. Ato contínuo, o Flávio empunhou uma pedra de que se tinha munido e arremessou-a na direção do ofendido, atingindo-o na região frontal e na parte anterior da região parietal esquerda.”</p> <p>Enquanto agrediam Gisberta com paus e pontapés, "Vítor Santos gritava para lhe baixarem as calças porque ‘queria ver se era homem ou mulher’”. Acórdão do Tribunal</p> | <p>Título: “Gisberta, 10 anos depois: a diva transexual que acabou no fundo do poço”</p> <p>Autoria: Catarina Marques Rodrigues Observador</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://observador.pt/especiais/gisberta-10-anos-diva-homofobia-atirou-fundo-do-poco/ http://eapnimprensa.blogspot.com/2018/02/</p> <p>Data de Acesso: 04/09/2021</p> |

Gisberta (sempre Gisberto no processo, porque era esse o nome civil) caiu no chão, “a sangrar”. Alguns minutos depois, conseguiu levantar-se, mas “David rasteirou-o, provocando-lhe nova queda”. Aí, “todos os elementos, (...) com exceção do Vítor Santos, se lançaram sobre o ofendido e em conjunto agrediram-no com paus e a pontapé. Enquanto decorriam as agressões, o Vítor Santos gritava para baixarem as calças ao ofendido porque ‘queria ver se era homem ou mulher’”. Com as dores, Gisberta começou a gritar e o grupo pôs-se em fuga “com receio de serem surpreendidos pelos seguranças do parque de estacionamento” que ficava perto do prédio.

O mesmo grupo inicial de três, que chegou a cozinhar arroz naquele local para Gisberta, encontrou-se no dia seguinte, a 16 de fevereiro, para agora ali a agredirem. “Ao chegarem junto da cabana, aperceberam-se que o estado de enfermidade do ofendido se tinha agravado, devido às agressões da véspera, impedindo-o mesmo de se manter em pé. O Gisberto estava deitado em cima de um colchão, tremia, falava em tom quase inaudível e apresentava sangue já seco na cabeça. Os três menores perguntaram ao Gisberto se ele queria ajuda, tendo o mesmo respondido que apenas queria um cigarro e que o deixassem em paz”. Não deixaram.

Os três foram-se embora e dirigiram-se para as aulas, mas logo foram substituídos por seis do mesmo grupo. José António disse a José Alexandre para despir “a Gi” mas ele recusou porque a transexual “cheirava mal e tinha sida”. Assim, o primeiro aliou-se a Jorge Ismael e, juntos, ocuparam-se a arremessar pedras e a baterem com paus nos joelhos e nas pernas. Gisberta gritou e o grupo fugiu. Por uns momentos.

Voltaram para perto de Gisberta, voltaram a ordenar-lhe que se levantasse, ela voltou a responder que não conseguia, e eles voltaram a agredi-la com paus e ao pontapé, lê-se no processo. “Deitado no chão e impossibilitado de se defender devido à sua debilidade física e à superioridade numérica dos agressores, o Gisberto apenas se encolhia e cobria com o cobertor, gritando ‘não faz isso, cafajestes!’” Depois das agressões, os menores destruíram a barraca de abrigo de Gisberta.

18 de fevereiro, 14h30. Gisberta estava fora da tenda, deitada de lado, tapada com um cobertor e só com a cabeça descoberta. David, um dos seis que tinham combinado novamente deslocar-se ao “Pão de Açúcar” para “darem porrada na Gi”, ordenou a Gisberta que se levantasse. Ela respondeu que não conseguia “pois estava muito mal”. Mais pontapés. “Durante as agressões, a vítima chorava convulsivamente, devido às dores que sentia”. Ainda assim, “os menores continuaram a agredi-lo da mesma forma”. David chegou a agarrar num “barrote em madeira com cerca de 1,5 metros de comprimento por 20 centímetros de diâmetro e deixou-

o cair sobre o corpo do ofendido, atingindo-o ao nível do abdómen. Tal pancada provocou ao ofendido um grande sofrimento”, concluiu a investigação do caso.

E foi a partir do dia 19 que as coisas se complicaram. Parte do grupo ia cumprir a rotina de agressões quando se deparou com uma Gisberta deitada no chão, vestida com uma camisola e nua da cintura para baixo. Completamente imóvel. Chamaram por ela, mas Gisberta não conseguiu falar. Soltou apenas um gemido muito baixinho. “O Rodolfo tocou-lhe então nas pernas com uma espécie de vara, mas o ofendido não se mexeu.”

Passou um dia e, a 21 de fevereiro, lá voltou outra parte do grupo. Gi estava fora da tenda, deitada sobre umas pedras, “com as pernas encolhidas”. Nas pernas viam-se “arranhões e equimoses”. Gisberta continuava nua da cintura para baixo.

Está morta, pensaram. A prová-lo estava a ausência de resposta às perguntas dos menores, a palidez da cara e alguns “sinais de que não respirava, apesar de terem colocado junto à sua boca a chama de um isqueiro aceso”. Nesse dia, avisaram outros membros do grupo que Gisberta tinha morrido.

A reunião do dia seguinte era, agora, para se “desfazerem do corpo” — porque temiam ser responsabilizados e por “alguns deles acharem que a vítima tinha direito a ‘um funeral’”. Primeira hipótese: enterro. Foi descartada, porque não tinham utensílios para fazer um buraco. Segunda hipótese: incendiar o corpo. Desistiram da ideia, “com receio de que o fumo pudesse atrair a atenção de alguém, designadamente dos seguranças do parque de estacionamento”. Depois de mais ideias, optaram por lançá-la a um poço existente no edifício. Porque o local tinha água suficiente para ocultar a vítima. Depois, combinaram ainda recolher todos os paus que tinham servido para as agressões.

22 de fevereiro de 2006: dia de executar o plano final, dia que marcou a vida de Gisberta e daqueles rapazes para sempre. Eram 8h30. Ivo calçou uma luva de lã na mão direita, deu a outra a José Alexandre e Fernando envolveu as mãos num saco de plástico. Embrulharam Gisberta em mantas, ainda na cave, e transportaram-na até ao poço. Eram 100 metros de distância.

A linha de água estava a cerca de 10 metros da superfície. Os três empurraram-na para o interior e Gisberta ficou submersa na água. E foi esse ato que provocou a morte — a transexual ainda estava viva e morreu por afogamento, confirmou o relatório da autópsia ao corpo. Faltava agora os menores avisarem os outros.

Angelina Muro Salce e Gisberto Salce tiveram oito filhos: três raparigas e cinco rapazes

Gisberta era a “caçula”. Tinha “uma pele mimosa, muito branquinha”, começa por recordar Janice Salce, irmã de Gisberta

Gisberto sempre gostou muito de dançar. “Vestia até roupas da minha irmã”, conta. E as irmãs divertiam-se com o lado moldável do mais novo. “Eu achava que ele era a minha bonequinha de brinquedo.” Divertiam-se as irmãs e divertia-se ele, porque se sentia uma delas: “Ele gostava de brincar com as meninas e a gente não ligou”.

“Um dia, a minha mãe levou-o ao médico e o medico disse que ele era assim porque era muito mimado.” A criança cresceu e, aos 14 anos, avisou a mãe que “ia ser mulher”. Tudo depois de o pai morrer, porque o pai era “durão” e nem sabia que “o Gisberto era assim”.

Gisberta vestia-se de mulher “na casa dos amigos”. Na presença da família optava por roupa mais ou menos neutra. (Será interessante pegar nisto e fazer um espelho de um lado de vestido e outro de roupa neutra ou demasiado literal?)

Aos 18 anos, decidiu sair do país e partir para França. Motivo: as notícias de discriminação e mortes que estavam a arrasar Casa Verde, em São Paulo. Gisberta não queria acabar como eles. “Estavam a matar os homossexuais e ela pensou que ia ter uma vida melhor. Deve ter- se iludido”, lamenta a irmã.

(A Invisibilidade em causa é perpetuada aqui pela afirmação da irmã, reconhecendo as poucas capacidades que possa ter não deixa de ser um reforçar da culpabilização da vítima em contraste com a pessoa que foi violentada)

Pelo meio voltou ao Brasil, fez terapia hormonal, colocou silicone e deverá ter feito outras pequenas correções no rosto. Passou dois anos em França e seguiu para Portugal, onde acabaria por passar os últimos 20 anos da sua vida. Instalou-se no Porto e logo aí fez virar muitas caras na noite gay.

“Sempre que aparece uma cara nova chama a atenção. Nós vimos uma rapariga loira, muito espampanante, calças de ganga, texanas, brasileira. Começamos a conversar e ela diz-nos que é transexual”, conta Roberto Figueirinhas, 53 anos, transformista e amigo de Gisberta. A conversa decorre no Invictus, um “bar gay hetero-friendly”, o mesmo espaço onde há 30 anos se instalou o Kilt, um dos primeiros bares gay do Porto,

nas galerias do Hotel Malaposta. Era ali que Roberto já fazia shows, foi ali que Gisberta começou a aparecer.

“por brincadeira, fez um dia numa festa de aniversário” e daí passou para o palco dos bares Bustos e Sindicato

Se o transformismo é uma espécie de representação daquilo que se gostaria de ser, então Gisberta queria ser uma diva. Personagem de eleição: Marilyn Monroe. “Ela gostava muito de fazer o ‘Diamonds are a girl’s best friend’. Punha um vestido cor-de-rosa, com um laço atrás. Uma taça de champanhe. Não usava peruca, usava o cabelo dela para fazer o penteado. E ria-se muito”

A informação foi passada a Flávio e dali saltou para o mundo: quando regressou à escola, Flávio contou os factos à diretora de turma na aula de Formação Cívica porque “não aguentou mais”.

A professora confirmou, depois, ao tribunal, que tanto Flávio como Ivo estavam “muito pálidos” e que “o Fernando quando também confirmou o que se tinha passado chorou muito”. Foi Flávio a dar a localização exata do poço à PSP.

O cadáver foi resgatado pelas 18h50.

A autópsia confirmou lesões na cabeça, pescoço, membros inferiores e superiores, laringe e traqueia, abdómen, intestinos e rins; múltiplas equimoses, infiltrações hemorrágicas, escoriações e infiltrações sanguíneas.

Nenhum dos três jovens que começaram por auxiliar a transexual soube explicar a mudança radical de atitude. “Não se conseguiram apurar” as razões que levaram a que alguns dos menores comessem a agredir Gisberta, assume o coletivo de juízes no documento do Tribunal de Família e Menores do Porto.

“nunca lhe consegui dar qualquer explicação para o que se tinha passado”.

A degradação terá sido muito rápida. Dois anos. Gisberta prostituía-se na Rua de Santa Catarina.

A prostituição fazia parte da vida dela praticamente desde a chegada a Portugal. A verdadeira degradação começou com o consumo de drogas e o agravar do HIV. “Ficou muito magra e deixou de aparecer.”

"Passou de uma mulher muito bonita, glamorosa e a viver bem, para uma mulher que acabou já com roupas rasgadas, sem maquilhagem, já nem usava tacões, cortou o cabelo quase à rapaz, vestida à homem."

Nuno Câmara Lima, enfermeiro que acompanhou Gisberta

“O trabalho sexual é comum a muitos transexuais homem-mulher. Mulher-homem já não é tanto assim”, explica o enfermeiro, alicerçado no conhecimento que lhe deram nove anos a trabalhar neste projeto.

Gisberta era seropositiva pelo menos desde 1996. Além disso, foi-lhe diagnosticada tuberculose pulmonar, pneumonia e candidíase laríngea, uma mistura explosiva que, segundo os boletins clínicos, lhe causou astenia, anorexia, febre, anemia, dificuldades respiratórias e mialgia. da casa que tinha no centro do Porto, na Travessa do Poço das Patas.

Gisberta era “querida pelos técnicos todos” e “mostrava fotografias da família, mostrava fotos dela em jovem, uma menina mesmo” “Chegava à meia-noite e ia para o canto dela.” (Solidão)

"Ela contou que havia uns rapazes que apareciam lá a insultá-la. Mas ela dizia que podia com eles. Respondia: 'Sou uma mulher, mas ainda tenho força de homem'."

Objetos apreendidos no abrigo de Gisberta A Polícia Judiciária apreendeu vários objetos no local. Entre eles estavam:

Um cobertor amarelo; Uma camisola de malha azul; Pedacos de jornal; Pacotes de bebidas vazios; Um sapato preto; Vários preservativos; Comprimidos Parlodel 2,5 mg; Um pente; Um eye liner; Dois batons; Um cartão de utente da instituição “Coração da Cidade” com o nº 132; Uma receita médica do Hospital Joaquim Urbano “Ela entrava e nunca se sentava sem nos cumprimentar. Levava o prato e agradecia sempre. Era muito serena, tinha sempre um sorriso”, lembra La Salette

A mulher “não falava muito” mas ia partilhando algumas fragilidades. “Cada uma delas passeia um drama. Ela atravessava períodos um bocado difíceis em que procurava quarto, não tinha quarto, ou não tinha mais dinheirito para pagar os quartos.” A instabilidade fê-la continuar no local que achava ser seguro.

Pedro tentou mostrar que “a realidade social complicadíssima” os levou a agarrarem-se “à única coisa que tinham: o sentimento de grupo“. E essa realidade veio do histórico familiar e, sobretudo, do que viviam na Oficina de São José. Pedro Mendes Ferreira

O advogado Pedro Mendes Ferreira recebeu o Observador no escritório na Avenida da Boavista, no Porto O que havia era disputado até à última. “Uma coisa que nós aproveitámos para o processo foi a questão do sentimento de posse, que eles não tinham. Por exemplo, o David não tinha as sapatilhas dele. Havia um par de sapatilhas e quem acordasse primeiro apanhava aquelas sapatilhas e decidia ‘ok, hoje vou andar com

| | | |
|------------|--|---|
| | <p>estas'. Não tinham jogos, não tinham PlayStation, não tinham nada. Não havia o sentimento de posse de 'eu tenho as minhas coisas'".</p> <p>“Não havia vontade individual de bater, havia vontade de o grupo bater. Quem não alinhasse, ficava mal visto no grupo.” Gisberta terá sido um meio de preservar o “único bem” que tinham. “Aqueles crianças têm o preconceito de terem sido abandonadas pelos pais e depois a única coisa que lhes resta é o grupo. Se estivessem em casa com os pais, de certeza que nenhum deles tinha feito isto”, defende.</p> <p>“Nós conseguimos demonstrar em tribunal que esse fenómeno de grupo foi preponderante na vontade de praticar aquele ato. A lógica era: quem atirasse mais pedras era o maior. Condena-se, claro, mas de alguma forma explica os factos”, sustenta ainda Pedro Mendes Ferreira.</p> <p>“Não foi crime de ódio, foi crime de grupo”. Garante que não havia julgamento, havia sim “curiosidade”. “se isto aconteceu a ela, pode acontecer-me a mim”</p> <p>"O juiz disse que quem matou a minha irmã não foram os meninos, foi a água do poço. Não foram eles? Quem matou foi a água do poço porque eles jogaram a minha irmã lá, não é? Que justiça é essa aí?"</p> <p>Janice viu a irmã pela última vez “um ou dois anos antes de ela falecer”. Gisberta foi ao Brasil ver a família, estava bem, estava feliz. “Até fomos à praia”, recorda. “Ficou na casa da minha mãe uns dois meses. Não vimos nada de anormal.”</p> <p>“Em dezembro uma amiga dela ligou para a minha irmã Glória porque viu que a Gis estava numa situação de risco. Aí a minha irmã ligou para a Gisberta e falou para ela vir embora. E ela disse que não. Isto foi em dezembro e em fevereiro ela morreu.”</p> | |
| 23/02/2016 | <p>O horror do crime chamou a atenção do país, mas a indignação com a violência não produziu logo as respostas necessárias. Gisberta era uma mulher transexual e foi vítima de múltiplas discriminações. Além da pobreza e do racismo, o crime de que foi vítima foi demonstrativo da cultura de ódio contra as pessoas transexuais</p> <p>Este ano já foram assassinadas cerca de 300 pessoas transexuais em todo o Mundo, vítimas de crimes de ódio. Quantas mais Gisbertas precisam de morrer?</p> | <p>Título: "Gisberta"</p> <p>Autoria: Mariana Mortágua Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.jn.pt/opiniao/mar</p> |

| | | |
|------|---|--|
| | | <p>iana-mortagua/gisberta-5042919.html</p> <p>Data de Acesso: 05/09/2021</p> |
| 2016 | <p>Filme a Gis - Thiago Carvalhaes Junto ao Corpo são encontrados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma tenda improvisada - Um colchão - Casaco forro de pelo - Echarpe - Casaco de malha - Dois pares de luvas - Dois batons - Um rímel - Um delineador - Uma gilete - Uma pequena caixa com dois espelhos - Uma bolsa com seis preservativos e seis comprimidos <p>Bombeiro que recolheu o corpo - Albino Ribeiro</p> | <p>Título: "A Gis"</p> <p>Autoria: Thiago Carvalhaes</p> <p>Fonte: Thiago Carvalhaes</p> <p>Link Acesso: https://vimeo.com/210177296</p> <p>Data de Acesso: 25/02/2022</p> |

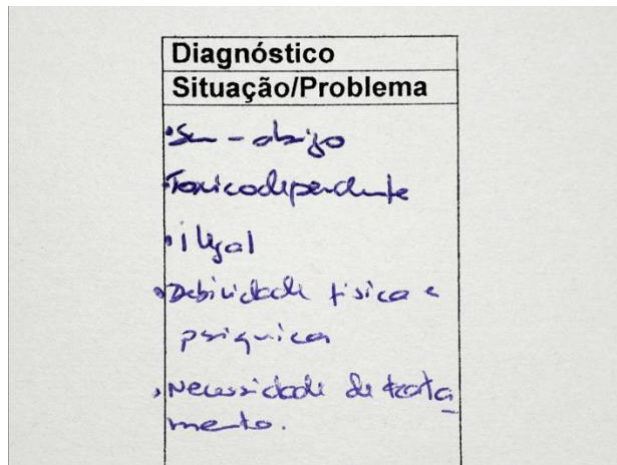
Descrição do corpo - Ferimentos por todo o lado, em especial em uma das nádegas e na cabeça, e calças puxadas até aos pé, muito magro e não estava vestido de mulher, parecia um homem como qualquer outro.

Recortes de notícias, 2006

- O sem abrigo, o travesti, o homem, individuo do sexo masculino, toxicodependente, Gisberto, o transexual.

Detalhes sobre a Gis (Na ótica das amigas por Cristina sousa, associação abraço

- Sempre trabalhou,
- Muito divertida
- Uma pessoa amiga dos amigos, que se podia contar com ela
- Muito bonita



Descrição boletim abraço

- Cabelo lindo e comprido, chegou com o cabelo cortado a tesoura, “uma pessoa que não estava com vontade sequer muito de viver”



Dito por Katy Vandolly

- Comparação com o especto da artista -
- Cabelos compridos
- Gostava de ir para festas com vestidos compridos
- Hoje ocupa o apartamento de Gisberta

Texto de Rute Bianca



Apartamento de Gisberta

- Viveu “sempre” sozinha

Descrição “Domingos Salce” de sobre Gis

- Alegre
- Brincalhão
- Criava pato, galinha, corria atrás das galinhas
- Só com os cachorros que ele não brincava
- Ele pegava as roupas das minhas irmãs, punha, ficava dançando
- Um amigo dele foi assassinado e por isso é que ele foi embora



Ele pegava as roupas
das minhas irmãs,

-
- Veio um grupo de dança da França e levou ele
- Ele já dançava no Brasil, ele foi para lá trabalhar, não tinha estudos para trabalhar num escritório

420 - Recordação de Lisboa
Souvenir de Lisbonne
Lisbon Souvenir

29-3-82

LEONOR.
A QUI ESTA TUDO BEM ESPERO
QUE AI TAMBEM ESTEJA
JO ESTOU COM MUITA SAUDADES
NÃO SEI QUANDO
VOLTAREI MAIS EU
ESCREVO DE CADA PAIS
QUE EU FOR LEMBRANÇAS
A TODOS UM BEIJO NAS
CRIANÇAS E NO MEU IRMÃO
E EM VOCE

Gisbert Salce

Fabricado
em
Portugal

Colectão DOLIA - Reprodução Portugal

(Gisbert Salce)

PARIS ET SES MERVEILLES.
5376 - Le pont Alexandre III (1900) et, au fond,
le dome de l'église Saint-Louis-des-Invalides.
LEONOR

25-8-82

OLÁ AGUI TUDO BEM
ESPERO QUE AI TAMBEM
ESTEJA AI DA NÃO
SEI QUANDO VOLTAR
LEBRANÇAS A TODOS
ESTOU ME DEVERTINDO MUITO
PASEANDO ESTABOM

UM BEIJO

WILSON ABIMAEŁ

NO MEU IRMÃO
ESTOU COM MUITA SAUDADES
UM BEIJO

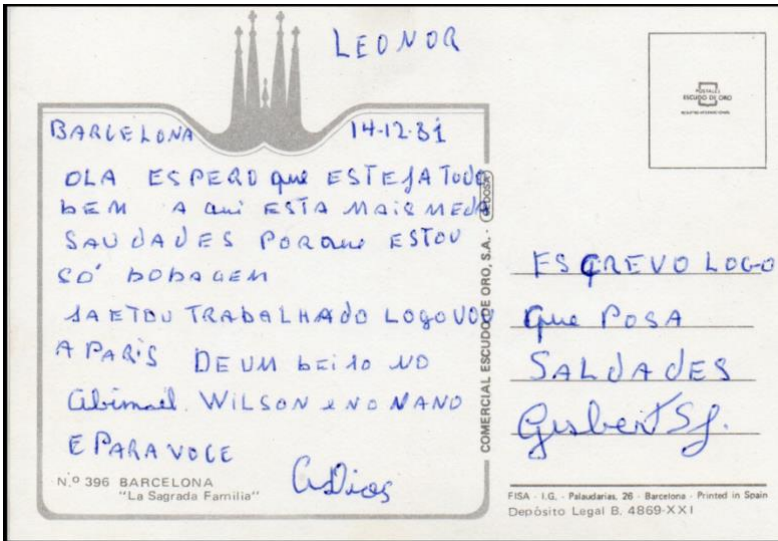
MUITO GRANDE

Gisberto Salce

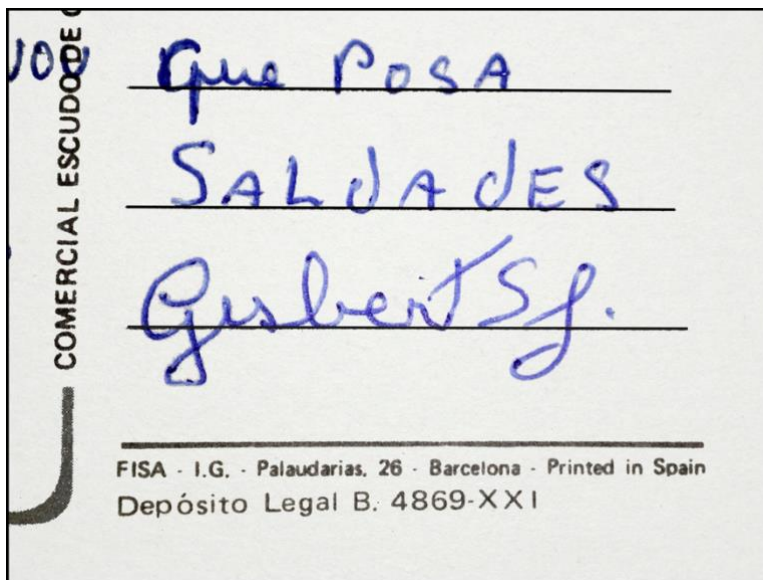
Editions "EU" - 38, rue Ste Croix de la Bretonnerie, Paris 4^e
Imprimé en Italie - Reproduktion Inland

Production LECONTE

(Gisberto Salce)



(Gisbert Salce)



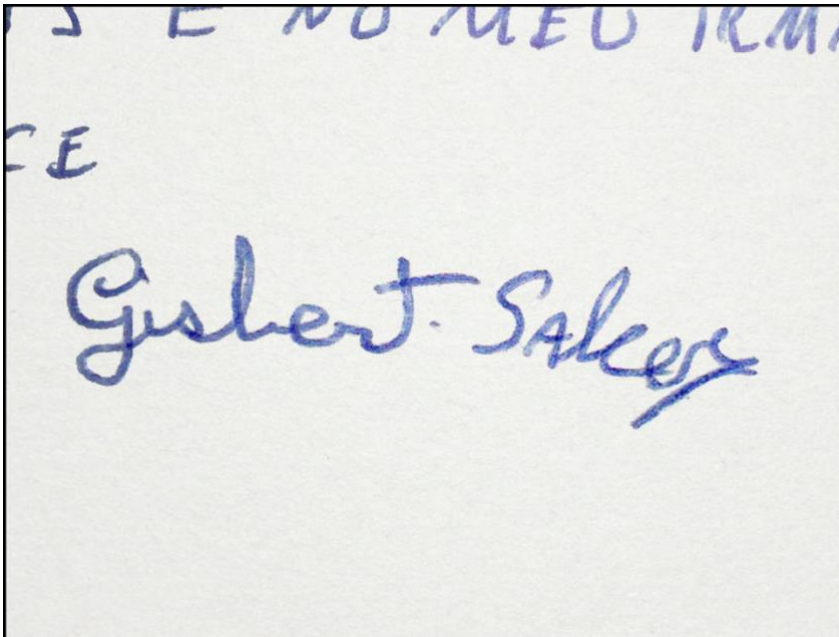
-
- Depois de um tempo no Porto começou a assinar Gisberta

(Vetorizar as Letras para aparecer

DE SATELITE CEPOBHO

BRASIL

GIS DE RT. SALLER.



- Sempre escreveu Gisberto para o Irmão?
- “Uma coisa é ser o que ele era, e uma coisa é o contrário que Deus fala. Então, mesmo assim, eu amava ele, só não amava o que ele era.” Domingos Salce
- Entre o Final de 2005 e o início de 2006, Gisberta passa por instituições, Internamento hospitalar, uma comunidade terapêutica na cidade de Setúbal, uma ocupação na rua Santos Pousada, e finalmente a 500 metros do apartamento onde morava ergue uma tenda com barrotes de madeira e placas de plástico ondulado
- Associação Abraço, Hospital Joaquim Urbano, Espaço Pessoa
- Domingo 12 de Fevereiro de 2006: Chamam-lhe “travesti”, “paneleiro”, “puta”, Pontapés. Pedradas

| | | |
|------------|---|---------|
| | <ul style="list-style-type: none"> - Quarta-feira 15 de Fevereiro de 2006: Atiram-lhe uma Pedra à cabeça, ela cai. Quando se consegue levantar, recebe uma rasteira e torna a cair. Pontapés, pauladas, baixam-lhe as calças para ver se tem pênis ou vagina. - Quinta-feira, 16 de Fevereiro de 2006: Está deitada em cima de um colchão sujo, com o sangue já seco na cabeça. Atiram-lhe pedras e ordenam-lhe que levante. Pontapés. Pauladas. Ela só se consegue encolher. - Sábado, 18 de Fevereiro de 2006: Ela está fora da tenda deitada de lado sobre o colchão, tapada com um cobertor. Não se consegue levantar. Pede que lhe chamem uma ambulância. Batem-lhe. Gisberta chora compulsivamente. Atiram-lhe um barroto de madeira que segurava a tenda, e a tenda desfaz-se. Ela sofre um golpe no abdômen, contorce-se e geme. - Domingo 19 de Fevereiro de 2006: Está deitada de lado no chão ao lado do colchão, com a cabeça voltada para a parede, imóvel. Nua da cintura para baixo. Gisberta só consegue soltar um gemido, quase inaudível. - Terça-feira, 21 de Fevereiro 2006: Parece que não se tinha mexido desde domingo. Não fala, nem reage. Consideram queimá-la ou enterrá-la. - Quarta-Feira, 22 de Fevereiro 2006: 08:30, com Luvas e sacos de plástico, arrastam Gisberta 100 metros. Atiram-lhe para um poço com água no fundo. Ela está viva. Ela morre afogada. - Em Novembro 1993, Gisberta traz a mãe para vir conhecer o Porto - Ver relato da carta - A morte da Gisberta impulsionou uma grande mudança nas leis de igualdade de gênero em Portugal. Especialmente a lei número 7 de 2011, que permite alteração há legal de sexo e nome próprio. - Há ainda muito a ser feito para que pessoas trans possam ter, de facto, direitos básicos em Portugal e no Brasil. - Como o respeito à autodeterminação da identidade de gênero. Sem a necessidade de laudos médicos. - O Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo. - Em memória de todas as Gisbertas | |
| 07/11/2017 | A família de Casa Verde, em São Paulo, dividiu-se quanto ao comportamento “não convencional” do caçula de oito irmãos. | Título: |

Suas três irmãs procuraram acolher o jovem que não se identificava com o seu corpo masculino, ao contrário de seus irmãos homens, chegando a ser violentamente agredido por um deles por estar vestido e maquiado como uma mulher.

Gis, como era chamado intimamente, sempre gostou de se trajar como tal, e cantar.

Assustou-se ao ver que os seus amigos mais próximos estavam sendo mortos, e a sua intuição lhe dizia que poderia ser o seguinte. Este foi o motivo crucial para que atravessasse as águas do Atlântico na busca por uma vida mais segura e digna

não mais com aquele sorriso que cativava a todos, tampouco o cabelo volumoso que chamava a atenção

“‘GISBERTA’ É UM INSTRUMENTO ARTÍSTICO VIVO E INTENSO, COM ATUAÇÃO DILACERANTE DE LUIS LOBIANCO, EM QUE SE RETRATA A MATERIALIZAÇÃO DA INTOLERÂNCIA E DO ÓDIO CONTRA A DIFERENÇA, DEFENDIDA COM DIGNIDADE ATÉ O FIM PELO TRANSEXUAL HOMÔNIMO, CUJO ÚNICO LUGAR SEGURO DE SOBREVIVÊNCIA ERA O PALCO.”

Autoria: Paulo Ruch | Blog
Fonte: Própria

Link Acesso:

<https://blogdopauloruch.com/2017/11/07/gisberta-e-um-instrumento-artistico-vivo-e-intenso-com-atuacao-dilacerante-de-luis-lobianco-em-que-se-retrata-a-materializacao-da->

| | | |
|------|---|--|
| | | <p>intolerancia-e-do-odio-contra-a-diferenca-defendida-com-dign/</p> <p>Data de Acesso: 28/03/2022</p> |
| 2018 | <p>“Nesta história conhece-se o princípio e conhece-se o fim. Não se conhece o meio” - Catarina Marques Rodrigues</p> <p>Notas finais “O boletim do IPMA regista chuva forte nesse dia.”</p> <p>Secção notícias que inspiraram o livro:</p> <p>“Foi preciso chamar os mergulhadores dos Sapadores do Porto para resgatar o corpo de Gis, que estava despido da cintura para baixo e tinha ferimentos na cabeça, nas nádegas e no pescoço”</p> <p>“O que aconteceu exatamente na garagem parcialmente abandonada do Campo de 24 de Agosto, no início da Avenida de Fernão de Magalhães, no centro do Porto, continua longe de ser esclarecido. Alguns relataram que eram frequentes as discussões com a vítima. O facto de ser travesti, toxicodependente e apresentar uma saúde frágil tornava-o um alvo fácil. Mesmo assim, um deles disse também ser seu amigo.”</p> <p>·</p> <p>““o médico que realizou a autópsia de «Gisberta» confirmou a existência de lesões traumáticas na vítima.”</p> <p>“Gisberta é recordada como uma mulher belíssima, cordial e dócil.”</p> <p>“A matéria de facto já havia sido provada no Tribunal de Família e Menores do Porto. Vários jovens relataram friamente terem atirado pedras e agredido «Gi» com paus. As lesões, só por si, poderiam ter levado</p> | <p>“Pão de Açúcar” Afonso Reis Cabral</p> <p>Título: “Pão de Açúcar”</p> <p>Autoria: Afonso Reis Cabral Livro Fonte: Própria</p> <p>Link Acesso: https://www.wook.pt/livro/pao-de-acucar-afonso-reis-cabral/22212454</p> <p>Data de Acesso: 07/12/2021</p> |

| | | |
|------------|--|---|
| | à morte de Gisberta «numa semana», como voltou a sublinhar em tribunal o médico-legista. Segundo o Ministério Público, os menores desafiavam-se a «dar porrada à Gi», mas dois anos depois nenhum deles se lembra de quem bateu. ” | |
| 01/10/2018 | "o cruzamento entre a realidade e a ficção é a única forma de tratar este tema". | <p>Título: “A história real de Gisberta contada pela ficção”</p> <p>Autoria: Sérgio Almeida Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://www.jn.pt/artes/especial/a-historia-real-de-gisberta-contada-pela-ficcao-9935980.html</p> <p>Data de Acesso: 07/12/2021</p> |
| 22/02/2018 | Gisberta se tornou símbolo da luta de travestis e transexuais contra a estigmatização e marginalização social que assola essa população. | Título: |

| | |
|--|---|
| <p>Seu assassinato foi o culminar de um processo de exclusão social e de negação de sua existência e de cidadania que se iniciou ainda na sua infância e terminou na tragédia de sua morte aos 45 anos, em um edifício abandonado na região central da cidade de Porto.</p> <p>o depoimento de Domingos Salce, irmão de Gisberta, ao falar da infância dela, já dá alguns vestígios de como teve início esse processo:</p> <p>Olha, ele era, assim... muito alegre, brincalhão, tudo pra ele era brincadeira. Tinha lá, criava pato, criava galinha, então ele corria atrás das galinhas... só com os cachorros que ele não brincava. Ele pegava as roupas das minhas irmãs, punha, ficava dançando... Um amigo dele foi assassinado, por isso que ele foi embora. Aqui veio um grupo de dança da França e levou ele. Ele só falou que ia embora, que era esse grupo de dança... Porque aqui também ele já dançava. Não sei aonde, mas dançava. E... Foi pra lá trabalhar. Porque... Ele não tinha estudo assim para trabalhar no escritório, essas coisas, então(...) Uma coisa é ser o que ele era. E uma coisa... é o contrário do que Deus fala. Então, mesmo assim, eu amava ele. Só não amava o que ele era.</p> <p>Gisberta já dava sinais de que estava em um corpo que não correspondia à sua identidade de gênero e no seu registro de nascimento constava o nome Gisberto Salce Júnior.</p> <p>Gisberta só revelar sua identidade de gênero após a morte do pai, aos 14 anos. Revelado no depoimento do irmão é como as concepções rígidas e cis-normatizadoras de gênero baseadas na religião estão na base do discurso daqueles que negaram a existência de Gisberta</p> <p>A violência crescente em São Paulo contra transexuais no final da década de 1970 e início dos anos 1980 motivou a migração de Gisberta para a França aos 18 anos. Ela voltou ao Brasil, fez terapia hormonal, colocou silicone e outras pequenas correções no rosto. Voltou à França, onde ficou mais dois anos e seguiu para Portugal, onde viveu os últimos 20 anos de vida.</p> <p>Kilt, e o bar Invictus nas galerias Malaposta</p> | <p>“Uma sentença de morte para Gisberta”</p> <p>Autoria: Bruno Abreu Blog Resista!</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://resistadotblog.wordpress.com/2018/02/22/uma-sentenca-de-morte-para-gisberta/</p> <p>Data de Acesso: 27/02/2022</p> |
|--|---|

Em seus shows, representava sua maior diva – Marilyn Monroe – e artistas brasileiras como a cantora Daniela Mercury.

A prostituição foi a forma que encontrou para complementar sua renda e fez parte de sua vida praticamente desde que chegou em Portugal.

Aids desde 1996 “22º) Tal indivíduo sofria de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida e, no dia 26 de Outubro de 2005, havia recorrido ao SAP do “Hospital” – onde, por causa da SIDA, já era seguido em consulta desde 1996 – tendo-lhe sido diagnosticada Tuberculose Pulmonar, Pneumonia devida a “Staphylococcus Aureus” e Candidíase Laríngea que lhe provocavam astenia, anorexia, febre, anemia, emagrecimento, dificuldades respiratórias e mialgia com alguns meses de evolução, tudo conforme os boletins clínicos de fls. 1396 e 1397, cujos conteúdos aqui se dão por reproduzidos para todos os efeitos legais.”

A brasileira ficou impossibilitada de se sustentar pela prostituição. Nos seus documentos, o nome reconhecido ainda era o masculino contrastando com o corpo feminino, o que impedia que obtivesse trabalho. O desemprego foi o motivo pelo qual não conseguiu renovar o visto de residência, passando ao status de imigrante ilegal. Sem dinheiro para arcar com as despesas, teve de deixar o apartamento onde morava no Porto. No final de 2005, Gisberta passou por instituições, internamento hospitalar, uma comunidade terapêutica da cidade de Setúbal e uma ocupação na rua Santos Pousada, em Vila Nova de Gaia, Porto. Por fim, há apenas 500 metros do apartamento onde morava, armou uma tenda com barrotes de madeira e placas de plástico ondulado na cave do edifício abandonado onde foi morta.

Foi também no final de 2005 que os garotos Fernando, Ivo e Flávio encontraram com Gisberta pela primeira vez. Eles reuniam-se no prédio abandonado para fazer pichações. Ela foi reconhecida por Fernando, que a conhecia desde os 6 anos, pois sua mãe era colega de Gisberta na época em que frequentavam os mesmos lugares onde acontecia prostituição na cidade do Porto. Gis confidenciou sua história aos rapazes, a doença, as drogas e como foi parar naquele lugar. Comovidos, eles passaram a ajudá-la levando alimentos regularmente e até cozinhando em uma fogueira improvisada.

Eles contaram a amigos da escola Augusto César Pires de Lima e da Oficina de São José que conheciam “um homem que tinha mamas” e “parecia mesmo uma mulher”.

publicada no livro Meninos de ninguém, de Ana Cristina Pereira (comunicadora social e jornalista portuguesa), pode se ler o seguinte:

– Bateram-lhe?

– Os da Oficina não. Os outros já iam lá há mais tempo. Alguns não estavam no julgamento. O rapaz que disse o meu nome à polícia não disse o nome deles. Eles estão lá fora, na boa. Já.

Ainda é incompreensível como foi que a solidariedade anterior se transformou na hostilidade. No início de fevereiro, Gisberta relatou à técnica Raquel Moreira da instituição Espaço Pessoa, que a amparava, das ameaças dos “miúdos” que “se metiam com ela”. Foi aconselhada a sair do local, mas já não tinha para onde ir e estava muito debilitada. Pelo menos a partir do dia 12 de fevereiro, domingo, teve início a violência sistemática com que foi tratada, como consta na mesma entrevista:

Timeline Início contacto Natal 2005 - 12 Fev. começou, 22 de Fev. terminou

A violência foi relatada pelos próprios ao tribunal e consta no acórdão como decorreu com riqueza de detalhes. Pedradas, pauladas, pontapés, socos, xingamentos por dias. Em um dos primeiros episódios, Gisberta (tratada sempre no masculino com a justificativa que era seu nome civil) caiu no chão, “a sangrar”. Alguns minutos depois, conseguiu levantar-se, mas “David rasteirou-o, provocando-lhe nova queda”. Aí, “todos os elementos, (...) com exceção do Vítor Santos, se lançaram sobre o ofendido e em conjunto agrediram-no com paus e a pontapé. Enquanto decorriam as agressões, o Vítor Santos gritava para baixarem as calças ao ofendido porque “queria ver se era homem ou mulher”. Com as dores, Gisberta começou a gritar e o grupo fugiu com medo de serem pegos pelos seguranças do parque de estacionamento que ficava nos andares superiores do prédio

– O que havia nela que dava vontade de rir?

– Vestia-se de mulher.

Na quinta-feira, quando voltaram, Gisberta não se conseguia manter em pé. Estava deitada em cima do colchão sujo, com sangue já seco na cabeça. Um rapaz ordenou a outro que a despisse e ele torceu o nariz. Isso não faria: Gi “cheirava mal e tinha sida (AIDS)”. Atiraram-lhe pedras. Pegaram num pau e abanaram-no entre as pernas dela, na zona dos joelhos.

No domingo, 19 de fevereiro, os jovens voltaram e encontraram-na no chão, nua da cintura para baixo. Estava de lado, com a cabeça voltada à parede, imóvel. Na terça-feira, 21, alguns regressaram. Ela estava deitada, muito pálida. Parecia não ter se mexido desde domingo. Falaram com ela e não obtiveram resposta. Tocaram-na e ela não reagiu. Consideraram que ela já estava morta e planejaram como se livrar do corpo. Na quarta-feira, 22, pela manhã, alguns voltaram para se livrar do corpo. Arrastaram Gisberta por 100 metros e jogaram seu corpo no poço do edifício, porque tinha água suficiente para ocultar o cadáver.

a cobertura mediática e a negação da existência de Gisberta estampou as folhas dos principais jornais de Portugal: “um sem abrigo”, “um travesti”, “o homem”, “um indivíduo do sexo masculino”, “Gisberto”, “o transexual”, “Gisberta, na verdade Gisberto Salce Júnior”. Ela era sempre retratada como pertencente ao gênero masculino.

Sem entrar no mérito da sentença, o que assusta no discurso produzido pelo tribunal é a negação da motivação transfóbica dos atos de violência. Dos fatos que não se provaram, eis um deles:

6º) Que na sua actuação os menores tivessem sido determinados por motivações de intolerância perante as opções sexuais do ofendido e perante “as diferenças” fisionómicas que este apresentava em consequência dos implantes de silicone e dos tratamentos hormonais.

O diretor Germano Costa (Das Oficinas de São José) suicidou-se devido às pressões das denúncias contra a instituição.

A mesma sociedade na qual o mal é banalizado e as diferenças que fogem desses padrões são transformadas em monstruosidades a serem combatidas. Membros da família negaram a existência de Gisberta, a sociedade brasileira negou sua existência, a sociedade portuguesa negou sua existência e todo o processo de exclusão culminou na tragédia da morte de Gisberta.

| | | |
|------------|--|--|
| | <p>O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Assassinatos diários com extrema violência e requintes de crueldade refletem o ódio a esse segmento social. O suicídio também é muito comum. A vida média de uma pessoa trans é de 35 anos. Mais de 90% da população está na prostituição.</p> | |
| 13/06/2020 | <p>Assim, em 1969, os diplomatas e trabalhadores começam a serem exonerados e submetidos a testes psiquiátricos por “prática de homossexualismo” e “incontinência pública escandalosa”. O Estado de São Paulo reforça o papel da Delegacia de Vadiagem do DEIC propondo a retirada das travestis e homossexuais das ruas dos bairros residenciais a fim de isolá-los em prédios e combatê-los de imediato. Encarcerados, as vezes eram encaminhados para fazer tratamentos com remédios e eletrochoque. Em todo o país medidas de extermínio foram criadas e executadas das maneiras mais violentas.</p> <p>“Botar a cara no sol” [uma gíria popular no meio LGBTQ+, significa ter coragem, não se intimidar; similar ao comentário “dar a cara a tapa”]; era ainda mais difícil em meio a tal exterminação institucionalizada.</p> <p>Renan Quinalha, antigo assessor da Comissão da Verdade de São Paulo, destaca que a homotransfobia fazia parte de uma “política de Estado” durante a ditadura. Entendendo isso, é impossível não associar à atual conjuntura, onde o mesmo lema se repete numa falsa defesa da “moral e bons costumes”, apoiada pelos mesmos segmentos sociais: ruralistas e latifundiários gananciosos, cristãos conservadores e uma elite oportunista.</p> | <p>Título: “A resistência da população LGBTQ+ na Ditadura Militar”</p> <p>Autoria: Thiago Anjos A Verdade</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://averdade.org.br/2020/06/a-resistencia-da-populacao-lgbtt-na-ditadura-militar/</p> <p>Data de Acesso: 16/06/2022</p> |
| 20/03/2021 | <p>"há 15 anos, em 22 de fevereiro de 2006, a cidadã brasileira Gisberta Salce Júnior morreu vítima de sucessivas agressões e crimes de ódio que, pela sua natureza reiterada e violenta, acabaram por lhe tirar a vida".</p> | <p>Título: “PS quer rua no Porto com nome de Gisberta, a transexual assassinada há 15 anos”</p> |

| | | |
|------------|---|---|
| | <p>"Gisberta Salce Júnior foi cobardemente assinada por querer viver livre e sem medo, por ser uma mulher transexual. Este horrendo ato é exemplo duro que nos recorda a violência, a discriminação e o preconceito que a comunidade transexual tem, ainda hoje, que vencer e superar"</p> <p>O PS recorda ainda que no ano da morte de Gisberta e como forma de "resistência e protesto", o Porto via nascer a sua marcha LGBTI+ e, desde então, Gisberta Salce Júnior é também assim recordada, "elevando-se a símbolo maior da luta pelos direitos humanos, pela dignidade, pela autodeterminação e pela igualdade".</p> | <p>Autoria: Lusa Jornal de Notícias</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/ps-quer-rua-no-porto-com-nome-de-gisberta-a-transexual-assassinada-ha-15-anos-13481511.html</p> <p>Data de Acesso: 09/01/2022</p> |
| 05/04/2021 | <p>Conhecida como Gis - Viajou de São Paulo (Brasil) para Paris com 18 anos, à procura de uma vida melhor, Por causa de uma vaga de ataques transfóbicos. Visitou várias cidades europeias (Ver postais do Thiago), ficou pelo Porto.</p> <p>Dois cães como filhos (Leandro e Carolina).</p> <p>Novembro de 1993 - Mãe visita-a</p> <p>Morreu com 45 anos (1961 - 2006), Edifício Avenida Fernão de Magalhães, (começou a ser construído em 1974), a 22 de Fev.</p> <p>Trans, brasileira, imigrantes e seropositiva, encontrava-se debilitada.</p> <p>Tenda improvisada com "Barrotes de cerca de 1,5 metros de comprimento e 20 centímetros de diâmetro. Começou a receber visitas de três jovens.</p> <p>Para Sérgio Vitorino, cofundador das Panteras Rosa, é bastante evidente que "há um antes e um depois para o movimento LGBTQI e para o movimento Trans, em particular"</p> <p>Ativistas trans - Jó Bernardo / Lara Crespo / Eduarda Santos / Laetitia / Stef Jacob</p> <p>Gisberta Salce Júnior - Nome como se identificava</p> | <p>Título: Rua Gisberta Salce Júnior: dar à história o que não se deu à vida</p> <p>Autoria: Carolina Franco Gerador</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://gerador.eu/rua-gisberta-salce-junior-dar-a-historia-o-que-nao-se-deu-a-vida/</p> |

| | |
|--|---------------------------------------|
| <p>Rute Bianca em 1992, sublinhou que uma pessoa Trans é alguém “que sofre muito, sobretudo psicologicamente, e cuja integração social, que nunca se concretiza totalmente, exige uma grande capacidade de luta”.</p> <p>“Ana Cristina Santos, “logo em 2007, na sequência desta fatalidade, o Código Penal alterou o seu artigo 132, prevendo um agravamento da pena aplicável quando a morte é produzida num contexto de particular censurabilidade, nomeadamente quando o crime é motivado pelo ódio à orientação sexual ou pela identidade de género da vítima”. Também após este assassinato, “o discurso de ódio homofóbico e transfóbico, nomeadamente o incitamento “à discriminação, ao ódio ou à violência contra pessoa ou grupo de pessoas por causa de [...] sexo, orientação sexual, identidade de género” passou a ser punível com pena de prisão de 1 a 8 anos (artigo 240)”. E já em 2011, a Lei da Autodeterminação tornava possível a mudança de sexo e o registo de nome próprio escolhido nas Conservatórias de Registo Civil, ainda que esta mudança dependesse “de pedido formulado por pessoa maior de idade à qual fosse diagnosticada «perturbação de identidade de género», sendo tal pedido aceite com «relatório que comprove o diagnóstico de perturbação de identidade de género, também designada como transexualidade, elaborado por equipa clínica multidisciplinar de sexologia clínica». Em 2018, alguns desses requisitos caíram com a Lei nº38/2018, de 7 de agosto, e o processo tornou-se menos invasivo, permitindo maiores de 16 anos fazerem a mudança no registo também.” (Acrescentar Dissertação)</p> <p>Por Terminar</p> <p>Para Taís, a diferença entre a discriminação e o preconceito entre o Brasil — que continua a ser um dos países onde mais pessoas Trans são assassinadas no Mundo — e Portugal é que lá “é muito brutal, eles te matam, eles te violentam”, enquanto cá “é muito silenciosa”; “está muitos nos olhares, no tocar do outro”. “É uma transfobia subtil”.</p> <p>“Os estudos comprovam que a discriminação de pessoas LGBTQI+ é transversal a todas as áreas (educação, saúde, habitação, emprego, família, etc.) e afeta todas as sociedades. O assassinato de Gisberta poderia ter acontecido em qualquer outra cidade, mas aconteceu no Porto.</p> | <p>Data de Acesso: 07/01/2022</p> |
|--|---------------------------------------|

| | | |
|-------------------|---|---|
| <p>21/05/2021</p> | <p>"Ai, meu Deus." Rute Bianca parou tudo o que estava fazendo para se concentrar no noticiário da TV. O corpo de "um homem com mamas", dizia o locutor, havia sido retirado do fundo do poço de um esqueleto de construção próximo ao centro do Porto, cidade da região norte de Portugal. Não se sabia nada sobre a vítima, a não ser aquilo que parecia embaralhar a mente do repórter, em fevereiro de 2006 — se tinha genitália masculina, por que aqueles peitos? Como exibia um rosto tão delicado, tão perturbadoramente feminino?</p> <p>"Ai, ai, meu Deus." Quanto mais a notícia corria, mais Rute Bianca lamuriava-se. "Não me digam que é minha Gisberta."</p> <p>Rute andava preocupada com a amiga, da qual não tinha notícias havia mais de um mês. Gis, como era conhecida a paulista de 45 anos, tornara-se popular na noite do Porto por suas performances como dubladora das cantoras Daniela Mercury e Ivete Sangalo....</p> <p>Fora justamente o gosto pelos palcos que aproximara as duas — Rute também era artista, uma estrela dos números de strip-tease. Uniram-se, para além da arte, no sofrimento. Ambas mulheres transgênero, protegiam-se dos olhares enviesados, insultos, agressões e abordagens policiais que, não raro, terminavam com ordens algo pervertidas para que ficassem nuas, mostrassem se tinham pênis ou "cona", termo vulgar para vagina, em Portugal.</p> <p>Claro, Gisberta enfrentava problemas, mas o que eram aqueles achaques comparado ao que se submetiam os conhecidos no Brasil? Era o que dizia para as amigas: por pior que fosse o preconceito na Europa, pelo menos ali pareciam reduzidas as chances de ser vítima de um crime de ódio. Deixara o país apavorada com os casos, cada vez mais frequentes, de assassinatos de homens e mulheres trans. No Porto, em meio aos jardins floridos, palacetes e raios de sol — apesar do frio —, sentia-se segura. De mais a mais, ainda podia assistir na televisão às novelas do Brasil.</p> <p>"Ai, ai, meu Deus. É minha Gisberta." Quis observar o cadáver por inteiro, pôr os olhos sobre aquelas pernas e braços de aparência tão frágil, fininhos, "sem um único traço masculino", como Rute gostava de repetir. O funcionário a alertou de que a visão seria aterradora. Ela insistiu. O saco foi aberto até os pés de Gis, descortinando pescoço, mãos, barriga e coxas com feridas recentes, cortes abertos, hematomas, queimaduras de cigarro. "Ai, ai, a minha Gisberta está toda partidinha, machucada a pau, estropiada", chorou a amiga.</p> | <p>Título: “Gisberta, a transgênero brasileira que pode virar nome de rua em Portugal...”</p> <p>Autoria: Adriana Negreiros TAB Uol</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/05/21/gisberta-a-transgenero-brasileira-que-pode-virar-nome-de-rua-em-portugal.htm</p> <p>Data de Acesso: 24/03/2022</p> |
|-------------------|---|---|

cujo zíper foi delicadamente aberto pelo funcionário da repartição, deixando à mostra uma cabeça com cabelos loiros, os olhos ainda abertos, azuis, "como a olhar para o infinito", nas palavras de Rute Bianca. No primeiro dia, atiraram-lhe pedras à cabeça. Ela caiu e, quando tentou se levantar, foi derrubada com uma rasteira. Os garotos arrancaram suas calças. Espancaram-na com pedaços de pau da obra abandonada, enfiaram-lhe estacas pelas reentrâncias.

No segundo dia, um dos garotos, de quem cuidara na infância (a mãe dele trabalhava como prostituta e Gis fazia as vezes de babá da criança), alertou os amigos de que deveriam tomar cuidado ao tocar na mulher, pois ouvira falar que era soropositiva. A cabeça dela estava suja de sangue, já ressequido, por causa das agressões da véspera. Recebeu ordens para manter-se de pé. Não conseguiu e, como castigo, levou mais chutes e pontapés.

No terceiro dia, sábado, os garotos encontraram Gis dormindo, deitada de lado, protegendo-se do frio do inverno europeu com um cobertor. Acordaram-na com chutes no abdômen, puxaram a coberta; embora fraca, ela começou a chorar compulsivamente. Pediu ajuda, implorou para que mandassem vir uma ambulância. Em vez disso, os jovens derrubaram a tenda que lhe servia de abrigo.

No domingo, quando retornaram, viram-na gemendo. Recomeçaram as agressões. Deixaram-na seminua, apesar da temperatura baixa. Na terça-feira, perceberam que Gisberta parecia estar na mesma posição da véspera, como se não houvesse se mexido desde então. Continuava sem calças, tinha as pernas encolhidas, exalava odor fétido, não respondia às agressões. Concluíram que estava morta. Decidiram voltar no dia seguinte, quarta-feira, dia 22, para atirá-la no fundo do poço do prédio em obras. Ocorre que estava viva, agonizante. Morreu não da queda de cerca de 15 metros, mas de afogamento em águas rasas, como concluiria a autópsia.

Pagava as contas com os cachês dos shows e com o ordenado de vendedora de lojas de roupas do Porto. Morava em uma casinha minúscula no centro da cidade, na companhia de um casal de cães da raça Yorkshire,

| | | |
|------------|---|--|
| | <p>Carolina e Leonardo. Para os animais, dispensava quase todo afeto de que dispunha — não queria saber de namorados, bastavam-lhe os bichinhos. Eram, costumava dizer, os verdadeiros amores de sua vida.</p> <p>Então Leonardo caiu doente. Morreu dias depois de apresentar os primeiros sintomas do mal-estar. Sobrou-lhe Carolina, mas não por muito tempo — certo dia, a cadelinha escapou pela porta, correu na direção da rua e foi atingida por um veículo. Não resistiu ao atropelamento. Com a partida dos cachorros, Gis caiu em depressão. Passou a consumir drogas. Quando a angústia se intensificou, experimentou crack. Tornou-se dependente, desfez-se dos poucos bens para sustentar a dependência. Entrou na prostituição.</p> | |
| 03/07/2021 | <p>A paulista Gisberta Gisberta saiu do Brasil aos 18 anos para fugir de uma “onda” de homicídios contra transexuais em São Paulo. Após passar dois anos na França, ela se mudou para Portugal assim que completou 20.</p> <p>A autópsia confirmou lesões na cabeça, pescoço, membros inferiores e superiores, laringe e traqueia, abdômen, intestinos e rins; múltiplas equimoses, infiltrações hemorrágicas, escoriações e infiltrações sanguíneas. Esse se tornaria então o crime de transfobia mais bárbaro da história do Porto.</p> <p>Para os membros da Marcha, “a Gisberta representa uma encarnação da exclusão social. Ela torna-se um símbolo da nossa luta por causa do seu fim trágico. Ela faz-nos lembrar um lugar na história para onde nunca mais queremos voltar. Foi, e ainda é, a memória de Gisberta que faz com que dezenas de ativistas unam-se e trabalhem em prol de uma cidade mais igualitária e segura para as pessoas LGBTI+, assim como faz com que milhares de pessoas saiam à rua, com orgulho, para marchar em apoio à luta por direitos humanos, pela dignidade e autodeterminação, que ainda se encontra muito longe de ser conquistada. Enquanto persistir a opressão, a discriminação e a violência, o Porto não irá se render”</p> | <p>Título: “Gisberta, a transgênero brasileira que pode virar nome de rua em Portugal...”</p> <p>Autoria: Jaqueline Cornachioni Revista Marie Claire Brasil</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2021/07/relembre-historia-de-gisberta-e-conheca-o-movimento-se-rua-fosse-minha.html</p> |

| | | |
|------|---|---|
| | | Data de Acesso: 25/03/2022 |
| 2021 | <p>Dissertação - Jornalismo e Transexualidade Leilane Menezes Rodrigues</p> <p>Em suas conclusões sobre as análises de notícias, a psicóloga identificou uma tentativa de responsabilizar Gisberta pela própria morte: Relativamente ao discurso da imprensa observou-se uma certa parcialidade no mesmo, sendo que, tendencialmente, este procurava desvalorizar o papel dos jovens na morte de Gisberta, sendo evidente a busca de uma justificação que fosse socialmente interpretada como menos repulsiva, e, desta forma tentaram imputar os seus atos, exclusivamente, às condições socioeconómicas e ao papel do grupo. (Fagundes, 2017, p. 43)</p> <p>Nem sobrenome davam</p> <p>Edifício abandonado desde 1981</p> <p>“Gisberta, recorde-se, foi violada e violentada por 14 crianças que estavam sob protecção da Oficina S. José”. (Lobão, 2006)</p> <p>Inspirou a criação da primeira parada do Orgulho Gay no Porto</p> <p>No trecho destacado os assassinos afirmam que para eles era divertido espancar e violentar Gisberta.</p> <p>Os menores apenas estarão a negar peremptoriamente a intenção de matar o transexual - a intenção seria apenas divertimento - encontrado no fundo de um poço do parque de estacionamento próximo do Campo 24 de Agosto, no Porto. A morte aconteceu por afogamento. (Jornal de Notícias, 2006f)</p> <p>Fez ontem dez anos que Gisberta foi assassinada no Porto. O horror do crime chamou a atenção do país, mas a indignação com a violência não produziu logo as respostas necessárias. Gisberta era uma mulher transexual e foi vítima de múltiplas discriminações, trazem as primeiras linhas do texto. (Mortágua, 2016)</p> | <p>Título: “Jornalismo e transexualidade: A construção da personagem Gisberta na mídia portuguesa”</p> <p>Autoria: Leilane Menezes Rodrigues Dissertação de Mestrado</p> <p>Fonte: Própria</p> <p>Link de Acesso: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/134759/3/482281.1.pdf</p> <p>Data de Acesso: 14/10/2021</p> |

Pela primeira vez a condição de mulher é atribuída a Gisberta, nessa análise. É a primeira característica, após o nome social, escolhida pela autora para apresentar a personagem ao leitor. O fato de ser transexual aparece em segundo lugar. Pela primeira vez também é feito um retrato interseccional de Gisberta, quando a autora afirma que ela foi “vítima de múltiplas discriminações”. O sobrenome de Gisberta permanece oculto.

É preciso acabar com a ideia, a que a lei ainda não conseguiu escapar, de que para serem reconhecidas a sua identidade as pessoas trans devem ser diagnosticadas como padecendo de uma doença mental. Não, as pessoas trans não são doentes. São cidadãs, tão cidadãs como cada uma ou cada um de nós. Este ano já foram assassinadas cerca de 300 pessoas transexuais em todo o mundo, vítimas de crimes de ódio. Quantas mais Gisbertas precisam de morrer? (Mortágua, 2016)

Facto: chamava-se Gisberto, nasceu em 5 de Setembro de 1960, em S. Paulo, no Brasil. Facto: emigrou para Portugal em 1980, para dar corpo ao sonho de ser mulher - fez implantes mamários, mas não chegou a concretizar a mudança de sexo, porque a cocaína e a prostituição lhe travaram o passo. (Faria, 2006)

Ficou famosa nos palcos pelas imitações de Daniela Mercury, com quem, diz quem a conheceu, até era parecida fisicamente. Facto: acabou morta, supostamente às mãos de um grupo de 14 miúdos, o cadáver putrefacto arrancado de um poço com 15 metros de profundidade. (Faria, 2006)

Também pela primeira vez apresenta-se também como fonte alguém que conheceu Gisberta e com ela mantinha uma relação íntima. “Era uma mulher calmíssima. Adorada por toda a gente”, recorda Rute Bianca (Faria, 2006), transexual e parceira das muitas noites vividas em cabarés e boîtes.

A predicação continua no trecho seguinte: “Era uma mulher belíssima, profundamente dócil, com um discurso coerente, assertivo e muito informado. Nesse sentido, distinguia-se das outras prostitutas com quem trabalhamos” (Faria, 2006), completa Raquel Moreira, psicóloga do Espaço Pessoa, uma instituição de apoio a prostitutas no Porto.

O peso de ser uma imigrante também é retratado pela primeira vez em uma narrativa sobre Gisberta, nesta análise. A reportagem narra que ela chegou a Portugal com visto e trabalhou em balcões de discotecas, mas envolveu-se com drogas e, após vencer a autorização de permanência, sua vida começou a degradar-se, como traz o parágrafo:





Vinha munida de visto e trabalhou ao balcão de uma discoteca, ao mesmo tempo que saltou para os palcos. O que ganhava deu-lhe para arrendar um apartamento T0, na Travessa do Poço das Patas, onde vivia com dois cães, Carolina e Leonardo... Por declínio entenda-se o consumo de cocaína, que a foi deixando mirrada - logo, com aparência imprópria para aparecer em palco. Foi aí que começou a prostituir-se. “Era a única maneira de arranjar dinheiro”, desculpa-a Rute Bianca. (Faria, 2006)

amigas. Esteve internada um mês no Hospital de Joaquim Urbano. Seguiu-se outro período na comunidade terapêutica O Lugar da Manhã, de Setúbal, de onde viria a fugir. Voltou à Abraço tempos depois. Só queria um emprego. Mas os vistos tinham caducado, pelo que se tornou imigrante ilegal. A Abraço participa o seu caso ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e à Delegação de Saúde. Cristina Santos, a técnica da Abraço, voltou a saber de Gis pelos jornais. Que noticiaram a sua morte. Gis faria 46 anos em setembro. (Faria, 2006)

Dentro do texto, mesmo sem serem identificadas, as mulheres trans têm espaço para falar sobre a sua realidade. A forma de agressão mais frequente é a verbal, mas também ocorrem agressões físicas, roubos, raptos, violência sexual.

A repetição dos termos tem o objetivo de intensificar a recorrência e a variedade das agressões. “Há automobilistas, casais até, que abrem a janela para atirar balões com água ou farinha, sacos de óleo queimado, fruta podre, ovos, pedras, extintores”. Há clientes “bêbados, infelizes, traumatizados” que, no fim do serviço, se recusam a pagar e que “pregam dois estalos”.

A reportagem também recorre a termos comuns de discursos ideológicos para construir uma narrativa que explicaria a motivação de quem comete esse tipo de violência. “À marginalização da prostituição, por vezes, alia-se a homofobia e a transfobia” (Público, 2006b). Fica implícito que a brutalidade do crime cometido

| | | |
|------|---|---|
| | <p>contra Gisberta não comoveu toda a sociedade da mesma maneira e até reforçou um comportamento agressivo em relação a pessoas com um perfil semelhante ao de Gisberta</p> <p>A presidente da A-T considera vergonhosa a maneira como a comunicação social tratou o caso de Gisberta. Para ela, os media provaram “desconhecer ainda a diferença entre travesti e transexual, entre homofobia e transfobia, entre orientação sexual e identidade de género” (Pereira, 2006b)</p> <p>Critica, também, o facto de “parte da comunicação social ter referido Gisberta apenas como sem-abrigo” (Pereira, 2006b). Ela acumulava formas de exclusão, “não cabe aos jornalistas decidir qual delas pesou mais” (Pereira, 2006b).</p> <p>“Gisberta era transexual, sem-abrigo, toxicodependente, imigrante, prostituta, soropositiva e tuberculosa. Foi morta em Fevereiro deste ano, no Porto” (Pereira, 2006c).</p> <p>O que sobressai do documentário é a noção de que o somatório de exclusão atingido por Gisberta Salce Júnior espelha a marginalização a que os transexuais (sobretudo os masculinos-femininos) são votados em Portugal: toda a sociedade discrimina. Enfrentam dificuldades de acesso ao sistema nacional de saúde, ao mercado de trabalho, a actos tão corriqueiros como abrir uma conta bancária. (Pereira, 2006c)</p> | |
| 2021 | <p>Baseado em depoimentos de dois rapazes envolvidos no caso do assassinato de Gisberta Salce, assim como em testemunhos de amigas transexuais dela.</p> <p>Não foi feito qualquer registo gráfico ou visual durante as entrevistas. Alguns elementos foram alterados para fins dramáticos.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-end; margin-top: 10px;"> <div style="text-align: center;">  Ivo </div> <div style="text-align: center;">  Ruben </div> <div style="text-align: center;">  Armanda </div> <div style="text-align: center;">  Jó </div> </div> | <p>O teu nome é - Paulo Patrício</p> <p>Título: “O Teu Nome É”</p> <p>Autoria: Paulo Patrício Animação</p> <p>Fonte: Paulo Patrício</p> |



Susana

Ivo - “Não gosto de ser visto pelas pessoas”

Ruben - “não queria olhar para mim próprio, estava em rejeição”

Armanda - “os brasileiros tinham de tirar foto de gravata (Bilhete de identidade)”

Jó - “o caso da Gisberta foi mesmo uma surpresa”

Armanda - “foi um choque”

Armanda - “havia muita discriminação aqui (...) em vários cafés (...) o imperial era um desses”

Ivo - Mas se descesse as escadas todas, abria uma porta, que nós entrávamos, que era um corredor enorme, que cheirava mal, cheirava tipo a podre, a queimado, tudo. Já conhecíamos muitos sem-abrigo, alguns até chegavam ao pé da nossa beira e perguntavam “peço desculpa, será que há problema ficar aqui a pernoitar?” eu não, tão à vontade”

Armanda - Eu vi lá a Gisberta, “Ai que bonita aquela Loira!”, na altura ainda não a conhecia, depois disseram-me ela é Trans, Trans não diziam Trans, diziam é Travesti. “A sério?” eu não tinha ideia, porque ela tinha uma pele imaculada, um cabelo bonito, ah depois ela era muito simpática, ela olhava e sorria.

Ivo - Aquilo não era bem uma tenda, aquilo era assim um canto, que aquela parte era bastante escura, não dava para ver muito bem. “Foi ela que nos levou lá ao local, a mim e aos outros meus colegas. Eu andei na escola do Bonfim, que era um bocadinho mais abaixo, e sempre tive ali os meus amigos no bairro de Fernão de Magalhães e nós parávamos lá muito.

Armanda - Normalmente quem fazia espetáculo, não podia fazer mais nada. As pessoas chegavam na hora, maquiavam-se, ficavam ali a fazer de estrelas e nada mais faziam. Mas a Gi, levantava copos, fazia empregada mesmo, disse “olha corajosa, vir do brasil para aqui, sozinha e sem ninguém”

Ivo - “Então Que que fazes agora?” “agora, eu vivo aqui” “não tenho ninguém que me ajude, não ganho dinheiro, tenho de pedir”. E depois disse aos meus colegas “ela já foi um homem!” “ei a sério?”

Data de Acesso:
02/09/2022

Susana - Ela viajava muito, sabes. há noite fazia uma maquiagem ela se transformava, então era um desfile, ela falava uma coisa depois de repente já estava a falar outra. A gente ficava a olhar para ela, “Mulher, fala uma coisa de cada vez, que a gente não entende”. Tenho umas histórias mais picantes. Fomos fazer uma despedida de solteiro, então imagina o que é que são 40 homens e eu e a Gisberta, foi uma noite e peras.

Jó - As trans são umas profissionais, do embuste. Porque quando se conta histórias, quando se conta vivências, são sempre no positivo. Era sempre num sentido “Eu consegui algo” “eu encontrei um cliente que me levou ao hotel 5 estrelas, plim pim pim”, das coisas más nunca se fala.

Ivo - e eles começaram logo a meter com ela, “hey olha aí”, mas não a agredir nem nada disso, a meter-se.

Susana - Na altura eu lembro-me que a Gisberta falava,” ai mulher, fiz um teste e o médico disse que afinal não estou nada doente”, todo o mundo falava que ela estava doente, como é obvio na altura. E como ela era um bocado de viver sozinha, não tinha cá a família, nem nada disso, tava-se a enganar a ela própria. Se não tou em erro, acho que todo o tempo que eu tive cá com ela, acho que ela só foi ao brasil uma vês.

Jó - Do pouco que falávamos sobre questões familiares, eu acho que ela tinha a sensação de que tinha estragado as expectativas da família e sobretudo da Mãe.

Susana - Porque se ela tivesse, monetariamente bem e tudo, eu acho que a Gi tinha voltado para o Brasil, sem sombra de dúvida, eu acho que ela teria voltado para casa, acho que era o sonho dela. Sinceramente acho que era o sonho da Gis.

Ruben - Já tinha contado, “Hey vamos ver o travesti com mamas, vamos dar-lhe uma tanga do caralho”

Ivo - “então Gi, então, tudo bem?” era o tema de conversa aquela altura, lá no colégio eles riam-se.

Jó - Ela tinha dependências, Graves, é engraçado, não é que na altura que eu estava-me a recuperar de algumas asneiras que tinha feito, ela estava a entrar cada vez mais.

Ivo - “Eu deixava-lhe lá tabaco” (...) comecei a roubar comida de cá, arroz, algumas salsichas, para fazermos lá. Então Gi, então tá tudo bem? E ela era nossa amiga: “então, não tem escola?” “Hoje não vamos à escola”. Alguns eram das Oficinas de São José, e eles não passavam, não comiam assim muito bem, então aproveitamos e comíamos ali todos. “Arranjas-me um cigarro?” “epá, não tenho, mas eu vou ver se consigo cravar lá fora e trago-te”. E durante 2 ou 3 semanas tivemos lá assim, perfeitamente naturais e falávamos e estávamos ali na boa com ela.

O que mudou é que começamos a levar outros rapazes connosco. E esses rapazes já não tinham a mesma perspectiva que nós tínhamos

Ruben - “Já tinham maldade”

Ivo - “nós eramos 14 envolvidos, menores”

Ruben - “e houve gente que se calhar bateu, e a polícia nunca, nunca foi buscá-los, porque ninguém falou.

Armanda - “Já faz tempo, vi-a lá no Big ben, ela ia lá durante a noite beber, via assim com muito mau estado, muito mau aparência. Eu encolhi os ombros, e fazer o quê?”

Ivo - Sim, encontrou-se umas ranhuras, mas não chegaram a penetrar o pau completamente lá pa dentro. O que me disseram é que “lhe demos com um pau no rabo, no ânus, não enfiamos”

Susana - eu cruzei com ela, tipo acho que duas semanas, uma semana, antes de acontecer o que aconteceu com ela, estava de uma coisa que não dava para descrever, tava mesmo, como é que eu ei de te dizer, um mendigo.

Ivo - e também disseram, peritos, que nenhum menor como nós tinha força para lhe dar um chuto naquele sítio

Rubem - Foi na cabeça

Ivo - e partir, não que aquilo era a marca de um chuto, e partiu a garganta qualquer coisa aqui.

Ruben - No outro dia, que foi no domingo, chegamos lá e ficamos aterrorizados, olhamos para o corpo e vimos que estava completamente destruído.

Jó - (quando uma pessoa tem cancro) eu acho que ela já tinha relaxado, e estava à espera que o momento chegasse.

Ruben. Com as calças tiradas, lembro-me de ela a gemer e a pedir ajuda.

Armanda - Aquele sacana do padre, "se calhar foi ela que os aliciou, mal se podia mexer direito e ia seduzir o quê?”

Ivo - Eles começaram a agredir, eu não estava presente, mas depois comecei a ver, vi uma vez eles a agredirem brutalmente, mesmo. Com paus, com pedras, pontapé, mesmo agressivo.

Foi eu que me lembrei, porque eu já conhecia aquilo muito bem, lembrei-me que tinha aquele buraco com água, aquele poço, e depois ficamos a olhar “vamos mesmo fazer isto?” e vai um chegou, e deu assim com um pé e caiu lá em baixo, e depois decidimos que isto agora ninguém sabe de nada, e agora vira ossos, e vira pó, e morreu aqui e pronto.

Jó - Foi um percurso de assimilação (O de Gisberta), foi assimilar-se a passar despercebida

Susana - “Vou te fazer a mesma coisa que fizeram ao brasileiro”

Ivo - “Se alguém me tentasse matar, eu matava-o primeiro”

Ivo - “no meu ver não foi por ser transexual...”

Ruben - Eu acho que sim

Ivo - como as pessoas disseram que foi um crime homofóbico...

Ruben - eu acho que foi...

Ruben - para mim era completamente estranho

Jó - E o raciocínio desse modelo estereotipado de pronto um homem tem uma pilinha e uma mulher uma vagina, e as pessoas não conseguem sair daí, as pessoas não conseguem conceber que tu tens vários degraus, e que tu tens a liberdade porque a tua mente é suficientemente flexível, para subir degraus e descer degraus

Ruben - quando me disseram que havia um homem com mamas, reprovei logo, por causa do meu machismo, da cena, fodasse eu sou um homem caralho, nunca aceitaria ver um homem querer ser uma mulher, para mim, um transexual minha nossa.

Jó - se existe no corpo tanta flexibilidade, como é que não pode haver na mente também?

Ruben -é como num bairro um miúdo ser gay, já sabe qual é a resposta que lhes dão, não há abertura suficiente, né? E por isso que eu continuo a dizer que era por ser um transexual.

Jó - é assim não me chocou nem mais nem menos, não me chocou sequer que fossem os miúdos, os miúdos são o elo mais fraco, os miúdos no meio nesta situação toda são de facto o elo mais fraco, e por uma vez que tiveram a oportunidade de a um elo que estava acima do elo deles, então malharam em cima. A Gisberta não foi o único caso, há muitas outras Gisbertas antes da Gisberta, da Diana que foi abandonada no Monsanto e que foi estrupada por policcias, da Venezuelana que foi morta na casa dela pelo amante, à facada, e foi atirada da janela, eu recebo emails do mundo inteiro, é raro o dia que não seja do assassinato de uma pessoa trans, na Turquia, no Brasil, Peru, Equador,

APÊNDICE 4

GUIÃO

“Seu Nome era Gisberta”

Sérgio Galvão Roxo

0. Antes da Experiência

Imagem de Teste para focar e regular cada pessoa

0.1

Iniciamos a experiência com as mensagens institucionais, um aviso sobre a experiência.

Logo ESECS | Assuntos Sensíveis, etc.

Ato 1 - Brasil até aos 18 Anos

No decorrer deste Primeiro Ato iremos acompanhar alguns excertos da história de Gisberta

Salce até aos seus 18 anos, momento em que decide sair do Brasil e emigrar para a Europa.

Cena 1.1 - Gisberta e a Infância

Espaço vazio. Lentamente começa a aparecer um cenário, vemos uma casa, uma cerca e algumas árvores, é um ambiente rural. Surge uma fotografia da infância de Gis, onde uma pequena Gis começa a movimentar-se, saltando da fotografia para o cenário. Dança. Imagem de Gis ao espelho. Aparece uma televisão que passa uma reportagem “Hunting Season - Rita Moreira” sobre transfobia, enquanto aparecem recortes de jornais da época. Gis faz as malas e aguarda numa parada de ônibus. Imagem desvanece.

A História é contada desde a infância de Gis até sair do Brasil por medo.

Este é o início do projeto, é neste momento que começamos a conhecer um pouco sobre a história da Gis e da violência vivida no Brasil nos anos 80.

Texto Narração:

- Nascida a 5 de Setembro de 1961. Gisberta Salce, ou Gis, era a caçula da família. Tinha uma pele mimosa, muito branquinha, era “a bonequinha de brinquedo” de suas irmãs. Dançava com as roupas delas, brincava com as meninas e corria atrás das galinhas e dos patos que ajudava a criar. “Alegre, para ela tudo era brincadeira”

- Sua mãe, acreditando que havia algo de errado com Gis, a levou no médico. Suas irmãs a acolheram, apesar de Gis não se identificar com o seu corpo
- O mesmo não pode ser dito do seu Pai ou dos seus irmãos. No seu diagnóstico médico foi dada como sendo uma criança mimada. Passou a ter atenção no que vestia, de forma neutra em frente da sua família, mas **diferente** “na casa dos amigos”.
- Assustada, não queria que as agressões violentas dos seus irmãos, quando a viam de vestido ou maquiada, se repetissem.

Aos 14 anos, após a morte do seu Pai, conta para a sua Mãe que é uma mulher.

- Seu irmão falou ... “Uma coisa é ser o que ele era. E uma coisa... é o contrário do que Deus fala. Então, mesmo assim, eu amava ele. Só não amava o que ele era”.
- Com 18 anos, Gis viu um aumento de crimes transfóbicos e homofóbicos em todo o Brasil, apoiados pelo Governo Militar, arrasando Casa Verde em São Paulo, o lugar onde vivia.
- Alguém próximo de si fora assassinado. Nessa época, uma companhia de dança a convidou para partir para França, e Gis aceitou.

Ato 2 - Visualização dos “dois lados da história” - Tomadas de Perspetiva

Imagem:

Ouvimos o texto como se tivesse vindo de uma chamada telefónica.

A experiência está dividida entre dois espaços.

Num primeiro vazio, vemos umas pegadas no chão, Gisberta aparece e caminha de longe “até mais perto de nós”.

No outro lado da imagem vemos o prédio onde Gisberta viveu.

Vemos a tenda a aparecer, seguidamente vemos três Jovens a Grafitar;

Temos uma parte da história do seu passado com um dos jovens, “F.”, vemos uma foto Gisberta com “F”;

Passamos para a Imagem Gisberta sentada com os 3 Jovens iniciais a cozinhar e a conviver.

No final desta cena, a outra metade começar-se-á a transformar como se fosse um palco para as conversas que partilhavam.

Texto Narração:

- Glória, uma irmã de Gisberta, liga pedindo que volte para o Brasil. Uma amiga tinha encontrado Gis e a sua situação a preocupava. Tinha medo do que pudesse acontecer, mas Gisberta rejeitou voltar.

- Perto do Natal, tinha-se mudado para o subsolo (Cave) de um prédio abandonado. Não tinha água, nem luz, era conhecido como o “Pão de Açúcar”. Tinha 45 anos e vivia numa tenda improvisada que construiu entre uma parede e um pilar, suportada por quatro barrotes de madeira, onde assentara três placas de plástico. Era “um lugar escuro, úmido e vazio”, apenas a 500 metros do apartamento onde morou mais de uma década.

- Durante o dia, o espaço costumava ser frequentado por jovens que grafitavam as paredes, havia um parque de estacionamento no andar de cima e à noite era um local de prostituição.

- Um dos jovens, N. acompanhado por outros dois, F. e I., reconheceu Gisberta, correndo para ela. Gis, como a tratava, tinha sido colega da sua mãe, viveram juntos e tinha tomado conta dele quando pequeno. Era na verdade, um reencontro com uma amiga, Gis tinha sido até convidada para várias festividades da família.

- **Então o que fazes agora?** - perguntou-lhe. Gis respondeu que não tinha para onde ir.

- Desde o final de Dezembro que N., F. e I., mantiveram amizade com Gisberta, roubando comida e cigarros para ela. Partilhavam refeições nas pausas de almoço da escola, fazendo arroz e salsichas, enquanto Gisberta contava histórias da sua vida.

Cena 2.2 - Tomadas de Perspetiva I.

A partir deste momento será possível observar a história de Gisberta nos dois lados da sua vivência. De um lado o seu passado e do outro os momentos precedentes a ter chegado ao “Pão de Açúcar”. Neste estaremos a trabalhar como um exercício de imaginar-se-ao-outro.

imagem: Metade da imagem teremos ocupada com os jovens e outra com o passado de Gisberta.

No passado faremos uma viagem aos tempos de transformista internacional, veremos postais enviados para familiares e uma fotografia com uma amiga. Vemos Gisberta a dançar com Plumas.

Vemos as Assinaturas de Gis, agora “Gisbert”.

Chegando ao Porto vemos Gis a trabalhar como garçonete num bar na cidade do Porto.

Texto Narração

- Desde criança que Gis dançava e cantava, adorava teatro, cinema e música! Quando foi para Paris iniciou a carreira de Transformista e artista de cabaré.
- Aí Gisberta fez uma grande amiga que a convida a visitar Portugal, vão pra Lisboa e para o Porto, onde acham uma “agente artística”.
- As duas percorrem o circuito dos grandes cabarés na Bélgica e na França, chegando mesmo a actuar no Moulin Rouge.

- Passou por muitos lugares e fazia sempre questão de mandar postais para sua cunhada, tendo atenção a como escrevia o seu nome. “Gisbert”.

- Gis “costumava dizer para as amigas que por pior que fosse o preconceito na Europa, pelo menos ali pareciam reduzidas as chances de ser vítima de um crime de ódio.”
- Deixara seu país apavorada com os casos, cada vez mais frequentes.
- Em 1981, com 20 anos, se muda para o Porto, em Portugal.
- Seus cabelos loiros, aspeto espampanante, calças de ganga com botas Texanas, fizeram furor. Trabalhou como empregada em discotecas e fazia espetáculos, no Bustos, no Sindicato, no Moinho de Vento e também no Karaté...
- “Quando chegou à cidade, no início dos anos oitenta, Gisberta era um espanto. Loura, corpo perfeito, implantes dentários, lentes de contacto coloridas e muitas joias”

Cena 2.3 - Tomadas de Perspetiva II

Imagem: Começam a aparecer os 14 Jovens pelo cenário, uns cada vez mais próximo da tenda, têm na mão diversos objetos, como pedras e barrotes, vemos já Gisberta deitada no chão.

Vê-se na zona da tenda elementos perdidos como lixo, barrotes, etc.;

Vemos Gisberta (cabelo a voar) na varanda da sua Janela, com os seus dois cães na rua a brincar; Imagem da Gis a Dançar o Nobre Vagabundo com a Letra, como num karaoke.

Momento Gisberta com os seus cães.

Texto Narração

- Em Janeiro de 2006, começam a ser partilhadas pelas Oficinas de São José, na EB 2,3 Dr. Augusto César Pires de Lima e no Centro Juvenil de Campanhã, histórias de encontros com um “homem com mamas”, que se parecia mesmo com uma mulher”. - Mais sério
- Gis vivia com Leonardo e Carolina, “os verdadeiros amores da sua vida”, dois Yorkshire Terriers, num T0 na Travessa do Poço das Patas... seu “palácio”.

(Imagem da Gis a Dançar como o Vídeo clip do Nobre Vagabundo)

(Vários Jovens com pedras nas mãos, surgem)

(Imagem Gisberta com os cães)

- "Quando veio o êxito do Feijão com Arroz, personalizava como ninguém a Daniela Mercury. Tinha o cabelo comprido como ela, sotaque, sabia dançar o samba, era comunicativa e alegre como ninguém."
- "Era uma mulher Linda, Até o meu catequista se apaixonou por ela - Disse sua amiga.
- "tinha sempre, a casa impecável, os cães com as vacinas em dia". Dispensava quase todo o afeto que dispunha para os animais, não queria saber de namorados, bastavam-lhe os bichinhos".

Começam a ser lançadas as primeiras pedras, vemo-las a ir de um lado para o outro, caindo em cima dos cães. Esse movimento leva-nos a olhar para trás, observando que chegou mais um grupo de jovens e que começam a atacar Gis.

- Leonardo caiu doente, morrendo poucos dias depois de apresentar os primeiros sintomas. Sobrou-lhe Carolina, mas não por muito tempo
- - um dia a cadelinha escapou pela porta, correu na direção da rua e foi atingida por um veículo e acabou não resistindo.
- Gisberta caiu em depressão

- Não te disse já que não te queria aqui? disse D.

(Gisberta cai ao levar com uma pedra)

- “Gisberta reportou, aos técnicos do Espaço Pessoa, que andava a receber ataques no local onde vivia.

2.4 - Tomadas de perspetiva III

Imagens: Imagem Passaporte com Gravata e fato e Cabelo comprido apanhado; Imagem Gisberta Candeeiro, Imagem Gisberta ao Espelho; Cenário Rua Gonçalo Cristóvão, Imagem álbum de fotografias (com as imagens anteriores e outras montagens); Imagem de Gisberta na Praia com o vento no seu cabelo loiro.

2.4 Texto Narração

- No seu passaporte, sua imagem não correspondia.
- Fato (Terno), gravata e um nome morto.
Sem qualquer proteção social ficava impedida de ultrapassar a discriminação laboral que todas sentiam. Quando mostravam os documentos com sua identidade, tudo acabava.
- Uns diziam “Muito obrigada menina, mas a vaga já está preenchida”, outros nem disfarçavam, “o filho da puta... É um gajo!”, às vezes perguntavam para o patrão: "Não tens vergonha de ter aqui uma pessoa destas? Também és maricas?". Muitas vezes, para sobreviver viam-se forçadas a desempenhar serviços sexuais.

- “O local de trabalho de Gis acabou por fechar. Sua identificação foi roubada. Não tinha mais estabilidade financeira. Sem contrato, não podia renovar seu visto. E sem visto, Gisberta estava ilegal. Gisberta começou a prostituir-se mais frequentemente.
- Numas noites ficava na Rua de Santa Catarina, noutras no cruzamento da Bonjardim com a Gonçalo Cristóvão. Conhecida por ser a “mais bonita”, “tinha muita procura”.
- Mal paga e maltratada, “Para aguentar o frio e a dureza da vida” acabou por recorrer às drogas.
- “Em 1996, recebe um diagnóstico: estava seropositiva.”
- Pouco a pouco, “Gis deixou-se levar para a sombra”
- Em 1999 deixou de pagar a renda, em 2000 já não saldava as contas. “Vinha para a rua maquilhar-se à luz dos candeeiros, ~~porque~~ não tinha eletricidade em casa”
- Em 2001 abandonou definitivamente o seu palácio e fez a rota das pensões na Baixa.
- Nesses dias uma amiga a encontrou na rua e a convidou para um café. “Tinha dificuldades em andar e em falar, usava um gorro de lã e um sobretudo verde, comprido. Pensou para si mesma “Não era a Gisberta que conhecia há 20 anos...”
“A sociedade que vivemos leva as pessoas a desistir”

(Momento álbum de fotografias no Espaço Pessoa)

- Gis visitava o Espaço Pessoa, era conhecida por ser amável e por partilhar fotografias. Todos notavam que tinha tido uma experiência de vida muito rica e que mantivera contactos com imensas pessoas. Correrá alguns países e estava sempre informada, comentando a atualidade com técnicos e utentes do espaço.
- Serena, tinha sempre um sorriso. Uma forte individualidade, muito segura de si e muito divertida. “Uma pessoa amiga dos amigos, que se podia contar com ela”; “As mulheres olhavam e diziam: quero ser como ela... ninguém lhe conheceu qualquer desabafo de amargura para com a vida.”
- Dois anos antes, em 2004, Gisberta foi ver sua família. Ficou dois meses em casa da sua mãe, “estava bem, estava feliz” disse uma das suas irmãs, “Até fomos à Praia”.
- A 21 de Novembro de 2005 foi hospitalizada, com o apoio da Associação Abraço, tinha Tuberculose Pulmonar, Pneumonia staphylococcus aureus e candidíase laríngea, provocando-lhe astenia, anorexia, febre, anemia, mialgia e dificuldades respiratórias.
- Depois de ter alta foi para a comunidade terapêutica “O lugar da Manhã”, em Setúbal.
- A Abraço participou do seu caso ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Gis fugiu passado uma semana, “revoltada com o que lhe tinham feito.”
- Em dezembro desse ano tentou refugiar-se numa casa ocupada na Rua Santos Pousada, mas acabou por assentar no Subsolo do “Pão de Açúcar”,
- um lugar “que achava ser seguro”.

- Se isolou, se escondia das pessoas, mas dizia sempre que estava bem”.
- Seu sobrinho disse que “quando a Gis saiu daqui, o sonho dela era comprar uma casa para a sua mãe”

Ato 3. Sequência Investigador

3.1 Sequência Investigador I

Imagem: Pássaros que estavam na Praia passam agora a ir a caminho de Gisberta de trás da imagem); O Cenário começa-se a fechar. Pilares rodeiam o cenário e atravessam a praia enquanto ela desvanece. Ficamos fechados dentro do prédio. Vemos os pássaros por cima do corpo, como abutres. Os jovens estão à volta do corpo de Gis.

Texto Narração:

- “Os psicólogos infantis dizem que isto é fenómeno de bandos e que basta um começar para os outros irem todos atrás, "as crianças são como os pássaros, andam em bando".

3.2 Sequência Investigador II

Imagem: O cenário fica vazio. O Prédio desvanece. Começa a ouvir-se o vídeo da RTP, é o relato de um corpo encontrado; Vemos os objetos no chão, destes vão surgir os jovens. Estamos agora limitados à realidade dos acontecimentos, a violência perpetrada a Gisberta.

Durante o vídeo aparecem elementos vistos da perspectiva de uma amiga de Gis: Uma TV e uma tábua de passar a ferro. Passam excertos de várias reportagens.

Texto Narração:

- “O corpo de "um homem com mamas", dizia o locutor - retirado do fundo do poço de um edifício abandonado no Porto.
-
- A amiga de Gis parou.
- Não sabiam nada sobre a vítima. “Ai, meu Deus.”

- ” Era Fevereiro de 2006, o repórter estava embaralhado
- Se tinha genitália masculina, porquê aqueles peitos? Como exibia um rosto tão delicado?... tão perturbadoramente feminino?

- “Não me digam que é a minha Gisberta.”

(No cenário vemos uma maca mortuária, um corpo dentro de um saco branco fechado)

- “No dia seguinte à notícia, sua amiga foi no Instituto Médico Legal do Porto.”
“Na Sala de identificação, pôs-se diante de um enorme saco branco, cujo zíper foi delicadamente aberto pelo funcionário da repartição... deixando à mostra uma cabeça
com cabelos loiros, de olhos ainda abertos, azuis, “como a olhar para o infinito”.
- O saco foi aberto até aos pés de Gis, descortinando seu pescoço, mãos, barriga e coxas.
Feridas recentes, cortes abertos, hematomas, queimaduras de cigarro.
- “Ai, a minha Gisberta” chorou a amiga “toda partidinha, machucada a pau, estropiada”.

(No cenário desaparece a maca, começam a aparecer os objetos no chão a nossa volta)

- Foram encontrados: Um colchão; dois cobertores, um deles amarelo; um casaco de ganga com forro amarelo; uma écharpe de malha; várias peças de roupa emaranhada; uma camisola de malha azul; um par de luvas; um sapato preto; um pente; dois batons; um rímel; um eyeliner; uma Gillette; uma pequena caixa com dois espelhos; seis preservativos; pedaços de jornal; pacotes de bebida vazios; comprimidos Parlodel 2,5 mg; uma receita médica do Hospital Joaquim Urbano; um cartão de utente da instituição “Coração da Cidade” com o nº 132.
- Quando “Os bombeiros, foram chamados a resgatar a vítima, ainda se terão cruzado com alguns dos jovens, que tinham ido no prédio perceber se teriam deixado

vestígios.”

(Começam a aparecer Jornais na imagem)

- O tribunal disse que tudo começou nos primeiros dias de Fevereiro, quando três rapazes - “que até eram amigos da vítima e lhe levavam comida, criaram uma relação com quem diziam ser “um gajo com mamas que se parecia com uma mulher”.
- Entre Dezembro de 2005 e Janeiro de 2006, os jovens frequentavam o local onde Gisberta vivia. Um deles conhecia-a, apresentando-a como Gis. Gradualmente começaram a espalhar a notícia que conheciam “um travesti”, que “até tinha mamas”, que fizera “operações à cara” e que se parecia “mesmo com uma mulher”.

- “Os Gestos de compaixão deram lugar a agressões”,
- “o tribunal de menores não encontrou uma explicação para esta alteração de comportamento.” “Três meses de investigação e 16 audiências (...) não chegaram para encontrar as razões”.
- O Tribunal decidiu não utilizar as provas recolhidas na fase de interrogatório e chamar-lhe por um nome que não era o seu.
- “a sua intenção seria apenas divertimento”

- ‘Não te disse já que não te queria aqui? disse D.

- Em conversa com uma jornalista, D. é questionado: O que havia nela que dava vontade de rir?
- Vestia-se de mulher.

- "Um dia, um lembrou-se de lhe bater. e os outros foram atrás" "vamos lá gozar com ele", "vamos dar porrada na Gis".
- "Nesta história só se conhece o princípio e o fim. Não se conhece o meio"

3.3 - Sequência Investigador III

Imagem: Fechados no prédio começam a aparecer painéis com detalhes sobre o que aconteceu a Gisberta naqueles dias. Os painéis têm pássaros em cima deles. Será que dará para interligar os fios de um dia com o outro? tipo um assunto começam dia e vai até outro?

Todo o texto com fundo Cinzento não será narrado, aparecerá escrito na imagem, é apenas informativo.

(Começa a aparecer um painel com os nomes dos jovens, à medida que eles são mencionados)

Narrado:

12 de Fevereiro de 2006, domingo, ...

(Escrito) Segundo D. começaram neste dia.

“os outros já iam lá há mais tempo, Alguns não estavam no julgamento. Eles estão lá fora, na boa, ya. Disse D

Narrado:

Pelo menos 14 jovens estiveram envolvidos na morte de Gisberta, um tinha 16 anos, os outros eram mais novos, tinham entre 12 a 15 anos”.

Narrado:

A justiça disse que estes jovens a torturaram por mais de 48 horas e que demonstraram “desprezo pela vida humana”.

Ainda assim considerou que aqueles - que a espancaram e a lançaram a um fosso, ainda com vida, não cometeram homicídio.

“Tinham o hábito de sair à noite à procura de homossexuais com o intuito de lhes bater”

(Escrito) (Painel Nomes dos Jovens escreve-se “terão sido mais?”) "Eu atirava pedras aos cães." foi dito em depoimento por vários colegas de V.

Narrado:

15 de Fevereiro de 2006, Quarta-Feira, ...

(Escrito) “Segundo o acórdão...”

Narrado:

“Os jovens tinham começado a “dar porrada na Gisberta”” neste dia. - Ficou em Falta!

Escrito) Pelo menos desde dia 12 de Fevereiro

“À hora do almoço. Gisberta estava dentro da tenda e D. gritou-lhe: “Não te disse que já não te queria aqui?”

“ela saiu, suplicando que a deixassem estar, que não tinha para onde ir”

“F. e I. atiraram-lhe pedras”.

(Escrito) “F. empunhou uma pedra (...) e arremessou-a (...) atingindo na região frontal e na parte anterior da região parietal esquerda”,

Narrado:

Gisberta “caiu no chão, sangrando” ...

(Escrito) D. fez lhe uma rasteira, “provocando uma nova queda”.

Narrado:

V. gritou para lhe baixarem as calças...

(Escrito) “queria ver se tinha pénis ou vagina”.

Narrado:

Todos os presentes se lançaram sobre Gisberta, agredindo-a

(Escrito) “agrediram-na a murro e pontapé”

Narrado:

“com dores, Gisberta começou a gritar”

(Escrito) A "sociedade está perplexa", referiu um juiz

Narrado:

“V. disse estar arrependido, mas sem nunca mostrar essa emoção”

(Escrito) O juiz-presidente questionou a "imensa crueldade".

Narrado:

"Não foi um acidente.

R. enviou uma carta durante o julgamento de V., desejando-lhe força

“Vamos livrar-nos desta m..., pá!”, “nada nos vai acontecer”

Narrado:

16 de Fevereiro, Quinta-Feira, ...

O grupo inicial encontra Gisberta “deitada em cima de um colchão,

- tremia, falava num tom quase inaudível e apresentava sangue já seco na cabeça”, perguntaram se queria ajuda, respondeu que apenas queria um cigarro e que “a deixassem em paz”.

Narrado:

“Ao sair do prédio, encontraram outros três rapazes e disseram-lhes que já tinham estado lá "Mais ninguém podia bater”, porque Gis “já estava muito mal”, eles ignoraram.

“Foram substituídos por seis do mesmo grupo”,

T. disse a J. para despir a Gis, mas ele se recusou

(Escrito) porque “ela cheirava mal e tinha sida””;

Narrado:

“Is. e outros, arremessaram pedras e a bateram com paus nos joelhos e pernas de Gis. Gisberta gritou e o grupo fugiu.

(Escrito)” Voltaram, voltaram a ordenar-lhe que levantasse”, Respondeu que não conseguia” “voltaram a agredi-la com paus e ao pontapé”.

Enfiaram o pau no ânus? “Sim, disse I., (Escrito)

Narrado:

“No processo se lê "Deitada no chão e impossibilitada de se defender devido à sua debilidade física e à superioridade numérica dos agressores, Gisberta apenas se encolhia e cobria com o cobertor, gritando “não faz isso, cafajestes!”

“depois das agressões, (...) destruíram o abrigo de Gisberta”.

Narrado:

A expressão "vamos dar lenha à "Gis" era usada de forma recorrente, sempre que os jovens pretendiam exercitar a violência”.

(Escrito) Não são um gang, porque não havia espírito de grupo, nem liderança definida. (Escrito) juízes do tribunal

Narrado:

18 de Fevereiro, Sábado, ...

(Escrito) 14h30

Narrado:

“Gisberta estava fora da tenda, deitada de lado, tapada com um cobertor e só com a cabeça descoberta” “D. ordenou-lhe que se levantasse, ela murmurou que não conseguia, que chamassem uma ambulância, que estava muito mal. Eles continuaram a bater-lhe”

(Escrito) “D. empurrou um dos barrotes de cerca de 1,5 metros de comprimento e 20 centímetros de diâmetro que antes seguravam a tenda.

Narrado:

Gisberta sofreu novo golpe no abdómen” “durante as agressões”

(Escrito) “Gisberta chorava.

Narrado:

Chorava compulsivamente.” “devido às dores que sentia”

(Escrito) “eles iam lá mais vezes. Não só os do colégio, também os outros.

Acho que iam lá de noite e tudo.” disse D.

Narrado:

O delegado do Ministério Público que fez a instrução do processo disse

“Ouvi todos os rapazes que a agrediram e percebi que estavam conscientes do seu ato, das várias etapas do processo que levou à morte da Gisberta”.

(Escrito) “Não foi crime de ódio, foi crime de grupo”, Garante que não havia julgamento, havia sim “curiosidade”” - advogado de defesa

Narrado:

19 de Fevereiro, domingo, ...

(escrito) “Dia que as coisas complicaram”

Narrado:

Gisberta estava deitada no chão” “ao lado do colchão (...) com a cabeça voltada para a parede, imóvel.” “Vestida com uma camiseta e nua da cintura para baixo” “Já não conseguia falar, só conseguia gemer, baixinho.”

“R. tocou-lhe nas pernas com uma espécie de vara mas ela não se mexeu” “Eles convenceram-se que ela estava” morrendo.

(Escrito) “O tribunal não ignora que, embora os rapazes estejam a ser ouvidos separadamente, os depoimentos são depois comentados entre eles”,

“durante a fase de julgamento” os miúdos encontram-se internados juntos o que possibilita a troca de informações. (Escrito)

(Escrito) Durante o julgamento os jovens confessaram que a agressão a Gisberta foi sem qualquer motivo aparente, a violação por terem curiosidade em saber se seria homem ou mulher.

(Escrito) Segundo os jovens, agredir Gisberta era “um passatempo”, e segundo o tribunal “Daquela vez, descontrolaram-se. Espancaram-na, queimaram-na com pontas de cigarro e, "por curiosidade", sujeitaram-na a sevícias sexuais.”

(Escrito) Para a psicóloga chamada a julgamento, “Talvez não tivessem atacado Gisberta se tivessem atividades desportivas e recreativas, algo capaz de os entreter nos tempos livres”.

Narrado:

“Gisberta pediu-lhes ajuda e implorou-lhes que a levassem ao hospital”.

Narrado:

20 de Fevereiro, Segunda-Feira,:

(Escrito) “Gisberta estava inanimada”

Narrado:

21 de Fevereiro, Terça-feira, ...

“viram-na deitada, dobrada sobre si mesma. Parecia que não se tinha mexido desde a última vez que a tinham visto” “Falaram com ela, mas ela não reagiu”

(Escrito) Estava “despida da cintura para baixo, com um pau enfiado no ânus”. (Escrito)

Dava “sinais de que não respirava, apesar de terem colocado junto à sua boca a chama de um isqueiro aceso”. (Escrito)

Narrado:

“Alguns deles achavam que tinha direito a “um funeral”

“Primeira hipótese: enterro.

Foi descartada, porque não tinham utensílios para cavar um buraco.

Segunda hipótese: incendiar o corpo.

Desistiram da ideia, “com receio de que” a fumaça “pudesse atrair a atenção de alguém, como os seguranças do parque de estacionamento”.

Escolheram a terceira hipótese

e recolheram todos os paus que tinham servido para as agressões.”

(Escrito) Jornalista pergunta a D.

“Durante aqueles dias, nenhum bateu mal e disse: “Estamos a fazer mal a uma pessoa?”

- Não
- Os piores estão lá fora na boa

E porque não os indicaste?

- A gente não disse porque a gente não somos chibos.
(Escrito)
- “pensaram em desfazer-se do corpo, mas desistiram porque tinham de ir às aulas”

Narrado:

O relatório da perícia de personalidade detetou “distanciamento emocional” e incapacidade “para se colocar no lugar da vítima.”

(Escrito) “Lesões na cabeça, pescoço, membros inferiores e superiores, laringe e traqueia, abdômen, intestinos e rins; múltiplas equimoses,

infiltrações hemorrágicas, escoriações e infiltrações sanguíneas” “Lesões traumáticas na vítima.” (Escrito)

Narrado:

“As lesões, só por si, poderiam ter levado à morte de Gisberta.

Em quanto tempo?

Este se tornaria então o crime de transfobia mais bárbara da história da cidade do Porto.

(Escrito) Em poucas horas (10/03/2006).

As lesões ficariam curadas em 15 dias (07/07/2006)

As lesões, só por si, poderiam ter levado à morte de Gisberta “numa semana”

(08/02/2008) (Escrito)

Narrado:

22 de Fevereiro, Quarta-Feira, ...

(Escrito) “o boletim do IPMA regista chuva forte nesse dia, “eram 8h30.

(Escrito)

Narrado:

I. calçou uma luva de lã na mão direita, deu outra a J. e N. envolveu as mãos num saco de plástico. Embrulharam Gisberta em mantas, ainda no” subsolo “e transportaram-na até ao poço. Enquanto a transportavam, outros 3 ficaram de vigia. “Arrastaram Gisberta uns 100 metros”

(Escrito) “F. não aguentava mais. Contou à diretora de turma, eram 14H45 e dois professores chamaram as autoridades” (Escrito)

Narrado:

“Nesse mesmo dia, o corpo foi retirado pelos bombeiros”.

Eram agora 18H50

Gisberta ficou submersa na água”,

“foi F. a dar a localização do corpo

Ato 4. 100 metros

Imagem: O Cenário anterior começa a desvanecer, começamos a ver os 14 jovens a nossa volta, somos levantados e forçados a olhar para o chão, estamos encobertos com as mantas mas vemos uma parte da imagem a sermos levados pelo espaço. No chão surge o fosso.

Narração:

“Na sentença foi dito que todos estiveram presentes. Uns bateram, outros lançaram o corpo. Mas o objetivo da sua sanção não foi puni-los, mas reabilitá-los”;

Os juízes disseram: São só garotos, “aquilo foi uma brincadeira que correu mal. Um acto grave, claro, mas devemos marcar os rapazes para a” toda a vida, “não os deixar voltar a ter uma vida normal?”

O Ministério Público falou ainda em dolo eventual, que significa que os jovens admitiram que Gisberta pudesse morrer e conformaram-se com esse facto.”

O tribunal entendeu que agrediram de comum acordo e unicamente com o intuito de se divertirem com o sofrimento alheio, revelando desprezo pela vida humana.

A jornalista perguntou a D.

- Algum disse para pararem?

- Ya, um ainda disse para parar.

- O mais velho?

- Ya. Mas quem era ele para mandar? Ninguém.

- Ninguém falou em chamar a ambulância?

- Estavam com medo. Se chamassem a ambulância, os da ambulância iam querer saber o que tinha acontecido.

Dois anos depois, no julgamento de V., que era o mais velho do grupo e por isso o único imputável, o médico-legista admite que as lesões causadas poderiam ter levado à morte “numa semana”.

Segundo o Ministério Público, os menores desafiavam-se a «dar porrada à Gi», mas dois anos depois nenhum deles se lembra de quem bateu.

Omissos, vagos, imprecisos, desconexos e inverosímeis, com memória selectiva.

Os depoimentos dados na investigação, não coincidiam com o que era dito em tribunal.

48 horas, três dias ou foi mais de uma semana? Quem bateu, quem não? Quantas vezes? Quantos foram? 14? Mais? E durante a noite? Quem ouviu?

O que aconteceu com Gis?

O parlamento europeu pediu às autoridades portuguesas para fazerem tudo ao seu alcance para punirem os responsáveis do homicídio de Gisberta. No entanto, seis foram condenados a 13 meses de internamento em regime semiaberto. Cinco foram condenados a menos dois meses. E dois a um ano de acompanhamento educativo por dolo eventual.

V., acusado de omissão de auxílio, recebeu 8 meses de prisão domiciliar, mas com um desconto de 2 meses e 5 dias pelo que já tinha cumprido, porque segundo o juiz, “a bondade não se ensina”.

A brutalidade do crime cometido contra Gisberta não comoveu toda a sociedade da mesma maneira e até intensificou um comportamento agressivo e transfóbico por todo o país.

(Cobertor sobre Gisberta - Ouve-se o som de ser arrastada e os passos dos miúdos. Som da textura do tecido do cobertor)

(Momento antes de ser atirada ao fosso: Estamos suspensos no ar, pairamos sobre um triângulo escuro no chão)

Narração:

A memória de Gisberta foi consumida pelo tempo e pelo próprio ritmo mediático... logo após a sua morte, seguiu-se um tratamento que colocou “em foco” os menores que a agrediram. Gisberta foi, lentamente, desaparecendo das primeiras páginas dos jornais e dos noticiários das televisões. Os 14 jovens envolvidos passaram a protagonistas, passaram de vilões a vítima - de maus-tratos, pela vida e pela instituição onde estiveram acolhidos. Não faltando essas peças jornalísticas à verdade, omitiram, vezes de mais, o cenário bárbaro que precedeu a morte de Gisberta. Ficou claro que a opinião pública sentiu mais compaixão pelos jovens (porque poderiam ser nossos filhos) do que por uma mulher trans brutalmente assassinada.

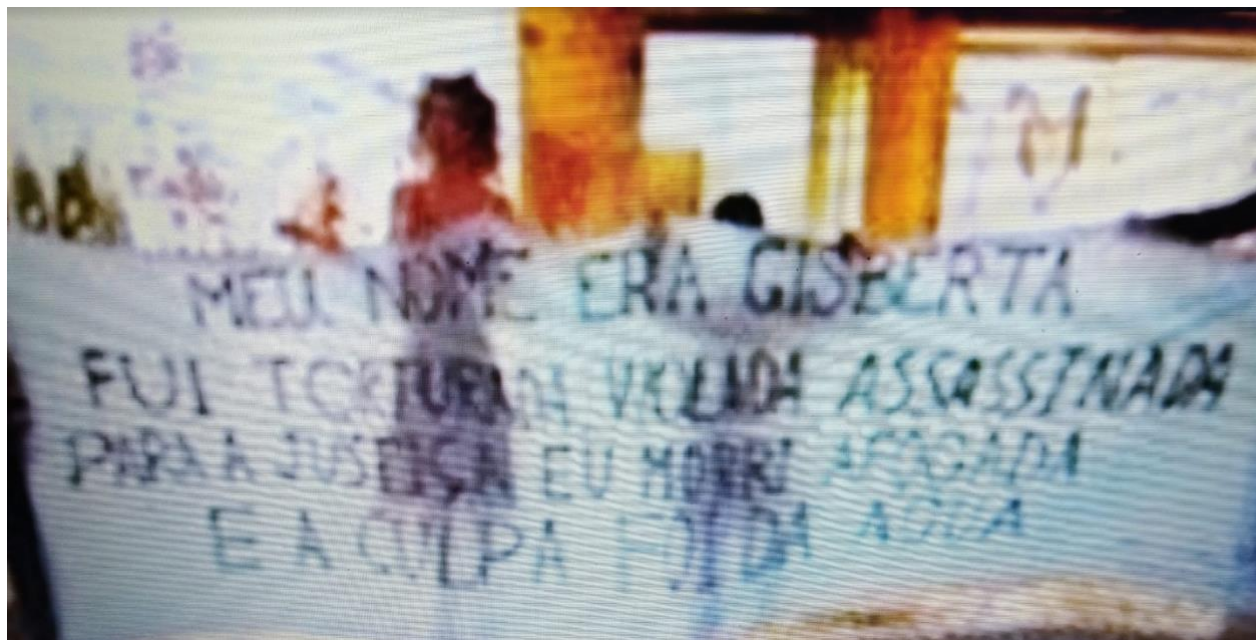
Toda a história de Gis desapareceu, ficando só o fim.

Sua irmã falou “O juiz disse que quem matou a minha irmã não foram os meninos, foi a água do poço. Não foram eles? Quem matou foi a água do poço, porque eles jogaram a minha irmã lá, **não é?**”

(Caímos no fosso. Tudo fica escuro. Ouve-se água)

Ato. 5 - In Memoriam

Imagem: Aparece escrito um estandarte com o texto abaixo escrito.



Nomes das pessoas; Texto sobre o Projeto; Créditos

Narrado:

“Seu nome era Gisberta. Fui torturada, violada e assassinada.

Para a justiça, eu morri afogada e a culpa foi da água”

Seu nome era Dandara; Seu nome era Paulette; Seu nome era Telma; Marisa; Tety;
Luna; Angelita; Lara; Rose; Susaninha; Diana; Vanesa; Pérola; Sabrina; Camila;
Brenda; Druzza; Lalesca; Thelma; Tatiana; Suzi; Gretchen; Andreia; Sarita; Ana
Paula; Bruninha; Carla; Kuana; Jessy; Evelyn; Daniella; Victoria; Bárbara; Danieli;
Ester; Natacha; Bianca; Rauany; Milena; Renata; Luise; Palloma; Maicon; Talita;
Gardenia; Jade; Franciele; Pamela; Jamile; Priscila; e todas as não identificadas

Texto Escrito no final

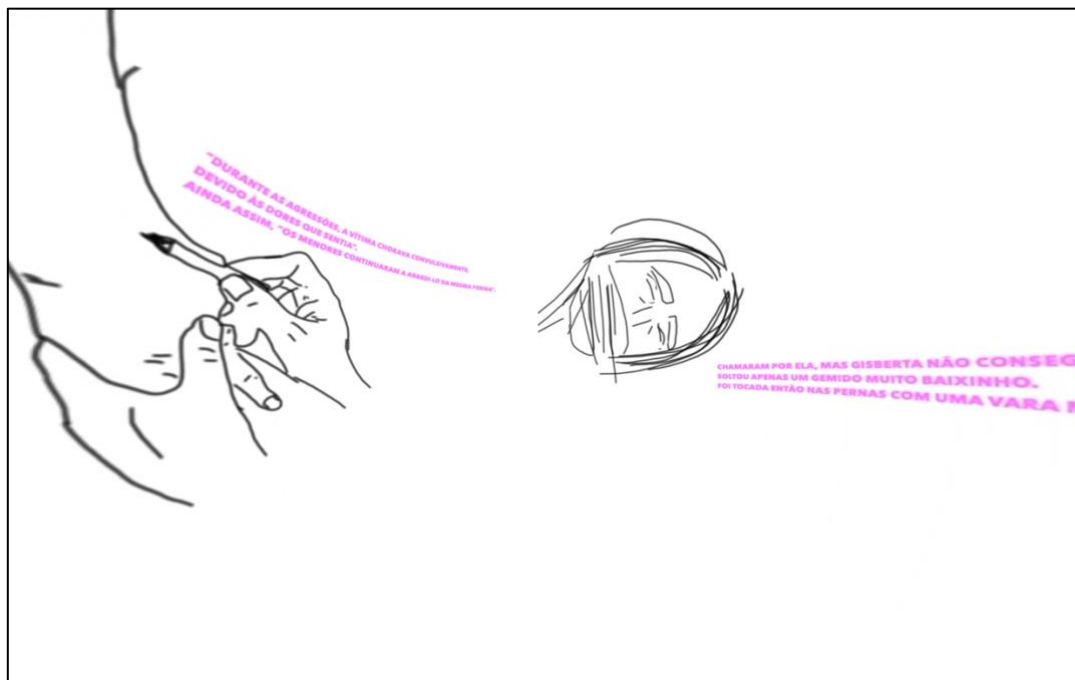
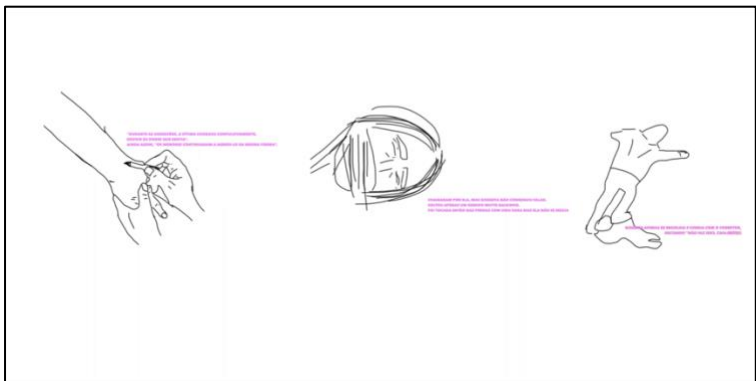
“Os relatos aqui descritos foram compilados das informações transmitidas pelos Mídias desde 23 de Fevereiro de 2006 até dia 26 de Abril de 2022, por relatos pessoais de amigxs e por outras produções feitas sobre o caso. A única pessoa que saberá o que realmente aconteceu não está cá, o que nos resta é a estranha amnésia dos que ficaram.”

Créditos e Agradecimentos

APÊNDICE 5
PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

A

Exportação

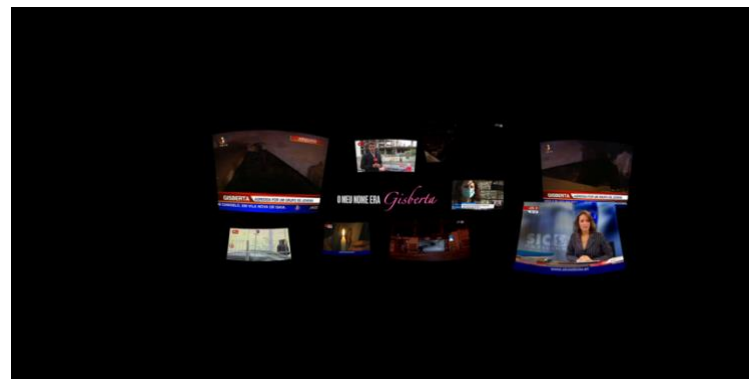


Simulação HMD

Simulação HMD



B



Exportação

Exportação

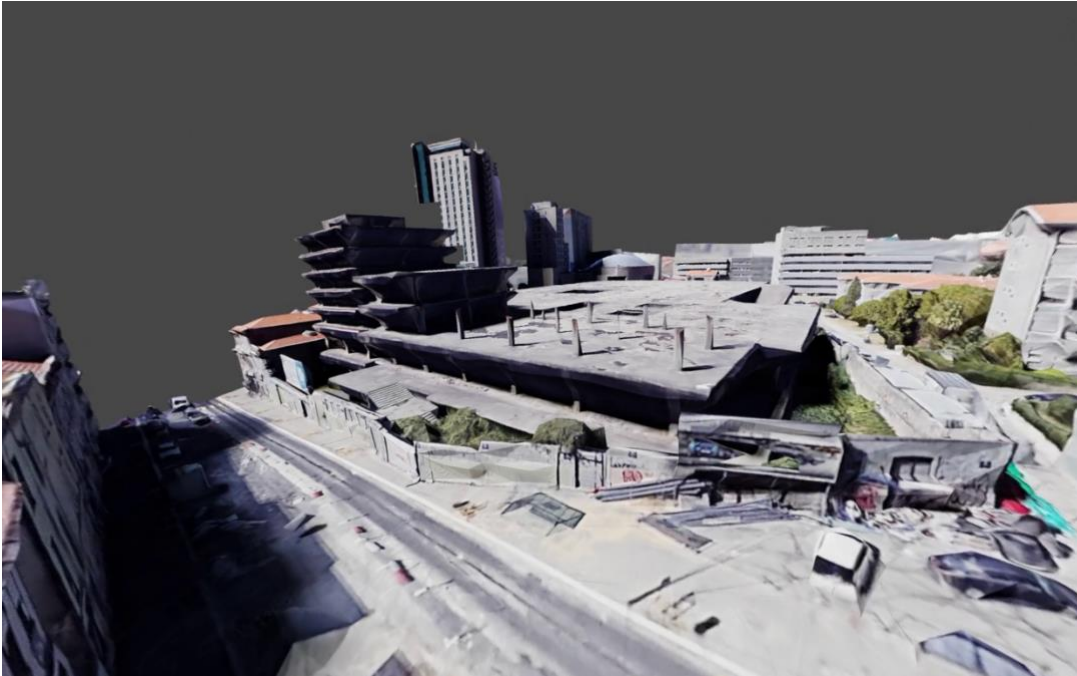


C

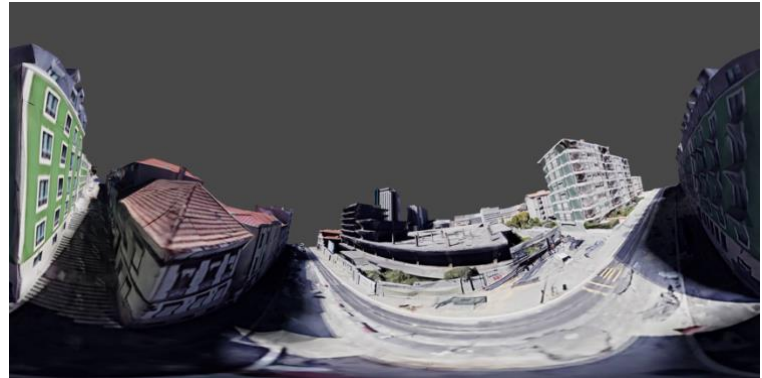


Simulação HMD

Simulação HMD



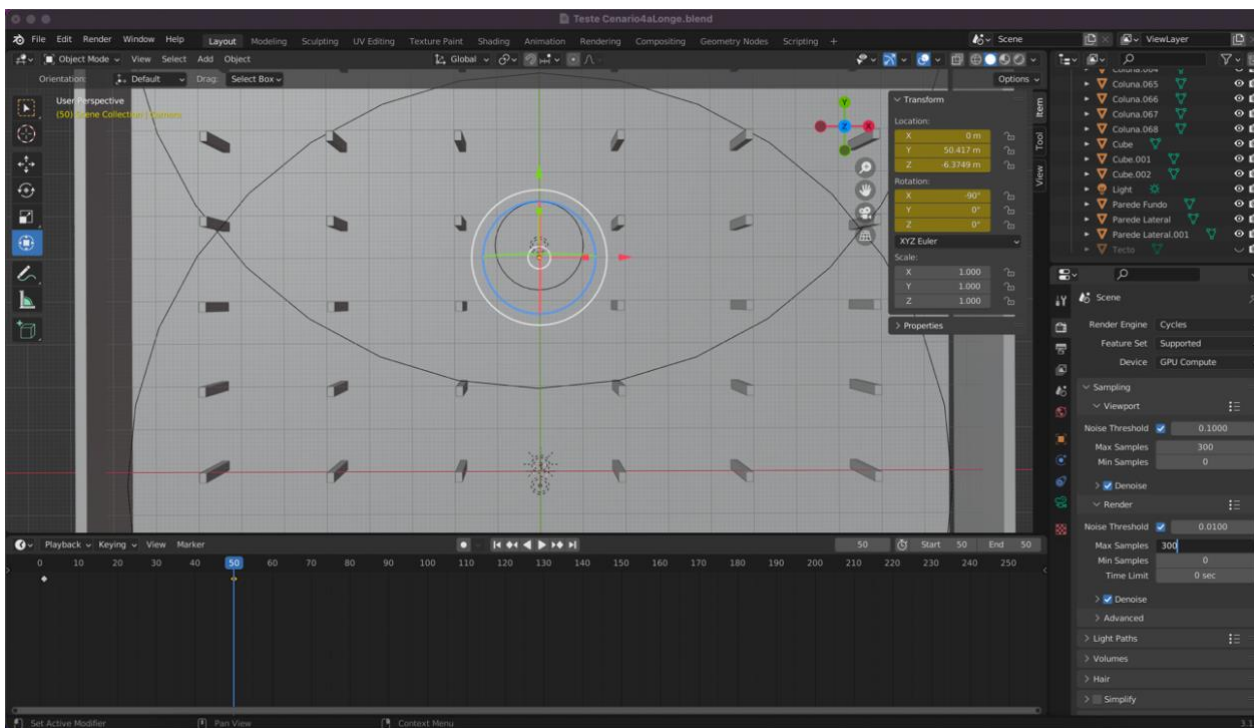
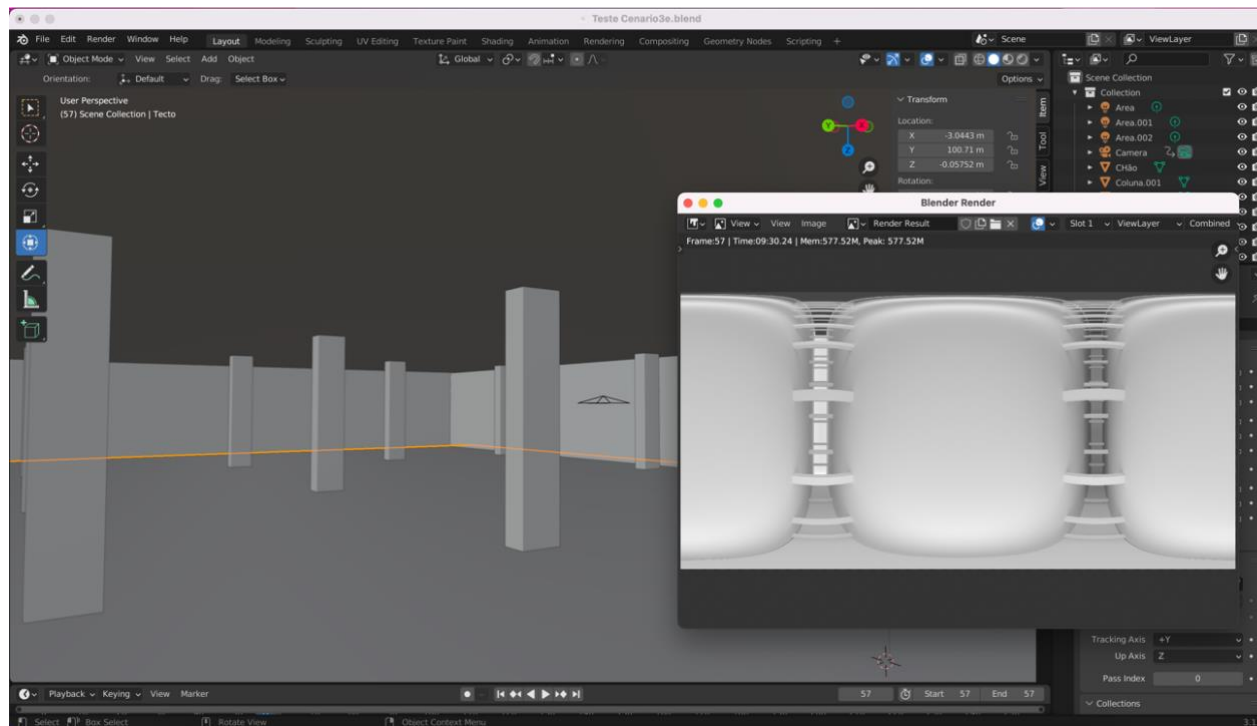
D



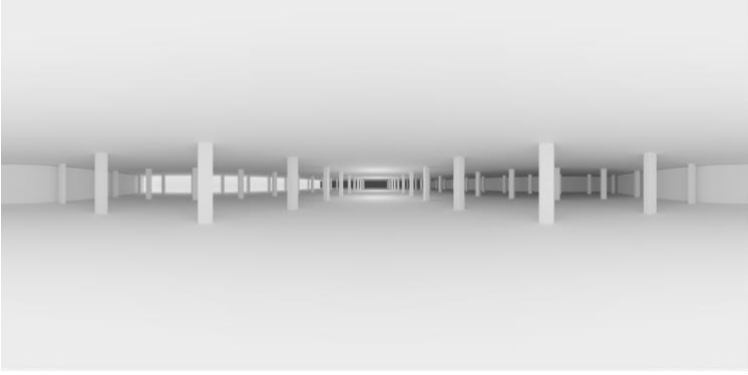
Exportação

APÊNDICE 6 COMPOSIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

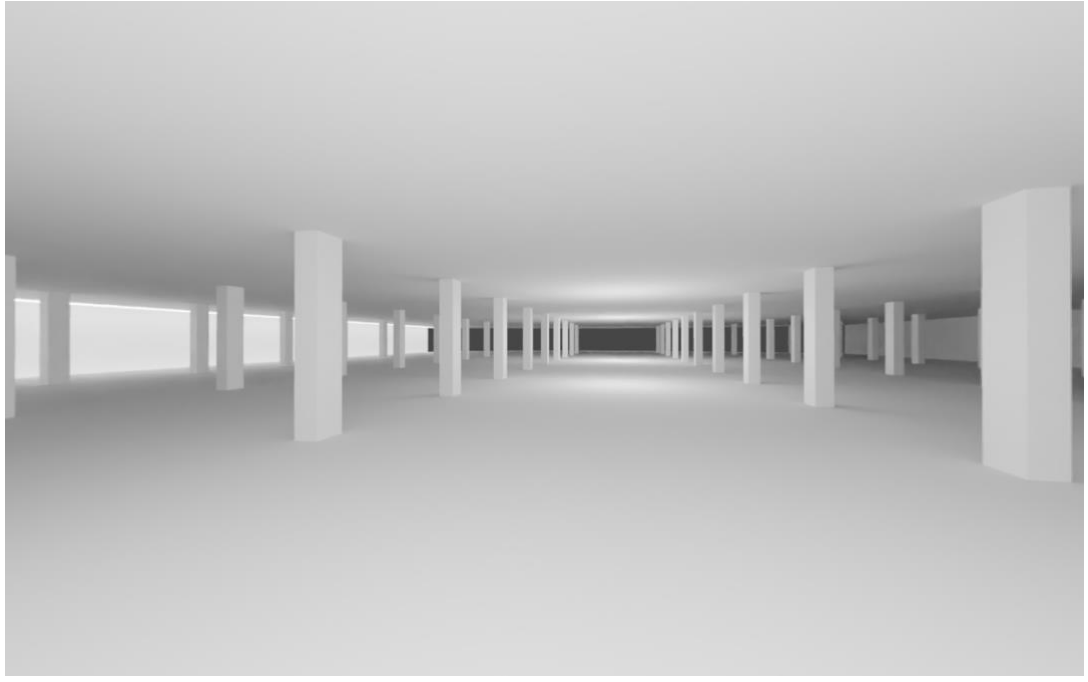
A



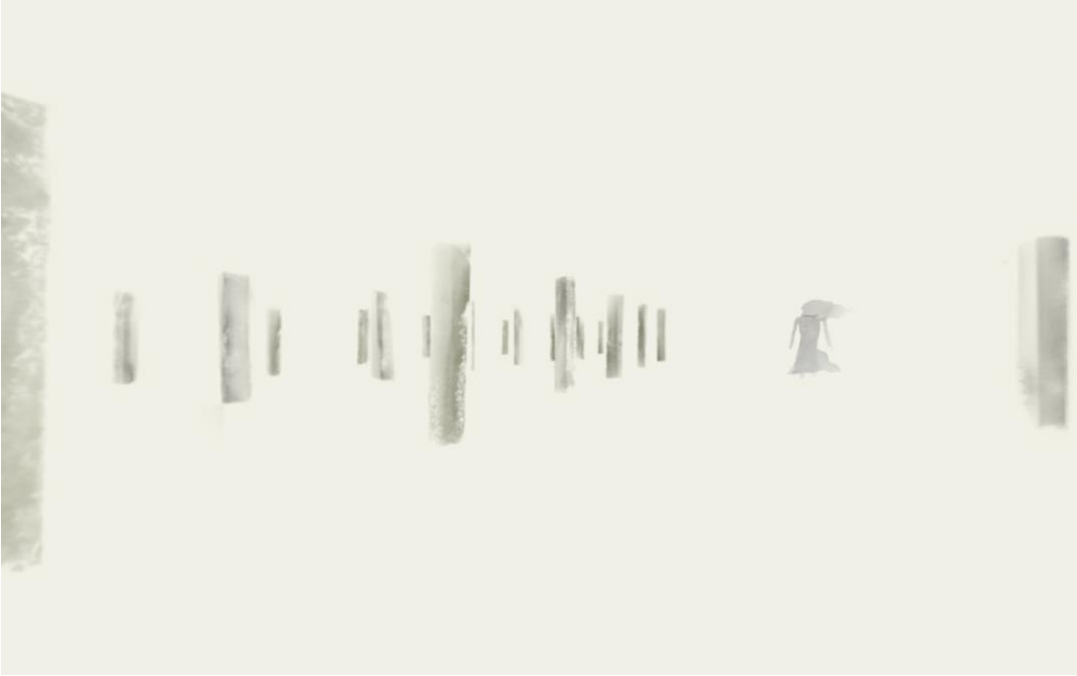
B



Exportação



Simulação HMD

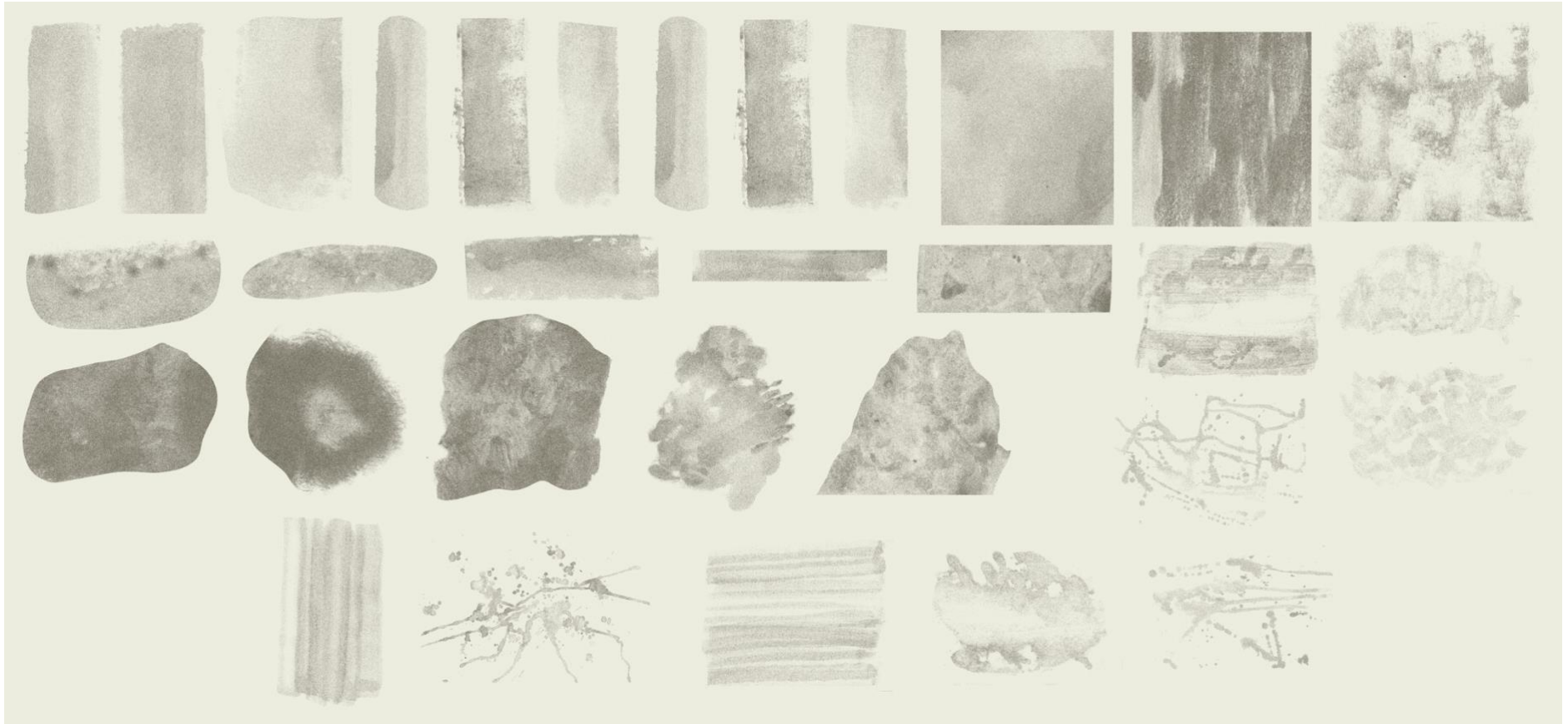


Simulação HMD



Exportação

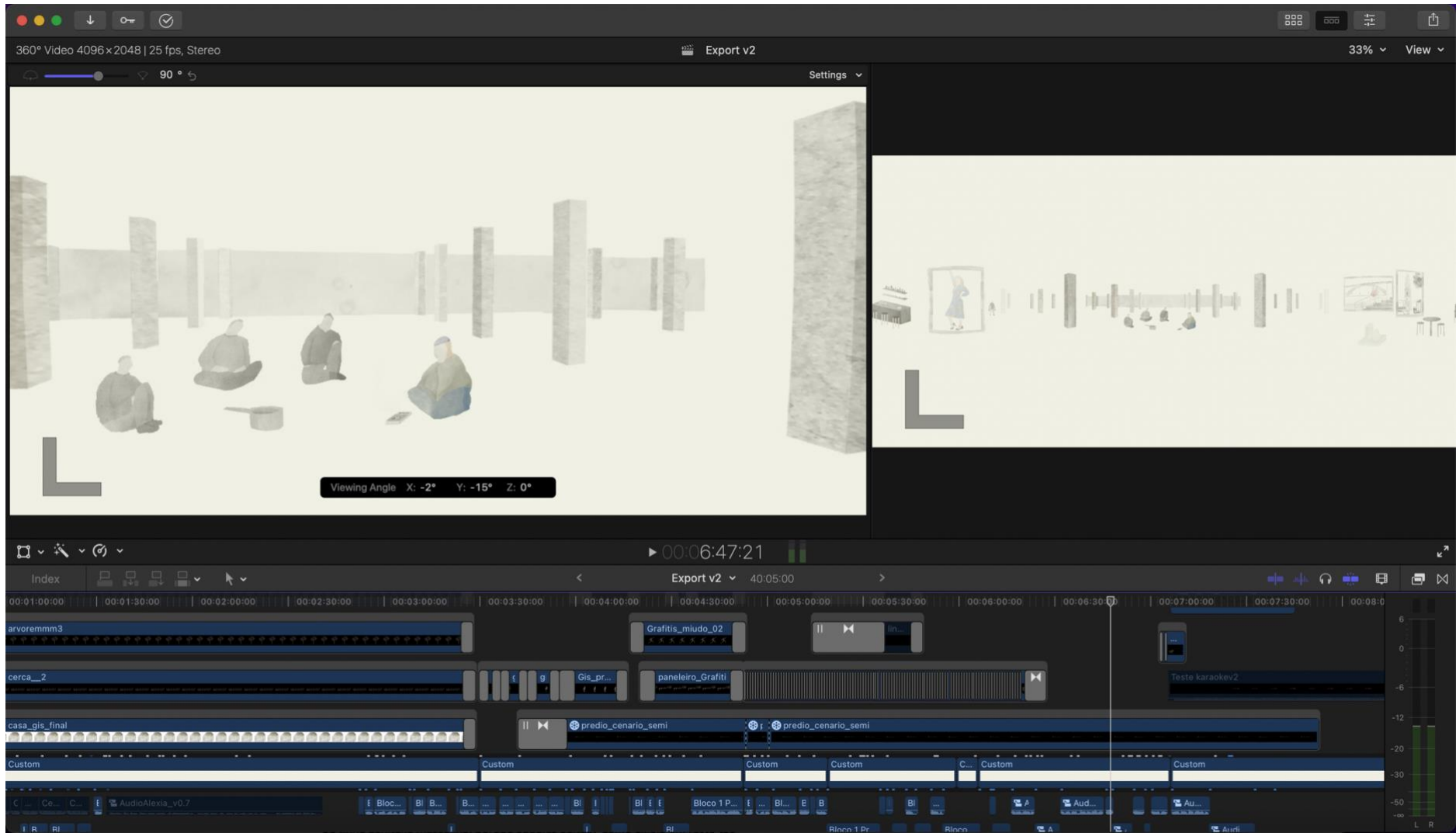
C

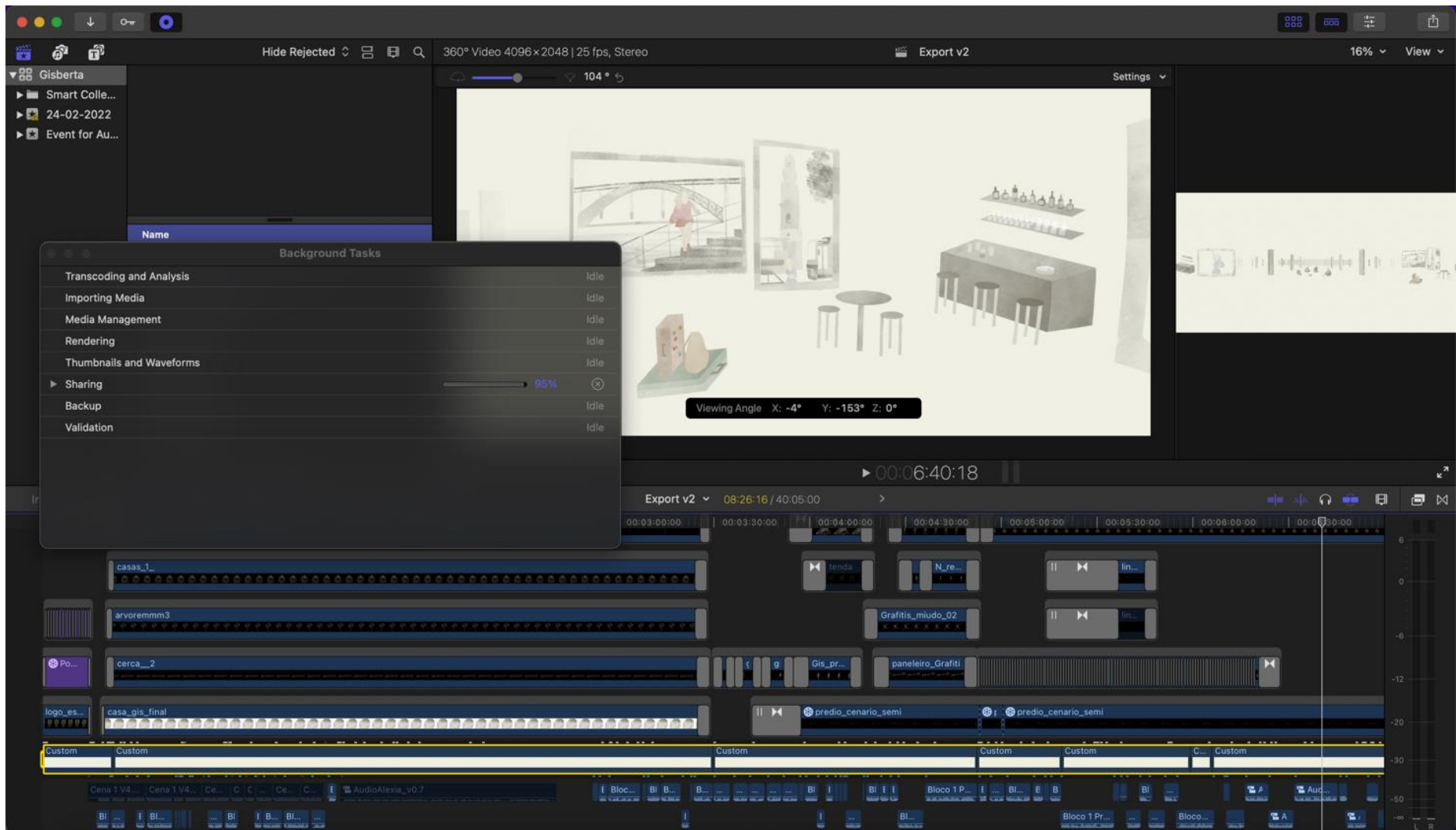


D

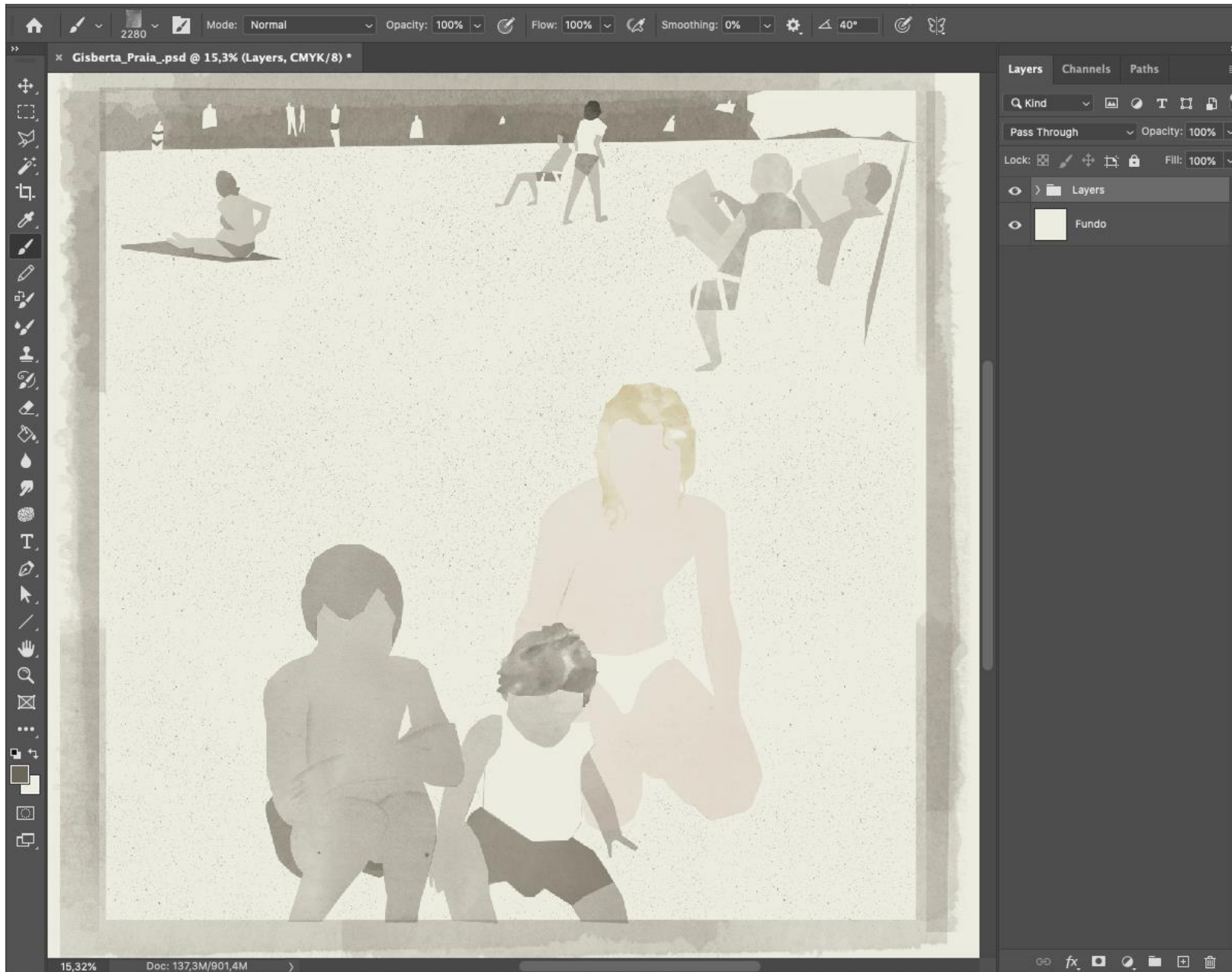


E





F



APÊNDICE 7

DESCRIÇÃO DETALHADA DO GUIÃO

Cena 0.1— Pré-Experiência

- Reforça o contacto com temáticas sensíveis (Bucher, 2017), incentivo ao utilizador/participante de explorar o ambiente virtual e a sua identificação.
- Título “Seu Nome Era Gisberta – Uma história sem Meio”

Cena 1.1

- “Nascida a 5 de Setembro de 1961”

Iniciando-se com uma imagem de uma casa, somos conduzidos por um pato a explorar e a virar o nosso corpo para a direita, iniciando o processo de reconhecimento. Gisberta era conhecida em criança por brincar com patos e correr atrás das galinhas.

- “Alegre, para ela tudo era brincadeira” - Fotografia Gisberta (4 / 5 anos)

Apresentação ao utilizador/participante quem era Gisberta. Vemos-lha na fotografia, o único personagem a cores, mexe-se e saltar para fora desta. Rodopia e brinca, ligando com a fala “Alegre, para ela tudo era brincadeira”, enquanto o seu amigo pato fica a vê-la. O pato apresenta-se como um simbolismo ao papel de observador do utilizador/participante.

- Descoberta Identitária | Confronto Familiar - Fotografia Gisberta (7 / 10 anos)

Ao entrar na fotografia, Gisberta sai agora mais velha. Começamos a compreender a animosidade familiar sentida por Gisberta com a estranheza da sua mãe. A “bonequinha de brincar de suas irmãs” é diagnosticada como “criança mimada”. Somos aqui informados das agressões que Gisberta sofria dos seus irmãos e do seu Pai por gostar de se expressar com vestidos e maquilhagem. Gisberta segue a caminho de um espelho, vemos no seu reflexo como se identifica e pretende expressar e sentimos o seu receio de ser “descoberta”.

- Afirmação de Género | Fotografia Gisberta (13 / 14 anos)

Vemos pela primeira vez Gisberta de vestido e colorida. Aproxima-se de nós enquanto ouvimos “conta para a sua mãe que é uma mulher”. Este momento serve de simbolismo para o utilizador/participante participar na sua afirmação de género, e de como a devemos identificar, como Mulher.

- LGBTQIA+fobia Brasileira

Aparece uma televisão, começa a dar um excerto do *Hunting Season*¹¹⁴ de Rita Moreira. Ouvimos “dá uma entrestinha prá gente?”. Questionada pela repórter sobre a onda de assassinatos de homossexuais nas notícias responde-nos “eu acho é que tem mais que assassinar, mesmo!”. Este excerto procura contextualizar sobre a realidade

¹¹⁴ “Hunting Season” (1988) de Rita Moreira: https://youtu.be/rjan_Yd0C5g

LGBTQIA+fóbica do Brasil, enquanto o espaço é ocupado pelas capas e artigos de jornais Brasileiros¹¹⁵. Gisberta aparece agora a preparar as suas malas.

- A Despedida

Somos confrontados com a dificuldade familiar em reconhecer Gisberta, como um reflexo da sociedade Brasileira, é informado que uma pessoa próxima fora assassinada devido às políticas LGBTQIA+fóbicas da ditadura Brasileira.

Vemos Gisberta numa paragem de autocarro, com 18 anos, foi convidada a emigrar para França e “Gis, aceitou”.

Cena 2.1— A chegada ao “Pão de Açúcar”

- A “Chamada de Glória” | 2005

Com o desvanecer do primeiro ato vemos Gisberta na mesma localização virtual da paragem de autocarro, mas agora mais velha, com 45 anos. Glória, sua irmã, pede-lhe que volte para o Brasil, sabe que ela não está bem, mas ela não pode ir. Gisberta guia-nos para o local onde viveu os últimos meses de vida. Começam a aparecer os suportes do prédio, acompanhado por uma descrição da sua tenda e das condições onde vivia.

Vemos o prédio e um tracejado até ao local onde tinha vivido a última década, apenas a 500 metros de distância.

- A Chegada dos Jovens | 2005

¹¹⁵ Acedidos com recurso ao website da Biblioteca Nacional Digital do Brasil: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

Ficamos sozinhos no espaço enquanto vemos 3 jovens a grafitar as paredes. “Perto do Natal”, *N.*, acompanhado por *F.* e *I.* reconheceu Gisberta, ou “Gis” como lhe chamou, e “correu para ela”. *N.* aproxima-se de nós e mostra-nos duas fotografias deles juntos, “Gis” tinha sido sua ama, “era na verdade um reencontro com uma amiga”. Extra: Todos os nomes, dos Jovens e não só, serão ocultados para criar ênfase e foco apenas na “Gis”.

- “Então o Que Fazes Agora?” | 2005/2006

Estamos agora com os três jovens sentados à fogueira. Entre Dezembro de 2005 e Fevereiro de 2006 os três jovens construíram uma relação com “Gis”, partilhando comida enquanto ela partilhava com eles histórias da sua vida. É partindo desta informação que começamos a explorar as tomadas de perspetiva, como se Gisberta estivesse a partilhar connosco quem foi e como foi a sua vida.

Cena 2.2— Tomada de Perspetiva I

○ França e Cabarés | 1979/1980

Conduzidos por um tracejado, convida-se o utilizador/participante a acompanhar o seu passado, no outro “lado”. Utilizando postais enviados à sua cunhada, vemos Gisberta a dançar com plumas, presenciando a sua experiência enquanto artista de cabaré, “chegando a atuar no Moulin Rouge”. É neste momento que abordamos a sua grande amiga, Rute Bianca, com quem atuou pela Europa, e quem se dedicará uma parte deste VRNF. Reforçando a sua afirmação de género e reforçando as dificuldades familiares vemos as assinaturas de Gisberta sem género, “Gisbert”, presentes nos postais reais.

○ Preconceito e Premonição

Gisberta costumava dizer que apesar do preconceito na Europa, “pelo menos ali pareciam reduzidas as chances de ser vítima de um crime de ódio”. Este momento sem imagem procura reforçar no utilizador/participante a violência, e invisibilidade, sentida pelas pessoas Trans e pelas pessoas Trans no Brasil, um país “com casos cada vez mais frequentes”. Este momento serve também para desenvolver uma sensação de injustiça, como uma premonição para o que lhe viria a acontecer.

○ Vinda para o Porto | 1981

Voltamos a ver as suas malas mas agora decoradas com autocolantes de países europeus. Ao vermos Gisberta a pousar na ponte São Luís e na torre dos Clérigos, confirmamos que mudou-se para o Porto, local onde ficou a residir 25 anos. Vemos “Gis” a servir às mesas, como se fossemos um cliente num bar, enquanto ouvimos os locais por onde trabalhou. Conhecida pela sua beleza, reforçamos esta proximidade ao

olharmos para Gisberta através do oculo de uma camera e lhe tiramos uma fotografia, porque ela “era um espanto”. Mas algo aparece ao lado da fotografia...

Cena 2.3—Tomada de Perspetiva II

- “Não te disse que já não te queria aqui? | 2006

Estimulando o utilizador/participante a explorar a narrativa em 360°, somos conduzidos pelo aparecimento dos jovens a voltar para 2006.

A voz muda, vemos que algo do outro lado mudou, não percebemos porquê. “Não te disse que já não te queria aqui?”. O espaço está envolto por 14 jovens, armados com pedras e paus. Um dos três jovens iniciais levanta-se, simbolizando uma alteração.

Partindo dos relatos do julgamento não existiu razão para esta mudança de atitude, mas ouvimos “começaram a ser partilhadas (...) histórias de encontros com um ‘homem com mamas’...”. Será essa a razão?. Com o intuito de criar estranheza, preparamos o cenário para o que virá a acontecer, procurando que o utilizador/participante experiencie a impotência e o medo sentido por Gisberta, mas como um observador.

No nosso canto direito aparece um pequeno cão, que começa a andar, guiando-nos...

Cena 2.3—Tomada de Perspetiva II | Continuação

- Leonardo e Carolina + “Feijão com Arroz” | Anos 90 [Continuação]

Conduzindo-o através do pequeno Yorkshire Terrier, vemos Gisberta numa fotografia com “os verdadeiros amores da sua vida”, Leonardo e Carolina. Enquanto eles brincam recordamos o local onde viveu uma década, um T0 com os seus cães, o seu “palácio”. Aparece um placó. Ouvimos que “personalizava como ninguém a Daniela Mercury”, logo depois aparece-nos uma Gisberta a dançar, acompanhada de um karaoke.

A partir deste momento somos espectadores de um dos espetáculos de Gisberta e estão a passar as letras da música “nobre vagabundo”¹¹⁶, incentivando a acompanhá-la. Enquanto dança ouvimos “era uma mulher linda, até o meu catequista se apaixonou por ela”, “dispensava quase todo o afeto que dispunha para o animais”. Sendo a sua vida desconsiderada pelos medias, procura-se neste momento reforçar a humanização de Gisberta. Se de um lado é vítima e impotente no outro é “alegre como ninguém”.

- Começam a Cair Pedras | 2006 + Anos 90

Incentivando o utilizador/participante a explorar os dois lados começam a cair pedras ao pé deste. Temos a possibilidade de ver os jovens cada vez mais próximos, como se tivessem a olhar para o utilizador/participante, enquanto voam pedras (corporificação). Ouvimos “Leonardo caiu doente”, seguindo o sentido das pedras vemos que Leonardo está no chão e Gisberta com ele. Leonardo leva com uma pedra e vemos Carolina a correr, a caminho do outro lado, de 2006, ouve-se “um dia [Carolina] escapou pela porta (...) e foi atingida por um veículo...”, e desvanece. No lado de 2006 vemos agora Gisberta no centro com os jovens ainda mais próximos. É atirada uma pedra, acertando “Gis”, que acaba por cair no chão, ouve-se “Gisberta caiu em depressão”. Fundindo o passado com o acontecimento quer-se com este momento relacionar os dois espaços,

¹¹⁶ Tenho a vida doida / Encabeço o mundo / Sou ariano torto / Vivo de amor profundo / Sou perecível ao tempo / Vivo por um segundo / Perdoa meu amor / Esse nobre vagabundo/ Quanto tempo tenho / Pra matar essa saudade / Meu bem o ciúme / É pura vaidade / Se tu foges o tempo / Logo traz ansiedade / Respirar o amor / Aspirando liberdade

fomentando e reforçando a ligação emocional com Gisberta. Espectando que o utilizador/participante detenha o conhecimento dos dois universos, este momento explorar as diferentes tomadas de perspetiva, de imaginar-se-a-si e imaginar-o-outro, dando a liberdade de escolher ver a história em conjunto ou separada. Volta-se a ouvir “Não te disse já que não te queria aqui?”, de forma a tentar reforçar as agressões ocorridas a Gisberta, acrescentando-se “Gisberta reportou (...) que andava a receber ataques no local onde vivia”.

Cena 2.4—Tomada de Perspetiva III

- Discriminação e Transfobia | Anos 90 / Anos 00

No nosso canto direito, no lado de 2006, vemos uma Gisberta a andar, recordando o início deste Ato. Quando chegamos ao lado do passado vemos os seus documentos de identificação, “Terno, gravata e um nome morto”. Este momento é dedicado à Transfobia e à discriminação social sentida por Gisberta e por todas as pessoas Trans.

o Discriminação e Transfobia | Anos 90 / Anos 00 [continuação]

Começam a aparecer candeeiros pelo espaço, que ocupam agora a imagem. Somos levados a uma realidade presente ainda na atualidade, “quando mostravam os documentos (...) tudo acabava”, “uns diziam, muito obrigado menina (...) outros nem disfarçavam, ‘o filho da puta... é um gajo!’”. Esta cena detêm de uma importância específica, corresponder ao apelo feito pela Jó Bernardo. “Muitas vezes, para sobreviver viam-se forçadas a desempenhar serviços sexuais”. Esta realidade de exclusão social puxava as pessoas para o trabalho sexual, devido às limitações discriminatórias. Gisberta vai aparecendo entre as luzes dos candeeiros, enquanto vamos aprofundado. O local onde trabalhava fechou e a sua identificação foi roubada, não podia fazer “contrato, não podia renovar o visto, e sem visto Gisberta estava ilegal”. Enquanto Gisberta caminha cada vez mais perto de nós, a imagem mantém-se com os candeeiros.

Com o propósito de cimentar a sua exclusão social o ambiente virtual é explorado numa ambiência mais rarefeita de ação e de elementos, potencializando a concentração e o foco do utilizador/participante.

Aparece no chão um mapa, são os locais onde foi trabalhadora do sexo, “era conhecida por ser a mais bonita” e “tinha muita procura”. Apesar de voltarmos a abordar a sua beleza, aqui a sua realidade não permitia leveza. Vemos Gisberta mais próxima, “para aguentar o frio e a dureza da vida, acabou por recorrer às drogas” e em 1996 descobre que estava seropositiva”.

Vemos Gisberta debaixo de um dos candeeiros, este desliga-se e ouvimos a opinião de uma amiga, “Gis deixou-se levar para a sombra”, reforçando uma vez mais a ligação emocional com o utilizador/participante.

Após uma descrição sobre a sua situação habitacional vemos Gisberta agora muito perto de nós ao espelho a maquilhar-se, explorando uma vez mais o espaço interpessoal, enquanto se ouve que vinha para a rua maquilhar-se à luz dos candeeiros porque “não tinha eletricidade em casa”. É neste espaço, próximo, que compreendemos a razão deste momento com candeeiros, reforçando o pesar da sua situação pessoal. Debitada, uma amiga encontrou-a e disse “Não era a Gisberta que conhecia (...) a sociedade que vivemos leva as pessoas a desistir”.

- Espaço Pessoa | 2001 / 2006

Voltamos a ganhar uma voz mais doce. Os candeeiros desvanecem e aparece uma mesa com um álbum de fotografias. Este momento é reservado à nostalgia e à melancolia. Gisberta era paciente do Espaço Pessoa e “era conhecida por ser amável e por partilhar fotografias”. Este detalhe liga-se com as fotografias anteriores e com o que vamos ver. O ambiente começa agora a ser composto por fotografias do passado de Gisberta. Vamos ouvindo o que partilharam sobre ela enquanto se fomenta a ligação emocional. Enfatizando-as, as fotografias vão ganhando vida ao mexerem-se. As descrições continuam e vamos sabendo mais sobre quem era a Gisberta. “Serena”, “forte”, “uma pessoa amiga dos amigos”, uma pessoa que “ninguém lhe conheceu qualquer desabafo de amargura para com a vida”. Mantendo esta nostalgia as fotografias vão desvanecendo e transportamos o utilizador/participante para um novo espaço.

- Praia | 2004 / 2006

O espaço é agora ocupado por uma praia, vemos uma Gisberta aparecer com o cabelo ao vento e ouve-se, “dois anos antes (...) Gisberta foi ver a sua família (...) estava feliz (...) até fomos à Praia”. Presente neste espaço, vamos observando Gisberta à beira-mar enquanto se constrói o resto do cenário. É neste que se narra os sintomas quando foi internada em 2005. Este espaço, determinado pela sua nostalgia, oferece uma contextualização sobre a sua vida antes de chegarmos à cave do “Pão de Açúcar”, preparando o utilizador/participante a chegarmos ao fim deste ato. Após ter tido alta foi institucionalizada numa comunidade terapêutica, sendo posteriormente reportada ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, revoltada e com receio acabou por fugir. Começam a aparecer pássaros. Ouve-se que Gisberta acabou por se refugiar no “Pão de Açúcar”, um “lugar que achava ser seguro”, e os pássaros começam a sobrevoá-la. Começamos então a deixar de estar na praia, o prédio começa a irromper por esta enquanto se houve o que o seu sobrinho disse “quando a Gis saiu daqui, o sonho dela era comprar uma casa para a sua mãe”.

- Pássaros | (Transição ato 3) 2006

Vemos os pássaros a ir de encontro o lado do prédio. Quando chegarmos lá vemos Gisberta no Chão envolta dos 14 jovens enquanto os alicerces do prédio passam agora a ocupar a totalidade do espaço virtual. Estamos presos a este novo espaço, o utilizador/participante estará na iminência de presenciar o que lhe aconteceu mas a imagem desvanece.

Cena 3.1— Sequência Investigador I

- Transição Ato 2 para Ato 3 | 2006

Enquanto a imagem desvanece ouvimos “(...) dizem que é um fenómeno de bandos e que basta um começar para os outros irem atrás, as crianças são como os pássaros, andam em bando”. Fazendo o ponto de ligação com os pássaros, crê-se cultivar no utilizador/participante a estranheza e a impotência sobre o ato, um pré-clímax.

Cena 3.2— Sequência Investigador II

- “Não me digas que é a minha Gisberta” | 2006

Aparece uma televisão e começamos a ouvir uma reportagem jornalística, aparece uma tábua de passar a ferro. Ouve-se uma descrição de um corpo retirado do fundo de um poço. “A amiga de ‘Gis’ parou, não sabiam nada sobre a vítima”, é neste momento que o utilizador/participante começará a aperceber-se que está a tomar a perspetiva de outra pessoa. “O repórter estava embaralhado”, “Não me digam que é a minha Gisberta”.

- Instituto Médico Legal | 2006

A imagem começa-se a transformar numa mortuária, vemos um saco branco, ouve-se “no dia seguinte (...) sua amiga foi no Instituto Médico Legal do Porto”. É descrito o aspeto de quem está dentro desse saco, “cabelos loiros, de olhos azuis”. Ouvimos os sintomas físicos que apresentava, “Ai, a minha Gisberta”. Neste momento o utilizador/participante, no corpo da sua amiga, já sabe o que acabaria por acontecer com “Gis” e recebe mais detalhes físicos sobre ela. A maca desvanece...

- “Foram Encontrados” | 2006

Dentro do prédio vazio são descritos os objetos encontrados no local, “um colchão, dois cobertores, ...”. Posicionamos agora o utilizador/participante rodeado de objetos, no chão, que vão aparecendo de força sequencial, delimitando o espaço virtual (360°) e a área de ação da próxima cena. Preparando-o para o conteúdo da próxima cena ouvimos, “Os bombeiros (...) ainda se terão cruzado com alguns dos jovens (...) que tinham ido (...) perceber se teriam deixado vestígios”.

○ “Não se conhece o meio” - Transição Cena 3.3 | 2006

Rodeado de objetos, este momento procura introduzir o utilizador/participante ao universo mediático do Caso Gisberta, com o aparecimento de jornais e acompanhado por narrações descritas por estes. “Os gestos de compaixão deram lugar a agressões”, “o tribunal de menores não encontrou uma explicação para esta alteração”. Promovendo a sua indignação, ouve-se que o tribunal decidiu anular provas do interrogatório, alegando que os jovens apenas intencionavam “divertimento”. Unindo-o aos universos anteriores, enquanto observador do passado de Gisberta, volta-se a ouvir a frase “não te disse já que não te queria aqui?”. Mantendo estas ligações, é confirmada as razões destes acontecimentos, com relatos dos jovens, através de entrevistas da jornalista Ana Cristina Pereira e Catarina Marques Rodrigues.

Antes de se iniciar a próxima cena é feita uma ligação com o título deste VRNF, “Nesta história só se conhece o princípio e o fim. Não se conhece o meio”, um dos motivos para a sua construção, de oferecer um “meio” que não se (re)conheceu.

Cena 3.3— Sequência Investigador III

- Painel de Investigação | 2006

Utilizando o espaço como um painel de investigação criminal, vão aparecendo quadros, divididos por dias, com as informações adquiridas através de relatos mediáticos. A informação narrada será complementada com contextualizações extras escritas, procurando recriar o processo mental de confusão quando estamos a tentar discernir um acontecimento. Enquanto tenta perceber o que realmente terá acontecido, o utilizador/participante ficará cada vez mais rodeado de informações e imagens.

Tal como até este momento, todo o texto foi baseado em dados reais, no entanto como estes painéis são compostos por citações diretas foi decidido alterar as suas menções através do seu nome morto. Tratando-se de um trabalho que procura respeitar e preservar a memória sobre Gisberta, não será replicado o comportamento dos Tribunais e dos medias Portugueses.

Não sabendo quando se terá iniciado, iremos acompanhar o desenrolar dos acontecimentos desde o dia 12 até a 22 de Fevereiro. No decorrer dos mesmos, serão reveladas várias incongruências na informação partilhada. Expondo-as e questionando a redução da sua gravidade, dentro de cada dia serão expostos os dados partilhados pelos Tribunais, pelos jornais e de entrevistas, intercalando-os com os acontecimentos. De forma a apoiar o utilizador/participante a acompanhar estas descrições entre os painéis, vão sendo interligados com recurso a um fio encarnado, um fio condutor. Criando uma premonição para o próximo ato, irão aparecendo empoleirados nesses fios os pássaros do ato anterior.

Para efeitos deste documento será feita uma lista destas incongruências:

- 12 de Fevereiro 2006 - Domingo

“a Justiça diz que foram 48 horas”, “D, disse que começou neste dia”.

“Outros já lá iam lá há mais tempo”, terão sido mais?, “Eles estão lá fora, na boa, ya. Disse D.”

- 15 de Fevereiro 2006 – Quarta-Feira

Segundo o Acórdão “os jovens tinham começado a ‘dar porrada na Gisberta’”

“o Juiz-Presidente questionou a ‘imensa crueldade’”

Despiram-na porque queriam saber a sua genitália

- 16 de Fevereiro 2006 – Quinta-Feira

“Ela cheirava mal e tinha sida”

“Enfiaram o pau no ânus? ‘Sim, disse I.”

Juízes do Tribunal – “Não são um Gang, porque não havia espírito de grupo, nem liderança definida”

- 18 de Fevereiro 2006

Gisberta pediu que chamassem uma ambulância, “eles continuaram a bater-lhe”

Sofre um golpe num abdómen

“eles iam lá mais vezes. Não só os do colégio, também outros. Acho que iam lá de noite e tudo.’ Disse D.”

Delegado do Ministério Público: “(...) estavam conscientes do seu ato, das várias etapas do processo que levou à morte de Gisberta”

Advogada de defesa: “não foi crime de ódio, foi crime de grupo”, “não havia julgamento, havia sim ‘curiosidade’”

- 19 de Fevereiro 2006

“dias que as coisas complicaram”

Jovens: “(...) a agressão a Gisberta foi sem qualquer motivo aparente”

“Tribunal ignora que (...) os depoimentos são depois comentados entre eles”

Juízes de Tribunal: “Agredir Gisberta era ‘um passatempo’”; “Daquela vez, descontrolaram-se. Espancaram-na, queimaram-na com pontas de cigarro e ‘por curiosidade’, sujeitaram-na a sevícias sexuais”.

“Gisberta pediu-lhes ajuda e implorou-lhes que a levassem ao hospital”

- 20 de Fevereiro 2006

“Gisberta estava inanimada”

- 21 de Fevereiro 2006

“Despida da cintura para baixo, com um pau enfiado no ânus”

“Falaram com ela, mas ela não reagiu” – Dava “sinais que não respirava”

“Alguns deles achavam que tinha direito a ‘um funeral’”

“Jornalista pergunta a D. - Durante aqueles dias, nenhum bateu mal e disse: ‘Estamos a fazer mal a uma pessoa?’ – Não, Os piores estão lá fora na boa – e porque não os indicaste? A gente não disse porque a gente não somos chibos”

Tribunal: “relatório da perícia de personalidade detetou ‘distanciamento emocional’ e incapacidade ‘para se colocar no lugar da vítima’”

Após a descrição das suas lesões, Gisberta teria morrido?

- “Em poucas horas” (10/03/2006) [Interrogatório]

- “as lesões ficariam curadas em 15 dias” (07/07/2006) [Julgamento 13 jovens]

- “As lesões, só por si, poderiam ter levado à morte de Gisberta ‘numa semana’” (08/02/2008) [Julgamento de V.]

- 22 de Fevereiro 2006

“Eram 8h30”, *I., J., N.* “embrulharam Gisberta em mantas e “transportaram-na até ao poço”.

“F. não aguentava mais. Contou à diretora de turma, eram 14h45”.

“Eram agora 18h50”, Gisberta ficou submersa na água”.

Cena 4.1— Arrastaram-na 100 metros

- Regresso ao corpo de Gisberta | 2006

Vemos os painéis do ato anterior a desvanecer. Os 14 pássaros que anteriormente se penduravam nos fios transformam-se nos 14 jovens. Cerando o utilizador/participante o espaço interpessoal vertical é alterado, colocando o utilizador/participante numa posição que simule o corpo de Gisberta deitado. Enquanto o espaço se altera somos confrontados, simbolicamente, com a superioridade numérica dos jovens, e pelo texto da narração. Induzindo um sentido de indignação no utilizador/participante, serão abordados detalhes dos resultados do julgamento. “(...) o objetivo da sua sanção não foi puni-los, mas reabilitá-los”, “são só garotos, aquilo foi uma brincadeira que correu mal (...) devemos marcar os rapazes para toda a vida, não os deixar voltar a ter uma vida normal?”

- Desprezo pela vida Humana | 2006

A discriminação sentida por Gisberta precedeu à sua morte e é neste lugar de crítica que se pretende que o utilizador/participante se coloque, num lugar de humanização de Gisberta.

Continuando a ouvir as declarações do tribunal, este “entendeu que agrediram de comum acordo e unicamente com o intuito de se divertirem com o sofrimento alheio, revelando desprezo pela vida humana”. Procura-se aqui que o utilizador/participante volte a procurar sentir-se num lugar de injustiça por alguém que agora já lhe é próximo. Divididos em dois julgamentos, um primeiro com os 13 menores, chegamos agora ao julgamento de V

- 100 metros | 2006

Procurando a resolução do ato anterior, “dois anos depois nenhum deles se lembra de quem bateu”, têm agora “memória seletiva”. A partir deste momento o utilizador/participante começará a entrar dentro de um novo cenário, onde a imagem ficará praticamente tapada. Simbolizando o facto de Gisberta ter sido embrulhada em mantas, será possível aproveitar as limitações técnicas deste VRNF (sem interatividade) para corporificar o corpo imobilizado de Gisberta.

Acompanhado por respirações (Alexia), vai-se narrando as questões que ficaram por responder, e “o que aconteceu com Gis?”. Conforme é narrada a sentença o “corpo” do utilizador/participante começa a ser arrastado.

- Suspensão, da respiração | 2006

A sua locomoção no espaço será percebida através de uma brecha nas mantas e acompanhada pela intensidade da respiração. Este será o início da evidência de corporificação mais direta. “A brutalidade do crime cometido (...) não comoveu toda a sociedade (...) até intensificou um comportamento (...) transfóbico por todo o país”. Potencializado pela imersão oferecida pelo som, este será o momento mais visceral da experiência. Numa relação com todas as vítimas de transfobia, procura-se neste momento simbólico preparar o utilizador/participante a cimentar que realidade de Gisberta não é única. O cenário muda, as mantas abrem-se...

- Suspensão, da Memória de Gisberta | 2006

Suspensos no ar, como uma última respiração, o cenário manter-se-á dentro do prédio mas agora com o poço/fosso debaixo do olhar, nos “pés”, do utilizador/participante.

Demarcado pela leitura do texto de Leonor Paiva Watson, este oferecerá uma resolução simbólica, que se procura cultivar no utilizador/participante, a de uma memória consumida pelo tempo e pelo ritmo mediático.

“Toda a história de ‘Gis’ desapareceu, ficando só o fim”, esta mensagem, com um propósito humanizar, tenta procurar a ligação com a Gisberta para além dos acontecimentos que levaram à sua morte.

- A Queda – a transição | 2006

Nas palavras da sua irmã ouve-se “o juiz disse que quem matou a minha irmã não foram os meninos, foi a água do poço. Não foram eles? Quem matou foi a água do poço, porque eles jogaram a minha irmã lá, não é?”.

Relacionando-se com a *resolution* de Bucher (2017), é neste momento que se procura explorar o valor simbólico da única resolução possível, a da “nossa” queda no fosso.

Cena 5.1— *In Memoriam*

- Estandarte

Imergindo dentro do fosso, o espaço está agora em escuridão, ouvindo-se apenas a presença de água, numa ligação simbólica com Gisberta. Acompanhada pela narração, aparecerá um estandarte com a mensagem, “Seu nome era Gisberta. Fui torturada, violada e assassinada. Para a justiça, eu morri afogada e a culpa foi da água”, num simbolismo aos movimentos ativistas Trans nacionais.

- Vítimas de Transfobia

Posteriormente, num momento educativo, informar-se-á ao utilizador/participante sobre outras vítimas de Transfobia. Acompanhadas pela narração de alguns dos seus nomes, o espaço ficará agora ocupados com os nomes das mais de 1860 vítimas¹¹⁷ de Transfobia em Portugal e no Brasil (O país que mais mata pessoas Trans há 14 anos seguidos), e a de “todas as não identificadas”.

- Gisberta

Assegurando que este VRNF procura simbolizar todas as vítimas, será agora mostrada pela primeira vez uma fotografia de Gisberta, revelando ao utilizador/participante quem era. Pretende-se com este momento consolidar uma humanização entre a história e quem foi, após a sua identificação. Já não é uma estranha, é a “Gis”.

- Créditos

¹¹⁷ Os valores aqui apresentados provieram da plataforma online “Remembering Our Dead” <https://tdor.translivesmatter.info/reports?from=1980-10-01&to=2023-09-30&country=Brazil&category=all&view=list&filter=> . Acesso a 26/03/2023

Iniciando-se os créditos com uma mensagem de agradecimentos aos colaboradores deste projeto, será contextualizado ao utilizador/participante a origem do conteúdo apresentada, incluindo as datas de recolha do mesmo.

Terminando-se com “A única pessoa que saberá o que realmente aconteceu não está cá, o que nos resta é a estranha amnésia dos que ficaram”.

APÊNDICE 8

LINKS PARA VISUALIZAÇÃO

Informa-se que para efeitos de autorização, pede-se a quem esteja interessado na visualização deste projeto que entre em contacto com o Autor, ou com a ESECS, a requisitar o seu devido acesso.

